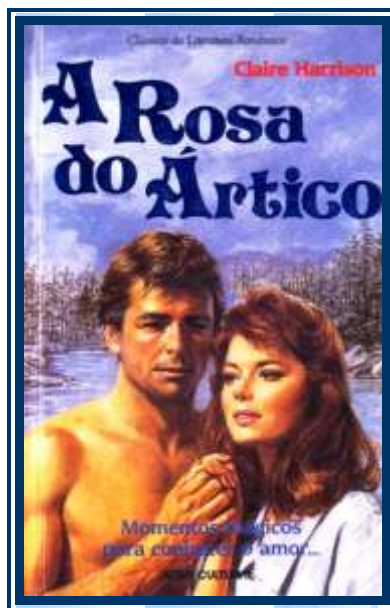


Claire Harrison - Artie Rose



Clássicos da Literatura Romântica
Claire Harrison
A Rosa do Ártico

Momentos mágicos para conhecer o amor...

Na solidão da floresta canadense; Guy e Rebeca foram parceiros e amantes.

O pequeno avião partiu-se em dois e mergulhou no lago. Guy e Rebeca, únicos sobreviventes, sentiram que a fatalidade fora apenas adiada. Quem os encontraria na floresta de pinheiros do Canadá? Quem os livraria de um destino trágico em meio a uma natureza bela, mas hostil? Dias e noites de medo, pesadelos, fome... Desejos camuflados emergindo à flor da pele. Como saber o instante sublime em que se deu o despertar violento da paixão? Condenados à solidão do Ártico, entregaram-se um ao outro numa escalada delirante de volúpia, para esquecer o sofrimento e celebrar a vida. Se a salvação chegasse, que futuro aguardaria aquele sentimento poderoso, nascido na adversidade?

Claire Harrison

Poetisa, contista, romancista, uma extraordinária escritora romântica.

Título original: Artie Rose

Publicado originalmente em 1985

Copyright para a língua portuguesa: 1988

Digitalização e revisão: Márcia Goto

Clássico da Literatura Romântica



PRÓLOGO

Teria sido o som do trovão, a claridade do raio ou talvez o instante de silêncio que precede o desencadear dos elementos da natureza que despertaram Rebeca?

Passando da sonolência a um estado de alerta em uma fração de segundo, ela abriu os olhos para uma escuridão inesperada. Na cabine do pequeno Twin Otter, parecia ser noite embora ainda não fossem três horas de uma tarde de início de verão. A responsável pelas trevas que invadiam o avião era uma chuva torrencial que cobria as diminutas janelas com um véu cinzento.

A luz fantasmagórica de um raio banhou as fisionomias dos três passageiros e, muito rápido, o som do trovão eclodiu, fazendo estremecer a estrutura metálica do avião. As vibrações foram transmitidas a seus ocupantes aterrorizados.

Além de Rebeca, havia um homem e uma mulher, sentados em poltronas distantes. A tensão que seus corpos irradiavam era quase concreta.

Inclinando-se para a frente, Rebeca conseguia enxergar o piloto e ouvir a estática do rádio. Havia raios demais para que se pudesse estabelecer uma comunicação com o posto mais próximo. Em vão, ele tentava transmitir o pedido de socorro.

À medida que a tempestade aumentava, menos se podia ver pela janela. Rebeca, porém, insistia em olhar através das nuvens para encontrar um lugar onde pudessem pousar em segurança. E, quando as luzes fracas da cabine se apagaram, ela viu no vidro o reflexo de seu rosto pálido e transtornado pelo medo.

Os trovões se sucediam, agora num intervalo mais longo. O piloto virou-se e gritou algo para o passageiro sentado bem atrás dele.

Desesperada por uma palavra de conforto, Rebeca bateu as costas de seu companheiro de viagem, gritando para se fazer ouvir.

— O que ele disse?

— Avisou que estamos completamente fora da rota, mas vai tentar um pouso de emergência.

— E... é possível? Ele vai conseguir?

— Se você acredita em Deus, moça... comece a rezar.

O sorriso irônico daquele homem parecia zombar da tragédia iminente!

Rebeca o vira no aeroporto e havia ficado impressionada com sua perfeição de traços. Ele podia ser algum artista de

cinema, com aqueles olhos verdes destacando-se no rosto de traços firmes e másculos. Talvez fosse um atleta, pois o físico bem proporcionado, os ombros largos, a pele dourada indicavam alguém que gostava de viver ao ar livres.

Mas ela nem sequer merecera um segundo olhar. O desconhecido logo fora atraído pelos longos cabelos loiros da outra passageira. Aliás, ela já estava acostumada a esse tipo de situação e a indiferença masculina não mais a magoava.

E quem podia pensar em fatos tão irrelevantes como a atração entre os sexos quando a grande preocupação era saber se ia ou não sair de um verdadeiro pesadelo?

As luzes piscaram algumas vezes e se apagaram definitivamente. No interior do avião, só os raios iluminavam as seis poltronas do Otter. Rebeca escolhera a última delas, acreditando na maior segurança da parte traseira do avião. Logo a sua frente estava o desconhecido atraente e, do outro lado, na primeira fileira, a loira bem vestida e sofisticada.

Seria tão bom se estivessem todos juntos e pudessem transmitir um pouco de calor humano!

Uma onda de pânico incontrolável tomou conta de Rebeca, dificultando-lhe até mesmo a respiração. As batidas desordenadas e cada vez mais fortes de seu coração pareciam ecoar na cabine do pequeno Otter. Ela sabia perfeitamente que não havia como lutar contra aquele terror descontrolado. O sangue fugiu de seu rosto e as mãos gelaram, impotentes diante de tanto pavor. Sempre tivera um medo irracional de aviões e lutado contra essa neurose tão comum, mas que tornava a vida complicada demais. Como não voar numa época em que as menores viagens eram programadas em função da economia de tempo?

No entanto, o pesadelo que vivia nesse momento sempre estivera presente em sua mente, mesmo quando tentava afastar os receios e ver apenas o lado agradável das viagens: chegar ao local aonde iria.

Quando examinara os mapas, na segurança e aconchego de seu pequeno apartamento em Fairfax, não pensara nenhum momento nas enormes distâncias entre Inuvik e Fort Good Hope. Agora ela estava em algum ponto entre esses dois vilarejos e não se lembrava da existência de nenhuma cidade neste trecho quase desértico! Em sua mente surgiam apenas lagos, rios e mais nada.

Acostumada à agitação da cidade, Rebeca sentira-se uma verdadeira pioneira, partindo para desbravar as terras selvagens do Norte do Canadá, uma região coberta de

florestas e perigosamente perto do Ártico! Chegara mesmo a se vangloriar diante de suas amigas sobre a vida excitante e cheia de novas oportunidades que iria levar.

Neste instante, porém, a paisagem não lhe parecia nem um pouco excitante! Na extensão interminável de florestas e pedras nuas cortadas pelo rio Mackenzie, não existiam sequer aglomerados humanos primitivos, pois o clima rude impedia a ocupação da área. Só restavam alguns pontos avançados onde homens e mulheres corajosos tentavam sobreviver e colonizar aquela vastidão gelada.

Estariam perto de algum desses pontos?

Pressionando o rosto contra o vidro da janela, Rebeca tentou avistar algum sinal de vida por entre as nuvens. O ruído dos motores indicava que iniciavam a descida em busca de um lugar seguro para o pouso, mas era impossível ver algo mais do que a chuva, caindo torrencialmente.

Gotas de suor frio começaram a escorrer pelo rosto de Rebeca. Suas mãos estavam úmidas. Como seria reconfortante ouvir uma voz, mesmo vinda de um desconhecido!

No avião pairava o silêncio nascido do medo. Os outros dois passageiros também tentavam ver algo pela janela ou ouvir qualquer modificação no ruído surdo dos motores do avião.

O homem atraente e a outra passageira, uma loira esguia e sofisticada, haviam demonstrado claramente seu interesse um pelo outro no aeroporto. No início da viagem, tinham conversado em sussurros, trocando sorrisos.

Mas nenhum dos dois parecia lembrar-se daqueles momentos tranquilos, quando ainda não suspeitavam do terror que os aguardava. Olhavam para a tempestade a bater nos vidros, imaginando, sem dúvida, se iriam morrer em poucos minutos.

Todos os problemas e dúvidas se tornavam insignificantes diante do terror de estarem em meio a uma tormenta, jogados pelos elementos em fúria, como se fossem folhas ao sabor do vento. Tudo o mais desaparecia diante da terrível pergunta: "Será que vamos sobreviver?"

Subitamente um grito de horror cortou o silêncio e Rebeca viu a outra passageira tentar levantar-se da poltrona.

Mas já não havia tempo para preocupar-se com mais nada pois tinham alcançado o topo das árvores mais altas e o ruído era ensurdecador. Os galhos batiam contra o metal, desequilibrando o avião, que seguia velozmente de encontro ao chão...

O piloto ainda fez uma tentativa desesperada de reerguer o nariz da aeronave, mas era tarde demais!

Rebeca curvou-se para a frente e, num gesto instintivo de proteção, cobriu a cabeça com os braços. Não queria ver nada!

Uma explosão brutal deslocou-a da poltrona e sua cabeça bateu em algo duro e frio. A dor foi forte demais, porém Rebeca ainda pôde ouvir um grito antes de desmaiar.

Só muito mais tarde, percebeu que o grito de pavor partira de seus pulmões, momentos antes de ser abafado pelo terrível estrondo de metal do avião partindo-se em dois...

Capítulo I

Um ruído ritmado e monótono ecoava no silêncio. Apesar de soar muito distante, parecia o barulho produzido pela chuva batendo na vidraça.

Seria aquela uma das manhãs cinzentas e úmidas em que era preciso muito esforço para sair da cama e trabalhar?

Uma intuição vaga porém poderosa avisava-a para não acordar, para permanecer sob a proteção do sono e do acolchoado quentinho. Mas, lutando contra a vontade de continuar dormindo, Rebeca abriu os olhos.

A água batendo no vidro parecia ser o único som existente no mundo! Folhas gotejavam sobre sua cabeça e, através do rendilhado dos galhos espessos, ela via o céu pesado e cinzento. Lufadas de vento gelado traziam consigo uma umidade de gelar os ossos.

Rebeca levou algum tempo para perceber que a dor que sentia no corpo se devia àquela maneira absurda de sentar-se! Apesar de presa pela cintura, ela se apoiara de lado sobre a janela do avião com a cabeça formando um ângulo estranho e desconfortável.

No entanto, por que não via o teto do avião?

Ao alcance de seus olhos havia apenas árvores de folhagem densa, fechada, e nespas de um céu quase negro de nuvens, onde mal se percebia o brilho do sol. Gotas de chuva escorriam-lhe pelo pescoço e molhavam sua blusa. Irritada com mais um desconforto a acrescentar-se àquela situação incômoda, Rebeca tentou secar o rosto com as mãos.

Por alguns segundos de incompreensão, fitou o sangue em seus dedos, sem perceber de onde vinha e o que acontecera. Só

então lembrou-se de que tinha havido um acidente com o avião!

Apesar da dor de cabeça insuportável que sentia, Rebeca fez um esforço sobre-humano para erguer-se a fim de olhar à sua volta.

A floresta densa a rodeava, ameaçadora, mas, à sua frente, havia uma clareira cujo chão relvado logo se transformava na rocha nua que circundava as águas cinzentas de um lago.

Forçando-se a firmar melhor a vista, ela distinguiu uma mancha mais clara sobre a pedra. Seria um homem?

Com o braço pendendo e quase tocando a superfície fria do lago, estava seu companheiro de viagem! E os outros?

Bem no meio do lago havia uma ilha... talvez eles estivessem lá, sem condições de voltar...

À medida que sua visão voltava ao normal, Rebeca foi notando, horrorizada, os contornos pontiagudos da massa cinzenta rodeada pela água. Percebeu o seu engano. Pontas metálicas emergiam das águas e eram a única parte visível da frente do pequeno avião quase totalmente submerso! Havia uma enorme quantidade de galhos quebrados e espalhados pelo chão. De repente tomou consciência de que estava presa à parte traseira da fuselagem, suspensa entre enormes árvores!

Rebeca não teve condições de lutar contra o pânico incontrollável. Pernas e braços tremiam, envolvidos por um frio sobrenatural, e os dentes batiam sem cessar.

Consciente do comportamento previsível de seu corpo, ela se deixou ficar inerte até que a tormenta chegasse ao fim, esgotando-se por si própria. E, quando o mal-estar passou, sentiu-se mais lúcida e pôde absorver o horror de sua situação.

O avião se partira em dois a poucos centímetros de seus pés e a parte da frente, que não ficara presa entre as árvores, continuara sua trajetória até o centro do lago, carregando consigo o piloto e a outra passageira.

Rebeca só havia sido poupada por ter se sentado na traseira do avião, escapando da terrível tragédia apenas com um insignificante corte na testa. Mas os outros...

Um pássaro cantou ao longe, folhas se moveram à passagem de um animal pequeno. Só então Rebeca deu-se conta da extensão de seu isolamento! Não se ouvia nenhum ruído humano a romper o silêncio nem o som estridente das buzinas ou o ecoar surdo do trânsito! A sua volta não havia nada além de árvores, água e céu...

Rebeca deixara Fairfax há menos de dois dias, passando por Toronto e Edmonton até chegar a Inuvik, onde terminava o vôo comercial, e partira no minúsculo Otter em direção à Fort Good Hope. Em todos esses lugares, estivera rodeada de gente e de movimento.

O avião de socorro chegaria logo, sem dúvida mas até que isso acontecesse, ela estava isolada como jamais imaginara ser possível, numa solidão que a atemorizava profundamente.

Como sobreviver naquele ambiente hostil e desconhecido para o qual não fora preparada, ouvindo apenas o murmúrio do vento nas árvores? Como resistir se não havia condições de retornar ao mundo civilizado sem o auxílio de pessoas que deviam estar muito distantes?

Visões assustadoras de ursos, cobras e todo tipo de animais ameaçadores juntavam-se à certeza de que tempestades violentas eram freqüentes naquela região inóspita. Era de se esperar que entrasse em pânico pois não teria um teto sobre sua cabeça, um cantinho seguro para se esconder!

Subitamente, a necessidade de saber se o homem deitado sobre a rocha estava vivo ou morto tornou-se imperativa. Esquecendo-se da terrível dor de cabeça, Rebeca lutou para livrar-se do cinto que a mantinha presa na cadeira apertada do avião. Fora o mesmo cinto que a salvara felizmente, impedindo-a de ser jogada ao chão, como acontecera ao outro passageiro.

Precisava sair dali com urgência! Colocando uma folha sobre o corte para estancar o sangramento que recomeçara devido a seus movimentos frenéticos, ela escorregou pelo piso inclinado do avião, evitando as pontas afiadas de metal dos destroços.

Não pensou em nada antes de saltar para o chão, tal era a ansiedade de aproximar-se do corpo imóvel. E, para seu imenso alívio, ouviu ao longe um gemido fraco... ele estava vivo!

Ajoelhando-se ao lado do homem, Rebeca tocou o rosto pálido e contraído num rictus de dor.

— Fique calmo... tudo está bem agora...

Ela continuou murmurando palavras de conforto enquanto verificava os batimentos cardíacos e a pressão sanguínea. Por sorte, estava tudo normal, o que indicava a inexistência de uma hemorragia interna, fatal naquele isolamento.

Desabotoando a jaqueta e a camisa, Rebeca deslizou as mãos pelo tórax do desconhecido, à procura de costelas partidas ou qualquer outra evidência de fraturas. Tinha certeza de que algo se quebrara com a queda mas não distinguiu nada de errado naquela musculatura rija. Apesar da ansiedade que a torturava, não pôde deixar de admirar o físico perfeito daquele homem, nem a pele macia e dourada, que recobria ossos fortes. O peito amplo era coberto por uma penugem macia e quase loira, bem mais clara do que os cabelos, de um castanho-escuro. Perturbada com a intimidade de seus gestos, Rebeca fechou rapidamente a camisa e a jaqueta e deslizou as mãos pelas coxas musculosas, cobertas por uma calça de brim.

Ah! Um dos pés estava dobrado num ângulo pouco natural. Procurou alcançar a canela sob o tecido, em busca de algum sinal. Ao tocar a pele quente, ouviu um gemido mais alto. Finalmente encontrara o motivo da dor terrível espelhada naquele rosto.

Era uma fratura da tíbia, um dos ossos que liga o joelho ao tornozelo, grave, mas que felizmente não rompera a pele, tornado-se exposta e foco de infecções fatais!

Voltando a analisar a cabeça do estranho, ela se inclinou mais e viu, para grande espanto seu, um par de olhos verdes que a fitavam sem expressão.

— Você consegue me ver? Está me ouvindo?

Não recebendo resposta, Rebeca sentiu o coração se apertar. Sempre havia a terrível possibilidade de uma batida na cabeça que causasse paralisia parcial ou, no pior dos casos, total. Ela já vira homens fortes e brilhantes reduzidos a estados de completa impotência. Nesses casos, o mais trágico era que os corpos não respondiam a nenhum estímulo, mas as mentes continuavam alertas e em perfeito estado. Fixou o olhar no céu e encheu-se de esperanças!

— Está vendo algo? É o avião de socorro que veio nos procurar?

— Não... creio que são os anjos vindo me buscar!

— Oh... — Rebeca sentiu-se mais otimista em relação à saúde de seu companheiro de tragédia já que ele brincava. — Você está bem?

— Ótimo! Tão bem quanto qualquer pessoa que tenha sido atropelada por um trem!

— As dores são muito fortes?

— Nem um pouco. Afinal, só dói quando eu respiro.

Rebecas admirou-se da capacidade daquele homem que mostrava bom humor em condições tão adversas, mas o que a deixou mais satisfeita foi perceber que ele estava lúcido e sem sinais de choque.

- Consegue mexer os dedos?
- Céus! Você parece um médico!
- Na verdade, sou enfermeira.
- Mas que sorte a minha!

Rebeca já tivera vários pacientes desse tipo em seus anos de experiência. Eles sorriam, mantinham uma aparência descontraída, faziam piadas a respeito das dores que sentiam a ponto de dificultar a avaliação dos médicos quanto à gravidade dos ferimentos.

— Assim está bem, enfermeira? — brincou ele, mexendo os dedos bem perto do rosto dela.

- Ótimo, agora levante a perna direita.
- Ora! Por que não a esquerda também?
- Tenho a impressão de que há um osso quebrado na perna esquerda!

— Droga! É por isso que estou sentindo essa dor terrível?

Com um esforço penoso ele ergueu o corpo, apoiando-se nos cotovelos. Pela primeira vez, olhou ao redor e viu a parte traseira do avião presa nas árvores.

- Onde estão os outros?
- Eu... bem, acho que estão mortos.
- Acha ou tem certeza?
- A parte da frente do avião caiu de nariz dentro do lago e me parece impossível que tenham tido condições de escapar. Mas talvez...

Rebeca voltou-se para o lago e ele seguiu o movimento de seus olhos. Mostrou na fisionomia o mesmo choque de Rebeca, minutos atrás.

Nuvens pesadas escondiam o sol. Apesar da claridade baça e acinzentada do dia, a água refletia pontas agudas de brilho prateado. Ondas suaves provocadas pelo vento brincavam de encontro à superfície de metal, como se quisessem amenizar a tragédia submersa nas profundezas do lago.

— Eles estão mortos! Não há dúvida alguma.

O silêncio que fizeram juntou-se à quietude da natureza. Ambos dobraram-se diante dos caminhos tortuosos do destino.

Por que fatalidade dois seres humanos tinham perecido e outros dois, poupados? Por ter ficado presa ao banco, Rebeca fora salva enquanto a outra jovem mergulhara no lago, junto

com o piloto. E aquele homem tinha sido atirado para fora do avião instantes antes da tragédia final!

Mas a única emoção possível naquele momento era a resignação. E, como se fosse um sinal que marcasse o fim de um período de luto, o sol surgiu entre as nuvens, colocando-os diante da realidade cruel da sobrevivência.

— Você se machucou. Há sangue em seu rosto.

— Foi apenas um corte superficial e creio que já parou de sangrar. Você não pode ficar assim, precisamos cuidar de sua perna.

— Há outras providências a serem tomadas antes. Será que você consegue subir de novo no avião?

— Talvez... mas... — Rebeca olhou para a cauda do Otter, inclinada e tão longe do chão.

— Pode ser que haja uma caixa de primeiros socorros no compartimento de bagagens. Eu iria buscar, mas estou um tanto... indisposto!

— Está bem, eu vou. — Ao levantar-se Rebeca percebeu que ele também se erguia, apoiando-se nas mãos. Voltou a ajoelhar-se a seu lado. — O que vai fazer? Você não deve se mexer muito ou a dor...

— Vou sentar-me perto do avião, assim posso apanhar tudo o que você jogar do compartimento de bagagem.

— Ficou maluco? Não tem condições de andar! Não deve encostar a perna quebrada no chão.

— Vou pulando numa perna só, então!

— Achei que você não tinha batido a cabeça mas já estou duvidando do meu exame. É uma loucura sair daqui pois o movimento aumentará a gravidade da fratura. Será que não percebe?

— Posso me arrastar, rastejar... sei lá!

— As dores serão pavorosas, não irá agüentar e...

— Droga! Já mal as suporto. Quer me dizer qual será a diferença? Mais um grau ou dez na intensidade de tanta dor? Recuso-me a ficar deitado como um boneco quebrado e inútil!

— Ouça, por favor... — A voz de Rebeca suavizou-se, como sempre acontecia quando tratava de pacientes recalcitrantes. — É melhor esperarmos mais um pouco. Quem sabe logo chega a patrulha de socorro e não teremos nos desgastado tanto.

— Socorro? Onde você está com a cabeça, moça?

— Vão enviar um avião à nossa procura... ou você não acredita nessa possibilidade?

— Procurar é fácil, achar é que será difícil.

- Mas a torre de controle sabia para onde íamos, é só verificar...
- A tempestade nos desviou da rota.
- Mesmo assim, é só...
- Nunca estive nos territórios do norte, não é, moça?
- Não, mas vi no mapa. Há alguns povoados, são poucos e afastados, porém...
- Podemos estar em qualquer ponto de uma região extensa e quase despovoada. Esta região é recoberta por florestas e a maioria jamais foi explorada por completo. Estamos num território virgem, onde encontrar alguém é tão penoso quanto achar uma agulha no palheiro!
- Mas e este lago, tão grande?
- Sabe quantos outros existem iguais a este? Centenas! Na verdade é pequeno demais, nem deve estar nos mapas! Só então o desconhecido notou o quanto a jovem de cabelos ruivos estava apavorada. Tinha falado da situação em que se encontravam com excessiva brutalidade, talvez para convencer a si próprio. No entanto ela parecia a ponto de descontrolar-se e pouco lhes adiantaria entrarem em pânico.
- Desculpe, moça. Pode ser que o quadro não seja tão ruim quanto pinte, mas... mas não quis dar-lhe falsas esperanças.
- Nada é tão terrível quanto perder as esperanças por completo. Quando se chega a esse ponto, não há mais por que viver...
- Desculpe-me. Você tem toda a razão. Vamos precisar de otimismo e espírito de luta para sobrevivermos! Quem sabe estejamos a poucos quilômetros do rio Mackenzie e da auto-estrada que o acompanha de perto?
- Rebeca recusava-se a concordar com aquele homem obstinado. Ele sem dúvida estava deprimido por causa das dores terríveis e não conseguia aceitar a idéia de que o socorro não tardaria chegar. Ouvira o piloto falando no rádio: talvez levasse um ou dois dias para que se organizasse uma busca, mas em menos de uma semana estariam de volta à segurança da civilização. A tormenta fora violenta e de curta duração. Não podia tê-los desviado tanto! Agora era melhor não discutir e fazer o que ele queria.
- Vou até o avião, procurar o compartimento de bagagens. Por favor, me espere aqui, você não deve mesmo se mover.
- Eu vou até lá!
- Então me deixe ao menos ajudá-lo!

— Não preciso de ajuda. Faça a sua parte, moça, eu faço a minha!

— Está bem... — murmurou Rebeca, resignada. Conhecia bem aquele tipo de homem! Teimosos e inabaláveis em suas decisões, a maioria recusava-se a aceitar qualquer auxílio. Não adiantava discutir, tentar convencer e muito menos brigar! Lutar contra ele seria o mesmo que bater a cabeça num muro de pedras!

No entanto, Rebeca sabia a que ponto a dor poderia chegar e só esperava que ele não desmaiasse. Embora ferido e sem mobilidade, aquele desconhecido era uma presença humana a seu lado, uma voz e um rosto que a impediria de enlouquecer naquele isolamento total!

Descer do avião havia sido bem menos difícil do que subir outra vez! A cauda do Otter ficara presa entre dois enormes pinheiros e a parte que restara da cabine pendia para o chão, numa inclinação bastante aguda. Para subir, era necessário agarrar-se aos pés da poltrona, erguer o próprio peso e depois firmar-se!

Após inúmeras tentativas inúteis, Rebeca conseguiu alcançar o piso recoberto por um carpete áspero e arrastar-se em direção à cauda do avião, onde ficavam as bagagens.

Não foi uma tarefa fácil! Ela escorregou algumas vezes e quase voltou ao ponto de partida. Só enfiando as unhas no tapete foi possível se firmar. Alguns minutos depois, tinha o corpo coberto de suor, as unhas quebradas e sentia-se frustrada, absolutamente incapaz de atingir qualquer objetivo!

Se o desconhecido tivesse vindo em seu lugar já teria retirado todas as malas na metade do tempo que ela perdera apenas para chegar ao bagageiro. E, sem dúvida, não teria escorregado e ficado preso entre os pés de uma poltrona! Infelizmente, para ambos, não podia trocar de lugar com ele.

Com alguns ferimentos superficiais e uma perna quebrada, só restava ao homem arrastar-se sobre a rocha nua, com uma lentidão exasperante, afastando-se da beira do lago em direção ao avião!

Do alto da cabine, Rebeca sabia quão difícil seria para ele transpor os poucos metros que o separavam dela. Puxar todo o peso do corpo com os braços, acabaria por esgotar-lhe todas as forças! Era preciso uma concentração intensa para ignorar a dor. Já podia ouvir-lhe a respiração entrecortada e ver as linhas de exaustão marcando-lhe o rosto.

Ante o esforço daquele homem, Rebeca sentiu vergonha de sua fraqueza e tentou novamente atingir seu objetivo. E, desta vez, teve sorte!

A tempestade amainara e a temperatura começara a subir. O vento gelado parara de soprar e o ar estava úmido e pesado.

Suada e sem fôlego, Rebeca descansou alguns minutos segurando-se à tampa do bagageiro. Ao afastar as mechas que lhe cobriam os olhos, notou as mãos sujas de sangue e terra, e pensou, pela primeira vez depois do acidente, em sua aparência.

Bem, essa não era a hora de ter pensamentos fúteis! A vida dos dois talvez dependesse do que ela pudesse retirar das malas. Será que havia algum alimento entre as bagagens?

As malas não tinham sido afetadas pelo acidente e estavam perfeitamente em ordem. No entanto, não havia nenhum equipamento de primeiros socorros à vista!

— Achou algo útil?

Rebeca não podia vê-lo, mas a voz grave vinha bem debaixo do avião. Então ele conseguira chegar!

— Só encontrei malas e uma caixa que deve ser do piloto. Não há nenhum estojo para emergências.

— Bem... não adianta chorar, não é? Será que você consegue soltar as malas?

— Sim, mas não tenho condições de carregá-las até o chão.

— Deixe-as deslizarem que eu tento apanhá-las.

A primeira mala caiu com um baque surdo mas não se abriu. No mesmo instante foi puxada pelo desconhecido, o que, mais uma vez, a fez admirar-se do controle que ele tinha sobre a dor! A mala que caiu a seguir foi a dela, e fez um barulho estranho.

— Droga! Esta aqui abriu-se e espalhou tudo! — Na voz ele revelava um divertimento quase infantil diante do contratempo — Ora! Você é mesmo uma enfermeira. O chão está coberto de uniformes brancos!

— Pensou que eu estivesse mentindo?

— Achei que talvez fosse uma tentativa sua de me fazer sentir melhor. Admiro sua capacidade de representar. Merecia um Oscar, moça!

— Não sei como você consegue brincar numa situação dessas. Vou jogar as outras malas porque logo, logo, quem cai daqui de cima sou eu! Não tenho mais forças para me manter agarrada como um macaco!

Pelo ruído da mala de crocodilo caindo no chão, Rebeca deduziu que ela também se abria.

— Estarei ouvindo um assobio? — perguntou Rebeca, intrigada. — É você?

— Pensou que fosse quem? Só existem dois seres humanos neste deserto, você e eu. Animais não assobiam...

— E por que essa manifestação juvenil?

— A nossa companheira viajava bem equipada... para seduzir, não para sobreviver. Há rendas e babados e até uma camisola preta e transparente! Uma beleza!

Embora a voz transmitisse bom humor, Rebeca imaginava que o desconhecido devia estar bem aborrecido! Afinal, ele e a jovem loira tinham sentido grande atração um pelo outro e se entendido bem desde o primeiro olhar, embora houvessem se falado apenas no aeroporto.

A loira era atraente, sensual e cheia de vitalidade. Com gestos graciosos, a todo momento jogava a longa cabeleira dourada para trás dos ombros e curvava os lábios bem-feitos num sorriso felino que mais parecia um convite para um beijo!

Nenhum homem, em sã consciência, deixaria de se fascinar por ela e, se tivessem que fazer uma escolha entre as duas, qualquer um preferiria a loira sedutora como companheira de exílio.

Passar vários dias e noites no total isolamento da floresta ártica ao lado de uma mulher vibrante e sensual era o sonho de grande parte dos representantes da raça masculina!

— Ei! Você dormiu aí em cima, moça?

— Desculpe-me, eu me distraí. Aí vai a mala do piloto e... oh! penso que achei o estojo de primeiros socorros! Estamos mesmo precisando de remédios, ataduras, espera...

— O que houve? Por que ficou muda?

— Não, não. É... uma caixa de pesca. Anzóis, linhas... oh! Meu Deus! O piloto devia ter planos para uma pescaria!

— Ótimo! Esse equipamento tem muito mais utilidade para nós e não pode se quebrar. Será que consegue descer com ela, e não jogá-la como as outras?

— Vou tentar...

Rebeca segurou a caixa com cuidado e prendeu no ombro uma alça do estojo que cobria a vara de pescar. A descida era mais fácil mas só poderia utilizar um braço!

Sua chegada ao chão foi desastrosa pois ela caiu, como as malas que a precederam, bem no meio de um mar de roupas e aos pés do desconhecido. Sem o menor constrangimento, ele riu muito de sua queda ridícula.

— Qual é a graça?

— Parecemos lojistas com tanta roupa espalhada ao nosso redor... só que não há ninguém para comprar!

Rebeca percebeu logo que não era ela o alvo da diversão, e sim a situação absurda em que se encontravam. Tudo pareceria um sonho mau, um pesadelo que logo terminaria, não fossem as bolhas em suas mãos. Os músculos doloridos do corpo eram um fato muito real!

A lembrança da dor a fez lembrar de seu companheiro de infortúnio. Procurou sua bolsa, onde sem dúvida teria aspirinas, o único remédio de que disporiam por muito, muito tempo!

O chão de relva macia desaparecia em alguns pontos para dar lugar a rochas cobertas de musgo muito verde. E, sobre esse tapete, inúmeros objetos coloridos estavam espalhados como flores trágicas. A sensação era de desolamento e desamparo, pois a natureza permanecia indiferente e ameaçadora, rejeitando os intrusos que perturbavam sua paz secular.

Rebeca agarrou o vidro de aspirinas como se fosse uma tábua de salvação. Sua bolsa se abriu e cremes e cosméticos haviam se quebrado nas pedras mas o remédio fora salvo.

Quando Rebeca virou-se para oferecer as pílulas ao desconhecido, viu-o encostado a um tronco de árvore, muito pálido e com olheiras profundas. Se ele desmaiasse, estaria sozinha novamente.

— Precisa tomar uma aspirina — murmurou ela, aflita e logo o viu abrir os olhos ao som de sua voz. — Vai melhorar a dor.

— Acho que é melhor beber.

— Água? Mas... e a dor?

— Não estou falando de água, moça. Tenho uma garrafa de bebida na minha mala e não há melhor anestésico do que um bom uísque.

Ele sem dúvida estava certo! A aspirina ajudaria a suportar melhor as dores, mas não as faria desaparecerem. Por outro lado, uma boa bebedeira o deixaria inconsciente e sem sofrimento, mas também sem ação!

Só o fato de pensar na possibilidade de passar a noite, já prestes a chegar, com um bêbado fez Rebeca cair em pânico. Logo estaria escuro, haveria animais à solta...

— Não poderíamos fazer uma tenda, ou pelo menos erguer um teto... antes que você começasse a beber?

— Essa parte vem depois, moça. Primeiro, você vai dar um jeito na minha perna.

— Eu? Ficou louco? Como...

— Você é uma enfermeira diplomada, certo?

— Sim, mas jamais cuidei de fraturas! Ortopedistas cuidam de pernas quebradas, não eu!

— Bem... tem razão o ditado popular que diz haver sempre uma primeira vez para tudo, não?

— Quando o avião de socorro chegar, trará um médico. Sempre há um...

— Nos filmes de televisão? Abra os olhos, moça. Até quando posso esperar sem desmaiar de dor? Além disso, não sou do tipo que se fia em esperanças vãs ou vive à espera de milagres. A minha perna precisa ser colocada no lugar, não é?

— É claro! Mas eu não tenho condições de fazê-lo! E, se não for um trabalho perfeito...

— Eu quebro a sua perna e ficamos empatados, está bem?

— Ele deu um sorriso cativante e segurou a mão de Rebeca. — Vamos lá, enfermeira... coragem! Afinal você fez o juramento de Hipócrates e é obrigada a tratar de qualquer ser humano ferido.

— Não fiz juramento algum! São apenas os médicos que o fazem. As enfermeiras ficam de boca fechada!

— Ah! Mas deve haver alguma cerimônia semelhante à dos doutores, tenho certeza! E se não há, precisa ser inventado. Imagino até os cabeçalhos dos jornais sobre "enfermeira que se recusa a ouvir o apelo do homem ferido..."

— Você tem alguma idéia de como será doloroso recolocar o osso no lugar certo? Isso é feito em hospitais e com anestesia geral, sabia? É preciso puxar a perna com força até deixá-la bem reta e então acertar o osso na posição correta.

— Meu anestésico será o uísque. É uma bebida muito útil, por isso, sempre trago uma garrafa desse "remédio"!

Rebeca suspirou, certa de que nunca o convenceria de sua incapacidade em ajudá-lo. Afinal concordava com ele, já que, se o socorro não chegasse logo, o osso se soldaria e precisariam quebrá-lo para recolocá-lo no lugar. Aquele seria o momento ideal, mas para isso precisariam de um médico pois ela não teria coragem de causar tanta dor, sem certeza de estar fazendo o que era correto. Além disso, logo viria um avião para salvá-los!

— Olhe! Eu prefiro esperar e...

— Não seja covarde. Afinal sou eu quem sentirá a dor, não você.

— É verdade, porém eu provocarei a dor e essa perspectiva me apavora. Você é muito corajoso, mas...

— Por favor...?

O tom de voz era tão suave, quase um murmúrio, que Rebeca decidiu-se por atendê-lo. Se aquele homem tinha forças para suportar tal sofrimento, por que não teria coragem de ajudá-lo?

Em toda a sua carreira ela jamais recusara qualquer trabalho, por mais difícil e penoso, mas nunca a decisão repousara apenas em seus ombros. Os médicos decidiam e assumiam a responsabilidade, portanto não havia por que recriminar-se se algo não corresse bem.

Agora a situação era totalmente diversa e dava-lhe medo, mas não podia fugir!

— Está bem. Eu o farei, mas é melhor você "encher a cara".

— Céus, enfermeira! Que linguagem... grosseira.

— Eu adapto minhas palavras a cada paciente!

Enquanto o desconhecido tomava, gole após gole, o conteúdo da garrafa de uísque, Rebeca organizava um refúgio precário para abrigá-los da chuva sob as ordens dele. Ela jamais acampara em toda a vida e não sabia montar uma tenda!

Depois de dobrar as roupas espalhadas pelo chão, cobriu-as com um plástico e escondeu sob as poltronas do avião. Precisou voltar à cabine para retirar as almofadas das duas cadeiras, o que foi uma sorte, pois descobriu um cobertor sobre uma delas.

Usando uma cordinha encontrada na valise do piloto, Rebeca prendeu o cobertor entre duas árvores, a poucos passos do avião. Seu despreparo para esse tipo de atividade era tal que não conseguia sequer dar um nó firme. Assim o telhado improvisado não ficava preso.

Só quando seguiu as instruções exasperadas do desconhecido, finalmente fixou o teto que teriam para protegê-los da chuva. No espaço reduzido, mal cabiam duas pessoas e, se chovesse muito forte, o frágil abrigo não resistiria!

O esforço deixou suas mãos em carne viva! A todo instante, Rebeca pesquisava a imensidão do céu, à procura do avião que viria salvá-los. Mas não via nada naquela vastidão azul, a não ser uma águia voando majestosa e um bando de gansos selvagens buscando, no verão, as terras frias do norte do Canadá para procriar.

Se o desconhecido notou o olhar cheio de expectativa de Rebeca, não deu o menor sinal. Estava preocupado em reunir

tudo que pudesse ser útil à sobrevivência na floresta. O gosto do piloto pela pescaria em lugares desabitados revelou-se uma bênção, pois os equipara com o equipamento de pesca, um saco de dormir, caixas de fósforos, um machado e até um prato e talheres!

Quando Rebeca viu uma frigideira nas mãos do desconhecido, sentiu o estômago se contrair. Vinha tentando ignorar a fome crescente e já não podia evitar o desejo desenfreado de comer. No entanto, de que adiantava pensar em comida se não havia nada à volta deles, a não ser árvores?

De uma saia longa de brim, encontrada na mala da outra passageira, Rebeca fez tiras e enrolou-as aos galhos mais retos que encontrou por perto. Iria precisar de talas para firmar a perna daquele homem até que o osso se soldasse na posição correia, mas decidiu cobri-los com tecido para evitar que o atrito lhe ferisse a pele.

Nesse instante o desconhecido começou a cantar com uma voz que demonstrava os efeitos da bebida. O rosto estava mais corado e a canção a cada minuto se tornava menos compreensível. Rebeca só esperava que a ingestão de tanto álcool não o deixasse sentir nenhuma dor!

— Bem... enfermeira. Tem uma música que eu aposto... Você conhece a história do homem que tinha vinte e quatro mulheres? — Ele deu um sorriso de quem se desculpava. — Não, não pode ter ouvido essa canção, é suja demais para uma moça tão fina. Na verdade, chega a ser obscena! Preciso manter a cabeça e não assustar a minha... doutora!

A voz dele ecoava no espaço até então silencioso e até os esquilos, que não paravam de pular nos galhos, se afastaram, assustados.

"Noventa e nove garrafas de cerveja, Noventa e nove garrafas,

Se cair uma cerveja,
Só sobram noventa e oito garrafas.
Noventa e oito garrafas de cerveja
noventa e oito garrafas,
Se cair uma cerveja..."

Depois de terminar as talas, Rebeca foi até o lago e lavou o rosto e as mãos para evitar infecções. Então voltou para o lado do desconhecido, agora nitidamente embriagado.

— Estou pronta, e você?

— Doçura... de enfermeira. Já cheguei à garrafa de número sessenta mas não creio que consiga ficar mais bêbado

ainda. Antes de começarmos... preciso saber seu nome, assim posso chamá-la nos meus sonhos.

— Sou Rebeca Clark — murmurou ela, ajoelhando-se ao lado do homem. — E você?

— Meu nome é Guy McLaren... mas pode me chamar só de Guy!

— Ótimo, Guy, vou precisar amarrá-lo à árvore onde você está encostado. Deite-se o mais esticado possível e...

— Céus! Que preferências estranhas, enfermeira. Diz isso a todos os seus pacientes ou só eu despertei seus instintos?

Na sua carreira, Rebeca havia encontrado os mais diversos tipos de pacientes. Alguns mantinham-se polidos e gentis, outros se queixavam em cessar e outros ainda se mostravam furiosos com a própria sorte. Mas o mais difícil de lidar eram os conquistadores. Rodeados de enfermeiras, eles se desdobravam em atenções e frases maliciosas, julgando cada mulher à vista uma ninfomaníaca disposta a todo tipo de acrobacias sexuais!

Geralmente esse tipo de doente poupava Rebeca de suas insinuações maliciosas, a não ser quando se sentiam extremamente assustados ou muito doloridos. Nesses momentos, os pacientes ocultavam a fraqueza com atitudes quase ultrajantes, que ela ignorava, agindo como se nada tivesse acontecido.

— Tenho que cortar seu jeans até o joelho. É uma pena estragar uma roupa nova, mas...

— Faça tudo que tiver vontade, enfermeira. Seu desejo é lei, Rebeca Clark!

Com as mãos trêmulas de medo, Rebeca colocou uma almofada sob a cabeça dele e prendeu-lhe a perna com um cinto. Era preciso firmá-lo o mais forte possível pois tinha que permanecer imóvel quando ela puxasse a perna para recolocar a tíbia no lugar.

Tão logo rasgou o jeans, viu uma mancha clara acima da meia. Apalpou o enorme caroço que esticava a pele. Era o osso quebrado que saía do lugar.

A perna estava tão inchada que Rebeca, aflita, imaginou a dor terrível que ele sentiria nos próximos minutos!

— Quantas garrafas de cerveja sobraram, Guy?

— Sessenta. Por que quer saber? Você gosta de beber?

— Vamos cantar juntos? — murmurou ela, penalizada. — Sessenta garrafas de cerveja...

Sem avisá-lo, Rebeca puxou a perna de Guy com toda a força, grata a Deus por sua energia. Sentiu o osso mover-se de volta para o lugar.

Por alguns segundos a voz masculina se calou, mas logo reiniciou a canção, trêmula e hesitante e em seguida firme e sonora outra vez.

— "Cinqüenta e nove garrafas..."

O corpo de Guy estava retesado, forçando o cinto de couro como se fosse parti-lo, e dos olhos fechados escorriam lágrimas de dor. Veias saltavam-lhe no pescoço e as mãos, firmemente cerradas, não tinham mais o mesmo tom dourado.

Ou Guy não ficara tão bêbado quanto parecia ou a bebida não conseguira livrá-lo de toda a dor. Um homem menos forte e controlado teria desmaiado, ou ao menos deixaria escapar um gemido. Ele, porém, apenas respirou mais fundo, recomeçando a cantar.

— "Cinqüenta e oito garrafas..."

Os olhos de Rebeca encheram-se de lágrimas diante de tanta coragem. Enquanto prendia as talas na perna quebrada, ouviu a voz de Guy elevando-se, sempre mais forte, até ecoar entre os pinheiros. Aos poucos o corpo ficou menos tenso e os olhos muito verdes se abriram.

— Você é muito competente, enfermeira Clark.

— Obrigada, Guy. A experiência ajuda muito e eu cuido de pacientes em estado crítico há muito tempo, mais de cinco anos.

— Você tem... vinte e seis anos, certo?

— Vinte e oito. Formei-me um pouco mais tarde do que o normal.

— Você é linda... Tem os olhos azuis mais bonitos do mundo!

O elogio atingiu Rebeca com impacto de uma agressão física e ela ficou corada e trêmula como se estivesse com febre.

— Ei! Desculpe-me se eu disse algo que não gostou... Só quis fazer-lhe um elogio!

— Não foi nada. A culpa é minha, não estou acostumada...

Na verdade, elogios em situações de extrema tensão como esta não provocavam crise alguma em Rebeca. Estava habituada a ouvir gracejos absurdos e até obscenos quando os pacientes voltavam a si depois da anestesia e sentiam-se eufóricos com a ausência da dor. Sempre escondera suas reações atrás de uma postura profissional e muito fria. Por que motivo não conseguia controlar-se agora?

O terror e o trauma do acidente, aliados a uma exaustão profunda, à fome e à tensão causada pelo sofrimento de Guy

havam se combinado de tal forma que Rebeca sentia-se vulnerável e indefesa! Nesse instante, todas as barreiras, erguidas com esforço e determinação por tantos anos, ruíram por completo, desnudando sua intimidade como nunca acontecera antes! O antigo hábito de ocultar as emoções acabava de desaparecer como se jamais tivesse existido, e Rebeca não sabia viver sem as defesas que criara para se proteger.

— Não está acostumada? Por quê?

— Porque eu sou gorda! Será que você é distraído ou tem algum problema de vista? — disse Rebeca, com voz que demonstrava uma profunda amargura. — O termo exato... o termo médico... é obesidade!

O silêncio reinou entre eles, prolongando-se por tempo interminável. Os esquilos voltaram a saltar de galho em galho, aproximando-se aos poucos das figuras imóveis como estátuas.

De joelhos, a mulher mantinha a cabeça abaixada para esconder as lágrimas que escorriam sem cessar, caindo-lhe uma a uma sobre as mãos ternas.

O homem também permaneceu imóvel, envergonhado de tê-la ferido sem se dar conta.

Capítulo II

Há certas lembranças, gestos e visões que permanecem gravados para sempre na memória.

Guy jamais esqueceria o toque suave das mãos de Rebeca em seu corpo dolorido, nem o azul intenso dos olhos claros que o fitavam aflitos... Como conseguira magoar alguém a quem só queria exprimir uma profunda gratidão?

Os olhos de Rebeca eram magníficos, da cor de um céu visto apenas em sonhos, um tom quase turquesa que se tornava ainda mais vibrante pelo contraste de espessas e longas pestanas negras.

Ele também não mentira ao dizer que a achava linda. A obesidade deformara-lhe o corpo mas não conseguira empanar o charme do nariz delicado nem a boca bem desenhada e sensual. Cabelos ruivos caíam fartos e brilhantes sobre um rosto encantador. Apesar de estar suja naquele momento, a pele dourada e sem uma única sarda contrariava o mito de que as ruivas têm problemas com o sol!

No entanto, mesmo sem querer feri-la, seu elogio causara nela um mal-estar profundo, pois as mãos que prendiam as talas em sua perna estavam trêmulas. Que insensível fora não percebendo que aquela mulher talvez nunca ouvisse palavras lisonjeiras por ser gorda em excesso?

— Esqueça o que eu disse, Rebeca. Aliás... você tem os olhos mais feios do Ártico, está bem?

— Melhorou bastante! Sei que não sou atraente e já me acostumei a isso. Os homens não olham uma segunda vez para uma mulher gorda como eu.

Os lábios de Rebeca, contraídos num rito de determinação e autocontrole, mostravam claramente sua intenção de não falar mais sobre o assunto.

Guy olhou para os galhos entrelaçados sobre sua cabeça enquanto Rebeca terminava os curativos. Tinha medo de falar e ofendê-la sem querer, piorando ainda mais a situação, e nunca se sentira tão inseguro em toda a vida!

Para Guy, elogiar as mulheres era tão vital e comum quanto respirar! Tudo nelas o encantava: a delicadeza dos traços, o contorno arredondado dos seios, a curva sinuosa dos quadris e, principalmente, suas mentes intuitivas surpreendentes. Nunca chegara à loucura ou à vaidade de afirmar que as compreendia ou sabia o que estavam pensando. Mas era exatamente esse inesperado, essas diferenças tão sutis, a grande arma de sedução feminina. Misteriosas e incompreensíveis, as mulheres eram um motivo de alegria na vida de Guy.

A loira do avião, de cujo nome ele nem se lembrava mais, o atraía desde o primeiro olhar. Se lhe esquecera o nome, recordava-se de cada detalhe do rosto provocante, do corpo sensual e principalmente da corrente de atração que se estabelecera entre eles de imediato.

Sem palavras, ambos admitiram o despertar de emoções primitivas, mas, como jogadores experientes, não tiveram pressa alguma. Ele adorava um desafio, e percebera o desejo daquela mulher de ser conquistada. Ambos tinham a certeza de que o final do jogo só lhes traria mais prazer.

A viagem de avião, sempre extremamente entediante, se transformara num preâmbulo agradável para a noite, quando a convidaria para jantar. Embora Fort Good Hope tivesse apenas um restaurante onde poderia levar uma mulher sofisticada, contava com o ambiente calmo para convencê-la a passar o resto da noite em seu quarto.

A fisionomia vibrante e maliciosa da jovem loira sugeria uma personalidade repleta de surpresas, mas Guy encarava a conquista de uma mulher como um caçador. Cada passo devia ser calculado com precisão para não assustar a presa que, após longo e difícil assédio, deporia as armas, rendendo-se ao prazer.

Se não fosse pela ironia amarga do destino, ele estaria agora ao lado daquela garota sensual... Seria Sandra o nome dela?

No Ártico era fácil esquecer as necessidades prementes de sobrevivência e imaginar-se isolado num ponto qualquer à margem do rio Mackenzie com uma bela mulher!

Noites apaixonadas sob a luz fria das estrelas e dias dedicados apenas a fazer amor, sem jornais, telefones ou compromissos que interrompessem o idílio. Seria um longo período de férias onde dedicariam todos os minutos a se aperfeiçoarem no ritual do erotismo.

Visões do corpo jovem de curvas perfeitas, estirado sobre o musgo macio, oferecendo-se sem falsos pudores, despertou um desejo intenso em Guy. A vontade de tocar uma mulher atraente, envolvendo-a nas redes da volúpia, levou-o a sorrir de satisfação.

Afinal, apesar da perna quebrada e da dor intensa, ele não deixara de sentir as reações saudáveis de um homem muito viril! Enquanto a visão de um corpo feminino o excitasse não estava morto ainda!

Guy duvidava se o sexo significava para as mulheres o mesmo que para os homens: uma reafirmação de vida, uma celebração física e emocional.

Quando tudo em sua vida estava bem e o mundo parecia um paraíso terrestre, amar uma mulher era a coroação final de sua sensualidade. Mas se, por outro lado, a depressão tornava os dias cinzentos e sem estímulo, era o sexo que trazia de volta a excitação, servindo como antídoto contra o desânimo. E se nada o perturbasse e não houvesse nenhuma quebra na monotonia das horas, a imagem de uma bela mulher jovem em seus braços, vibrando de paixão, bastava para fazer o sol brilhar entre as nuvens do tédio.

Guy sabia não ser diferente dos outros homens. Passara muito tempo isolado em campos de petróleo, onde o tema mais constante das conversas era sexo! Brincadeiras, anedotas e recordações dos momentos de triunfo amoroso enchiam as mentes masculinas e tornavam a vida menos árida.

Mas as mulheres não reagiam da mesma maneira e Guy conhecera um número incontável delas para ter certeza disso! Não que o sexo lhes fosse desagradável, mas também não era um dos objetivos primordiais de suas vidas.

Fora o convívio com Maureen, sua ex-esposa, com quem Guy se relacionara durante quase oito anos, que o ensinara a julgar melhor as reações femininas.

No início do casamento, as paixões se igualavam em intensidade. Maureen demonstrava um ardor que parecia inextinguível. Mas, aos poucos, sua necessidade de tornar-se mãe transformara o sexo numa ginástica despida de encanto. Depois do quinto ano de casada, ela se tornou obcecada pela idéia de ter um filho e, ante sua incapacidade de conceber, regulou os momentos de união de acordo com complicadas tabelas.

Guy tentou compreender o desespero da esposa, mas não se conformou em relacionar o ato de amor a uma obrigação com hora marcada. Além disso, nunca sentira essa urgência angustiante de tornar-se pai, assim como nunca duvidara de que no futuro viria uma criança para alegrar-lhe a vida. Bastava esperar e usufruir os bons momentos.

Só mais tarde ele percebeu que seu casamento deixara de ter sentido antes mesmo dessa fase crítica. O anseio de ter um filho tinha sido um último esforço para manter vivo um envolvimento agonizante.

Uma dor mais forte em sua perna e o suave murmúrio de Rebeca trouxeram Guy de volta ao presente.

Por que o pensamento agradável de fazer amor com Sandra o havia levado a lembrar seu casamento desfeito? Ele nunca se torturara com recordações ou análises de fatos passados, imaginando como seria sua vida se tivesse agido de outro modo. Preferia levar adiante planos objetivos.

E, como os próximos dias ou meses deveriam ser difíceis, dedicados apenas à luta árdua pela sobrevivência, não haveria lugar para o sexo diante da prioridade de permanecer vivo! Ele não teria o tormento de estar perto de uma mulher atraente pois a jovem enfermeira, apesar de simpática, não lhe despertara desejo algum.

Afinal, o destino havia sido camarada ao deixá-lo em companhia de alguém tão competente quanto Rebeca! A encantadora loira não saberia tratar de sua perna, pois era frágil demais para carregar lenha e jamais poria as delicadas mãoszinhas num peixe cru!

Em menos de cinco minutos de conversa, Guy ficara sabendo que Sandra era filha de um multimilionário e se dedicava à fotografia. Viera para tirar fotos da região Ártica, que seriam publicadas por um amigo de seu pai, dono de uma revista famosa.

A julgar pelos vestidos decotados, os sapatos de saltos altíssimos e um traje de noite salpicado de lantejoulas que vira na mala, a jovem loira não se informara a respeito do lugar para onde ia. Até mesmo a roupa de viagem não era adaptada à rusticidade daquela natureza quase hostil. Calças de veludo e botas de camurça rosa a transformavam num manequim de luxo, vestida para se exhibir numa cidade grande, e não no primitivismo de Fort Good Hope.

Quanto a Rebeca...

A enfermeira demonstrara criatividade e determinação desde o minuto em que decidira tratar de sua perna. Nem por um minuto reclamara do corte na testa, do esforço dispendido em descarregar o avião ou da força necessária para colocar o osso no lugar certo. Poucas mulheres teriam resistido à fraqueza de queixar-se ou reclamar contra o destino cruel que as colocara numa situação tão terrível.

O silêncio de Rebeca causava uma admiração profunda a Guy. Deu graças a Deus por tê-la ao seu lado nessas condições. Não era pessimista mas já vivera muito tempo no Ártico para iludir-se quanto às dificuldades que iriam enfrentar. Seria preciso fortaleza de ânimo e coragem para sobreviver em circunstâncias tão adversas!

Guy não acreditava que seriam socorridos em poucas semanas. Conforme pudera observar, o piloto não conseguira nenhum contato através do rádio do avião e a tempestade os desviara demais das rotas conhecidas, levando-os a uma região quase selvagem. Sem dúvida, haveria buscas, mas quanto a encontrá-los, já não era tão fácil! E, apesar de conhecer bem o vale do rio Mackenzie, Guy não tinha a menor idéia de onde estavam!

No horizonte longínquo, recortava-se o perfil azulado de uma cadeia de montanhas que ele acreditava ser o maciço de Richardson. Embora a única referência visível estivesse ao norte, eles podiam encontrar-se em qualquer ponto dos milhares de quilômetros a oeste do rio Mackenzie. No entanto, não dava para saber se a auto-estrada que cortava aquele território desolado ficava ao norte ou ao sul e, sem esse conhecimento, não havia como determinar onde estava a civilização!

Além de tudo, a perna quebrada impedia os dois de saírem em busca de socorro, deixando-os entregues aos próprios recursos. Se o socorro não viesse logo, seria necessário partir e, para isso, ele precisava poder caminhar!

O rádio e os faróis do avião estavam debaixo das águas profundas do lago e só por um golpe de pura sorte alguém os encontraria. Por isso ele insistira tanto para que Rebeca colocasse o osso quebrado no lugar: era sua chance de recuperar-se a fim de que fugissem dali!

As dores sofridas por Guy não se comparavam à tortura de morrer aos poucos naquele lugar desolado!

Infelizmente ele conhecia bem demais a vida árdua da região e sabia dos esforços sobre-humanos necessários para sobreviver: mesmo no verão, o frio podia ser brutal e a fome não tardaria a se fazer presente! Não tinham comida, remédios nem material para construir um abrigo e só o equipamento de pesca do piloto os impediria de morrer de fome. Mas ao menos o inverno ainda demoraria a chegar e, nessa região do "Sol da meia-noite", a escuridão durava poucas horas.

Água não faltaria e o lago devia ter uma infinidade de peixes, a única proteína ao alcance deles e tão necessária para manter as forças.

Não poderiam caçar sem armas e embora não existissem ervas venenosas, as folhas e sementes daquele território semigelado não seriam nada agradáveis ao paladar.

Sem dúvida alguma, fora muita sorte dele ter como companheira de infortúnio aquela mulher de aparência pouco agradável mas cheia de bom senso e coragem, e não uma jovem requintada, atraente, mas pouco útil.

— Pronto! Terminei de colocar as talas em sua perna. Embora tenha feito um serviço nada profissional, elas devem funcionar. Ah... deixei a meia de lã, apesar de rasgada, para aquecer melhor o local que não tem muita irrigação sanguínea.

— Enfermeira Clark... você tem um coração de ouro — brincou Guy, certo de que Rebeca preferia ironias a qualquer tipo de elogio!

Procurando ignorar a dor violenta, começou a expor seus planos a Rebeca. Avaliando os prós e os contras da situação, tentou mostrar a ela os recursos disponíveis para que não morressem de fome.

— Raízes e peixes? Mas como iremos pescar?

— Temos o equipamento do piloto, só nos faltam as iscas.

— E serei eu quem cuidará disso, não é? Sapos e minhocas...?

— Está com fome, Rebeca?

— Quase morrendo!

— Então não terá problema algum para encontrar as iscas. Nós dois dependemos de sua habilidade!

Guy sugeriu que passassem o resto do dia reunindo lenha para uma fogueira e armazenando comida, assim poderiam construir um abrigo na manhã seguinte. A lona esticada entre os dois pinheiros não os abrigaria de uma chuva mais forte!

Enquanto ele falava, Rebeca permaneceu quieta, com os enormes olhos azuis fixos no companheiro de tragédia. Uma paz tão profunda emanava de seu rosto pálido que Guy se surpreendeu com a força dessa mulher.

Quando ela estava imóvel, todo o seu ser refletia serenidade e, quando em movimento, demonstrava uma agilidade e graça de gestos poucos comuns em alguém tão pesado.

Rebeca parecia ter fontes ocultas de energia, talvez em resultado de sua aparência pouco elegante. Como se já tivesse se resignado a não ser amada, ela desenvolvera um tesouro íntimo e inacessível, produto de uma vida solitária.

— Você já esteve alguma vez numa situação como esta? — perguntou Rebeca, tão logo ele explicou-lhe como construir um abrigo. — Sabe tanto!

— Já passei muito tempo em regiões desoladas como esta.

— Por acaso seu trabalho é na região Ártica?

— Sim. Tenho um escritório de Agrimensura e faço levantamentos de terrenos para companhias que exploram petróleo. Estava indo ao encontro de um equipe de agrimensores ligados à minha empresa, que teria terminado a pesquisa de uma área a dez quilômetros ao sul de Fort Good Hope.

— Sorte sua... saber tanto assim! Eu não tenho a menor idéia do que é necessário para sobreviver longe da civilização. Nem mesmo me arrisquei a acampar.

— Sempre há uma primeira vez! Anime-se, Rebeca! Vai ver como logo estará adorando as aventuras do dia-a-dia na floresta!

— Duvido! Será que... por acaso há a possibilidade... de morrermos de fome? — indagou Rebeca, com uma expressão de puro pânico. Tentou controlar-se. — Isto é, se o socorro demorar muito a chegar?

— Não há nada como a sinceridade, certo? Se formos fortes, criativos, e procurarmos trabalhar juntos, não há tal perigo! Eu quase nada posso fazer além de pescar mas se você ouvir atentamente minhas instruções, tiver forças para cortar lenha e construir nosso abrigo, temos grandes chances. Você tem a mobilidade e eu a técnica, mas só lhe peço para ser o mais cuidadosa possível. Um simples engano e nós dois estaremos perdidos. Não se machuque, fique atenta a tudo ou seremos vencidos pela natureza.

Rebeca demorou alguns minutos para compreender a imensa responsabilidade posta em seus ombros. Quando seus olhos azuis fitaram Guy, refletiam resignação mesclada a uma tímida coragem.

Guy só esperava que aquela mulher tivesse forças pois, sem o seu auxílio, ele não sobreviveria. Dependia de Rebeca para tudo, estava nas mãos dela!

— Acredita que conseguiremos nos manter saudáveis só com folhas, raízes e, ocasionalmente, um peixe?

— Como assim? Eu pretendo pescar muitos peixes! Tem dúvidas quanto à minha capacidade como pescador?

— De modo algum! Sou eu o grande obstáculo. Não vou conseguir rãs ou minhocas, tenho certeza!

— Que bobagem! Você é muito eficiente. Leve o vidro grande da caixa de pesca para guardar as rãs... Logo estará de volta e triunfante.

— Você é otimista demais, Guy McLaren.

Embora houvesse desânimo em sua voz, Rebeca afastou-se, os ombros erguidos, não demonstrando um temperamento derrotista. Deu a volta nas rochas que circundavam o lago, procurando uma maneira de descer até a beira da água.

Guy acompanhou-a com o olhar, preocupado com ela. Seria bastante difícil alcançar a faixa de pedregulhos muito alvos, onde o lago era mais raso. Ali a água transparente lhe permitiria ver os esconderijos das rãs.

Um ruído de pedras caindo mostrou que talvez a tarefa fosse árdua demais para Rebeca!

— Ei! Você está bem? — gritou Guy, nervoso. — Machucou-se?

— Só minha dignidade saiu ferida! Tudo o mais continua inteiro. Não se preocupe!

Guy ouvia ao longe o barulho da água agitada pelos passos de Rebeca. Enquanto montava a vara de pescar, sonhava com uma truta suculenta tostando no fogo crepitante de uma fogueira. Apesar da dor constante, a fome aumentava

e era preciso ficar imóvel, pois qualquer movimento tornava quase impossível controlar os gemidos.

Com Rebeca exibindo uma expressão de coragem e resistência, escondendo a fraqueza de um corpo dominado pela dor. Agora já não tinha mais forças e não lhe restava nem um centímetro de perna que não latejasse. Suas mãos tremiam com o esforço de manter-se controlado. As aspirinas que tomara há alguns minutos ainda não tinham produzido efeito e foi com esforço que prendeu o anzol na linha, apesar de não mais distinguir os contornos claramente. Sua visão se toldava com uma rapidez impressionante!

Malgrado os esforços para vencer o organismo debilitado à procura de repouso, Guy perdeu a luta contra a natureza sábia! Um sono profundo, fruto da exaustão e do desgaste causado pelos traumas das últimas horas, arrastou-o para o descanso tão necessário.

Encostado ao tronco da árvore, Guy adormeceu, embalado pelo assobio do vento entre os pinheiros e pelo murmúrio das águas do lago.

Mas não era a brisa a causadora do dueto musical das águas e pedriscos...

Do primeiro contato de Rebeca com aqueles animaizinhos frios e repelentes nasceu um ódio profundo!

As rãs pulavam muito mais rápido do que os passos que ela dava e desapareciam na água como se jamais tivessem existido! Mas, o que mais a irritava, eram os olhinhos pretos fixos, zombando de sua falta de jeito!

Aquelas criaturas nojentas deviam ter um cérebro menor do que uma ervilha, mas seus movimentos eram bem velozes para tão pouca sabedoria!

Rebeca já escorregara um sem número de vezes nas pedras cobertas de limo e agora não eram apenas os seus pés que estavam molhados. A blusa se colara ao corpo e um frio intenso tomara conta dela. Além do desconforto, havia uma sensação estranha de irrealidade. Sentia-se parte de algum filme absurdo e tragicômico, que um diretor de mente distorcida criara num momento de completa alucinação. Parecia ter-se tornado a atriz principal de uma farsa destinada a chocar o mundo: uma caçada sem tréguas ao maior inimigo da humanidade, as rãs!

Como devia estar ridícula! Uma mulher obesa, pulando de pedra em pedra, na tentativa inútil e grotesca de imitar os saltos graciosos desses animais.

Por sorte, Guy não podia mover-se e, de onde estava, não tinha condição de vê-la nesse estado. Se ele presenciasse seus movimentos desastrados e suas quedas sucessivas ela morreria de humilhação e de vergonha!

Bem... de nada adiantava sofrer, pois se não apanhasse um daqueles bichinhos miseráveis, não haveria jantar esta noite! A fome porém superava o ridículo e seu estômago doía. Não era aquela ânsia compulsiva que a levava a comer como se todo o alimento do mundo fosse terminar de um instante para o outro. Desta vez era uma fome verdadeira, nascida de longas horas sem combustível para um organismo acostumado a ser satisfeito com fartura!

Na verdade, era surpreendente que só se lembrasse da comida agora. Sempre fora dominada por uma obsessiva compulsão de alimentar-se! Ou estava comendo... ou pensando em comer.

Mas Rebeca não fora sempre assim...

Há muito, muito tempo atrás, era uma garotinha esguia, de enormes olhos azuis e tranças ruivas que brilhavam como um metal precioso. Uma criança tão encantadora que um fotógrafo fixara a imagem graciosa para a posteridade, imprimindo-a na primeira página do jornal mais importante de Fairfax, no dia das mães.

Ativa e cheia de energia, ocupada demais para perder muito tempo à mesa, Rebeca acompanhava as irmãs nas brincadeiras. Uma criança normal, só se aquietava para reabastecer suas energias, que logo voltava a gastar!

Mas a adolescência, com seus problemas íntimos e difíceis de resolver, chegou junto com o final da tranqüilidade no lar de Rebeca. O casamento de seus pais se desfez entre brigas ruidosas e amarguradas. Foi então que ela descobriu como eram reconfortantes os sorvetes, as balas e os chocolates. Aos treze anos, seus anseios se reduziram à alimentação e ao bem-vindo conforto que lhe davam os doces.

Dois anos mais tarde, já obesa, recusou-se a planejar sua festa de quinze anos por não conseguir um único vestido que lhe disfarçasse as formas amplas. A garotinha de tranças e traços delicados se afogara em camadas de gordura e já não restava a menor semelhança com a foto, a única prova de que Rebeca não fora sempre a criatura gorda que era agora.

A esta altura de sua vida, qualquer acontecimento, por mais insignificante, desencadeava um processo destrutivo: uma angústia tão profunda que só se acalmava através de quantidades enormes de comida!

Uma crítica, mesmo ligeira, um olhar de censura, uma nota mais baixa ou algum sorriso mal-interpretado despertavam um apetite colossal, uma fome tão insaciável que disciplina alguma conseguia deter. A necessidade de afogar sua angústia na ingestão de doces e salgados controlava a vida de Rebeca com mão de ferro. Nem a força de vontade nem o desejo desesperado de tornar-se mais atraente ao sexo oposto conseguiam quebrar esse domínio. Como um fantoche sem vontade própria, ela obedecia a forças superiores e comia, comia, comia...

Um movimento na água chamou a atenção de Rebeca. Movida pela fome, tirou a blusa para jogar sobre uma rã que parecia zombar dela sem a menor discricção. Pouco lhe importaria o ridículo de ser vista por Guy de sutiã e dando saltos grotescos se conseguisse uma isca que garantisse o peixe ao jantar!

Com um brado de triunfo ela envolveu a rã no tecido da blusa e colocou-a no vidro de boca larga. Tinha descoberto a maneira de enganar aquelas criaturas rápidas e em pouco tempo havia cinco animais presos e condenados.

Subir a elevação de pedras soltas até a plataforma de rocha plana, próxima ao abrigo, foi ainda mais difícil. O desconforto das roupas molhadas e o perigo de perder as preciosas iscas tornava cada passo uma aventura perigosa. Só a sensação de vitória a impedia de ceder ao cansaço.

Se Guy não estivesse dormindo, dividiria com ele o seu triunfo mas sabia o quanto o pobre homem precisava de algumas horas de sono. A tensão das últimas horas fora excessiva e a dor teria derrotado alguém mais fraco e menos controlado.

Rebeca também se sentia no fim de suas forças mas a visão de um peixe dourado e bem temperado, com seu delicioso odor ao ser assado, enchia-lhe a boca de água. E pensar que jamais conseguira gostar de nenhuma espécie de alimento vindo do mar!

Lembranças da época em que participara de um grupo de bandeirantes, quando aprendera noções de como fazer uma fogueira* vieram-lhe à mente. Aflita, Rebeca começou a procurar gravetos secos para iniciar o preparo do jantar mais esperado de toda a sua vida.

Um brilho entre as folhas chamou sua atenção.

Ajoelhando-se na relva, Rebeca retirou do meio de galhos entrelaçados a sua preciosa bolsa de viagem! Certa de que a havia perdido, afundada na lagoa com os destroços do avião,

ela não mais a procurara, evitando pensar no assunto. Mas agora suas mãos trêmulas seguravam o tesouro que, pela aparência quase perfeita, parecia estar intacto.

O conteúdo de sua bolsa enorme era mais precioso do que ouro ou diamantes e muito mais valioso do que qualquer jóia rara. Ao enchê-la, não havia pensado que algum dia iria servir-lhe tanto como agora. Colocara ali os mesmos objetos de sempre, em boa quantidade, como sempre o fizera, para o caso de ter necessidade deles.

O chão cobriu-se de brilho: azuis, verdes, vermelhos e prateados, os invólucros das barras de chocolate reluziam na claridade do final da tarde. Recheados de caramelos, amêndoas, creme de morango, avelãs e cerejas, recobertos por camadas espessas de puro cacau, ofereciam-se à gula de Rebeca.

O cheiro dos doces transportou-a de volta às tardes longas que passava nos cinemas, devorando sacos e sacos de pipoca caramelada, e às noites solitárias, quando ia para a cama com uma caixa de bombons que comia no escuro, para evitar que sua mãe soubesse.

De súbito, Rebeca não pôde esperar nem mais um segundo. Escolhendo com a concentração de quem seleciona uma pérola única entre centenas de outras também preciosas, ela imaginou o gosto de cada um dos sabores como se os tivesse realmente provado. Sua boca encheu-se de água enquanto abria o papel metalizado do chocolate recheado de caramelo.

Tão ávida quanto estaria se não tivesse comido há meses, Rebeca entreabriu os lábios, fechou os olhos de prazer e...A imagem de Guy, faminto como ela, imobilizou seu gesto. Abrindo os olhos, fixou por um longo tempo o petisco tentador, sem saber como agir.

Será que apenas uma mordida, bem pequena, mas suficiente para amenizar as contrações dolorosas de seu estômago, iria prejudicá-lo? Afinal, Guy nem sabia da existência daquele tesouro.

Mas, se ela cedesse àquele impulso desesperado, estaria perdida! Conhecendo-se muito bem, sabia que esse tipo de fome só se apaziguaria se consumisse todos os chocolates. Uma vez iniciado, o processo neurótico e compulsivo não poderia ser interrompido. Era como estar à beira de um precipício e saber que o próximo passo a jogaria em pleno abismo!

Lembrava-se ainda de uma tarde em que voltara para seu apartamento com uma lata de sorvete de morango, um bom pedaço de bolo de chocolate recoberto com creme e duas caixas

de bombons. Tinha devorado tudo, até a última migalha, para não pensar no dia particularmente desagradável que passara.

O enjôo de estômago e a raiva intensa por sua fraqueza tomaram conta dela que justificara seu comportamento doentio espelhando-se em outros neuróticos. Alguns bebiam para fugir da realidade, outros se escondiam atrás da força destrutiva das drogas e ela...

Rebeca buscava o alimento com a obsessão de um viciado, procurando se consolar de todas as tristezas e frustrações, mastigando todo o tipo de doces!

No entanto, a situação agora era muito grave. Se comesse os chocolates, ela e Guy seriam privados de um bem precioso: as calorias indispensáveis! No chocolate de nozes encontrariam o sustento necessário para dias e dias de uma dieta baseada em plantas e raízes, teriam a energia necessária para se manterem ativos e conseguirem pescar. Seria um egoísmo sem limite devorar em alguns instantes o que poderia salvar-lhes a vida!

O estômago contraiu-se com violência quando ela tornou a embrulhar o chocolate e o colocou de volta na bolsa. Respirando fundo, reuniu os gravetos e levou-os para perto de Guy. Ainda não eram suficientes sequer para uma pequena fogueira, e ele queria lenha que durasse por dois dias, pelo menos.

Rebeca era uma novata em relação a métodos de sobrevivência, mas sabia muito bem que o fogo era o único modo de manter afastados os animais selvagens e o terror da escuridão na floresta!

Guy continuava dormindo quando Rebeca sentou-se a seu lado, exausta após inúmeras incursões pela floresta em busca de lenha seca. Apesar do barulho dos galhos caindo ao chão, ele não despertara e, graças ao repouso restaurador do sono, sua fisionomia havia perdido as linhas de tensão e as marcas do sofrimento.

Rebeca ficou ali, em silêncio para não acordá-lo. Quem seria ele, como vivia, de onde era esse homem atraente, de personalidade marcante? Sem qualquer dúvida, fora muita sorte sua ter alguém tão forte e seguro como companheiro numa situação difícil como a que se encontravam agora!

Guy não lhe dava a impressão de ser casado pois em nenhum momento mencionara esposa ou filhos. Alei desse detalhe bastante significativo, aproximara-se daquela loira, no aeroporto, com a descontração e a perícia de um solteiro, acostumado a abordar mulheres atraentes.

E quem resistiria a um desconhecido tão fascinante?

Guy chegava a ser demasiado bonito para um homem! O rosto moreno fora esculpido com os toques perfeitos de um Michelangelo e os olhos verdes, escuros como as folhas dos pinheiros, tinham um brilho sedutor. Um ou outro fio prateado entre os cabelos negros indicavam que ele já teria mais de trinta anos e devia ser vivido e experiente.

Se Rebeca fosse outro tipo de mulher, estaria encantada agora! Estar completamente isolada do mundo ao lado de um homem sensual e viril seria considerado um presente dos céus! Ela, porém, não costumava pensar a respeito de relacionamentos íntimos. Sabia muito bem que Guy nunca a acharia atraente e logo iria tratá-la como um companheiro do mesmo sexo, estabelecendo uma camaradagem fácil, sem lembrar-se de que ela era mulher, com desejos e anseios tipicamente femininos.

Há muito tempo Rebeca deixara de se magoar com a atitude masculina em relação a ela. Em geral não atraía os homens, que até mesmo ocultavam seu desagrado, tratando-a de maneira informal, sem vê-la como mulher.

Rebeca, aliás, aceitava de bom grado essa situação pois compreendia o comportamento masculino. Odiava seu corpo deformado pela gordura e sentia pavor de imaginar-se vista em trajes íntimos por qualquer pessoa, homem ou mulher. O sexo, portanto, fora afastado de sua vida e principalmente de seus pensamentos, desde a época em que as jovens começavam a pensar nas primeiras carícias.

Suas diversões na adolescência nunca tinham sido as mesmas das outras garotas. Enquanto elas sonhavam com roupas e namorados, Rebeca pensava em comer!

Para compensar-se da falta de um namorado carinhoso, ela devorava enormes quantidades de comida. Nas caixas de bombons, esquecia que era a única jovem a ficar em casa nos sábados à noite!

Rebeca fugia de espelhos ou qualquer superfície que a refletisse de corpo inteiro: fixava a vista apenas no rosto e nos cabelos. E, apesar de viver em contato com pacientes do sexo masculino, ignorava a existência do relacionamento íntimo entre homens e mulheres.

Os impulsos naturais dos sentidos não existiam, pois Qualquer sensação mais instintiva era sufocada com vigor. Julgava que esse tipo de emoção só a faria sofrer, e portanto era melhor não tê-la! Afinal, podia sentir prazer semelhante entre caixas de chocolate... e era tão mais seguro!

A voz de Guy livrou-a de lembranças amargas, trazendo-a de volta para uma realidade não menos difícil.

— Por quanto tempo eu dormi, Rebeca?

— Quase duas horas...

— Droga! Eu pretendia descansar apenas alguns minutos. Preciso pescar!

— Você estava precisando é desse sono. Agora não há perigo de dormir durante a pescaria.

— Conseguiu as iscas? Pegou alguma rã?

— Cinco!

— Não lhe disse que você era muito mais esperta do que elas?

— Só que as rãs são bem mais rápidas. Não foi nada fácil. Tem certeza de que há mesmo peixes nesse lago gelado?

— As trutas gostam de água fria, mas com a fome que sinto podiam até ser uns míseros lambaris!

— Bem... se você está mesmo faminto... eu encontrei comida...

Rebeca estendeu a bolsa para ele. Guy fitou-a intrigado até que o conteúdo começasse a cair no chão como uma chuva brilhante e multicolorida.

Ela sempre mantivera em segredo seus hábitos alimentares e ninguém jamais soubera a respeito das enormes quantidades de doces que sua bolsa escondia, assim como os armários, as gavetas, as latas... Agora revelava o seu pecado diante de Guy. Uma mulher gorda como ela, com dezenas de chocolates na bolsa, mostrava o descontrole emocional de quem se escravizava à gulodice.

Rebeca conhecia bem as reações das pessoas em relação ao seu problema! Sua mãe a julgava uma criatura fraca e sem graça e não deixava de mostrar freqüentemente a sua rejeição total.

Guy, sem dúvida, também se sentiria do mesmo modo e ela se preparou para enfrentar a humilhação, os comentários cáusticos e ofensivos.

— Por Deus! A garota devia estar faminta!

Ele fitou Rebeca sem piscar. Sua sensibilidade aguçada o fizera perceber o terrível embaraço da pobre jovem.

— A loira do vestido de lantejoulas... ela tem uma paixão desenfreada por chocolates, não acha?

— É... parece.

A delicadeza de Guy em poupá-la de uma humilhação e críticas destrutivas, como sua mãe costumava fazer, a tornou grata a ponto de encher-lhe os olhos de lágrimas.

— Vamos comer apenas uma barra por dia — disse Guy, fingindo que não havia percebido as lágrimas de Rebeca — e começaremos hoje à noite após o jantar. Que tal uma bela truta grelhada e bem dourada em fogo lento e como sobremesa um delicioso chocolate?

— Pelo amor de Deus! Pare de falar ou desmaio de fome.

— Então vamos tratar do prato principal, pois também estou faminto!

Guy não podia andar nem se apoiar nela, por isso foi preciso que se arrastasse até as rochas na beira do lago enquanto Rebeca levava a caixa de pesca. Cada movimento brusco causava uma dor violenta que se refletia nas contrações do rosto pálido. Não havia, porém, nenhuma outra manifestação de sofrimento.

Rebeca sentiu um impulso de tocá-lo nem que fosse apenas para dar-lhe ânimo, mas evitou qualquer gesto que lembrasse piedade. Ele era orgulhoso e independente demais para aceitar que alguém o ajudasse a carregar sua cruz.

— Cuidem-se, peixes! Nós estamos loucos por um jantar bem saboroso.

Sentada ao lado dele, Rebeca sentiu uma paz enorme invadi-la. Era tão bom estar com Guy na beira do lago, vendo a bruma descer lentamente sobre a água como uma densa cortina de algodão. O sol ainda brilhava, apesar da hora tardia, e uma brisa leve soprava formando ondulações sinuosas na superfície da lagoa.

Os restos do avião já não lhe causavam sofrimento e pareciam fazer parte da paisagem rude. Era preciso ignorar os dois seres humanos que jaziam entre os escombros, não numa atitude egoísta, mas como uma autodefesa para esquecer a morte, o sofrimento, o estrago que causara o acidente, que parecia ter ocorrido há muito tempo atrás, e não há poucas horas. A tarde trouxera emoções novas que a vida anterior se tornava indistinta como uma fotografia muito antiga.

Agora existia apenas um silêncio partilhado por duas criaturas presas por uma necessidade igual: a obtenção de um belo peixe para o jantar!

Capítulo III

A agenda de Rebeca, encontrada na bolsa quase sem anotações, despertou nela o desejo de manter um diário, relatando a aventura extraordinária vivida naquele exílio involuntário nas florestas do Ártico.

Ela jamais tentara escrever nada a sério e nem mesmo durante a adolescência sentira vontade de guardar para a posteridade as lembranças singelas de seu dia-a-dia. Mas era impossível ignorar que uma experiência como a que estavam vivendo jamais se repetiria e, se não a gravassem logo, o tempo se encarregaria de apagá-las da memória. Assim como as lembranças doces da infância se tornavam indistintas e fragmentadas, a vivência dura e desgastante em meio à natureza implacável também se perderia nas brumas do esquecimento.

Rebeca escreveu seu diário durante três semanas e só muito tempo mais tarde percebeu o quão pouco revelara da situação e o quanto ocultara. Nas estrelinhas, porém, surgia, involuntariamente, a realidade penosa.

As páginas soltas do fichário revelavam um otimismo que nem sempre estivera presente para amenizar as dificuldades dessa vida primitiva. Nas noites geladas, havia apenas um cobertor muito fino para se abrigarem dos ventos glaciais. Para aumentar o desconforto, não tinham um banheiro nem privacidade para ela se lavar no lago. E, superando tudo, pairava um terror constante de saberem que qualquer descuido poderia ser fatal.

Rebeca relatara todos os triunfos e os fracassos, os medos e as pequenas alegrias, mas sem perceber evitara tocar nas emoções mais profundas, nos pensamentos mais íntimos.

As anotações terminaram abruptamente, como se a fonte criativa tivesse secado. Sem motivo algum, a caneta cessara sua tarefa de preservar as memórias...

Terça-feira, 1 de julho

Guy contou-me que hoje é o Dia Nacional do Canadá, um feriado importante, por isso resolvemos celebrar também. Esta manhã, comeremos uma barra de chocolate inteirinha, em vez de apenas um pedaço cada um! Nosso desjejum vai parecer uma festa e dará um brilho especial ao resto do dia.

Guy decidiu pescar no início da manhã e no fim da tarde, pois era nessas horas que os peixes procuravam alimento. Quando a pesca é farta, guardamos alguns na parte mais rasa da lagoa, presos nos anzóis, rezando para que nenhum animal os devore!

Quando Guy não está pescando, trabalha muito para transformar nosso acampamento num local mais confortável. Já fez uma vasilha de madeira, pois a caixa do piloto tinha apenas um prato, e pretende usar galhos mais retos para os talheres. Até agora estávamos partilhando tudo e será um luxo termos nossos próprios utensílios. Ele é tão jeitoso! Com galhos secos fez uma vassoura e colocou o espelho que havia em minha bolsa no tronco do pinheiro onde está presa a lona da tenda. É ali que Guy faz a barba todos os dias e eu escovo os dentes... Nem penso em maquiagem; seria um trabalho a mais e pareceria absurdo pintar os olhos para caçar rãs!

Já avisei a ele que agora deve começar a construir uma casa. Estou cansada de dormir embaixo de uma lona furada e sentir pingos de chuva no meu travesseiro. Ele disse que eu devia cair de joelhos para agradecer a Deus por ter um teto sobre minha cabeça e um teto tão bem construído.

Para dizer a verdade, eu me orgulho e muito do abrigo que construí. Custou-me um esforço inacreditável e quase dois dias cortando galhos para construir as duas únicas paredes desta casa "luxuosa"!

Para quem não sabia pregar um prego, foi um progresso e tanto!

Quinta-feira, três de julho

Decidi tomar banho esta manhã e então descobri por que algum gênio brilhante inventou a banheira e o sistema de encanamento!

Como não estava disposta a carregar água e esperar que esquentasse na pequena e lenta fogueira do acampamento, achei mais fácil ir até o lago. Foi a idéia mais doida que já tive até hoje!

A água com certeza é pura neve derretida! Fiquei quase uma hora batendo os dentes de frio e, apesar de Guy ter-me ajudado a secar o cabelo com um cobertor, ainda não consegui me aquecer.

Seria melhor tomar menos banhos, mas não consigo suportar a sensação de sujeira! Não há como sujar-se por aqui? Puro engano! Estou sempre com as mãos cheias de terra, com manchas verdes de limo e o rosto suado de tanto trabalho pesado.

Ai que saudades dos confortos da civilização!

Esta tarde, Guy e eu fizemos uma relação dos artigos de toalete à nossa disposição. Temos três escovas de dente, quatro tubos de pasta mentolada, creme de barbear, uma tesourinha e

uma caixa de lixas de unha que ele usa para dar polimento aos objetos de madeira que faz.

Como a quantidade de sabonetes é grande, os banhos não serão racionados.

Ele pediu-me para deixá-lo sozinho no acampamento por uma hora, pois não pode locomover-se até o lago para tomar banho. Eu insisti em ajudá-lo, afirmando que dar banho em pacientes do sexo masculino faz parte do trabalho de uma enfermeira, mas Guy recusou-se terminantemente a aceitar qualquer auxílio meu!

Quando voltei, ele estava limpo, mas cansado e quase morto de frio: o desgaste de energias fora muito grande. Por sorte tínhamos um peixe preso no lago, porque o pobre homem não teria forças para pescar esta tarde.

Graças a Deus a perna de Guy melhora a cada dia! As aspirinas que encontrei na bolsa já estão no fim e não sei como ele suportaria a dor, que deve ser terrível, sem um único analgésico!

Às vezes a vida na cidade me parece tão longínqua, tão irreal! É como se eu sempre tivesse vivido aqui, entre céu, água e uma infinidade de pinheiros silenciosos!

Sábado, cinco de julho

Hoje foi um dia terrivelmente frustrante!

Um avião sobrevoou a área, mas voava alto demais para perceber a nossa presença aqui. Mesmo sabendo disso, nós dois ficamos quase loucos!

Guy colocava galhos e mais galhos na fogueira com esperanças de que a fumaça chamasse a atenção do piloto. E eu parecia uma alucinada, correndo até o lago e voltando, a gritar desesperadamente! Como se fosse possível alguém nos ouvir...

Como era de esperar, o avião seguiu seu curso e eu tive uma crise de choro!

Apesar de suas tentativas de me consolar, percebi que Guy também ficou muito desanimado, quase triste! O senso de humor do meu companheiro de infortúnios é única alegria que eu tenho, e sem sua maneira irônica de ver o lado cômico de tudo, creio que não sobreviveríamos.

Ele teve a idéia ridícula de dar nome a nosso apetite sempre insatisfeito: O meu é Jezabel e o dele, Lúcifer! Assim podemos culpar alguém pelos ruídos indiscretos e poucos educados de nossos estômagos!

Nem todo o peixe que pescamos é suficiente para acalmar nossa fome devastadora! Jezabel e Lúcifer vão para a cama conosco todas as noites e acordam com os pássaros. A presença deles é tão insistente que sempre rezamos para ter uma pescaria farta!

Ouvi dizer, muitas vezes, que a necessidade é a mãe da criatividade mas nunca houve em minha vida uma chance para provar a sabedoria dessas palavras. Agora descobri como são verdadeiras, pois desenvolvi incontáveis métodos para caçar rãs e garantir nossa parca alimentação!

Domingo, seis de julho.

Mais um grande mistério se desvenda diante de meus olhos aqui nesta desolação! Os homens primitivos não tinham tempo de ser mais civilizados por um único motivo: usavam todos os minutos do seu dia para conseguir comida e um abrigo seguro!

Passamos o tempo inteiro pensando numa refeição, seja tentando consegui-la, seja tentando torná-la saborosa.

Hoje, por exemplo, debatemos durante horas sobre a maneira de enriquecer nossa dieta. Precisamos de vitaminas e volume digeríveis ou logo teremos grandes problemas.

Como Guy não podia sair em busca de alimentos, eu passei boa parte da tarde recolhendo plantas. Ele já me havia prevenido sobre um determinado tipo de amoras venenosas, mas, além delas, não existia para comer nada além de folhas estranhas. Mesmo assim, continuo determinada a encontrar uma planta de gosto menos desagradável para fazer um chá.

É tão reconfortante tomar uma bebida quente de manhã! Evito pensar em café e nas incríveis quantidades que eu bebia desse líquido delicioso.

Apenas uma entre as dezenas de plantas colhidas por mim pôde ser utilizada. Segundo Guy, é uma espécie de samambaia selvagem chamada... sapatinho-de-moleque. Ele disse que poderíamos comê-la crua, mas influenciada pelo nome sugestivo resolvi cozinhar tudo para perder... o cheiro!

Graças à minha idéia brilhante, gastei toda a lenha armazenada para a noite e precisei sair para rachar mais. Se não fosse por esse incidente, eu jamais descobriria meu talento de lenhadora. Ainda sinto dores nos braços mas derrubo uma árvore num piscar de olhos!

Quarta-feira, nove de julho

É interessante como nossas prioridades podem mudar tão radicalmente!

Ontem eu daria tudo por um jantar decente, um pedaço de carne suculenta e bem temperada. O sol brilhava e minha fome parecia ter atingido o limite máximo. Hoje, porém, desistiria até do costumeiro peixe sem gosto, mas indispensável, para ver esta chuva parar!

Quando acordei pela manhã, o céu estava tão negro que parecia ser noite ainda. Logo vieram os raios, tornando tudo fantasmagórico ao nosso redor. No escuro, o ruído dos trovões era apavorante, como se o mundo fosse se partir em mil pedaços.

E então a chuva começou... Gotas enormes tamborilam sobre a lona esticada num ritmo incompreensível, constante e enervante. Há goteiras num dos lados da tenda e foi preciso levar tudo para o outro extremo. As almofadas retiradas das poltronas do avião, o saco de dormir do piloto e as roupas que reunimos vão ficar úmidas, mas não há outro remédio. Pelo menos temos roupas suficientes.

Sem perceber, acabamos por aderir ao "jogo do contente", a brincadeira da famosa Polyanna, que procurava sempre ver o lado bom dos fatos, mesmo nas situações mais difíceis.

Entretanto, não é nada fácil manter o moral elevado num dia tão horrível! Manhã e tarde se passaram debaixo de uma chuva forte e numa escuridão quase total. O casaco de Guy é de couro e, apesar de forrado de pele de carneiro, não consegue evitar a infiltração da umidade. Eu vesti quatro malhas de lã e pus um cobertor na cabeça, mas já estou me sentindo como uma cachorro que caiu numa poça d'água.

Meu único consolo foi pensar nos chocolates guardados com tanto cuidado. Debaixo de tanta água, era impossível sair para pescar e quem sabe almoçássemos uma barra inteira cada um!

Guy acabou logo com minhas ilusões. Afirmou que cada pedaço de chocolate é um tesouro de proteínas e deve ser consumido com parcimônia. Pediu-me para enfrentar a chuva e a escuridão a fim de ir pegar um peixe fígado na véspera e que estava preso no lago.

Como não havia outro remédio fui, certa de que ele descobrira algum modo genial de acender uma fogueira de baixo da lona. Mais uma vez, eu avaliei mal as dificuldades penosas da vida primitiva. Não existe um único método em todos os manuais de sobrevivência na selva que ensine a fazer fogo embaixo da água.

O peixe, foi comido cru!

Minha fome, no entanto, atingira tal proporção que devorei aqueles pedaços de carne fria e os Comi como se estivesse saboreando um petisco de qualidade rara. Quando penso que na vida distante e dourada da cidade, eu torcia o nariz para qualquer tipo de pescado, mal posso acreditar!

Nunca passaria pela minha cabeça que algum dia iria comer carne crua. Agora, se encontrasse um frango empacotado desses de supermercados, seria capaz de devorá-lo... sem tirar o papel!

Só agora eu me conscientizo de como o progresso transformou nossa vida num sonho cor-de-rosa. Milhares de opções se oferecem a nós. É uma pena que apenas depois da perda venha a constatação de quantos bens tínhamos em nossas mãos, sem saber!

Encostado no tronco do pinheiro, Guy observava Re-beca escrevendo sem parar. Ao menos ela encontrara um meio de passar as horas sem pensar numa situação que a cada dia se tornava mais crítica!

A chuva caía com insistência há dois dias e a umidade parecia chegar até os ossos. Seu casaco seria bem quente se não estivesse molhado e, quanto a Rebeca, nem mesmo as roupas superpostas, que a transformavam num gordo boneco de neve, conseguiam livrá-las do frio.

E a falta de atividade deixava Guy ainda mais tenso. Sua maior preocupação era com a alimentação pobre em proteínas que tinham. Os chocolates estavam quase no fim e, embora sempre houvesse peixes no lago, sua sorte como pescadores podia mudar de um momento para outro.

Se aos menos houvesse um modo de construir uma armadilha para caçar esquilos! Ele já pensara em tudo a possibilidade menos absurda era usarem os fios elétricos do avião para fazerem um laço que ficaria escondido nas folhas caídas no chão.

O problema porém era retirar os fios do motor. Mais uma vez seria Rebeca quem faria o trabalho duro. Com aquele excesso de peso, subir no avião se tornava uma façanha quase impossível para uma mulher que não tinha nem um quinto da força dele. Desgraça! Sua perna o transformara num inválido inútil!

A tenda, por sorte, ainda resistia ao vento, e o canal que ele construía com tanto esforço dava escoamento à água da chuva, evitando um alagamento no único lugar relativamente seco com o qual podiam contar.

O espaço coberto pela lona tinha o tamanho de uma cama de casal e mal abrigava dois adultos e seus poucos pertences. Apesar de apertado, o chão forrado de folhas não os deixava em contato com a terra úmida. As duas paredes feitas de galhos estavam molhadas, mas impediam a chuva de entrar e estragar o pouco que tinham.

Rebeca levava quase dois dias para fazer o abrigo com o machado nas mãos e não fizera sequer uma reclamação. Ocasionalmente esfregava os ombros como se estivessem doendo, mas não abria a boca.

Ele teria se oferecido para fazer uma boa massagem nos músculos doloridos se já não tivesse percebido que Rebeca evitava contatos físicos. Assustada, recuava quando suas mãos se roçavam acidentalmente, como se detestasse ser tocada.

Que jovem estranha o destino escolhera para fazer-lhe companhia! Guy jamais encontrara em toda a vida uma mulher com características tão excepcionais, e tão diferente das outras!

Em primeiro lugar, ela era capaz de ficar em silêncio. Não enchia o ar de sons, querendo ouvir a própria voz ou procurando chamar a atenção sobre si mesma. Trabalhava por horas sem falar, restringindo-se às perguntas e respostas indispensáveis e concentrando-se de maneira absorvente no que estava fazendo.

Além do bálsamo do silêncio, ela revelou um senso de humor aguçado e, acima de tudo, não se queixava, nem uma vez reclamou do trabalho pesado que recaía todo sobre seus ombros femininos e frágeis ou fez algum comentário amargo sobre a monótona e constante dieta de peixe que não lhes saciava o apetite.

Guy sentia-se faminto mesmo após as refeições e sem dúvida Rebeca também devia estar fraca de fome. O exercício exaustivo, ao qual ela não fora preparada para enfrentar, só devia aumentar o apetite. A pobre moça havia sido obrigada a dar conta de tarefas duras e suas mãos estavam cheias de bolhas de tanto cortar lenha, carregar madeira, lavar roupa e arrancar raízes e plantar para melhorar a dieta dos dois.

Ele não conseguia imaginar nenhuma das mulheres que conhecera comportando-se com tanta dignidade quanto Rebeca numa situação dessas. Estariam tentando manter a pose de um manequim, chorando a cada unha quebrada e reclamando da falta de um espelho decente.

Havia sido mesmo uma bênção ter Rebeca a seu lado pois até mesmo um homem criaria problemas sérios. Ela não.

Aceitava seus conhecimentos de sobrevivência na selva sem discutir e acatava suas decisões com um sorriso.

Guy se lembrava de alguns amigos que o teriam deixado louco no primeiro dia se estivessem em condições de tanta tensão e perigo!

Aquela garota exercia um efeito tranquilizador sobre ele, acalmava-o pela simples presença tranqüila ao seu lado. Pela primeira vez desde o acidente, pensou nela como uma mulher com um passado, com sentimentos e emoções sobre os quais nada sabia. De onde viria e porque se deixara ficar tão gorda?

Os fatos básicos da vida de Rebeca não eram nenhum mistério mas também não o ajudavam a conhecê-la mais a fundo. Ela viera de uma cidade pequena ao norte do Estado de Nova York, tinha vinte e oito anos, duas irmãs e deixara a proteção do ambiente familiar para aceitar um posto bem remunerado mas trabalhoso, num hospital de Fort Good Hope. Até o momento essas informações haviam sido suficientes, mas agora queria saber mais detalhes!

— O que você está escrevendo? Poemas líricos sobre gotas caindo nas folhas frágeis?

— Não são poemas mas o assunto é mesmo essa chuva interminável e... peixes!

Aquele era decididamente o dia das revelações! Ele nunca havia notado o sorriso de Rebeca antes! Os lábios bem desenhados revelavam dentes muito brancos e perfeitos e duas covinhas encantadoras surgiam-lhe no rosto.

— Peixe frito, assado ou grelhado?

— Cru! Sabe que não achei tão horrível como seria de esperar? Parecia...

— ... parecia carne crua, mais nada. Não há como fugir dessa conclusão categórica. Nem usando todos os recursos de uma imaginação fértil conseguiremos provar aquela borracha sem gosto e sentir o mesmo prazer de comer um frango assado ou um belo filé!

— Ai! É melhor não falar em comida. Quando eu me lembro dos sanduíches...

— Tem toda a razão, enfermeira! E não vai adiantar sair pela floresta à procura de uma boa lanchonete. Só há peixe cru por aí!

— Tâmara, a minha irmã, fez uma propaganda para uma grande cadeia de lanchonetes. Vestiu-se de palhaço, com uma peruca ruiva e um nariz de tomate... nem se percebia quem estava atrás da fantasia.

— Ela é modelo fotográfico?

— Não. Quer ser atriz, mas como o início é muito duro, faz algumas propagandas. Apesar de ser uma carreira difícil, ela vai conseguir. Tâmara é assim.

— Assim como?

— Oh! Cheia de energia e vitalidade, uma garota ambiciosa e determinada a vencer na vida. Você conhece o tipo de pessoa que sempre consegue o que quer porque arregaça as mangas e vai à luta?

— Sem dúvida — Guy não estava interessado em Tâmara e insistiu: — E você? Não deixou um trabalho agradável e sem muitos problemas para aceitar um posto cheio de riscos nos confins do Ártico?

— Eu já tinha alcançado uma boa posição no único hospital de Fairfax. Com apenas cem leitos, só há lugar para uma enfermeira-chefe e a atual ainda tem quinze anos de trabalho ativo antes de chegar à idade de aposentar-se. O ideal seria ir para uma cidade grande, com muitos hospitais, onde eu teria mais oportunidades. Só que precisaria de muito dinheiro para isso e não tenho. Quando vi o anúncio no jornal, procurando enfermeiras dispostas a ir para o Ártico, gostei do desafio! Lá as enfermeiras têm quase tanta responsabilidade quanto os médicos, fazem partos e...

— E colocam ossos quebrados no lugar?

— Não sei. Ainda não comecei a trabalhar e me parece que tudo está tão longe!

— Você me deu a impressão de ser tão forte e corajosa quanto sua irmã.

— Oh, não! Tâmara é a grande lutadora da minha família. Ela conversa com desconhecidos, mesmo os mais assustadores, e não se acovarda diante de nenhuma situação. Ela...

Enquanto Rebeca enumerava as qualidades excepcionais da irmã, Guy se perguntava o que a tornara tão tímida e relutante em falar sobre si mesma. Era como se ela tivesse nas mãos uma enorme borracha, disposta a apagar os mínimos traços deixados por sua passagem. Toda vez que o assunto a tornava o centro da atenção, desviava imediatamente a conversa numa direção oposta. Parecia ter um verdadeiro horror de falar ou pensar em si mesma.

Não fora difícil perceber que Rebeca usava a gordura como fuga, mas de quem ou de que ela tentava esconder-se?

Guy não acreditara nem por um minuto que as qualidades visíveis de Rebeca fossem um reflexo de sua verdadeira essência. Ela seria uma santa! Atrás da serenidade e competência, existia, sem dúvida, alguém com emoções fortes

como raiva e impaciência. Onde estaria a mulher capaz de rir, chorar, gritar e amar?

— Por que não admite que é preciso coragem e força para trabalhar no Ártico, Rebeca?

— Não pensei nisso, só achei que seria estimulante mudar de emprego.

— Talvez quisesse fugir de alguém... Ou de sua própria família?

A expressão tensa de Rebeca revelou o quanto as palavras de Guy a haviam atingido.

— Não entendo.

— Muitas pessoas vêm para o Ártico após um caso de amor fracassado ou uma crise familiar difícil de superar. A maioria dos homens que trabalha para mim é divorciada ou está pensando em separar-se. Esta região isolada não atrai quem vive feliz, num ambiente alegre e cheio de amizades.

— E você é um desses homens infelizes?

— Sim.

Guy não pretendia surpreender-se com a mudança de atitude de Rebeca pois sua intenção fora fazer vir à tona a mulher oculta atrás da máscara bem-comportada da enfermeira Clark. No entanto, a pergunta direta, visando atingi-lo com a mesma intensidade usada por ele, o deixou sem ação.

— Compreendo que não queira falar no assunto, Guy.

— O divórcio será homologado dentro de um mês e...

Como explicar todo o rancor e a amargura presentes nos momentos que precedem uma decisão tão difícil? Quem não passou por essa situação penosa não pode saber quantas lutas, agressões e queixas vêm à tona nessa hora, nem como os participantes se ferem sem piedade! E, conforme acontecera antes, Rebeca não reagiu como a maioria das mulheres. Ficou em silêncio, sem fazer as típicas insinuações que Guy já aprendera a não responder diretamente. Não quis saber por quantos anos ele estivera casado, como era sua ex-esposa nem qual o motivo do divórcio. Sem o menor vestígio da curiosidade tão própria do sexo feminino, não pensou nos detalhes sórdidos de uma separação e fez apenas uma pergunta.

— Você tem filhos?

— Não. Minha esposa... bem, ela não podia tê-los.

— E você queria muito?

— Não. Jamais pensei nisso. Nunca os quis.

*Sábado, doze de julho
Enfim o Triunfo!*

Finalmente encontrei uma planta capaz de fazer um chá decente! Depois de experimentarmos uma centena de ervas estranhas, com grandes possibilidades de um envenenamento fatal, só conseguimos distinguir um gosto pior do que o outro. Continuamos vivos, mas com a boca amarga.

Essa erva parece ser um tal de chá-de-pioneiro, usado pelos desbravadores desta região agreste e a única a ter uma ligeira semelhança com a tradicional bebida inglesa.

No início, eu fervia ramos na água e então descobri que secando-as ao fogo e depois esfarelando as folhas, o chá tem um gosto bastante agradável. Deixo ferver para ficar forte e, pelo bem-estar sentido quanto o tomamos, Guy acredita que haja um teor bem alto de vitaminas nesta planta.

Animada com essa possibilidade, tentei fazer uma salada com as pequenas frutinhas verdes que parecem pinhões. Infelizmente tive uma triste idéia pois, além de ser intragável, esses "pinhões", ao encostarem sua pele, dão uma alergia violenta!

Por sorte foi o meu braço esquerdo o atingido pela irritação que queimava como fogo. O abastecimento de lenha continua a ser feito... com o braço direito!

Domingo, treze de julho!

Há dias Guy vem insistindo em começar a andar. Desde que retirei as talas feitas de galhos, colocando apenas um tecido firme em volta de sua perna, ele ficou inquieto. Apesar de a pele ter tantas cores quanto um arco-íris, o osso parece ter se soldado e o inchaço quase sumiu.

Guy está cansado de rastejar ou de apoiar-se nos meus ombros e nós dois levamos um bom tempo até descobrir como fazer uma par de muletas. Fui à procura de galhos de altura certa, com forquilhas onde ele pudesse apoiar os braços, mas passou-se quase um dia até que eu encontrasse duas iguais.

Agora, Guy anda por toda a parte com um ar de pirata! Ele não decidiu ainda se assume a fantasia e deixa a barba crescer. Por enquanto está se barbeando a cada dois dias, mas como o creme de barba vai acabar muito em breve, a decisão será tomada pela falta de equipamento.

O sabão é precioso demais para ser desperdiçado por vaidades pessoais. Aliás, é extraordinário como as pessoas se adaptam logo às mais terríveis situações.

Quando me lembro dos cuidados incríveis que eu tomava com minha aparência, mal posso acreditar no que vejo!

Meu cabelo, sempre brilhante e sedoso, clareou com o sol e permanece preso num rabo para evitar que caia nos olhos e me atrapalhe. Quando às unhas... Partida e cheias de terra, parecem garras de algum animal!

No dia do acidente, pensei que não haveria condições de sobreviver num lugar tão isolado e selvagem. Agora, tenho a impressão de ter vivido nessa tenda há anos e me parece que ficaremos aqui para toda a eternidade. Desapareceu a angústia... mas por que motivo?

Talvez a filosofia de Guy tenha me transformado. Ele não fica à espera de milagres ou de bênçãos caídas do céu nem acredita em soluções a curto prazo. No primeiro dia me assustou muito dizendo que não deveríamos aguardar socorro. Em vez de gastar nossas energias com esperanças vãs, era melhor pensar em como sobreviver.

As prioridades básicas consistiam em construir um abrigo e racionar os alimentos. Aprendi a economizar minhas energias para usá-las só quando extremamente necessário.

Nunca conheci alguém como Guy! Ele tem uma força interna e uma capacidade de transmitir segurança que tornam nossa vida menos terrível. Eu o admiro muito...

Segunda-feira, quatorze de julho

Hoje aconteceu algo fantástico!

Como sempre, saí de manhã à procura de plantas e raízes por um caminho que marquei com as lantejoulas do vestido de Sandra para não me perder. Ouvi um barulho nos arbustos porém não prestei muita atenção. Só quando vi uma raposa cruzar à minha frente, pensei que talvez tivesse interrompido sua caçada e fui pesquisar.

Atrás das moitas estava um coelho, tão lindo, mas já sem vida.

Foi preciso muito esforço da minha parte para superar a pena do animalzinho, mas no fim venceu o instinto de sobrevivência. Voltei correndo para o acampamento, balançando o bichinho como se fosse uma bandeira conquistada ao inimigo.

Jamais esquecerei o sorriso de Guy quando viu o coelho!

Mesmo sem se queixar nenhuma vez, ele devia estar tão desesperado quanto eu com nossa ração diária de peixe e raízes sem gosto. Guy não parava de abraçar-me e só não deu

pulos de alegria porque sua perna não permite ainda tais acrobacias.

Eu declinei a honra de preparar a iguaria, preferindo um bem merecido repouso enquanto Guy bancava o açougueiro. Não tive coragem de contar-lhe que meu amor pelos animais me impedia de aceitar tal honra!

Eu nunca havia provado carne de coelho, mas já ouvi falar que se parece com frango. Na verdade, é muito melhor! Espero que o pobre coelhinho esteja no céu dos bichos, pois nunca a morte de um animal teve um motivo tão válido!

Quarta-feira, dez de julho

Um outro avião passou por aqui sem nos ver. Embora voasse bem mais baixo, a ponto de parecer que o piloto não poderia deixar de ver-nos... nada aconteceu!

Guy trabalhou arduamente para atizar o fogo e aumentar a fumaça enquanto eu realizava minha dança frenética à beira do lago mas foi tudo em vão.

Evitei a crise de choro da outra vez e assim percebi a angústia e a fúria de Guy. Sua reação me assustou. Jamais o havia visto tomado pela raiva nem ouvido tantas pragas!

Tentei distraí-lo, sugerindo que deixássemos o fogo sempre aceso. Eu trabalharia dobrado para manter um bom suprimento de lenha. Minha proposta foi recusada sob a alegação de que seria um desgaste excessivo de energia, além de inútil.

O único resultado positivo depois de tanto desapontamento foi a conclusão de Guy sobre a possibilidade de aviões estarem seguindo uma rota conhecida, o que nos situaria nas proximidades da auto-estrada de Dempster.

Ele passou o resto da tarde fazendo cálculos e levou horas até definir nossa posição aproximada: estávamos localizados a leste das montanhas Richardson, a oeste do rio Mackenzie e ao sul da auto-estrada. Guy não deu mais nenhuma palavra pois se concentrou em traçar rotas que nos permitam voltar à civilização sem grandes e exaustivos desvios.

Fiquei muda pois não tive coragem de fazer uma confissão surpreendente: não sinto o mesmo desespero dele em sair daqui!

É lógico que quero voltar ao mundo civilizado e imagino a angústia de minha mãe, Tâmara e Célia sobre meu paradeiro. Além disso, estou sempre com fome e cansada, mas nunca me senti infeliz aqui. Não sei bem qual o motivo, porém aquela sensação de angústia e desespero... parece ter desaparecido!

Quinta-feira, dezessete de julho

Guy e eu decidimos montar um restaurante quando sairmos daqui. A localização não é importante para nós... apenas o cardápio nos interessa agora!

Desde manhã, enquanto ele pescava e eu cerzia um buraco no saco de dormir, discutimos se serviremos comida italiana ou francesa!

Ele prefere frango com vinho, cebolas translúcidas e cogumelos enormes boiando no molho espesso e a famosa torta Tatin. Segundo Guy, essa sobremesa foi inventada por duas velhotas distraídas, as irmãs Tatin, que colocaram a torta no forno de cabeça para baixo e por isso as maçãs ficaram carameladas!

Meu gosto se inclina indubitavelmente para pratos de maior valor calórico. Não há nada como um macarrão com molho de quatro queijos, acompanhado por pão de alho e uma garrafa de vinho tinto.

Nossas bocas ficaram cheias de água até o momento em que Guy tirou do lago uma pequena truta. O problema não é a monotonia de nossa dieta e sim a quantidade diminuta!

Sábado, dezanove de julho

Encontrei o primeiro urso e tive uma sensação bem desagradável!

Estava, como de hábito, procurando comida quando percebi que o enorme animal, não sei se macho ou fêmea, também se dedicava à mesma atividade! Ao notar que partilhávamos o mesmo terreno de guloseimas, senti o ar faltando em meus pulmões!

Petrificada, sentia as batidas aceleradas do coração ecoando de tal modo que o animal quase podia ouvi-las. Ele ficou horas escolhendo frutinhas enquanto eu me debatia entre o desejo desesperado de correr de volta para o acampamento ou permanecer quietinha, para não ser descoberta.

Pensei no pobre Guy, sozinho e ainda sem condições de se locomover a fim de conseguir comida, e lembre que os chocolates já estavam quase no fim. No entanto, se eu fugisse, o urso me seguiria e nosso acampamento seria revelado.

Guy tinha dito que os ursos enxergam muito mal e, como o vento estava a meu favor, talvez o enorme animal acabasse indo embora sem fazer nenhum estrago. Todavia, cada minuto parecia uma eternidade e eu já não conseguia me manter imóvel.

Caí de joelhos quando o urso finalmente cansou-se de comer frutinhas e fiquei um bom tempo tremendo de pavor. Nunca vira garras tão longas e afiadas, capazes de esfaquear um ser humano em poucos segundos!

Depois desse episódio aterrorizante, Guy proibiu-me de ir muito longe em busca de comida e começou a fazer uma arma de defesa. Ao ver o pedaço de pau com o qual devo me defender só não caí na risada para não ofendê-lo.

Jamais terei chance alguma contra uma montanha de músculos se usar um bastão mais apropriado para jogar beisebol! Enfim, é melhor do que nada!

Apesar das tentativas de mostrar-me pouco abalada diante de Guy, tenho sonhado com o urso todas as noites e acordo banhada em suor. Por sorte, o sono dele ainda é bastante pesado por causa das noites mal-dormidas devido às dores na perna e não foi preciso explicar meus terrores noturnos.

Só agora percebo o quanto me iludi, acreditando que este exílio forçado era idílico, apesar da constante falta de comida. Foi uma estupidez da minha parte, mas também uma forma de autodefesa porque eu me recusava a admitir os perigos terríveis que nos ameaçam a cada instante. Infelizmente o medo só tornou os dias mais difíceis de suportar! É preciso lutar contra o pânico...

Sábado, vinte de julho

Já se passaram três semanas desde o acidente que nos colocou à beira de um lago, entre um mar de pinheiros! Conseguimos criar uma dieta tão eficaz que Guy pretende escrever um best-seller quando voltar ao mundo civilizado. Só me pergunto quem terá coragem de fazer um regime tão drástico para perder alguns quilos se há opções muito mais saborosas à sua disposição!

Eu já nem sei quanto emagreci e Guy está cada dia mais pálido e mais magro. No meu caso, a diferença é menos visível porque havia um excesso de peso muito grande para ser perdido, mas minhas calças precisam ser presas por um cinto ou vão para o chão!

Não joguei fora o sutiã porque precisamos reaproveitar tudo nesta situação de escassez. Depois de pensar um pouco, usei as alças para amarrar as ervas secas e logo encontrarei uma utilidade para o elástico forte e largo.

Se Guy conseguiu ensinar-me técnicas de sobrevivência, a principal foi sobre a necessidade de economizar tudo: energia,

idéias, objetos, enfim... utilizar cada migalha disponível em nosso íntimo e no mundo que nos cerca!

Tenho até impressão de que consigo controlar a fome, e o desejo compulsivo de comer já não me atormenta. Aquela fome febril e desesperada deu lugar a uma necessidade de alimento básico para criar energias.

Talvez a inexistência de prateleiras repletas de gulodices me ajude a não pensar nos doces que tanto me atraíam. E assim cheguei à conclusão de que a civilização não me faz bem. Há pressões em demasia, frustrações e brigas inevitáveis. Aqui só existe a natureza livre e sem culpas! A intenção de Guy era dormir apenas alguns minutos, mas seu sono se prolongou por mais de duas horas. A noite passada em claro devido às dores na perna esgotara sua resistência e, quando ele acordou, o sol já estava próximo das montanhas, indicando que o dia chegava ao fim.

Culpando-se por ter perdido tanto tempo útil, quando poderia ter iniciado a construção de um abrigo mais seguro para a noite, ele se levantou irritado. O fato de Rebeca ter visto um urso tornou mais premente a necessidade de se protegerem contra animais selvagens. As madeiras já haviam sido cortadas por Rebeca e ele não fizera nada além de dormir. Agora mal havia tempo para preparar o jantar. Na sua precipitação, Guy tocou o chão com o pé, sufocando um gemido de dor. Já estava cansado de usar muletas, de lutar para dominar o sofrimento, cansado de tudo!

Por alguns minutos, Guy deu-se ao luxo da autocompaixão, mas logo afastou esse estado de espírito prejudicial e desgastante e dirigiu-se ao lago para buscar água.

O percurso foi, como sempre, uma corrida de obstáculos! Cada pedra deslocava a madeira rústica das muletas, o chão era cheio de buracos. Isso exigia uma concentração total para que colocasse o pé saudável no lugar certo, enfim... nada era fácil para quem sentia dores violentas ao menor movimento!

Precisava ser capaz de mover-se com mais rapidez porque uma distância que tomaria cinco minutos para uma pessoa normal, custava-lhe uma torturante meia hora. Preocupado, Guy não viu Rebeca até chegar à beira da água, embora ainda oculto pelos arbustos que circundavam a lagoa.

Ela terminara de tomar seu banho e saía do lago, com os cabelos molhados reluzindo como cobre puro. Estivera nadando e o ruído de suas braçadas vigorosas a impedira de ouvir o barulho das muletas de Guy sobre as pedras.

Sempre excessivamente puritana diante dele, Rebeca por certo pensava que Guy continuava dormindo ou não estaria tão à vontade e despreocupada com sua nudez.

Guy sentiu a boca seca e não se afastou de seu esconderijo involuntário nem emitiu um único som que avisasse de sua presença. A visão diante de seus olhos não parecia real!

Os trajes volumosos não o tinham deixado perceber que a jovem obesa que tomara o avião em Inuvik há "séculos" atrás já não existia mais. Ele percebera o rosto cada dia mais fino, o queixo mais delicado, porém não pensara no que a forçada falta de alimentação teria provocado no corpo da companheira que em sua mente continuava obesa e sem formas definidas.

Agora a mulher diante de seus olhos, embora não pudesse ser considerada esguia, era alta e tinha proporções dignas de uma estátua grega!

A pele muito clara lembrava os mármore preciosos e gotas brilhantes adornavam um corpo de contornos voluptuosos que faziam o sangue correr mais rápido nas veias de qualquer homem.

Era impossível não maravilhar-se diante dos seios rijos e amplos, onde mamilos rosados, pareciam flores rubras sobre a neve. A curva suave da cintura, o arredondado dos quadris e as pernas longas e bem-feitas formavam um conjunto de formas perfeitas.

Certa de estar a salvo de olhares curiosos, ela enxugava-se com uma espontaneidade onde se mesclavam inocência e abandono. Como a rosa do Ártico que desabrocha entre a vegetação agreste e quase hostil, Rebeca lembrava essa flor frágil e preciosa, abrindo suas pétalas aveludadas num desafio à natureza selvagem, expondo-se ao vento frio para receber os raios do sol. Bela e sem medo, a flor e Rebeca floresciam num momento mágico, em plena solidão da floresta.

Um desejo violento o invadiu e Guy, mesmo julgando-se desonesto por espreitá-la como um adolescente tímido, não teve forças para afastar-se. Não sabia se tantos dias sem tocar uma mulher ou se o isolamento do mundo o haviam transtornado a esse extremo, mas precisou controlar-se para não chegar até ela.

Desde o acidente, evitara pensar em sexo e o esforço se tornara menos árduo por não considerar Rebeca uma mulher atraente, capaz de despertar seu desejo. Por esse motivo não tinha percebido as modificações sofridas por ela até aquela

momento de revelação súbita. Como resistir agora que vira aquele corpo sensual e pronto para o amor?

O desejo o impedia de raciocinar com coerência e sua única vontade era chegar até ela e tomá-la nos braços. Queria sentir a pele úmida do banho colando-se à sua e tocar os seios palpitantes...

Mesmo sabendo que era apenas um sonho, uma cura inatingível, ele continuou imóvel, prendendo a respiração a fim de não revelar a sua presença. Rebeca morreria de vergonha se soubesse que ele a vira nua, num momento de total intimidade, e a camaradagem alegre entre ambos desapareceria por completo.

Mas não seria nada fácil continuar a tratá-la como antes! Já não a via mais como um companheiro, um amigo do mesmo sexo com quem podia ficar completamente à vontade.

No entanto, se Rebeca percebesse qualquer mudança em sua atitude e desconfiasse do motivo, até mesmo a sobrevivência deles poderia ficar ameaçada. Haviam conseguido um relacionamento perfeito e dividiam as tarefas de acordo com as possibilidades de cada um, numa harmonia quase impossível de ser alcançada.

Para preservar essa paz tão produtiva, ele precisava continuar escondido, não revelar sua presença nem o fato de que já não mais a julgava sem atrativos. Tinha que sufocar um desejo intenso e disfarçar a cada momento a vontade de possuí-la!

Sem dúvida, ele se encontrava numa situação absurda e ridícula!

Sem coragem de dar um passo e, assim, assustá-la, Guy também não podia deixar de vê-la. Quanto a fechar os olhos... não tinha forças para tanto!

Inclinando a cabeça alguns centímetros, ele ocultou os olhos atrás de um galho de pinheiro que impedia a visão torturante daquele corpo nu e excitante.

Mas as águas plácidas do lago a refletiam, tão bem quanto um espelho, e ele continuou a vê-la enxugando a longa cabeleira ruiva.

Os reflexos se agitavam numa dança sinuosa e líquida e a imagem se partia em centenas de partículas brilhantes que se reuniam para formar curvas e ângulos de um desenho erótico e infinitamente sensual.

Apenas a brisa rompia o silêncio, murmurando sua canção entre os galhos frondosos dos pinheiros. Finalmente

Guy fechou os olhos para fugir de um desejo tão violento que ameaçava tirar-lhe os últimos vestígios de autocontrole.

Capítulo IV

Apesar de ser ainda muito cedo, o sol queimava as costas de Rebeca, que fora tirando, aos poucos, as roupas desnecessárias. Ela estava cortando lenha há quase uma hora e o frio da manhã, que a obrigará a se agasalhar, já se dissipara para dar lugar ao calor do verão.

Vestir-se estava se tornando um problema bastante difícil para Rebeca. Desde o acidente, ela perdera perto de vinte quilos e nenhuma de suas roupas servia mais. As blusas dançavam, as calças não paravam no lugar e até mesmo os sapatos saíam do pé! Sua única opção havia sido pedir emprestadas roupas de Guy, como a calça que estava usando, pois, apesar de largas, ficavam mais ou menos seguras se ela amarrasse uma cordinha na cintura.

Quanto aos trajes da jovem loira...

Sandra era mais baixa e tinha os ossos menores do que os de Rebeca. Além disso, parecia adorar roupas justas e sofisticadas. Entre duas malas cheias de camisolas e vestidos de noite, pouco pôde ser aproveitado, a não ser algumas camisolas que ficavam excessivamente justas no busto!

Rebeca ainda não conseguira acostumar-se com sua nova figura pois seu corpo mudara tanto e tão rapidamente! Não havia nenhum espelho à sua disposição e só as águas do lago ajudavam-na a ter uma idéia do quanto emagrecera. Mas o reflexo ondulado deixava nítido apenas o contorno das formas mais esguias.

Ela se surpreendia cada vez que tocava seu corpo e encontrava a estrutura óssea que há muito não era perceptível. Olhar para o chão e ver os próprios pés era uma sensação inebriante, como também era bom admirar os ossos delicados de seu pulso ao cortar lenha.

Ah! Se ela estivesse agora em Fairfax, como seria grande o seu entusiasmo!

Por muitos anos, Rebeca vivera sonhando com o que faria quando emagrecesse. Planejara gastar até o último centavo comprando roupas novas e elegantes: calças justas, camisetas sem manga e vestidos colantes encheriam seu guarda-roupa!

Finalmente ficaria livre de saias com cintura de elástico, camisas que pareciam vestidos de gestante, compradas naquelas lojas deprimentes onde a numeração menor era cinquenta e a maior jamais se dizia em voz alta.

Entretanto, Rebeca não estava em Fairfax, e sim numa clareira perdida entre florestas sem fim, em companhia de um homem cuja personalidade mudara tão radicalmente quanto o corpo dela.

Até o enorme prazer de ter emagrecido perdia o brilho diante da estranheza do comportamento de Guy! Bastava olhar para as rochas altas ao lado do lago para ver a figura atlética e de pele bronzeada, imóvel, à espera de que um peixe fisesse a isca. Mas, se era fácil adivinhar seus atos, tornara-se impossível saber o que ele estava pensando.

A mudança de Guy havia sido quase inacreditável pois ele passara da gentileza para os limites da descortesia. Estava sempre com os lábios contraídos num rictus de raiva, como se uma onda de fúria ameaçasse estourar a qualquer momento. Ríspido, irritadiço e indiferente a tudo, ele já não mais conversava ou fazia piadas que haviam tornado a convivência entre eles tão agradável.

No início, Rebeca colocara a culpa dessa transformação nos três aviões que haviam sobrevoado a área sem vê-los. Ao ouvir o barulho de motor, os olhos de Guy brilhavam de expectativa... até o momento em que as aeronaves desapareciam no horizonte longínquo. Na última vez ele deixara vir à tona toda a sua frustração, jogando a vara de pescar no chão e desaparecendo por horas na floresta.

Quando ele voltou, pálido e calado, Rebeca compreendeu-lhe o desespero e a angústia pois também os sentia. Mas o tempo passou e o bom humor não voltou.

Sem dúvida alguma, havia problemas insolúveis com os quais se preocupar! Na época do acidente, os dias chegavam a durar vinte horas pois clareava às três da madrugada e só escurecia às onze da noite. Mas agora o período de claridade diminuía, num lembrete bem claro de que o tempo corria rápido demais.

Embora ainda estivessem no meio do verão, o outono se aproximava velozmente e, logo atrás dele, o inverno! Um frio intenso viria tão logo as folhas comesçassem a avermelhar; logo em seguida chegariam as nevascas. Nenhum dos dois ignorava que não sobre viveriam após o final de agosto, quando os dias dura riam apenas doze horas e as noites seriam fatais!

Como a possibilidade de serem encontrados diminuía com a passagem das semanas, só lhes restava a alternativa de saírem a pé pelo território ártico para alcançar uma cidade.

Seria essa a preocupação de Guy, que o transtornava a ponto de transformá-lo num homem quase grosseiro? Com a perna ainda dolorida, ele devia intuir que dificilmente agüentaria longas caminhadas e, sem dúvida, havia centenas de quilômetros entre o acampamento e a auto-estrada Dempster!

A alimentação era um problema constante e Rebeca não ignorava que pouco a pouco se aproximavam de uma situação gravíssima.

Não ingeriam nenhum carboidrato ou gordura, e, como o chocolate acabara, a necessidade de calorias aumentara. Não conseguiam peixes suficientes para preencher essa falta. Seriam necessários no mínimo dez e, mesmo alternando à beira do lago, o máximo que pescavam era ainda pouco.

Todos os dias Rebeca saía à procura de raízes, plantas ou caules que pudessem sustentá-los. Era um trabalho inútil. Não havia vegetais comestíveis naquela região e, embora não houvesse o perigo de morrerem de inanição, logo surgiriam deficiências sérias causadas por uma dieta magra.

Aliás, as evidências da desnutrição crescente eram mais visíveis em Guy. Ele não era gordo nos primeiros dias, mas ostentava um físico musculoso e atlético. Agora os ossos surgiam sob a pele bronzeada e o rosto gradativamente ia emagrecendo.

Por uma ironia do destino, a representante do sexo frágil demonstrara maior resistência e, naquelas condições adversas, sobreviveria por mais tempo do que o homem, pois a gordura excessiva a supria de energia. Rebeca continuava a trabalhar e, se no início não havia comparação entre a sua força e a de Guy, agora era nítido que o suplantara, o que podia ser um grande golpe para o orgulho dele.

A situação era desesperadora. Muito infeliz, Rebeca tinha quase certeza de que fora a grande causadora do mau humor de Guy.

Tentara lembrar das conversas entre eles, analisando cada frase sua em busca de comentário ofensivo ou uma palavra ferina, mas o esforço não a levava a conclusão alguma.

O inegável, porém, era que o mau humor de Guy atingia o ponto máximo quando estavam juntos. Essa constatação a feria mais do que imaginara! Nem sorrisos e palavras gentis atingiam Guy. O homem corajoso que cantara com ousadia

enquanto ela lhe tratava a perna não mais existia. Em seu lugar, havia uma criatura infeliz e silenciosa, com uma expressão de desagrado no olhar que evitava fitá-la.

Diante dessa rejeição, Rebeca entrou num estado de desespero profundo, certa de que o convívio forçado o levaria a odiá-la. Essa suspeita fez voltar a depressão, a angústia e o desejo de fugir da realidade, trazendo consigo a antiga fome doentia que a fazia suar de agonia. Só montanhas de chocolate e sorvete a saciariam, trazendo-lhe paz!

Lágrimas toldaram a visão de Rebeca, que culpou o cansaço por essa manifestação emotiva muito rara em seu temperamento controlado. No fundo, porém, sabia qual era o motivo de seu descontrole. Guy se tornara muito importante para ela e sua rejeição a magoava demais. A camaradagem amistosa significara muito, já que homem algum jamais a tratara com o mesmo respeito.

O final dessa amizade de igual para igual jogou-a numa depressão profunda. Tinha se iludido ao pensar que, pela primeira vez na vida, era aceita por suas qualidades. Com a ingenuidade típica de quem fora frequentemente magoada e desprezada, chegara a acreditar numa afeição nascente.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Rebeca enquanto ela descia o machado com violência sobre a madeira que iria iluminar mais uma noite silenciosa. Descarregar a raiva sobre troncos inocentes não apagava sua frustração, mas talvez a acalmasse!

Por que havia julgado que Guy era diferente dos outros homens?

Muito cedo, Rebeca sofrera com a atitude masculina em relação a mulheres gordas. Expressões de desagrado refletiam-se nos olhares que lhe lançavam. E, mesmo tendo perdido tantos quilos, ela não se sentia magra.

Se nem ela podia esquecer sua obesidade, como supor que Guy fosse capaz de fazê-lo? Aos olhos dele, haveria sempre a mulher imensa e sem formas, uma figura grotesca.

O ruído cadenciado do machado fazia eco ao rosário de culpas que Rebeca se atribuía. Ela lutava bravamente contra o pranto, mesmo porque sempre se recusara a chorar!

Sobrevivera os terríveis anos de uma adolescência infeliz sem verter uma única lágrima e não iria começar agora só porque mais um homem a olhava com desagrado.

Guy era apenas um elo numa longa corrente de decepções, uma gota insignificante no oceano de rejeições que marcavam sua vida.

Orgulhosa demais para chorar, Rebeca sempre encontrara um meio de não fraquejar. As prateleiras do supermercado, repletas de doces, a geladeira cheia de guloseimas e as caixas enormes de chocolate eram o remédio infalível contra a autopiedade e o consolo mais gratificante para superar as frustrações.

Nem seu pai nem sua mãe jamais a haviam visto de olhos úmidos e aquele homem indiferente e irritadiço não se tornaria a única exceção à regra. Nunca o deixaria entrever o quanto a magoara... preferia morrer a admitir diante dele que, pela primeira vez na vida, havia chorado por um homem!

Tudo aconteceu tão rápido que Rebeca mal teve tempo de salvar a mão! O tronco escorregou e o machado caiu com violência, tão próximo de seus dedos que ela sentiu o frio sinistro do metal. A lâmina cravou-se na madeira, o cabo vibrou devido à força excessiva com que fora manejado.

O grito instintivo de Rebeca ecoou entre os pinheiros, sentinelas silenciosas de uma clareira perdida na floresta Ártica. Tinha se envolvido tanto em pensamentos mórbidos que esquecera de prestar atenção a uma regra vital: a sobrevivência de ambos dependia de sua capacidade de autopreservação.

Guy repetia sempre os mesmos conselhos, alertando-a para não se descuidar nem por um segundo! O perigo a rondara muito de perto: por pouco não perdera os dedos e provavelmente a vida, com sua irresponsabilidade.

Um tremor incontornável espalhou-se pelo corpo de Rebeca. Apertou os braços contra o corpo, fechando os olhos para evitar visões terríveis de sangue e mutilação. Nem a voz de Guy, muito próxima, conseguiu afastar o terror pelo que poderia ter acontecido.

— Rebeca! Você está bem? Rebeca, responda!

Ela não o ouvira aproximar-se. Com o rosto contraído de dor por ter caminhado depressa para socorrê-la, Guy estava ao seu lado.

— Quase aconteceu um acidente, por pouco eu não corto a mão e...

— Machucou-se?

— Não, foi apenas...

Guy não a ouvia; examinava suas mãos à procura de algum ferimento. Rebeca via a cabeça inclinada para ela, os ombros dourados pelo sol, a calça que já não lhe parava na cintura por causa da perda de peso. Lutou contra o impulso incontornável de puxá-lo para junto de si a fim de protegê-lo

com seu corpo. Se ao menos pudesse dar-lhe um pouco de energia...

Subitamente descobria que sentia uma angústia profunda, muito medo de vê-lo cada vez mais fragilizado, emagrecendo a ponto de perder toda aquela masculinidade que despertara sua admiração.

Guy era um homem extremamente atraente e nem magreza destruíra a beleza de seus traços. As maçãs do rosto estavam mais salientes e linhas duras transformavam-lhe o rosto numa máscara talhada em pedra. Todavia, os olhos verdes não haviam perdido o brilho, e era como se uma chama interior lhe desse a força que ainda o mantinha vivo.

Quando ele se afastou, essa chama havia se transformado numa labareda, cujo calor atingiu Rebeca com um impacto físico.

— Como pôde?

— Como? Pude o quê?

— Arriscar-se tanto!

— Eu sempre corto a lenha do mesmo jeito, mas...

— Quantas vezes eu lhe disse que prestasse atenção, para não correr riscos desnecessários? Você é surda ou ignora deliberadamente minhas palavras?

— Pelo amor de Deus, Guy! Não aconteceu nada! O tronco escorregou e tentei...

— Troncos não se movem sozinhos.

— Está bem! Distraí-me pensando em... lembrando de algo e esqueci o que estava fazendo.

— Poderia ter-se matado, sabia? — Guy falava num tom acusador e cheio de fúria. — Um machado não é um brinquedo inofensivo... É uma arma fatal e perigosa!

Suas mãos ainda estavam entre as de Guy, que as apertava com tal violência como se fosse partir seus ossos.

— Normalmente tomo muito cuidado, essa foi a única vez que me descuidei em tanto tempo.

— Normalmente não basta, Rebeca. Também já lhe disse isto. É preciso toda a atenção, todo o cuidado...

— Não aconteceu nada e foi um pequeno descuido. Eu prometo...

— Uma vez é suficiente e um "pequeno descuido" pode ser demais. Se você tivesse perdido a mão... já pensou em que situação estaríamos agora, minha cara?

Tudo então ficou muito claro na mente de Rebeca. As emoções descontroladas de Guy tinham uma origem muito diferente da que ela imaginara. A grande preocupação daquele

homem não se relacionava com qualquer problema acontecido com ela porque, acima de tudo, Guy pensava em garantir sua sobrevivência.

— Sinto muito — murmurou Rebeca, com uma voz inexpressiva e fria. — Não acontecerá outra vez.

— Pode ficar certa! A partir de amanhã, quem corta a lenha sou eu!

— Você não pode! Sua perna ainda causa problemas, vai se cansar demais... como conseguirá caminhar?

— Eu corto a lenha!

— Prometo que não vou mais me distrair. Não há motivo para...

— Chega, Rebeca. Já tomei uma decisão e não vou mudar de opinião.

Guy passou a mão nos cabelos e, apoiando-se na muleta, afastou-se um pouco. Seu olhar pousou na curva dos seios de Rebeca mas ele logo o desviou como se a visão daquele corpo o desagradasse.

— Acho melhor ir acender o fogo, Rebeca. Vou limpar este mísero peixinho e quero jantar logo. Deixe esse machado aí mesmo, sim?

— Por favor, Guy...

Rebeca lutava contra as lágrimas, esperando que ele se afastasse. Ah, se pudesse dizer-lhe que nem a fome, o isolamento ou a desolação daquele lugar a perturbavam tanto como aquelas palavras carregadas de censura! Não suportava perder a aprovação dele, não queria ver-lhe o ódio no olhar frio!

Em silêncio, acompanhou a marcha penosa e lenta daquele homem para escalar as pedras que rodeavam o lago até atingir a superfície plana da plataforma. A vontade de chorar tornou-se quase insuportável.

Rebeca já havia passado por crises muito graves e penosas e nunca se deixara abater. Os olhos continuaram secos mesmo quando a alma chorava. Por que justamente agora o autocontrole a abandonava?

O divórcio de seus pais fora o clímax de uma guerra sem tréguas que havia começado muito tempo antes. Tâmara e ela tinham sido usadas como armas em todas as batalhas. O amor infantil fora manipulado de forma impiedosa.

Depois vieram os longos anos vividos ao lado da mãe numa casa que oprimia pelo clima de tensão e ódio. O ressentimento se avolumava naquele lar sem amor onde Martine reinava com frieza calculada.

A toda essa mágoa, vieram se juntar os anos difíceis da adolescência. Conturbados para a maioria das garotas, para Rebeca essa fase crítica fora uma tortura.

As colegas a viam como um ser estranho entre tantas figuras esguias e lhe provocaram uma timidez insuperável. Logo ela soube o verdadeiro significado da solidão e do exílio em meio a uma multidão. Os grandes bailes, os passeios de carro, o cinema de sábado à noite transformavam a vida numa festa para a qual ela jamais era convidada. Como uma criança faminta diante da vitrine de uma loja de doces, Rebeca via a felicidade de longe. Mágoa, frustração, desapontamento, acrescentaram muitos quilos a um corpo já disforme pela gordura.

Os duros anos de aprendizado no hospital custaram a passar debaixo da censura impiedosa das colegas e do desinteresse evidente nos olhos dos homens. Mas nem uma lágrima vertera dos olhos de Rebeca!

Apenas Guy conseguira romper as altas muralhas de autodefesa e soltara as emoções contidas e agora sem controle. Rebeca começara a se ligar afetivamente a alguém e a opinião dele lhe importava muito. Saber que não era bem vista, nem no físico nem na eficiência, a Magoava demais.

Havia sido descuidada e sua distração ameaçara a sobrevivência naquele ambiente hostil. Até podia compreender a raiva dele mas a dor que a rejeição lhe causara era devastadora.

À beira do lago, Rebeca deixou o pranto correr. As lágrimas caíram sobre a palma das mãos erguidas num pedido de ajuda.

Enquanto o convívio entre Guy e Rebeca deteriorava a olhos vistos, a natureza se transformava à volta deles, tão bela quanto um paraíso terrestre. No céu muito azul não havia uma única nuvem e o sol brilhava constantemente, realçando as nuances de verde das árvores e fazendo cintilar as águas cristalinas do lago. Toda a floresta explodia em milhares de formas de vida, flores agrestes e animais.

Até mesmo uma pequena manada de caribu veio beber na lagoa. A presença desses animais, tão preciosos no Ártico quanto o gado, deixou Guy fora de si de raiva por não poder caçá-los.

Gansos, garças e patos selvagens sobrevoavam o acampamento, em busca de recantos onde criar seus filhotes enquanto durasse o calor reconfortante da primavera. No chão, entre os arbustos cheios de folhas novas e botões prestes

a desabrochar, lontras e martas mostravam o brilho de suas cobiçadas peles, fitando com uma curiosidade arisca os castores a brincar na água ou os esquilos ágeis e travessos.

Diante de tal fartura, Guy desesperava-se por ser obrigado a comer peixe e raízes. A única armadilha que conseguira montar, com os fios elétricos do motor do avião, não havia resistido aos movimentos frenéticos de uma raposa vermelha que se debateu até destruí-la.

Rebeca enfrentara uma tarefa penosa ao retirar os fios, ante a esperança de conseguirem um jantar mais substancial. Agora não lhes restava artifício algum para caçar os pequenos mamíferos que abundavam à beira do lago.

Dia a dia, o diálogo entre os dois ficava mais lacônico e os únicos assuntos abordados eram os problemas de alimentação, abrigo e, nas últimas semanas, a partida em busca do mundo civilizado.

Depois de imaginar inúmeras rotas, Guy finalmente decidiu-se pelo plano que lhe pareceu o mais sensato e marcou a partida para dentro de três dias. Já conseguia apoiar a perna no chão e recusava-se a ouvir os conselhos de Rebeca sobre os perigos de gastar demais as forças.

— Não perca tempo em preocupações inúteis, Rebeca. Prefiro cair de cansaço a ficar aqui parado à espera do inverno, o que seria a nossa sentença de morte!

Enquanto ele debatia em voz alta os prós e os contras do rumo a ser tomado, Rebeca transformava roupas e restos de lona em sacolas para levar os alimentos que os sustentariam na longa viagem de volta.

Em silêncio, ela ouvia os cálculos de Guy, sentindo uma falta intensa das conversas mais íntimas com que se haviam distraído nas tardes de chuva. Se somasse as informações que ele deixara escapar então, talvez conhecesse Guy mais do que a qualquer outro homem!

Ele jamais mencionara a ex-esposa ou as mulheres que deviam existir em sua vida, mas palavras soltas, ditas em momentos de descontração, revelaram muitas características de sua personalidade.

Detalhes banais como o fato de ter ganhado seu primeiro carro, um Mustang vermelho de segunda mão, ao entrar na faculdade, apesar de seu pai ser suficientemente rico para dar-lhe um novo em folha, e o tipo de livros que ele costumava ler, o revelavam como um rapaz esforçado e sensível, que não perdera essas qualidades com o sucesso.

Será que Guy também tentara conhecê-la através dessas pequenas banalidades?

Sempre reservada, Rebeca só mencionara detalhes superficiais de sua vida no hospital de Fairfax, uma cidade pequena e sufocante porque todos se conheciam bem demais. Quando o assunto ameaçava ser mais íntimo, falar sobre as loucuras de Tâmara ou a seriedade de Célia, a caçula, era a maneira certa de tornar o ambiente mais alegre e descontraído.

Agora, à medida que Guy intensificava seus planos de fuga, ela preferia manter-se num silêncio quase absoluto. Talvez ele não estivesse notando seu retraimento, pois estava a cada dia mais indiferente e nem percebia quando ela lhe fazia uma rara pergunta.

A energia e o entusiasmo de Guy em torno de um plano de cujo sucesso ele parecia estar seguro deixavam Rebeca certa de que seus temores eram infantis e sem fundamento. No entanto, ela mal conseguia dormir, torturada pelo medo do desconhecido. Apesar de confiar nas habilidades de Guy, sabia que perigos talvez insuperáveis estariam à espreita deles. Não havia como calcular a distância do lugar onde estavam até o rio Mackenzie e nem para que lado ficaria esse ponto importante de referência, portanto poderiam perder dias preciosos seguindo na direção errada.

Entretanto, a outra alternativa se apresentava igualmente desoladora e perigosa! Ficarem à espera de um avião de socorro deixara de ser uma expectativa e passara a ser um sonho distante. Depois de tanto tempo, as turmas de salvamento já deviam ter perdido as esperanças e desistido da busca.

Às vezes Rebeca lembrava-se de sua família, imaginando como teriam reagido à notícia de seu desaparecimento e, presumivelmente, de sua morte.

Tâmara ficaria tristíssima pois as duas sempre haviam sido muito amigas. Sobre Célia era difícil saber: a irmã mais nova era introvertida demais para que se pudesse presumir quais seriam suas reações. Quanto a sua mãe...

Fria e controlada, Martine Clark não iria desrespeitar as formalidades sociais. Manteria a fisionomia de mãe sofredora vestindo-se de luto durante o período determinado pela boa educação... e nem mais um dia!

Quando esse assunto fora discutido numa tarde chuvosa, Guy ficara nitidamente chocado ao ouvir o julgamento de Rebeca sobre a mãe.

— Acredita mesmo que sua mãe não se desesperou por ignorar se você está viva ou não?

— Mamãe não é uma mulher carinhosa e nem capaz de afeições muito profundas. Entre nós, nunca houve amor... nem o filial nem o maternal.

— Não é possível? Sendo sua mãe...

— É difícil explicar, mas... — Rebeca queria mostrar-lhe a situação sem entrar em detalhes mais íntimos. O tema não lhe era nada fácil. — Ela sempre mostrou que não gostava de mim. Brigávamos o tempo todo!

— Isso costuma acontecer, não é tão raro assim. E seu pai? Como reagia?

— Eles se separaram e não o vejo há anos.

— Não consigo acreditar! — exclamou Guy, boquiaberto. — Como pode...

— Sua família deve ser muito unida, não?

— Bem... meus pais vivem felizes e eu sou filho único, por isso queremos estar juntos sempre que possível. Aliás, minha mãe é exagerada e acha que eu sou um exemplo de perfeição na terra! Chega a me sufocar de amor, mas adoro essa atenção!

— Neste caso eles devem estar desesperados, sem saber se você está vivo ou não.

— Penso que sim e daria minha mão direita para poupar-lhes esse sofrimento.

— Há mais alguém preocupado com você? — indagou Rebeca. Imaginava que sem dúvida existia uma mulher importante na vida de Guy pois ele não era o tipo de homem que vivesse solitário.

— Tenho um grande amigo, Jake e... Maureen, é claro.

— Maureen?

— Minha ex-esposa; melhor dizendo, minha futura ex-esposa. O divórcio deve sair logo.

— Ela ainda o ama?

— Céus! A preocupação de Maureen tem raízes bem distantes do amor! Ela é minha única herdeira e talvez esteja rezando para que não me encontrem nunca. Como eu poderia imaginar que meu dia chegaria antes da hora? Nem me passou pela cabeça fazer um testamento!

Os planos minuciosos de Guy foram destruídos acidentalmente, na noite anterior à partida do acampamento,

por um incêndio que transformou o abrigo improvisado em um punhado de cinzas.

Rebeca foi a primeira a acordar, quase sufocada pela fumaça. Ao abrir os olhos, assustada, sentiu o calor do fogo e viu o brilho avermelhado das chamas. Labaredas douradas se erguiam como lanças na entrada da barraca, numa cor que ficava ainda mais intensa em contraste com a escuridão da noite.

O vento vindo do noroeste dera origem ao incêndio. Com certeza, uma fagulha da fogueira fora soprada na direção do abrigo. Como o fogo era acendido mais perto deles para afastar o frio da noite, em poucos minutos as chamas alcançaram a lona que os cobria.

— Acorde, Guy — Rebeca o despertou depressa, antes que a fumaça os sufocasse. — É um incêndio, acorde!

Imediatamente ele tomou o controle da situação.

— Agarre tudo o que conseguir e saia da barraca antes que o teto caia sobre nós!

Rebeca encheu os braços com as sacolas de mantimentos preparadas para o dia seguinte, o saco de dormir, as almofadas do avião e correu para a saída. Por um instante, hesitou, temerosa de enfrentar o lençol de fogo que impedia sua fuga. Reunindo toda a coragem, fechou os olhos e jogou-se para fora da barraca.

Segundos depois, Guy juntou-se a ela, tossindo e apagando as fagulhas em seus cabelos. Largou ao chão os dois cobertores e algumas roupas. Ambos respiraram fundo o ar fresco da noite, perfumado pelo aroma agreste dos pinheiros.

— O que vai fazer? — gritou Rebeca, ao perceber que ele ia na direção da cabana. — Para onde vai?

— Preciso entrar lá outra vez.

— Ficou louco? O fogo já se alastrou, não há como...

— Várias sacolas de viagem ainda estão dentro da barraca.

— Você vai se matar. De que adiantam as sacolas?

Rebeca agarrou o braço de Guy para impedi-lo de voltar mas ele tentou soltar-se, empurrando-lhe as mãos.

— Pelo amor de Deus, tenha juízo!

— Droga! Quer me deixar em paz?

O desespero de Guy atingiu tal ponto que Rebeca ficou aterrorizada. A escuridão da noite era quebrada apenas pelos reflexos alaranjados do fogo e, no rosto que a fitava, luz e sombra criavam efeitos assustadores. Os olhos brilhavam

como pedras preciosas, uma luz fatal e perigosa, e a linha dura dos lábios demonstrava obstinação.

Completamente fora de si, Guy perdeu a capacidade de raciocinar. Queria a todo custo voltar até a barraca em busca dos suprimentos reunidos para a tão sonhada fuga. Não suportava a visão do fogo consumindo tudo o que haviam conseguido guardar através de um esforço sobre-humano e que significava a salvação. À volta eles, as chamas crepitavam, enchendo a noite de ruídos sinistros que acompanhavam a respiração entrecortada dos dois oponentes naquela luta desigual.

— Você não pode voltar para a barraca. É uma verdadeira tocha ardente, vai se matar.

— Pelo amor de Deus, largue meu braço, Rebeca!

Ela não respondeu e continuou segurando-o pela cintura, numa tentativa desesperada de imobilizá-lo. As forças de ambos estavam quase no fim mas nenhum dos dois cedia. Seus corpos oscilavam, brilhando sob a claridade do incêndio.

Finalmente a lona veio ao chão, provocando fagulhas ao redor da barraca. Mesmo assim, Guy ainda tinha esperança de salvar algo entre os escombros.

Se a luta deles tivesse acontecido logo após o acidente, Rebeca não conseguiria mantê-lo imóvel nem por um minuto, mas o estado de desnutrição em que se encontravam a favorecera. Guy tinha enfraquecido muito, ainda estava desorientado com o fogo e, além disso, não podia apoiar-se na perna ferida. Era justamente a vulnerabilidade dele que dava ainda mais forças a Rebeca para salvá-lo de uma loucura.

— Não tente me impedir! Pare de bancar a minha protetora!

— E você... pare de bancar o bom samaritano!

— Ainda não passou pela sua cabeça oca que, sem nossos suprimentos, não será possível partir amanhã?

— E se você ficar com queimaduras de segundo grau também não poderemos ir!

— Rebeca... Oh, acho que sou capaz de torcer o seu pescoço!

Guy lutava para soltar o braço que envolvia a sua cintura mas Rebeca o segurava com uma força nascida do pânico. Já estava quase sem fôlego, porém nenhum dos dois conseguia, num último esforço, derrotar o companheiro.

— Você não pode me matar, Guy. Precisa muito de mim...

— Vá para o inferno, Rebeca! Eu não preciso de ninguém!

— Como... conseguirá sair daqui sem... minha ajuda! — murmurou ela.

O fio que prendia os cabelos de Rebeca soltou-se e o vento soprou as longas mechas sobre o rosto de Guy. Numa reação instintiva, ele livrou um dos braços e tirou os fios que roçavam sua boca.

Rebeca aproveitou aquele momento de distração e, colocando o pé atrás da perna ferida de Guy, usou a força de seu corpo para derrubá-lo.

Exaustos e incapazes de prosseguir naquela luta sem sentido, os dois caíram sobre as almofadas largadas no chão, pernas e braços entrelaçados. O fogo já consumira tudo e não havia sequer uma peça de roupa para salvar, portanto não existia mais nenhum motivo para continuarem a medir forças.

Com a cabeça apoiada no peito nu de Guy, Rebeca ouvia-lhe as batidas desordenadas do coração e a respiração tão acelerada quanto a sua. Trêmulos de exaustão, seus corpos emanavam um calor intenso, apesar do frio.

Por um longo tempo, Guy e Rebeca permaneceram imóveis, ouvindo o crepitar das chamas. O abrigo estava totalmente destruído e, com ele, tudo que possuíam. As duas árvores que seguravam a lona do teto e as paredes de galhos eram agora um punhado de brasas.

Por sorte, Guy limpou bem a área ao redor da barraca, retirando toda a vegetação, senão o fogo teria se espalhado pelos arbustos próximos, causando uma catástrofe de terríveis proporções. Não havia como consolar um incêndio naquela região de florestas e as chamas se alastrariam por milhares de quilômetros, deslindo toda a vida em sua passagem sinistra.

Só depois de alguns minutos de um repouso tão necessário, Rebeca percebeu que perdera a calça jeans, extremamente larga, durante a luta. O calor das brasas aquecia suas pernas nuas, dobradas sobre as de Guy. Ao lembrar-se do ar irritado e do desagrado com que ele a fitara nas últimas semanas, afastou-se, temendo uma agressão. Homem algum aceitaria ser subjugado pela força de uma mulher!

— Você está bem, Guy?

— Você não me contou que sabia judô!

— E não sei mesmo! Nem caratê ou qualquer técnica de defesa pessoal.

— Por Deus, Rebeca! Você podia ao menos mentir e salvar o meu orgulho masculino, não? Se admitisse ter ido a pelo menos uma aula, eu me sentiria menos humilhado!

Suspirando, Guy fitou por alguns minutos os escombros em que se tornaram os produtos de seus esforços. Havia lhes custado tanta energia e tempo para ser reunidos e em poucos segundos o fogo arrasara tudo.

— Não sobrou nada., só o que conseguimos tirar antes...

— Pelo menos estamos vivos, Guy.

— Obrigado por ter salvado a minha vida, Rebeca. Eu perdi completamente a noção do perigo... acho que fiquei fora de mim.

— Não foi nada...

Ele deu uma gargalhada sonora que ecoou na imensidão da noite, numa manifestação de alegria inesperada. Entre as milhares de estrelas distantes, algumas pareciam piscar, intrigadas ante aquele som surpreendente e dissonante. Tão surpresa quanto elas, Rebeca admirou mais uma vez o estranho senso de humor de Guy McLaren.

Tinham perdido quase tudo, estavam sem roupas, abrigo ou ferramentas e ele ria?

— Deus do Céu, Rebeca! Você é única! Então acha que dominar um homem adulto com mais força e estatura do que a sua não é nada?

— Você não podia contar com uma das pernas e...

— Que lutadora experiente! Aproveitou-se da minha deficiência?

— Não havia outra solução. Eu precisava impedi-lo de fazer uma loucura e só me ocorreu esse... golpe baixo!

Ainda sorrindo, Guy envolveu-a num abraço, puxando-a para mais perto.

— Já lhe disse alguma vez que não gostaria de ficar perdido numa floresta com mais ninguém a não ser você?

— O quê? — Rebeca mal podia acreditar nessas palavras. Escondeu o rosto no ombro dele e disfarçou sua emoção — Por que pensa assim?

— Bem, você sabe tratar de pernas quebradas, é uma lenhadora excepcional, caça rãs e come peixe cru como se tivesse nascido fazendo isso e, além de tudo, luta como uma profissional. Não conheço nem meia dúzia de homens com tantas qualidades. Você é um prodígio, garota!

Rebeca se decepcionou. Então continuava a ser vista como um companheiro do mesmo sexo! O elogio que ansiara por ouvir jamais viria, pois ela sempre seria comparada a homens e ele nunca a apreciaria por sua feminilidade.

— E tem mais, garota... — completou Guy, percebendo imediatamente o desaponto de Rebeca e apertando-a mais em seus braços. — Nenhum dos meus amigos é tão sensual, sabia?

— Oh, por favor! — Tensa, tentou livrar-se daquele abraço íntimo demais. — Não diga mais nada.

— Por que não?

— Não gosto quando você... detesto ouvir esse tipo de...

— Que tal admitir que você é uma mulher atraente, sensual e tem um corpo escultural?

— Pare!

— Eu já percebi, Rebeca. Não adianta querer me impedir de falar.

— Não é verdade! Meu corpo não é bonito nem sou atraente ou...

— Ouça com atenção, enfermeira Clark! Você tem curvas perfeitas, todas no lugar certinho. Aceite o elogio de um conhecedor de formas femininas.

O fogo chegava ao fim e a luminosidade era pouca, cada segundo mais fraca à medida que as brasas apagavam.

— Como pode saber? Nunca me viu... — disse Rebeca, espantada.

— Ai! Preciso fazer uma confissão difícil! Eu a observei enquanto tomava banho no lago... algumas semanas atrás.

— É mentira! Você não seria tão... não podia!

— Dou-lhe minha palavra de honra! Admito que foi um dos atos mais vergonhosos de toda a minha vida. Eu não tinha o direito de espioná-la furtivamente, mas... Sinto muito, Rebeca, não tive forças para virar as costas e sair dali. Você mudou muito desde nossa chegada aqui, não é mais a mesma mulher.

— Pois eu me sinto exatamente igual.

— Como assim? — Guy apoiou-se sobre o cotovelo para observar-lhe a expressão. — Não entendo o que está querendo dizer, Rebeca.

— Bem... é um tanto difícil de explicar. Essa magreza não passa de um disfarce, uma fantasia... no fundo sou ainda uma mulher gorda, com as mesmas reações e problemas de antes.

— Oh, não! Você não tem mais nada a ver com a Rebeca Clark que eu vi pela primeira vez no aeroporto de Inuvik. Aquela criatura já não existe, desapareceu!

Os dedos de Guy deslizavam suavemente na perna de Rebeca. Ela tentou controlar uma sensação desconhecida e muito nova, que a perturbava demais, a ponto de impedir-lhe o raciocínio.

— Não entendo você, Guy. Ultimamente suas atitudes tem sido tão...

— ... tão neurastênicas?

— Exatamente! Agora que perdemos tudo, fica alegre e bem-humorado? É um mistério!

— O mundo estava caindo sobre a minha cabeça, sabe! A cada dia, eu me sentia mais fraco, via as forças diminuindo. Fiquei desesperado só de pensar em permanecer aqui à espera de um milagre, rezando para que passasse um avião ou tentando pescar mais para matar nossa fome... Era enlouquecedor. Então achei que só nos restava um remédio: partir! No entanto, a verdade é que eu não tinha a menor idéia de para onde ir! Supus que a auto-estrada Dempster ficasse ao norte pois os aviões voavam sempre nessa direção, mas para onde exatamente? Se eu errasse por algumas dezenas de quilômetros nossos esforços teriam sido vãos. Atravessar estas florestas requer um conhecimento que não temos e um grande esforço. No final não chegaríamos a lugar algum. Vi a incerteza no seu olhar. Você sabia que eu não tinha a menor razão de nada, não é?

— Senti muito medo, um pavor do desconhecido. Mas você parecia tão confiante, tão seguro!

— No fundo, meu medo era tão grande quanto o seu, Rebeca. Não podia ignorar que minha perna não agüentaria... Oh, Rebeca, eu não andaria um quilômetro sem a sua ajuda.

— Essa foi a minha maior preocupação.

— Acha que não percebi? O bom senso dizia-me para ficar, mas eu não suportava mais este lugar. Sentia-me dividido e carregando uma responsabilidade terrível. Sé eu falhasse, seria o culpado da sua morte.

Emocionada, Rebeca percebeu a que ponto fora responsável pela situação difícil das últimas semanas. Por que não tentara compreender o dilema de Guy? Quando não questionara as decisões dele, deixara toda a carga repousar nos seus ombros e o peso fora grande demais. Toda a irritação e a raiva de Guy tinham um motivo muito válido!

— Sinto muito, Guy.

— Por que se desculpa?

— Devia ter discutido sobre a viagem com você. Só assim a responsabilidade seria partilhada e as preocupações seriam menores.

— Nem todas! Você era um dos meus grandes problemas, sabia? Vivia numa situação muito delicada em que a frustração só podia ser aliviada... com banhos frios!

- Banhos? — Rebeca levou alguns segundos para entender o sentido real das palavras de Guy — Oh! Meu Deus!
- É só isso o que tem para me dizer?
- Eu nem desconfiei... jamais me passou pela cabeça que... você tivesse esse tipo de problema.
- A verdade é que acho você uma mulher atraente sensual.
- Está enganado, Guy. É... ou ... a situação tornou-se difícil para você porque vivemos isolados aqui e...
- ..E não há outra mulher por perto a quem eu possa desejar, a não ser você?
- Exatamente.

Diante do tom malicioso de Guy, Rebeca sentiu o rosto queimar de vergonha. No entanto ele tinha a expressão séria quando a segurou delicadamente pelo queixo, obrigando-a a olhá-lo nos olhos.

— No início, também pensei como você. Estávamos aqui há muito tempo e nunca cultivei abstinência sexual. Percebi porém que o meu desejo não se limitava a uma satisfação física. Rebeca... não sou do tipo de homem que se encanta com todo par de pernas. Eu queria muito mais do que apenas um corpo feminino... muito mais!

— E nunca me disse nada? Como eu poderia adivinhar?

— Bem... Sua timidez me impede de tocar no assunto. Você recuava assustada sempre que nossas mãos se tocavam, mesmo no mais breve contato, e seu olhar evitava o meu. Já pensou no que aconteceria se eu confessasse que a vi nua? Você poderia fugir para o meio dos pinheiros para nunca mais voltar!

Rebeca jamais ouvira palavras tão carinhosas! Homem algum a achava atraente e sensual antes, e a confissão de Guy provocava-lhe uma emoção embriagadora e muito intensa. O mundo parecia girar à sua volta numa velocidade atordoante, transformando tudo em borrões indistintos mas incrivelmente brilhantes.

— Talvez eu fugisse mesmo, pois... nem mesmo fui beijada. .. Nenhum homem me desejou. Eu fui gorda demais.

— Rebeca... não sei como começar, mas... há algo que precisa ser dito. — A voz de Guy tornou-se terna enquanto ele tocava o rosto delicado e cheio de expectativa — Talvez não seja possível escapar daqui com vida.

— Eu sei, já pensei muito nisso.

— Nós temos apenas um ao outro, não é verdade?

— Sim... mas...

— Somos adultos, livres e existe uma atração entre nós...

As palavras de Guy causavam uma ansiedade febril em Rebeca. Nunca estivera numa situação igual e desconheça cada passo do jogo de sedução. Ele sem dúvida queria possuí-la, mas como formularia suas intenções? Brincando, como era típico dele, ou usando um tom sério? No fundo, o tom de voz não faria diferença. Aquele momento talvez fosse o mais importante de toda a sua vida! Entretanto, Guy destruiu o encanto daquele momento com palavras amargas:

— Quero fazer amor com você antes de morrer nesse lugar. Aceita minha proposta, Rebeca?

Capítulo V

Uma ameaça sinistra pairava no ar: morrer naquele maldito lugar, morrer... A trágica realidade se delineou com uma clareza assustadora na mente de Rebeca. O acontecimentos das últimas horas haviam tomado um rumo tão inesperado que ela perdera por completo a noção de tudo, a não ser a da descoberta maravilhosa de ser desejada por Guy!

No entanto, não havia mais condições para partir em busca da civilização. Os planos de tantas semanas deixavam de ser realizáveis, pois não tinham mantimento ou agasalhos para se aventurarem num mundo desconhecido e hostil. E, se um avião voando em baixa altura não os distinguisse entre as árvores, eles podiam considerar-se mortos!

Em muito pouco tempo, a desnutrição terminaria seu trabalho lento mas fatal e logo uma doença qualquer não mais encontraria resistência nos corpos enfraquecidos. Entretanto, essa eventualidade estava menos próxima do que os perigos do inverno! Em breve, nevasca violentas cobririam a floresta com seu manto branco transformando a superfície do lago num espelho de gelo.

Não tinham nem mesmo esperança de sobreviver ao rigores do outono, já excessivamente frio naquela região, sem roupas pesadas ou um abrigo decente e com muita comida armazenada para que não precisassem sair em busca de alimento.

Se até agora o destino lhes fora adverso, essa última fatalidade era o golpe de misericórdia, deixando-os à mercê dos elementos. Rebeca aprendia, através de duras lições, como a natureza era caprichosa e cruel.

Guy fizera uma proposta de relacionamento de maneira fria, pouco romântica. Nos livros que Rebeca lia, nos filmes a que assistia, as heroínas eram envolvidas pelo encanto do amor e quase desmaiavam ao ouvir confissões ardentes de seus apaixonados; entre eles, porém, haveria apenas um pacto, um acordo entre duas pessoas ansiosas por tirar o máximo de prazer dos poucos dias que lhes restavam.

Guy fora muito claro; não escondera o que significava essa nova forma de relacionamento com Rebeca: um pouco de prazer antes da morte! A palavra amor não fora mencionada, portanto um envolvimento estava fora de questão. Desfrutariam o tempo que se esgotava do único modo possível: uma intimidade que cessaria com a morte ou se tivessem a sorte incrível de ser salvos.

Rebeca sabia que sua resposta seria afirmativa. Só agora admitia o desejo intenso de ser amada por Guy, existente já há muito tempo. Nunca se sentira tão atraída por um homem, talvez porque não tivesse permitido a seu corpo reagir como o de uma mulher normal.

Sufocando o instinto, afastara o sexo de sua vida por achar que homem algum a desejaria. Mas com Guy não conseguira manter esse rígido autocontrole. De algum modo, ele destruíra suas barreiras, libertando emoções controláveis que a vinham transformando numa mulher sensual.

Há quanto tempo nascera esse impulso incontrolável de tocá-lo?

Enquanto lutava para impedi-lo de arriscar a vida, notara a calidez da pele dele sob os dedos e uma sensato atordoante tomara conta de seu corpo. O desejo desfará, crescera como um vendaval, destruindo todas defesas longamente mantidas.

— Rebeca?

— Desculpe-me, eu estava pensando...

— Sei que não fui muito romântico e que você esperava palavras menos rudes. Eu devia...

— Não se preocupe, Guy. Não me importo...

No céu muito negro, uma sombra rósea, o primeiro sinal da alvorada, permitiu a Rebeca ver melhor o rosto de Guy: ficou chocada com seu ar de exaustão. Não imaginara que um homem prestes a fazer amor tivesse a aparência de quem está a ponto de adormecer!

— Você está cansado demais. É melhor dormir algumas horas.

— Precisa de tempo para decidir-se?

— Não.

— E poderia me dizer qual é a sua decisão?

— Oh! Não... quer dizer... Sim, eu aceito.

— Você é única, Rebeca! Fiz a declaração menos romântica de toda a minha vida e você conseguiu me superar em frieza. Mulher alguma me mandou dormir numa hora dessas, dizendo que eu estava cansado!

— Mas é verdade! Você precisa urgentemente de descanso.

— Ah! A enfermeira Clark jamais se esquece de seu dever, não é?

Que situação mais estranha! Ela acabara de dizer que se entregaria e ele, em vez de tomá-la nos braços, cobrindo-a de beijos apaixonados, fazia brincadeiras sem sentido!

Logo, porém, Rebeca compreendeu que a atitude dele era uma tentativa de tornar aquele momento menos dramático. Sabendo que sua primeira experiência sexual se daria como uma consequência da situação trágica em que se encontravam, ele procurava deixá-la menos tensa. Nenhum dos dois esqueceria as ameaças que pesavam sobre suas cabeças. Por outro lado tomavam uma decisão racional e fria, que não lhes permitiria ficar à vontade um com o outro.

Apesar de sua ingenuidade, Rebeca não ignorava que clima romântico era essencial na hora de se entregar um ato tão emocional e íntimo. Era grata a Guy por ter a sensibilidade de entender isso.

— Não gostaria que você adormecesse nos meus braços justamente quando vou descobrir o lado bom da vida! — brincou ela, acompanhando Guy na tentativa de se descontraír.

— Afinal, é a primeira vez para mim e quero...

— ...Um desempenho perfeito?

— Acertou!

— Você não fala como uma virgem ingênua e inexperiente, sabe?

— Bem... Tâmará costumava me contar os seus segredos.

— E ela teve muitos namorados?

— Céus! Uma infinidade...

— Por que tantos?

— Minha irmã tem uma opinião muito definida sobre os homens, partindo do princípio de que nenhum deles é confiável. E meu pai foi o responsável por essa atitude. Ele enganava nossa mãe e mentia para nós. Nunca foi possível adivinhar quando viria nos visitar; aliás, quase sempre esperávamos em vão. A ausência dele marcou minha adolescência. Ele não compareceu sequer à minha formatura no ginásio...

Enquanto revivia aquelas lembranças penosas, Rebeca procurou o olhar de Guy. A exaustão vencera o desejo de se manter acordado! De olhos fechados, muito pálido, ele dormia profundamente.

Arranjando as almofadas para acomodá-lo melhor, não pôde evitar de se fazer uma pergunta cruel: por Quanto tempo ainda resistiriam? Logo chegaria o dia que não conseguiriam mais brincar ou sentir desejo...

Um frio intenso tomou conta de Rebeca. Deitou-se ao lado de Guy encostou-se a ele numa tentativa de gerar calor e, acima de tudo, esquecer o futuro sombrio. Apoiando a cabeça no peito musculoso, procurou pensar apenas no prazer à sua espera e adormeceu com um sorriso nos lábios.

Quando o sol surgiu sobre as pontas afiladas dos pinheiros, banhou com sua luz dourada os dois corpos colados em perfeita harmonia. Ao lado deles, o lago brilhava como uma jóia preciosa e toda a natureza parecia imóvel como se o tempo deixasse de correr.

Um peixe saltou na água, espalhando gotas prateadas. Poucos segundos depois a superfície tornou-se novamente lisa. A variedade de cores e movimentos naquele paraíso muito breve deixaria de existir: com uma rapidez fatal, o frio mostraria suas garras.

Rebeca acordou com a claridade do dia e a sensação desagradável de gotinhas caindo em seu rosto. Como podia estar chovendo se havia sol? Confusa, ela entreabriu os olhos e viu Guy ajoelhado a seu lado, sem camisa e ainda reluzindo de gotas prateadas.

— Você ficou maluco? — disse ela, espreguiçando-se. — A água deve estar gelada a esta hora.

— Parece neve derretida! Só que eu estava imundo e achei melhor enfrentar o frio.

Rebeca lembrou-se do incêndio da noite anterior e olhou para o monte de cinzas do que fora o abrigo deles.

— Não temos sabão?

— Numa das sacolas que você salvou do fogo estavam nossos objetos de toalete: sabão, pente e as escovas de dente.

— Graças a Deus!

— Infelizmente não achei meu aparelho de barbear.

— Ora! Deixe de bobagens, Guy. Estou acostumada a vê-lo de barba por fazer!

— Mas hoje é um dia diferente, Rebeca.

— Por quê? — Subitamente tensa, lembrou-se de que estava prestes a fazer amor, ao ver o brilho nos olhos de Guy.

— Você não pretende... fazer nada agora, não é?

— Sua resposta foi afirmativa, não foi?

— Sim, mas... em plena luz do dia?

— Os pássaros não tomarão conhecimento da nossa presença. Nunca tomaram, certo?

— E se um avião voar mais baixo?

— Deus do céu, Rebeca! — Guy deu uma gargalhada sonora. — Já passaram tantos aviões sem perceber qualquer sinal de vida aqui! Minha querida enfermeira... se soubesse que o socorro chegaria só porque estamos fazendo amor sob a luz do sol, eu a teria agarrado há muito tempo! Não pense em nada, meu bem, a não ser em nós dois!

Rebeca puxou o saco de dormir até o queixo, subitamente consciente de sua seminudez. Durante alguns minutos lutou contra a vontade intensa de recusar tudo o que prometera na noite anterior. Como pudera ser louca a ponto de aceitar uma proposta tão fria? A idéia de fazer amor sem um ambiente romântico era apavorante, e o fato de realizarem um ato tão íntimo em plena luz do dia chegava a provocar-lhe pânico!

Guy percebeu o medo de Rebeca e guardou silêncio para não assustá-la mais. Desejava-a demais, porém não iria forçá-la ou pressioná-la a nada. Tinha que ser uma decisão espontânea, onde não houvesse lugar para remorsos posteriores.

— Estou com medo, Guy. É uma experiência nova para mim e...

— Eu te desejo muito, Rebeca.

— Talvez se desaponte comigo. Não sou uma mulher experiente, não sei como agradá-lo.

— Não pense nisso, deixe-se levar pelo desejo, querida. Quero tomá-la em meus braços, sentir sua pele colada à minha, tocar seu corpo... Se em algum instante tiver medo, é só me dizer, está bem?

Rebeca sacudiu a cabeça num gesto afirmativo, pois não foi capaz de emitir um som sequer. O momento era tão importante e, tão inesperado! Nunca se havia imaginado nessa situação ao mesmo tempo embaraçosa e excitante!

— Se quiser parar, não posso prometer-lhe que aceitarei a sua decisão, querida.

— Como assim?

— Vai ser impossível resistir aos seus encantos e me afastar se você me pedir. Há muito tempo não posso dormir direito, de tanto desejo de tomá-la em meus braços.

Guy iniciou Rebeca nos segredos do prazer com uma lentidão quase exasperante, despertando-a para a paixão com beijos muito suaves na pele delicada de seu rosto. Em expectativa, ela se entregava toda às carícias. Prendeu a respiração ao sentir os botões de sua camisa sendo abertos. O calor do sol tocou-lhe a pele nua, mas ela não ousou abrir os olhos ou mover-se, temendo romper aquele instante mágico.

Os lábios de Guy buscaram o seio rijo e farto, o mamilo que se erguia numa oferta inconsciente. Mesmo sabendo que poderia assustá-la, não resistiu; tomou nos lábios aquela flor madura, sugando-a, como se buscasse o néctar dos deuses.

Com um gesto de prazer, Rebeca obedeceu aos ditames de uma força incontrolável e arqueou o corpo ao encontro daqueles lábios que a arrastavam a um mundo de sensações desconhecidas.

Sorrindo ao perceber-lhe a sensualidade instintiva, Guy terminou de despi-la e por alguns segundos admirou a perfeição do corpo nu. Só então tirou o jeans e deitou-se ao lado dela.

Nesse instante, Rebeca abriu os olhos e viu-lhe o olhar malicioso.

— Ah! Então a curiosidade foi mais forte? Estava me perguntando por quanto tempo você conseguiria manter os olhos fechados.

— Eu não fiquei curiosa! Já vi centenas de homens nus!

— E todos eles estavam prestes a fazer amor? Deus do Céu! Em que tipo de hospital você trabalhou, enfermeira Clark?

— Oh, Guy! Não me atormente. É assim que se faz amor?

— Assim como?

— Dando risada, conversando...

— O que você esperava? Formalidade, gestos furtivos e um silêncio profundo?

— Na verdade... eu não sabia o que esperar.

Guy percebeu a emoção na voz de Rebeca e tomou-a nos braços. Unido a ela, pele contra pele, precisou conter a onda de desejo que o arrastava. Esperou que ela se acostumasse àquele contato. Então viu os olhos azuis, enormes e muito límpidos, fitando-o com um desejo tão grande quanto o seu.

— Quero que você me ame agora, Guy.

— Não sente mais medo querida?

— Não muito... — sussurrou Rebeca, sentindo que o desejo de Guy crescia à medida que aumentava sua própria ânsia de ceder à paixão.

Guy tomou-lhe os lábios num beijo profundo, desvendando com a língua os recantos de sua boca e os últimos temores de Rebeca se desfizeram. O silêncio da floresta, apenas os esquilos e as aves espalhavam ruídos agrestes. Uma águia majestosa cor azul do céu. O sol fazia brilhar as águas plácidas e o transformava em ouro e bronze os corpos entrelaçados sobre o musgo. Instintivamente, Rebeca tocou-o com intimidade, procurando conhecer-lhe o corpo. Ao ouvir-lhe os suspiros de prazer, foi tomada por uma ânsia ainda maior de entregar-se às sensações delirantes, pelas quais mal podia esperar.

Os dedos dele desvendavam seus segredos mais íntimos. Com a voz carregada de desejo ela murmura¹, lhe o nome, em resposta, sem saber que seus gemido de prazer o excitavam ainda mais.

Guy a fez desabrochar como uma flor ao calor do sul. Como a rosa do Ártico, ela expôs as pétalas macias e espalhou seu perfume, encantando a natureza com uma inocência cheia de sensualidade e paixão.

No momento em que seus corpos se uniram, Rebeca rompeu o silêncio com um gemido. As lágrimas de emoção presas a seus cílios se dissolveram aos beijos ternos de Guy. Quando ele se moveu, Rebeca quase protestou. Queria prolongar aquele momento único, sentir plenamente a emoção de partilhar seu corpo com ele. Mas uma onda de delírio a envolveu e ela acompanhou os movimento febris, sentindo o sangue correr como fogo em suas veias. Suas unhas se cravaram nas costas masculinas, nada podia deter o delírio desenfreado que se apossara deles.

Perdida num mar de sensações, Rebeca ouvia os gemidos roucos de paixão, sem saber se saíam de sua garganta ou dos lábios de Guy. O êxtase elevou-a ao auge emoções, e quando os dentes de Guy se cravaram em ombro, mergulhou com ele numa explosão de prazer. Durante muito tempo, permaneceram imóveis, abismados com a intensidade do delírio que os envolvia. Lágrimas de felicidade molharam os olhos de Rebeca que então deixou o pranto fluir livre.

Os anos de solidão e tristeza, a amargura de saber-se pouco atraente, as mágoas de uma juventude perdida foram lavadas pelas lágrimas para dar lugar à euforia infinita de viver a própria sensualidade. Jamais se acreditara capaz

tanta paixão nem esperava despertar desejos tão intensos num homem. Havia afogado cada sensação, cada emoção autodestruindo-se atrás da imagem distorcida pela gordura.

Mas agora estava livre, viva e Guy repousava a cabeça sobre seus seios.

Era verdade, não mais um sonho. Rebeca entrelaçou os dedos nos cabelos negros e brilhantes para se certificar de que o tinha nos braços.

Os lábios cálidos em sua pele a trouxeram de volta ao mundo. A tarde desfiou suas longas horas num repetir incessante de gestos apaixonados e entregas mais completas e envolventes. E a noite caiu sobre os corpos saciados...

Rebeca sempre se lembraria daqueles quatro dias mágicos como os mais felizes de toda a sua vida!

Já não importavam as privações que o incêndio os obrigava a passar, as horas incontáveis gastas em derrubar as árvores que sustentavam a cauda do avião para poderem usá-lo como abrigo. A dieta de peixes e raízes ou o fato de estarem quase sem roupas não passavam de detalhes insignificantes diante de uma nova realidade.

As únicas horas realmente vividas eram passadas nos braços de Guy! Momentos de paixão se alternavam a longas conversas e o ciclo de encantamento se repetia. Todas as barreiras entre eles tinham desaparecido e as confidências fluíam como um rio caudaloso. Falavam da infância, da adolescência, de emoções muito profundas; abriam a alma um ao outro e se deixavam conhecer. Agora se revelava a verdadeira essência do ser.

Guy não era o executivo bem-humorado, nem o conquistador atraente e despreocupado. Atrás dessa imagem existia um homem carinhoso e de grande sensibilidade, que o passado deixara marcas de sofrimento.

— Cansei de analisar os motivos, porém ainda não descobri por que meu casamento fracassou.

— Você disse que seus gênios não combinavam, não.

— Essa justificativa não me satisfaz. Não é verdade que não nos dávamos bem e nossas personalidades estavam em conflito. Tive com Maureen convivência agradável e tranquila, mas, de repente, senti que não havia mais amor entre nós.

— Os interesses divergiram e cada um seguiu seu caminho. Isso costuma acontecer, Guy.

— Sinto-me tão frustrado! Nós tínhamos comprado uma bela casa que Maureen decorou com requinte e bom gosto, carros novos... Subitamente isto deixou de ser importante para

mim e percebi que não havia sobrado afetividade ou amor! Como dois estranhos indiferentes, vivíamos sob um teto comum, partilhando a mesma cama!

— Por que tanta amargura, Guy? Seu casamento seguiu um caminho igual ao de tantos outros! As pessoas mudam e muitas vezes o parceiro não acompanha essa modificação. Há um afastamento lento mas contínuo e logo não existem mais interesses comuns... Não é tão raro assim!

— Você não compreende, Rebeca! De um momento para o outro o amor acabou... completamente.

— Talvez não tenha existido uma emoção genuína Guy.

— ...ou talvez eu não seja capaz de amar, não?

— Não entendo o que você quer dizer.

— Tive tanta certeza de que amava Maureen desde o primeiro olhar, mas o sentimento desapareceu rapidamente e sem deixar traços.

— Isso confirma a minha teoria de que não existe um amor verdadeiro.

— Você continua não percebendo onde quero chegar, Rebeca. Não vê que eu fui o inconstante, o único culpado? Maureen não deixou de me amar!

— Está insinuando que teve outras mulheres durante os anos de casamento, é isso?

— Você está ficando muito maliciosa, enfermeira Clark! Só pensa em sexo?

— Se alguém tem culpa dessa minha "obsessão"... que tal perguntar ao meu professor?

— Não se pode dizer que a aluna não goste de...

Rebeca pousou os dedos sobre os lábios de Guy.

— Guy! Sou uma mulher decente e exijo todo o respeito!

— Há poucos minutos você me pareceu bem... descontraída, enfermeira! Mas seja sincera! O amor existe realmente?

— Só porque seus sentimentos por Maureen acabaram não quer dizer que você não seja capaz de amar ou que o amor não exista. Provavelmente ainda não encontrou a emoção autêntica...

— E o que existe entre nós é real? Acredita que seja amor verdadeiro?

Rebeca não soube responder. Ainda não conseguira definir bem o que sentia por Guy. Tinha visto o casamento de seus pais se desintegrar entre brigas amargas até que só restasse um ódio destrutivo, cuja violência a marcara profundamente!

Seu envolvimento com Guy era profundo e apaixonado, porém ela hesitava em chamar de amor essas emoções intensas. Como sentir-se segura com ele se até alguns dias atrás jamais homem algum a tocara!

— Não posso dizer nada a esse respeito, Guy. O relacionamento íntimo entre homens e mulheres era um verdadeiro mistério para mim até hoje. Minha visão do sexo foi formada através de livros e filmes, portanto é muito romântica e irreal.

Guy fitou o lago muito azul com um olhar distante, seus pensamentos estavam muito longe da floresta e de Rebeca.

— Então? Teve ou não?

— Tive o quê, Rebeca?

— Teve outras mulheres enquanto esteve casado com Maureen? Você costumava traí-la?

— Por que você quer saber?

— Não é por simples curiosidade, mas porque você não me parece o tipo de homem que desrespeita um juramento significativo como o que se faz no casamento.

— Eu lhe pareço antiquado?

— Não é bem isso. Trata-se de respeito, de moral! Você é um homem honrado.

— Sabe que nunca me chamaram de "honrado" antes, Rebeca?

— Mesmo assim, você considera a honra e a integridade importante, não?

— Sem dúvida! Fui tão "honrado" durante o tempo que durou meu casamento que não tive coragem de contar nem aos meus amigos que jamais traí minha mulher!

Rebeca também falou sobre a sua família. Revelou que sempre se odiara por não controlar a fome compulsiva que a transformava numa adolescente obesa.

Em sua casa imperava o rancor; seus pais não se falavam, usando os filhos como mensageiros, o que marcara a vida das três irmãs de modo irremediável! Célia, a mais nova, era uma garota introspectiva que se alheava por completo dos acontecimentos para se defender; Tâmara, excêntrica e rebelde, se tornava difícil de controlar; Rebeca, incapaz de lutar, voltara-se para a comida. À medida que a crise familiar crescia, as quantidades de alimento aumentavam.

— Os desentendimentos transformaram nosso lar num ambiente corroído por ódio, amargura e ciúme5 — disse Rebeca.

— Então foi por esse motivo que você quis saber se eu enganava Maureen? — exclamou Guy. — Seu pai tinha outras mulheres, não é?

— Acredito que ele não tenha sido fiel à minha mãe nem mesmo no início do casamento. Pelo menos, não me lembro de alguma época em que o relacionamento deles fosse harmonioso e sereno.

Guy e Rebeca não ocupavam a maior parte de seu tempo conversando. Havia uma grande urgência em conseguir um novo abrigo onde se refugiarem à noite. Os dois passavam longas horas cortando os pinheiros que sustentavam a cauda do avião e só paravam quando a exaustão os atingia.

A decisão de trazer a fuselagem para o chão fora tomada em conjunto. Nenhum dos dois imaginara as dificuldades terríveis dessa tarefa. Mais de doze árvores suportavam a cauda e deviam ser cortadas com o maior cuidado para que o avião deslizesse para o chão em vez de cair de lado, partindo-se ou escorregando para trás, onde os troncos eram ainda mais grossos.

Guy, cuja perna tinha melhorado, já podia trabalhar mais e os dois se alternavam no uso do único machado. Enquanto ele cortava os galhos maiores, Rebeca observava-lhe os músculos ainda vigorosos.

— Rebeca, por que você demonstra tanta amargura em relação a sua mãe, se na verdade seu pai foi o grande culpado?

— Ela foi tão dominadora e autoritária que julgo difícil culpá-lo. Tudo devia ser feito exatamente como minha mãe queria ou o mundo vinha abaixo! Quando pequenas, éramos obrigadas a usar vestidos escolhidos por ela, mesmo nos sentindo ridículas e muito diferentes das outras crianças. Quanto a papai, ela o forçava a comportar-se do modo que julgava mais certo. Ele acabou se rebelando, é claro! No entanto, eu sempre sonhei...

— Com o quê, Rebeca?

— Com um pai mais corajoso, que lutasse por nós, impedindo mamãe de nos destruir com seu pouco-caso em relação aos nossos sentimentos!

Nesse instante, a fome incontável voltou a doer no estômago de Rebeca, como sempre provocada por uma sensação de rejeição. Os fatos passados há mais de treze anos não haviam perdido o poder de magoá-la profundamente. A necessidade de comer até estourar nada tinha a ver com a fome verdadeira que sentia ante as refeições insuficientes de ervas, raízes e peixe.

— Lembro-me de meu pai à porta da cozinha, olhando-me como se desejasse que eu não existisse! Ele não separava os sentimentos que nutria pela esposa do amor que deveria ter por nós. Éramos uma carga penosa, da qual não podia se livrar! Ele chegou a me confessar que se arrependia muito de ter tido filhos, quando me viu devorando uma torta de maçãs inteirinha. Palavras tão ofensivas, tão dolorosas...

— Suas irmãs seguiram esse mesmo caminho? Também engordaram?

— Oh, não! Eu fui a única. Tâmara e Célia são até magras demais.

— É estranho você ter escolhido esse tipo de fuga... Algumas vezes tentou descobrir o motivo?

— Sempre evitei pensar na minha gordura, agindo como se ela não existisse.

— Já não importa mais, pois agora você tem um corpo escultural, não é?

Rebeca olhou para suas pernas longas e bem-feitas como se ainda não acreditasse naquele milagre. Excetuando-se alguns arranhões e várias mordidas de mosquito, eram pernas belíssimas! A falta de uma alimentação normal e o exercício de cortar lenha, nadar e caminhar quilômetros em busca de comida haviam acabado com o excesso de peso tornando-a dona de um corpo de manequim. Não havia mais nem uma gordurinha extra, o que, embora a deixasse feliz, também a apavorava.

Se o socorro não viesse muito em breve, não haveria de onde tirar forças para continuar lutando pela sobrevivência. Sim, tinham chegado ao final de suas reservas!

Guy, já muito magro, se fatigava com qualquer excesso de atividade, tanto que era obrigado a dormir para recuperar as energias. Ela se mantinha acordada, trabalhando, mas logo também não teria mais forças. No entanto, as perspectivas eram tão aterrorizantes que Rebeca preferia não pensar nelas.

— Tenho muito medo do que vai acontecer quando tudo voltar ao normal. As tentações são muitas, será que eu conseguirei resistir?

— Você encontrará forças, Rebeca. O desejo de continuar esbelta vai ser mais forte. Não quer voltar a ter o corpo de antes, não é?

— Pelo jeito, você nunca fez regime, Guy. Quando não podemos comer, a mente desenvolve mil e uma maneiras de trapacear. Além disso, há recaídas terríveis. Só uma

quantidade exagerada de comida é capaz de afastar o desespero.

— Eu não gostaria de vê-la engordar novamente, Rebeca.

— Guy parou de cortar as árvores e se aproximou dela com uma expressão séria e preocupada.

— Eu perderia todos os meus encantos?

— Gosto da mulher que você é agora. Não percebeu que não foi apenas o seu corpo a sofrer mudanças incríveis? Quando caímos aqui no meio dessa desolação, você era uma pessoa insegura, cheia de problemas, que evitava qualquer intimidade, fugia do menor contato físico. Tudo que lhe lembrasse o fato de ser mulher a deprimia, não é?

— Estou me sentindo extremamente feminina neste momento, Guy McLaren!

Rebeca abraçou-o para não pensar em nada a não ser no desejo que nascia. O contato de suas peles, aquecidas pelo sol cálido do verão, afastava todos os problemas, todos os temores.

O sexo era a única maneira de esquecerem onde de onde estavam e não lembrarem do que os esperava. Como num ritual pagão, o ato de amor atingia um significado mais amplo, deixando de ser apenas o encontro físico dos corpos. Era uma afirmação das forças vitais, representava a vida e a esperança, traduzidas em gestos de paixão. Diante de pressões intensas e preocupantes, os dois buscavam o único modo que haviam encontrado para fugir da realidade ameaçadora.

Eles se amavam sobre o musgo aveludado, entre os pinheiros ou na areia fina da beira do lago. Rebeca se abandonava à paixão intensa de Guy, acompanhando-o passo a passo numa escalada delirante de volúpia. A necessidade de se perderem no mundo dos sentidos crescia, aumentando-lhes a sexualidade, que passou a ser o centro de suas vidas.

Após uma longa privação de contatos físicos, Rebeca não queria afastar-se dele, nem por um minuto. Tão atraente e sedutor quanto antes, Guy continuava despertando nela um ardor do qual jamais se acreditava capaz. Só quando seus corpos se fundiam num êxtase febril, sentia-se em paz, pois então nada mais existia a não ser o prazer.

A natureza oferecia-lhes a liberdade sem limites. Em meio a ela, davam vazão aos instintos primitivos que jazia sob camadas de repressão no mundo civilizado. E, como os animais que procuravam seus pares para perpetuar a vida, Guy e Rebeca se buscavam com a avidez nascida do desespero. Sentiam-se os únicos habitantes de um planeta deserto onde não havia necessidade de roupas nem de falsos pudores. Num

ritual selvagem, seus corpos se abandonavam ao delírio da paixão; usufruíram, com um prazer delirante que dificilmente seria superado em qualquer outra época de suas vidas.

Rebeca tomou Guy pela mão e convidou-o para irem até o lago. Como uma deusa pagã, ela exibia o corpo nu sem timidez, deixando o sol da tarde acender reflexos dourados em sua pele bronzeada.

Guy acompanhou-a sem fazer perguntas, pressentindo algo indefinível na atitude de Rebeca. Ela fazia um convite que ele não tinha forças para recusar! Era impossível ignorar que cada ato de amor podia ser o último, essa ameaça fazia o desejo crescer a proporções jamais atingidas.

Deitando-se na areia, Rebeca puxou Guy para si e pediu para ser amada, como se o prazo estivesse chegando ao fim.

— Quero sentir você vibrar nos meus braços, Guy... me ame, por favor...

A água batendo em seus pés como beijos frios acompanhou com sua cadência lenta os murmúrios de paixão que ecoavam no silêncio da floresta. O sol já atingia o lago com a luz rubra do crepúsculo quando os corpos exaustos cessaram a busca ávida do prazer. Guy ainda mantinha os lábios sobre a pele sedosa dos seios como se sua sede por Rebeca fosse inextinguível.

— Já lhe disse que você tem os seios mais bonitos do mundo, querida?

— Muitas vezes, mas ficarei ainda mais feliz se ouvir de novo...

— Assim você vai ficar muito vaidosa! São seios perfeitos, talvez grandes demais para um manequim, mas do tamanho ideal para...

— Continue, Guy. Do tamanho certo para quê?

— Para dar prazer a um homem, para amamentar um filho...

Em silêncio, Rebeca pensou num futuro distante ou impossível em que teria nos braços um bebê risonho com os mesmos olhos verdes daquele homem fascinante.

— Você não quer filhos, Guy?

— Eu? Algum dia disse que não queria? — perguntou ele, surpreso. — Não me recordo de ter mencionado filhos em nossas conversas.

— Há muito tempo, numa tarde chuvosa, nós ficamos a tarde inteira na cabana, lembra-se? Nesse dia, disse-me que Maureen queria filhos, mas você não.

— Está me achando igual a seu pai, para quem filhos representavam apenas uma carga penosa, um fardo pesado demais?

— Não sei... talvez seja uma reação masculina bastante comum.

— Eu não queria ter filhos com Maureen, disto estou certo. — Guy procurou-lhe os olhos. — Está tentando me prevenir de que pode ficar grávida, Rebeca?

— Não acredito nessa possibilidade. Quando se perde muito peso, todo o corpo se ressent e nenhuma função continua normal. Além disso, a alimentação é muito deficiente, o que altera o funcionamento sadio do organismo.

Guy deu um suspiro de alívio. Não pretendia assustar Rebeca, mas suas energias haviam se acabado. A vida de ambos dependeria agora quase que exclusivamente de Rebeca. Se ela engravidasse, estariam perdidos!

Rebeca percebeu a reação de Guy e sentiu o coração apertar-se. Seria tão bom se restasse um filho, uma lembrança real daqueles dias mágicos. Uma vida nova seria a testemunha de dias de paixão infinita! No entanto não seria possível, nunca escapariam daquele pesadelo cruel...

A noite caía quando Guy e Rebeca voltaram para o abrigo e acenderam o fogo que afastaria as trevas e os perigos noturnos. Banhados pela claridade trêmula das chamas, adormeceram abraçados, à espera de que o destino lhes concedesse mais um dia de amor...

Na manhã seguinte, enquanto Guy saiu em busca de ervas e raízes, Rebeca ficou à beira do lago, pescando. Como, aquela atividade lhe desse ensejo de pensar sobre o futuro, ela desenvolveu uma técnica de esvaziar a mente para não sofrer. Forçou-se a se concentrar nas três linhas de pesca mergulhadas na água, ouvindo o marulho das ondas contra as pedras e gozando o calor do sol sobre a pele.

Não notou as nuvens cinzentas que surgiam no horizonte como rolos de fumaça, sinistras e ameaçadoras. Só quando a claridade diminuiu e uma brisa gelada soprou contra seu corpo quase nu, ela acordou do estado quase hipnótico que aperfeiçoara para fugir da realidade trágica.

O vento muito forte trazia nuvens pesadas e velozes. Aquela não era uma tempestade como as outras. Talvez fosse a primeira das ondas de frio a chegar. Seria seguida por outras que se tornariam mais frequentes até que o outono transformasse a região num inferno gelado.

Até agora, as tempestades, embora violentas e assustadoras, duravam muito pouco. Havia dias em que chovia várias vezes, mas o sol sempre retornava entre os últimos pingos de chuva. Nunca antes soprara um vento tão frio nem se pudera notar a ausência ameaçadora de raios e trovões... esta já não era mais uma tempestade de verão!

Reunindo o equipamento de pesca, Rebeca correu para a fuselagem do avião que lhes servia de abrigo. Era muito mais seguro e confortável do que a cabana improvisada, sendo possível manter os agasalhos secos e até mesmo acender o fogo sem perigo de um incêndio.

Enquanto ela retirava cobertores e roupas mais quentes do compartimento de bagagens, gotas começavam a tamborilar no metal. A temperatura caiu bruscamente e tremendo de frio, entrou no saco de dormir, pensando em Guy, que saíra de shorts e sem camisa.

Lufadas de vento gelado entravam pelas frestas. A cada ruído diferente, Rebeca inclinava-se para fora, esperançosa de ver Guy chegando ao abrigo.

Ele não poderia ter ido muito longe pois sua perna ainda doía e sem dúvida, estaria abrigado à espera de que o tempo melhorasse.

Depois de quinze minutos, Rebeca entrou em pânico. Visões assustadoras de Guy ferido por um animal selvagem, sem condições de se mover, a atormentavam. E se ele tivesse caído, desmaiando com a queda? Havia inúmeras possibilidades e todas elas tão terríveis que Rebeca não conseguiu mais permanecer à espera.

A chuva amainou. Ela saiu do abrigo e começou a chamá-lo, desesperada. Como não havia resposta alguma, partiu na direção tomada por Guy. Não tinha andado muito quando o viu arrastando-se para fora da floresta.

— Guy! O que houve?

— Minha perna. Machuquei-a tentando fugir da chuva... pisei num buraco.

A expressão de Guy refletia uma dor intensa. Ele tremia convulsivamente, estava ensopado, enregelado.

— Deixe-me ajudá-lo. Você precisa de agasalhos secos e um chá bem quente.

Com os braços ao redor da cintura dele, Rebeca quase o arrastou até o abrigo. Guy deixou-se despir como se não tivesse forças sequer para respirar. Seus lábios estavam azuis de frio e tremores percorriam-lhe o corpo, apesar das roupas secas. Desesperada, Rebeca, deitou-se ao lado dele para

transferir-lhe calor enquanto murmurava palavras de conforto.

Mas Guy não parecia ouvi-la. Os olhos fechados, o rosto pálido como uma máscara de cera e a respiração entrecortada evidenciavam o estado de exaustão em que ele se encontrava. O homem atlético e vigoroso desaparecera, deixando em seu lugar um corpo frágil e trêmulo.

Como Rebeca não percebera que ele estava tão debilitado, pele sobre ossos? Durante os últimos dias, haviam se amado com frequência e o ânimo de Guy a enganara. Seu organismo usara energias que quase já não possuía.

O sol voltara a brilhar, clareando o interior do abrigo, trazendo a alegria de volta à natureza. A tempestade passara, deixando uma trilha de destruição para atestar sua presença. Galhos e folhas cobriam o chão; por toda parte, poças de água rebrilhavam ao sol. Mas a chuva deixara mais um sinal: o frio aterrorizante!

Com a pele em fogo, Guy tremia. Rebeca era antes de tudo uma enfermeira e não podia continuar se iludindo. Apoiou a cabeça no peito dele como que para não enfrentar a realidade angustiante.

Uma vozinha maldosa continuava a murmurar em sua mente a palavra fatal: pneumonia! Guy estava com pneumonia e ia morrer naquele maldito lugar...

Capítulo VI

Guy apresentou todos os sintomas clássicos da pneumonia, uma doença tão terrível quando não se tem acesso aos antibióticos. A febre muito alta, crises de tosse violenta, dor no peito deram início a um estado grave.

Rebeca o mantinha quente sob os cobertores enquanto o forçava a tomar chá a fim de que ele ingerisse ao menos um líquido. Quando a respiração tornou-se muito difícil, ela o fez sentar-se, molhando-lhe o rosto com um pano úmido, na luta constante para baixar a febre.

Guy tinha poucos momentos de lucidez, quando tentava convencê-la a sair para pescar. Com voz muito fraca, insistia para que Rebeca se alimentasse normalmente pois de nada adiantaria ficar ao lado dele e, em pouco tempo, também iria adoecer.

Viveram então longos períodos de delírio, em que ele voltava ao passado e misturava lembranças da infância com recordações dos primeiros anos de casado. Chamava Rebeca de mãe e de Maureen, pedindo respostas que ela não podia dar.

Rebeca o ouvia com atenção, mas suas esperanças já se esvaíam. Guy ia morrer e ela não tinha como ajudá-lo! A experiência de enfermeira a forçava a admitir a verdade. Os sintomas estavam se agravando e, em pouco tempo, ele não teria mais forças para resistir ao ataque brutal da doença.

Sem lembrar-se de comer ou dormir, Rebeca não percebeu o quanto estava se debilitando. Toda a sua atenção se voltava para Guy e as lágrimas não cessavam de correr. Era como se estivesse pranteando pelo companheiro que, mesmo ainda vivo, não duraria muitos dias. Só depois do inevitável, ela iria pensar em como sobreviver sozinha!

Durante aquele pesadelo interminável, Rebeca teve uma súbita revelação: estava apaixonada por Guy! Apenas uma emoção tão profunda teria feito florescer a atração sexual entre eles. A intensidade de sua dor só podia ser fruto de um amor verdadeiro. Já não havia como acreditar que o relacionamento deles fosse causado pelo ambiente.

No início, Rebeca vira o envolvimento romântico como uma busca de esquecimento e prazer de seres humanos isolados do mundo. As dificuldades criadas pela sobrevivência e a incerteza em relação ao futuro teriam forjado elos muito fortes, mas circunstanciais.

Agora, ela sabia que estava perdendo um homem como jamais encontraria outro em toda a vida! Guy havia se tornado parte dela. Amigo e amante, ele a conhecia mais do que qualquer outra pessoa e a amara com uma intensidade única.

Numa hora difícil da madrugada, quando os tremores cresceram e o medo da morte se tornou mais presente, Rebeca chegou à conclusão de que Guy também se apaixonara por ela. Apesar de não se acreditar capaz de amar, ele demonstrara por gestos e atitudes uma afeição profunda que só podia ser amor. Nunca pronunciara uma palavra que confirmasse esse sentimento, mas Rebeca confiava na sua intuição feminina e sabia que era amada.

Ah! Que tristeza imensa perder tanto amor!

Noites e dias se fundiam num desenrolar angustiante de horas. Apenas a luz do dia que quase a cegava quando saía do avião para buscar água ou lenha, demonstravam a Rebeca que o tempo não parara de correr.

O assobio do vento nos pinheiros perdera o tom suave e acalentador, soando agora como a gargalhada sinistra de um destino que continuava a zombar deles.

O mais simples dos antibióticos poderia salvar em poucas horas a vida de Guy... um remédio que seria encontrado facilmente no menor dos vilarejos. Não muito longe, havia sem dúvida alguma aldeia... a vinte ou quarenta quilômetros dali?

De carro, a distância chegava a ser ridícula, mas a pé tornava-se um obstáculo intransponível, mesmo porque existiam florestas, lagos e penhascos para dificultar a caminhada. Além desses problemas, havia o grande dilema de saber qual a direção a tomar!

Rebeca seria capaz de enfrentar qualquer perigo para salvar a vida de Guy. Caminharia dia e noite se tivesse certeza do rumo, embora sua fraqueza fosse um obstáculo, não era a grande dificuldade. Como largá-lo sozinho, sem ninguém para dar-lhe um gole d'água? Não podia deixar Guy morrer sem o conforto de um amigo!

Por ter tratado de todo o tipo de doentes, Rebeca percebia o enfraquecimento visível de Guy. Os períodos de delírio aumentavam e os movimentos descoordenados chegavam a ser perigosos.

Numa noite em que o cansaço a venceu, foi acordada pelo debater frenético de Guy, que ferira as mãos na parede metálica do avião que lhe servia de abrigo.

— Eu me machuquei... — murmurou ele coerente, mas mostrando o esforço que lhe custava pronunciar as palavras. — Rebeca?

— Não se preocupe. Faço um curativo e...

— Rebeca? Eu não vou conseguir, não é?

— Que bobagem! — disse ela, num esforço sobre-humano para não chorar. — Logo você estará bem.

— Rebeca... mentirosa. Nunca conseguiu me enganar.

— É verdade! Você não vai morrer! Eu não vou deixar!

Guy fez uma tentativa de riso, mas logo um acesso violento de tosse o abateu. No lenço que Rebeca colocou-lhe perto dos lábios, surgiu uma mancha rubra.

— Isso não quer dizer nada! — afirmou ela, tentando desesperadamente ocultar-lhe a verdade. — Não tire conclusões apressadas.

— Eu sei... o que vai... acontecer.

Guy falava baixinho, quase num sussurro, e Rebeca teve a intuição sinistra de que ele não duraria até a noite.

— Sinto muito, Rebeca. — Ergueu a mão e tocou o rosto úmido de lágrimas. — Não queria deixá-la...

Aquele murmúrio era quase um pedido de desculpas por mais um golpe do destino. O toque suave da mão em seu rosto foi a gota d'água para Rebeca. Nem o sono, nem a fome haviam quebrado sua coragem, mas agora o pranto vinha com o ímpeto de uma tormenta. Encostando a cabeça no peito magro de Guy, ela deu vazão a um desespero profundo.

— Oh, Guy, não morra, por favor. Não me deixe sozinha, por favor...

Guy esperou que a crise passasse, acariciando-lhe o rosto agora transtornado pela dor. Os soluços abalavam o corpo frágil de Rebeca e ele não tinha forças para abraçá-la. Em seu rosto pálido apenas o brilho dos olhos demonstrava a existência de vida.

— Sou eu quem pede desculpas, Guy. Não devia ter perdido o controle.

— Precisa... ter bons modos, enfermeira.

Naquele instante Rebeca o amou ainda mais. Com uma sombra de sorriso, ele suavizara a gravidade do momento difícil de dizer adeus. Muito em breve, ela sabia, não mais ouviria aquela voz querida. E, como já o fizera antes, acompanhou-o na tentativa de tornar menos difícil a situação dramática.

— Você é único, Guy! Consegue brincar até num momento como este!

O murmúrio dele era quase inaudível, mas Rebeca aproximou-se para entender melhor.

— Não posso fazer mais nada além de rir, não é?

Rebeca só saía do lado de Guy para atender às necessidades dele. Precisava fazer um chá bem quente e o fogo estava quase se apagando, portanto era chegada a hora de enfrentar as difíceis tarefas solitárias.

Enxergando muito pouco e com uma tontura violenta, Rebeca abaixou a cabeça rapidamente. A fome estava provocando efeitos desastrosos em seu organismo, mas não tinha coragem de deixar Guy por muito tempo.

Por mais que ela evitasse pensar, a realidade se impunha, indomável e sinistra. O fim estava muito próximo! Guy tinha piorado e sua respiração se tornara difícil. A febre altíssima consumia-lhe as energias vitais do organismo. O próximo passo seria a inconsciência do coma!

Não! Não era verdade! Se ele tomasse um chá bem quente logo melhoraria. Só era preciso fazer um fogo alto e forte!

Desesperada, Rebeca começou a reunir gravetos secos e logo as chamas se ergueram quase até a altura de seu rosto. Ela nem percebia o perigo pois se esquecera por completo de sua aparência. Os cabelos caíam numa massa embaraçada sobre seus ombros, os lábios estavam rachados e as roupas... eram as mesmas de três dias atrás. Uma camisa de flanela que se rasgara no esforço de conter Guy durante o delírio e um par de jeans amarrados à cintura com um barbante para não cair eram o complemento perfeito para as meias furadas que Rebeca colocara para aquecer os pés.

O pior de tudo, porém, eram as mãos! Cheias de calos e cortes, nem pareciam as mesmas de dois meses atrás. Como grande parte das mulheres de corpo deformado pela gordura, Rebeca sempre cuidara, com uma atenção exagerada, das mãos, do rosto e dos cabelos. Entretanto a Rebeca de ontem dera lugar a uma mulher diferente!

Essa nova criatura, nascida do primitivismo da floresta, era capaz de matar um esquilo para comer ou lutar como um homem! E sem dúvida ia precisar de todas as forças para sobreviver!

Brevemente, seria forçada a ver o homem amado perder a última batalha contra a morte e teria que sufocar a dor e sobreviver sozinha. Sua grande dúvida era se teria força de vontade para prosseguir sem ele.

Como suportar a falta do companheiro que a entendia tão bem a ponto de completar as frases que ela iniciava? Como não pensar no rosto querido, na voz ardente do amante, na compreensão do confidente?

Um ruído ensurdecedor a distraiu e interrompeu o lamento por um amor perdido. Rebeca ergueu a cabeça assustada. No céu, uma águia solitária seguia seu caminho em busca do sol. Mas, do outro lado, havia algo... talvez uma garça?

Ela firmou a vista e teve uma visão incrível, talvez uma miragem. Estaria tendo alucinações por causa da fome ou era mesmo um hidroavião?

O barulho do motor, porém, era real e o enorme pássaro branco passou sobre o lago, indo na direção das montanhas. Rebeca distinguiu os números pintados na fuselagem e viu duas cabeças no interior do avião.

— Voltem! — Correu para os rochedos mais altos, acenando e gritando: — Trata-se da vida de um homem! Voltem!

O avião afastou-se como se os destroços ainda visíveis no meio do lago não tivessem chamado a atenção de ninguém. Os passageiros seriam tão frios a ponto de ignorar os sinais evidentes de uma tragédia?

— Miseráveis! — Ela gritou, alucinada, erguendo os punhos cerrados na direção da mancha branca cada vez mais distante. — Guy está morrendo! Vocês não entendem? Ele está morrendo.

E quem se importaria com uma vida perdida naquela região onde a morte espreitava de perto? A águia continuou seu vôo majestoso, assim como o piloto surdo aos seus gritos seguiu em busca da civilização.

Completamente tonta pelo esforço, Rebeca ajoelhou-se sobre a rocha fria para não desmaiar. Sentia-se tão mal que tinha medo de não poder voltar até Guy, que precisava muito dela!

A água foi agitada pelo vento. Ela ergueu a cabeça e, incrédula, viu o hidroavião pousando entre a espuma branca das ondas na lagoa. Um milagre! O piloto ouvira seus gritos, vira seus gestos. Após fazer a curva, viera buscá-los!

Os dois homens que desciam do avião viram-lhe a figura silenciosa de pé sobre a rocha. Cabelos ao vento, frágil e desesperada, ela os fitava com um olhar angustiado no rosto magro.

— Você está bem? — perguntou um deles, ainda galgando as rochas.

— Há um homem muito doente! Por favor, corram!

Rebeca os fitava como se nunca tivesse visto seres humanos antes. Havia se esquecido de que as pessoas podiam ser coradas, de pele brilhante e energia transbordante

— Você está mesmo bem, moça?

— Sim, Guy é que ficou doente. Pneumonia dupla

— Onde ele está?

Ao lado dela, os dois homens, ajudaram-na a sentar-se.

— Fique aqui, moça. Nós vamos buscá-lo.

Rebeca obedeceu, ainda incapaz de absorver o milagre. Estavam isolados há tanto tempo que ela até já se conformara em morrer.

— Vocês são do grupo de buscas?

— Buscas? Estávamos sobrevoando a região e só por acaso vimos a traseira do avião entre as árvores. Quando diminuímos a altitude para verificar se havia algum sobrevivente, a vimos acenando para nós.

Então não tinham sido os destroços no meio do lago que chamaram a atenção deles? Se ela e Guy imaginassem que a traseira entre as árvores seria mais visível, teriam cortado os pinheiros antes!

— Não sabiam que um avião tinha caído aqui?

— Ouvimos a notícia do Twin Otter, que teve um acidente há meses. Se não me engano, havia três passageiros. Você é um deles?

— Sim...

— E o homem é o piloto?

— Não. O piloto e a outra passageira morreram. Ela se chamava Sandra e está ali... no meio do lago.

Pontas metálicas afloravam à beira da água, num testemunho mudo da tragédia.

— Rick! — o outro homem gritava na entrada do abrigo.
— Traga a caixa de primeiros socorros!

As vozes e o movimento deixavam Rebeca atordoada. A chegada do socorro, tão ardentemente desejada, era um milagre tão grande que ela ainda não acreditava nas figuras humanas diante de seus olhos. Perdera a noção de tudo nos dias em que ficara ao lado de Guy, tentando deter a marcha inexorável da doença. Havia até esquecido que existiam outros seres humanos na face da terra, além deles dois!

— Ei, moça! Seu nome é Rebeca?

O homem que fora socorrer Guy a chamava da entrada do abrigo, com um olhar de piedade. Teria acontecido algo? Será que...

Desesperada, Rebeca ergueu-se, ignorando as náuseas e a tontura, e correu para junto de Guy.

— Sim. Eu sou Rebeca. O que houve?

— Nada aconteceu, moça. Mas acho melhor você vir logo porque ele não pára de chamá-la.

A tão sonhada volta para o mundo civilizado não seria mais do que uma seqüência de imagens desconexas na mente de Rebeca. Enrolado em cobertores, Guy foi colocado numa maca no fundo do avião. O homem de cabelos castanhos insistiu em ficar ao lado de Guy e sugeriu a Rebeca que sentasse na poltrona mais confortável, ao lado do piloto.

Ela recusou, incapaz de afastar-se de Guy! Os laços que os uniam haviam se tornado indissolúveis e ela não suportava a idéia de deixá-lo sequer por um instante. Além disso, apesar da aspirina e do antibiótico, Guy continuava delirando, pois não houvera tempo para que os remédios agissem. Murmurava palavras sem sentido, e fazia gestos agitados e descoordenados.

A febre aumentava tanto que Rebeca pedia a Deus para chegarem logo ou ele morreria antes de ser ajudado!

O avião desceu no rio próximo a Inuvik e uma ambulância conduziu-os até o aeroporto, onde um avião maior os esperava para levá-los até Edmonton.

As decisões foram tomadas pelo médico que os acompanharia ao hospital. Rebeca ficou aliviada por não precisar tomar nenhuma atitude. Sentia-se infinitamente feliz por saber que seu amado estava em mãos capazes.

Guy foi medicado enquanto o avião levantava vôo. A Rebeca foi oferecida uma sopa que viera acondicionada numa garrafa térmica. Nunca um alimento lhe parecera tão delicioso e reconfortante. Logo sentiu uma paz abençoada. Pôs a mão no ombro de Guy e, mesmo querendo ouvir a conversa entre o médico e o piloto, não resistiu ao sono.

— Eles estavam morrendo de fome aos poucos. Percebe-se, pelo estado de desnutrição, que a dieta habitual era muito deficiente.

— Acha que ele vai escapar desta, doutor? — perguntou o piloto, vendo-o atento à pulsação de Guy. — Como está o coração?

— Bem fraco. Apesar da constituição forte, este homem não resistiria nem mais um dia. Nem sei como agüentou até hoje!

— A mulher está em condições melhores.

— Ela não era gorda antes do acidente? — inquiriu o médico, com uma expressão intrigada. — Lembro-me de ter visto uma fotografia dos passageiros pouco antes do desastre do avião. Entre eles havia uma mulher obesa. Talvez fosse a outra que morreu...

— Duvido que essa tenha sido gorda, se bem que tanto tempo quase sem comer é equivalente a um regime dos mais violentos. Mesmo assim, acho que ela nunca teve um quilo de excesso de peso em toda a vida!

Os dois olharam para a jovem adormecida. O sono suavizara suas feições, tornando os traços quase etéreos. A cabeleira ruiva sobre o encosto da poltrona dava a perceber que deviam ser belos os cabelos ruivos e fartos. No entanto, não se podia ignorar a palidez e as olheiras fundas daquele rosto bonito, mas cansado.

— Os dois devem ter sofrido um bocado — refletiu o médico. — A moça está num estado de completa exaustão. Sem dúvida cuidou dele dia e noite e nem teve tempo para se alimentar.

Notando a mão de Rebeca pousada sobre o ombro de Guy, o piloto observou que, apesar do relaxamento provocado pelo sono, o gesto demonstrava possessividade.

— Eles parecem ter se afeiçoado muito, não acha, doutor? Ficaram tanto tempo isolados do mundo, só podendo contar um com o outro, que devem ter criado um relacionamento bastante dependente.

— Ele não é casado?

— Não tenho a menor idéia. Se for, vai ser complicado explicar para uma esposa o que aconteceu durante esses meses.

— Se há alguma coisa que este homem pode dispensar é mais uma complicação! Ele já está com problemas demais.

— Avisei a Casa de Saúde de Edmonton e uma ambulância irá nos esperar no aeroporto.

— Só espero que a notícia não tenha se espalhado, pois os repórteres vão chegar como moscas atraídas pelo mel. Estes dois precisam de muito sossego antes de poder enfrentar o mundo civilizado outra vez. Vai ser uma adaptação muito difícil.

Quando o avião iniciou a descida, Rebeca acordou, assustada, sem saber onde estava. O corpo todo lhe doía, mas havia uma sensação estranha de bem-estar. Lembrou-se então de que tinham sido salvos e procurou imediatamente por Guy. Encontrou o olhar cheio de compaixão do médico.

— Não se preocupe, moça. Ele está bem.

— A infecção se espalhou demais devido à fraqueza do organismo. Creio que os dois lados do pulmão foram tomados pela pneumonia.

— Você fala como um médico...

— Sou enfermeira diplomada.

— Então ele é mesmo um homem de sorte! Você sabia exatamente como proceder, não é?

— Infelizmente não se pode fazer nada sem antibióticos. Tentei baixar a febre mas não consegui.

— Ele já foi medicado e quase não tem febre. E você? Até agora não ouvi uma só queixa sua.

— Não tenho nada que um alimento nutritivo e uma cama confortável não possam curar.

— Mesmo assim, quero fazer todos os exames e verificar seu estado geral. O fato de estar se sentindo bem pode ser muito enganador. Só vou deixá-la sair do hospital quando estiver em condições de participar de uma maratona.

Rebeca sorriu enquanto tomava o pulso de Guy. As batidas estavam muito mais fortes e o rosto querido já não parecia tão pálido. Guy ia viver!

Uma onda de felicidade envolveu-a. Rebeca voou em pensamentos para muito longe da cabine do avião, imaginando a vida maravilhosa que teriam juntos: numa casa aconchegante e plena de amor, eles partilhariam alegria e tristeza, sem nunca esconder mágoas. Lutariam para não deixar a indiferença transformá-los em dois estranhos, como acontecia tão frequentemente.

Acordar pela manhã para saudarem juntos o novo dia, jantar à luz de velas... Guy iria apresentá-la a seus amigos, sem soltar-lhe a mão, mostrando no olhar e na expressão amorosa o quanto se orgulhava da esposa.

E ela se esforçaria por fazer jus a essa admiração, vestindo-se com elegância e mantendo o corpo em forma, para mostrar ao mundo o quanto amava seu marido.

Mas, quando se lembrou de que sua magreza era ainda muito recente para ser considerada definitiva, Rebeca voltou à realidade. Ia precisar de muito cuidado e talvez algum tipo de esporte que gastasse tantas calorias quanto rachar lenha!

— É... o senhor tem razão, doutor. Quando eu sair do hospital... vou fazer uma maratona por dia!

A ambulância deixou o aeroporto de Edmonton velozmente e, tão logo encontrou um trânsito mais pesado, ligou a sirene.

Rebeca notou que sons aos quais jamais dera atenção antes agora a perturbavam por sua intensidade. A sirene aguda, as buzinas frenéticas e o motor dos carros doíam em seus ouvidos. Há hora atrás, ela não acreditaria se alguém dissesse que iria sentir falta do acampamento improvisado.

Sentiu uma saudade incrível das planícies cobertas de pinheiros. Como seria bom ouvir o sussurro da brisa nas folhas, o som repousante da água batendo nas rochas ou os uivos dos lobos! Era muito mais agradável o brilho do sol sobre o lago do que o reflexo metálico da luz batendo nas janelas de vidro dos prédios à sua volta. Como era gostoso o silêncio da natureza!

A ambulância, com sua estridente sirene ligada, virava as esquinas rangendo os pneus. Em meio a tanto ruído, Guy dormia como uma criança. Rebeca segurava-lhe as mãos, rezando para que ele não acordasse antes de chegarem ao hospital.

Poucos minutos depois, atravessaram os portões da Casa de Saúde de Edmonton onde uma pequena multidão aguardava diante da porta principal.

— Droga! — exclamou o medito irritado. — Não sei como eles conseguiram saber!

— Saber do quê? — perguntou Rebeca. — Quem são eles?

— Souberam de sua chegada. Vocês são notícia e os repórteres estão à espera, moça.

— Repórteres? Do jornal da cidade?

— Antes fossem! A televisão, o rádio e a imprensa querem mais um furo de reportagem.

— Não! Eu não quero falar com ninguém!

Pela primeira vez em dias, Rebeca lembrou-se de sua aparência e tocou os cabelos sujos e embaraçados. Não se via num espelho há meses, mas sempre se mantivera limpa e decente. Durante a doença de Guy, porém, esquecera-se de tudo, dedicando-se apenas a tratá-lo. Não queria que sua imagem aparecesse em milhares de aparelhos de televisão!

— Não podemos entrar pelos fundos? — perguntou o médico ao motorista. — Assim evitaríamos esse abuso!

— Não é possível. Todo o equipamento foi preparado na entrada principal.

— Então vamos enfrentar a multidão. — Voltou-se para Rebeca e deu um sorriso desapontado. — Não conseguimos evitar isso, mas prometo-lhe que entraremos o mais rápido possível no hospital. Sorria apenas e não diga nada.

A ambulância parou e, antes mesmo de a porta abrir-se, um mar de repórteres alucinados por uma foto dos sobreviventes rodeou o veículo, com os flashes estourando seguidamente.

De dentro do hospital, figuras vestidas de branco tentavam abrir caminho para as macas. Quando Guy entrou em primeiro lugar, o murmúrio da multidão elevou-se e as luzes ficaram ainda mais fortes.

Era chegada a vez de Rebeca! O médico, e o enfermeiro a seguraram pelos braços, usando os corpos para protegê-la. Vozes e luzes tornaram aqueles poucos passos um pesadelo e ela rezou para chegar logo ao saguão do hospital e não vê-los mais.

Microfones, surgidos como por milagre, eram colocados próximos de seu rosto e perguntas se entrecruzavam sem que ela compreendesse uma só palavra. Mas algumas vozes eram mais fortes e Rebeca foi obrigada a ouvi-las!

- Como se sente por estar de volta ao mundo civilizado, srta. Clark?
- O que vocês comiam? Passaram muita fome lá?
- Você e o Sr. McLaren já se conheciam antes do acidente?
- Viviam nus ou sobrou alguma roupa dentro do avião?
- Qual foi sua sensação..."

As perguntas a atingiam como pedras e Rebeca se encolheu, amedrontada.

A transição da serenidade da natureza para o mundo agitado dos seres humanos tinha sido muito rápida. Os flashes feriam seus olhos com uma luminosidade perturbadora, enquanto perguntas ofensivas e maldosas punham fim ao período de encantamento vivido entre pinheiros e animais.

Rebeca queria cobrir os olhos para não ver os olhares ávidos e maliciosos que ameaçavam transformar um acidente do destino num escândalo jornalístico. Mas não podia mover os braços. Estava sendo conduzida pelo médico e pelo motorista, através de uma massa compacta de corpos, para o saguão do hospital.

- Agüente mais um pouco, moça. Estamos chegando!

Uma pergunta cheia de veneno chegou a seus ouvidos e seus joelhos cederam diante da maldade ferina daquela voz anônima.

Logo inúmeros braços se abriram para ela e duas enfermeiras a ampararam, levando-a para um corredor silencioso. As palavras ditas à sua passagem porém não lhe saíam da cabeça.

"Você se apaixonou pelo Sr. McLaren? Por acaso ele lhe falou da esposa antes de fazerem amor?"

Rebeca recebeu um tratamento incomum dentro dos padrões de um pequeno hospital. As enfermeiras, penalizadas com seu estado físico, a cercaram de afeição. Uma delas, que já fora cabeleireira, lavou e cortou-lhe os cabelos ressecados e outras trouxeram cremes e loções para tratar da pele crestada pelo sol e pelo vento. Todas a cobriam de atenções, a ponto de servirem-lhe uma refeição deliciosa que não podia ter saído de uma cozinha hospitalar.

Havia uma grande curiosidade a respeito de sua aventura, mas, por uma consideração gentil, ninguém lhe fez perguntas indiscretas. Os médicos fizeram todo o tipo de exames para verificar seu estado de saúde, tratando-a com carinho, sem mencionar a situação terrível que ela passara.

Guy ainda estava na Unidade de Terapia Intensiva onde recebia uma atenção constante, e só sairia quando deixasse de correr perigo de vida. Como a febre abaixara, ele iria para o quarto dentro de vinte e quatro horas, quando então Rebeca poderia visitá-lo.

Havia um telefone no quarto dela, mas a decisão de telefonar a sua família custou muito a ser tomada. As autoridades já lhes haviam dado a notícia de que fora salva, portanto o choque de ouvir sua voz não seria muito grande.

Por muito tempo, ela pensou nos problemas familiares, sabendo que, ao ouvir a voz da mãe, estaria voltando à vida normal. E essa normalidade significava ser novamente envolvida numa teia de relacionamentos complexos. Fora exatamente a incapacidade de viver em meio a tantos conflitos que a levava a deixar Fairfax, dois meses atrás.

O ideal era ligar para Tâmara em primeiro lugar. Foi o que fez. Ao ouvir sua voz, a irmã começou a chorar, apesar de já ter sido avisada do salvamento de Rebeca.

— Oh, querida pensei que você tivesse morrido! Não conseguia acreditar...

— Graças a Deus, estou bem agora, Tam.

— Tem certeza? Não ficou doente? A sua voz me parece a de uma pessoa saudável.

— Só me faltava comida, e isso já foi providenciado pelas simpáticas enfermeiras do hospital. Elas têm comprado minhas refeições num restaurante ótimo, em vez de me dar aquela alimentação insossa de hospital.

— Você emagreceu muito, não é?

— Quase trinta quilos...

— Deus do Céu! Acho que não vou conhecê-la!

— É bem provável. Eu mesma custo a me reconhecer!

— E o homem que estava com você, teve problemas?

— Infelizmente, ele está com pneumonia. Pensei que não fosse resistir, mas parece que agora já não há mais perigo de vida.

— Quando você desapareceu, eu tinha pesadelos tereis! Atravessava os dias e as noites pensando em anilais selvagens, no frio e na fome... Você deve ter passado maus bocados.

— Não foi muito fácil mesmo.

— Quando vai sair do hospital?

— Os médicos querem que eu fique mais uns dois dias para terem certeza de que não há efeitos posteriores.

— Pretende voltar para casa ou continua com a idéia de ir para aquele fim de mundo e ser enfermeira de esquimós e ursos?

— Ainda não sei.

— Se passar pela sua cabeça voltar para o Ártico, você é mesmo louca. Venha logo para casa.

— Não posso sair daqui tão cedo.

Tâmara largou o tom de brincadeira que usara com a irmã desde o início da conversa.

— É por causa daquele homem, não?

— Sim, eu...

— Rebeca! Ele é casado! Li uma entrevista com a esposa desse sujeito... Apareceu em todos os jornais!

— Ele é divorciado, Tam.

— Tem certeza?

— Lógico que sim. Ele... me contou a verdade.

Então Rebeca lembrou-se das palavras do repórter e toda a segurança desapareceu. Afinal, como ter certeza? Guy poderia tê-la enganado! O suspiro de Tâmara, dado a quase mil quilômetros de distância, mostrou que a irmã não acreditava nela.

— Ouça, mana. Tome cuidado, sim?

— Eu sempre me cuidei bem, não é verdade?

— Não! Você se isolou de tudo, e de todos. Com respeito a homens, sua ignorância é completa, minha cara! Não houve nenhum em sua vida, portanto você não tem a menor noção de como lidar com essa raça estranha!

Rebeca reconhecia a verdade nas palavras de Tâmara. Sua irmã tivera tantas experiências que poderia escrever um manual de sobrevivência amorosa das decepções freqüentes. Ela, porém, perdera o período de adolescência, quando devia ter começado a se relacionar com o sexo oposto. Estava dando os primeiros passos num caminho belo e espinhoso.

— Fique tranqüila, Tam. Eu sobreviverei.

— Não adianta me dizer para não perder a calma porque já perdi. Você é uma criança inocente, solta num mundo muito mais selvagem do que o lugar onde passou estes últimos meses, querida. Só espero que me telefone se precisar de ajuda ou de um ombro amigo para chorar as mágoas. Promete?

— Está bem. Tam. Prometo contar-lhe como vai indo a minha vida, está bem?

— Já telefonou para mamãe?

— Ainda não...

— Pretende fazê-lo ou não?

— Bem... não há como fugir disso, não é? Acha que eu posso evitar?

— Irmãzinha querida, eu nem tentaria! Mas, pelo amor de Deus... não deixe Martine destruir seu bom humor. Porque ela vai tentar de todos os modos, você sabe disso, não?

— É... eu também a conheço muito bem! Rebeca desligou o telefone ansiosa e deprimida. Se

Tâmara, a irmã, corajosa e sempre pronta a enfrentar a mãe, a prevenira a respeito desse telefonema, a situação seria ainda mais difícil para ela!

O telefone chamou um longo tempo até Martine Clark se dignar a atendê-lo. A cada toque, Rebeca sentia a apreensão crescer e, ao ouvir a voz educada da mãe, quase perdeu o pouco de calma que lhe restava.

— Mamãe? Sou eu, Rebeca...

— Puxa! Você nos preparou uma bela surpresa.

Martine não demonstrava qualquer emoção: nem alegria por ouvir a filha nem aborrecimento por ser interrompida em alguma atividade.

— É... imagino que ninguém esperasse mais a minha volta.

— Está bem de saúde?

— Os médicos dizem que não há problema algum comigo.

— Eles me afirmaram o mesmo.

— Ainda me sinto muito cansada.

— Por acaso conseguiu emagrecer, Rebeca?

Rebeca sentiu voltar aquele apetite voraz e incontável. Como podia ter esquecido que, ao ouvir a voz de Martine, mesmo ao telefone, sempre ficava com fome?

— Estou bem magra, mamãe.

— Não consigo acreditar! — A risada de Martine soou irônica. — Nem posso imaginar como você está.

— Bem melhor do que antes, sem dúvida.

— Não há necessidade de se pôr na defensiva, querida. Minha intenção não foi a de ofendê-la. Lógico que você está... ótima.

Rebeca engoliu em seco diante do tom desdenhoso da mãe e lutou para manter-se calma.

— E vocês estão bem? Como vai Célia?

— Foi um verão desagradável. Quem poderia sentir-se bem com um problema como o seu?

— Bem... sinto muito. Célia está aí? Eu gostaria de falar com ela.

— Sua irmã foi à biblioteca buscar os livros que devia ter lido este verão e não pôde... por causa das preocupações. Aliás, ela está louca de vontade de vê-la.

Numa atitude típica, Martine a culpava por ter criado um problema com seu desaparecimento! Além disso, usava o nome de Célia para descobrir fatos que ela própria queria saber.

— Vou demorar um pouco para voltar para casa, mãe.

— Como? É um absurdo, querida!

— Não sei se vou retornar à Fort Good Hope para assumir aquele posto que me ofereceram.

— Pensei que você já estivesse farta do Ártico a estas horas, querida. De qualquer modo, o hospital onde você trabalhou a aceitará de bom grado, se quiser voltar. Falei com sua supervisora logo depois de saber que você tinha sido salva. Ela se comprometeu a guardar o seu lugar.

A revolta de Rebeca atingiu proporções quase incontroláveis. A mãe sempre tentara dirigir sua vida, decidindo o que ela devia fazer, sem ao menos consultá-la. A satisfação de ter convencido sua supervisora a aceitá-la novamente era evidente em sua voz. E fora por causa desse tipo de interferência e manipulação que Rebeca se refugiara nos doces!

— Não quero mais trabalhar lá, mamãe. Avise-a para não manter o cargo à minha espera.

— Honestamente, Rebeca. Você tem uma visão muito limitada! Eu sempre garanti que todas as portas estejam abertas para quando você resolver voltar.

— Devia ter me consultado antes! A única pessoa a resolver sobre minha vida, sou eu!

— Oh, querida. Apenas quis lhe fazer um favor. Não seja tão agressiva.

— Não estou sendo, mamãe. Tento apenas tomar minhas próprias decisões.

— E eu não pretendo impedi-la. Mas...

Visões de um bolo imenso de chocolate, recheado de cerejas em calda e recoberto de creme surgiam diante dos olhos de Rebeca. As contrações de seu estômago aumentavam a ponto de se tornarem dolorosas.

— Preciso desligar... o médico acaba de entrar para...

— Peça-lhe para verificar o índice de glicose em seu sangue, querida. Você sempre esteve acima do normal, lembra-se?

— Mamãe! Isso acontecia quando eu era obesa e não estou nem um quilo a mais agora!

— Oh! Eu esqueci! É claro! Afinal, você foi gorda tantos anos que ainda não me acostumei à idéia de vê-la magra. Mas não vou ocupar mais o seu tempo, querida. Amanhã, eu telefono, está bem? Quero saber com detalhes como vai sua saúde.

Tão logo desligou o telefone, Rebeca sentiu o impulso incontrolável de levantar-se e sair em busca de qualquer tipo de comida. Lutando contra esse descontrole, cerrou os olhos e permaneceu deitada, tentando raciocinar.

Se deixasse os insultos velados e a interferência de Martine atingirem-na, sua vida voltaria a ser o inferno de antes. O relacionamento com sua mãe, difícil e destrutivo, a levava a aceitar o posto no Ártico. Acreditara que uma grande distância entre ambas seria o primeiro passo em direção à liberdade. E, por um golpe do destino, não havia conseguido fugir!

Rebeca tentou dormir, mas a conversa desagradável com sua mãe e as insinuações perturbadoras de Tâmara a impediam de conciliar o sono. Talvez se pensasse em Guy...

O que iria dizer-lhe quando o visse? E o que ele lhe diria?

Perdida em sonhos cor-de-rosa, Rebeca sonhava com o momento em que Guy a visse! Seus cabelos haviam sido tratados e reluziam como cobre e a pele já recuperara a maciez. A mulher que vira no espelho há poucos minutos não tinha a menor semelhança com a jovem obesa que tomara o avião em Fairfax nem com a Rebeca descuidada e meio morta de exaustão que chegara ao hospital.

Ao afastar os cachos sedosos do rosto delicado, Rebeca reconheceu a garotinha cuja fotografia aparecera no jornal de Fairfax... uma linda garotinha!

A primeira preocupação de Rebeca ao acordar foi em melhorar sua aparência. Depois de escovar os cabelos até brilharem, usou a maquiagem emprestada por uma das enfermeiras e, colocando um roupão azul sobre a camisola do hospital, foi à procura de Guy no andar superior. Uma boa noite de sono fora o remédio perfeito para ela recuperar o otimismo. Chegara à conclusão de que a irmã era desconfiada demais e não conhecera Guy. A experiência que haviam partilhado havia sido forjada em circunstâncias excepcionais, criando entre eles um elo muito forte!

Gay afirmara que estava separado de Maureen e seria tolice ouvir as insinuações da irmã! Ela continuava a confiar na sinceridade dele!

Diante da porta da Terapia Intensiva, Rebeca foi barrada por uma enfermeira que não chegara a conhecer.

— Vim ver Guy McLaren. É hoje que ele vai para o quarto, não?

— Você é a moça que foi encontrada junto com o senhor McLaren?

— Sou! — Rebeca mal continha sua impaciência. — Ele já se levantou?

— Tome cuidado com os repórteres, senhorita. Vi dois deles bem cedinho e os pus para fora do hospital.

— Sim, sim... Guy já se levantou?

— Já, mas agora já alguém com ele. A senhorita...

— Não posso entrar? Nem para vê-lo?

— Bem... talvez...

Rebeca não esperou pela resposta e entrou na enorme enfermaria cheia de leitos vazios. Bem ao fundo, havia um biombo ocultando uma das camas, na direção do qual ela correu. Mais perto, ouviu uma voz de mulher:

— Terminei de decorar a saleta que se abre para o pátio e ficou magnífica! Lembra-se de como você insistia que seria bom ter uma espécie de jardim de inverno? Eu não tinha certeza de nada mas considere esta sala um talismã. Quando ficasse tudo pronto, Guy, você voltaria para casa!

Rebeca parou, como se tivesse se transformado numa estátua de pedra. A voz de Guy estava ainda muito fraca mas o nome de mulher dito por ele soou bastante claro.

— Maureen...

— Seus pais estão bem agora. Ele... seu pai... teve um enfarte quando soube que você desapareceu. Por favor, querido! Não tente se levantar...

Após alguns segundos, a voz melodiosa se fez ouvir novamente.

— Ele está ótimo e eufórico com seu salvamento. Sua mãe suportou tudo com muita coragem. Ela é uma mulher forte mesmo! Está louca para vê-lo e... sei que vou estragar a surpresa mas não consigo resistir. Eles virão visitá-lo ainda hoje. Irei buscá-los no aeroporto, portanto não precisa preocupar-se que seu pai não irá dirigir!

De onde estava, Rebeca não via Guy mas a mulher sentada sobre a cama era bem visível! Uma loira esguia e atraente sorria para ele com amor. Os olhos quase dourados eram orlados de espessas pestanas negras e o rosto refletia uma afeição genuína.

Só um cego acreditaria que a mulher que segurava a mão dele fosse uma ex-esposa separada do marido há dois anos. Ela parecia ser o centro da vida de Guy!

Enquanto Maureen falava sobre banalidades, Rebeca foi recuando lentamente. As palavras do repórter e as insinuações de Tâmara voltaram a sua mente e ela perdeu toda a coragem de interromper aquela conversa e inquirir Guy sobre a verdade.

Para que forçar um confronto desagradável?

Seria muito penoso ouvi-lo dizer que não a queria mais pois pretendia retornar à vida que levava antes do acidente. Ele nunca dissera que a amava, e nem mesmo quando se julgou perto do fim a palavra "amor" foi pronunciada.

Durante todo o tempo em que estiveram juntos, Guy recorrera a brincadeiras nas horas de tensão. Talvez fizesse mais uma piada se ela os interrompesse.

"Foi ótimo conhecer você, enfermeira Clark. Desejo-lhe muita sorte e felicidade!"

Subitamente, toda a sua autoconfiança desapareceu sob uma avalanche de dúvidas. Havia acreditado que passaria o resto de seus dias ao lado de Guy e não fizera nenhum outro plano de emergência.

Como muitas mulheres gordas, julgara que, tornando-se magra, teria o mundo em suas mãos. Vira seu futuro como um sonho cor-de-rosa, repleto de uma felicidade invejável.

No entanto, se o corpo se transformara por completo, muitas facetas da antiga Rebeca ainda permaneciam as mesmas. Elas não conseguira livrar-se nem da insegurança nem de uma timidez quase doentia. Continuava ingênua e sem artifícios e se deixara levar por um conjunto de circunstâncias, sem pensar que estava sendo usada. Como havia sido tola!

Temendo ser vista num estado de tanto descontrole, Rebeca fugiu da enfermaria de Terapia Intensiva e correu pelos corredores. Não ouviu o chamado da enfermeira nem notou os olhares curiosos à sua passagem.

A figura esbelta, de cabeleira ruiva que se agitava como as chamas de uma fogueira, procurava, desesperada, um refúgio para ocultar a angústia que a destruição de seus sonhos lhe causava.

Capítulo VII

O táxi aéreo deslizava lentamente pela pista do aeroporto de Calgary, observado por um homem louro e alto que demonstrava visivelmente a sua impaciência. O nervosismo aumentou de intensidade no instante em que a escada foi colocada à porta do avião e o passageiro surgiu diante de seus olhos atônitos.

Segurando-se no corrimão da escada como se tivesse medo de cair, o passageiro moreno deu um passo com uma lentidão exasperante.

Jake DeBlais conhecia Guy McLaren há muito tempo. Foram amigos de infância e partilharam as experiências inesquecíveis da adolescência. Jogaram no mesmo time de futebol no colégio e, apesar de terem cursado faculdades diferentes, não perderam o contato nem diminuirá a amizade entre eles.

Guy formara-se em Geologia e Jake completara o curso de Economia. Depois de formados, uniram seus conhecimentos e abriram um escritório de pesquisas para companhias exploradoras de petróleo. Era bastante raro encontrar dois sócios que se completassem tão bem!

A mente lógica de Guy McLaren transformava as idéias mais vagas e absurdas em planos metódicos e racionais. A partir desse ponto, entrava a capacidade de Jake em transformar os planos em números e, usando sua simpatia e expansividade, oferecê-los às companhias de petróleo.

De personalidade e temperamento diferentes, eles tinham opiniões opostas sobre quase tudo e discutiam em matéria de política, religião e uma infinidade de outros assuntos. Todavia o único ponto em que realmente não conseguiam concordar era sobre mulheres.

Guy via a volubilidade de Jake nesse terreno como um comportamento imaturo. A troca constante de garotas e o fato de sair com várias delas ao mesmo tempo o preocupava.

As mulheres cercavam Jake de atenção, atraídas pelo seu fascínio sedutor. As técnicas que ele desenvolvera para escapar de complicações românticas se tornaram parte de seu encanto perigoso. Ao ouvir as censuras amistosas de Guy, ele afirmava que o fato de namorar três ou quatro garotas ao mesmo tempo não era uma fraqueza de personalidade. Simplesmente, ainda não tinha encontrado uma mulher capaz de prendê-lo por muito tempo, quanto mais pelo resto da vida!

O laço mais firme e duradouro da vida de Jake era sua amizade com Guy McLaren. Além de companheiros de infância e adolescência, de sócios e amigos de muitos anos, havia

componentes emocionais muito mais significativos. Guy era o irmão que Jake não tivera. Substituíra-lhe o pai alcoólatra, em quem nunca pudera se apoiar, e se transformara num confidente, um amigo que jamais o decepcionara.

Talvez por esse motivo sentira tanto o desaparecimento de Guy e mergulhara no trabalho para não sofrer sua falta. Pela primeira vez na vida, tornara-se insociável e desinteressado em companhias femininas.

Agora, com o salvamento de Guy, recuperava o entusiasmo habitual para comemorar a volta do sócio e até já fizera planos para se divertirem. Tão logo o amigo chegasse, jantariam no melhor restaurante da cidade e conversariam sobre tudo que acontecera nos dois últimos meses. Só depois iriam encontrar garotas. Jake pretendia apresentar Sofia a Guy, que com certeza ficaria encantado ante a beleza morena de sua atual namorada.

Seus planos se desfizeram com um castelo de cartas ao ver o amigo se aproximar, titubeante, uma pálida sombra do vigoroso Guy McLaren. Por uma fração de segundo, pensou que houvesse um engano e aquele não fosse seu companheiro de noitadas, e sim um convalescente saído de um sanatório para pessoas idosas.

— Olá, amigão. Então os médicos não agüentaram mais e lhe deram alta? — brincou Jake, para esconder a emoção. — Aposto que você foi o pior paciente que eles já tiveram! Tentou conquistar muitas enfermeiras?

— Pelo contrário — disse Guy com um sorriso forçado —, foram elas que não me deixaram em paz.

Jake esperava a habitual gargalhada de Guy porém decepcionou-se mais uma vez. Esgotado pelo esforço de pronunciar aquelas poucas palavras, ele seguiu em direção à saída com passos hesitantes, ombros curvados e cabeça baixa.

Ao notar o vento forte de Calgary quase derrubando o amigo como se ele fosse uma folha seca, Jake ficou de olhos úmidos e, pela primeira vez na vida, sentiu uma vontade imensa de chorar!

Após o choque de ver Guy tão modificado, Jake continuou preocupado com seu abatimento. No carro, o silêncio constrangedor o perturbou tanto que ele tentou recuperar a animação que sempre existira entre os dois.

— A situação financeira está decididamente melhor, sabe? A Delta Gaz vai abrir o capital, e nosso escritório tem uma quantia disponível para comprar um bom lote de ações. Concorda comigo, Guy?

Jake olhou para o companheiro que, indiferente à pergunta, olhava pela janela do carro como se jamais tivesse visto a avenida que ligava o aeroporto à cidade.

— Viu aquele cartaz? A campanha eleitoral começou e a cidade está coberta de cartazes de propaganda política. Como sempre, os candidatos atacam-se mutuamente, cada um expondo os defeitos de seu adversário. Candell quer ser reeleito, e seu oponente, Simpson, o acusa de ter feito despesas excessivas, gastando todas as reservas da Prefeitura de Calgary. Estão lavando roupa suja em público! Eles...

Guy colocou a mão na testa como se estivesse sentindo uma terrível dor de cabeça. Jake parou de falar. Que golpe cruel o destino desferira em seu amigo! Como se tornara difícil achar um assunto que despertasse a curiosidade e a animação costumeiras de Guy!

— Estou vivendo com uma garota fantástica. O nome dela é Sofia.

Desta vez, Jake conseguiu o efeito desejado e Guy ergueu a cabeça sorrindo.

— Não acredito! Você nunca aceitou perder a liberdade!

— Fiquei com pena da moça, sabe? Ela foi despejada e, como não encontrou nenhum lugar de acordo com suas possibilidades, convidei-a a ficar no meu apartamento. Não sei bem por que tomei essa atitude depois de ter jurado que nunca mais deixaria uma mulher sentir-se dona da minha casa. Bem... talvez... eu esteja cansado da vida de solteiro ou tenha me fascinado com a sensualidade de Sofia... Naturalmente, ela nunca fritou um ovo, é um verdadeiro desastre na cozinha! Também não sabe passar uma camisa e nem demonstra o menor interesse em aprender, por isso não tenho idéia de quanto tempo isso vai durar.

Diante deles, estendiam-se as ruas arborizadas do bairro mais elegante de Calgary, com casas luxuosas, cercadas de imensos jardins. Guy parecia imerso em Profunda apatia e Jake sentiu-se apreensivo. Só agora percebia que Maureen o convencera a tomar uma atitude pouco prudente! Ela usara argumentos lógicos que influenciaram a todos. Os médicos, os pais de Guy e até mesmo ele reconheceram que o infeliz não estava em condições de suportar pressões enquanto aguardava a operação para recuperar a perna.

Os pais de Guy não tinham condições de tratar de ninguém, pois o velho ainda se recuperava do enfarte; Jake partiria para o Ártico em poucos dias. Só restara uma opção:

Guy ficaria na casa de Maureen. Como seu apartamento era enorme e muito dispendioso, seria irracional viver sozinho.

Mesmo admitindo o lado prático dos argumentos de Maureen, Jake preferia não ter concordado com ela! Seria difícil convencer um homem acostumado a tomar suas próprias decisões de que outros tinham decidido sua vida! Guy ficaria furioso quando soubesse dos planos arquitetados em sequer consultá-lo.

— O que estamos fazendo aqui? Por que me trouxe para esse bairro?

Jake parou diante de uma das mansões mais luxuosas da rua, em cuja entrada havia um portão em estilo inglês. A casa de pedras e tijolos brancos tinha janelas propositalmente envelhecidas, numa cópia perfeita de um solar da época dos Tudor.

— Bem... nós achamos que você ficaria melhor instalado aqui. Maureen pode cuidar de tudo e...

— Nós! Quem tomou esta decisão ridícula?

— Seus pais, Maureen e eu pensamos muito sobre o assunto. Foi uma decisão conjunta!

— Meus pais? Não acredito! Eles me conhecem muito bem para propor um absurdo desses!

— Seu pai ainda não está completamente recuperado, Guy. Seria trabalho demais para sua mãe. Ela não tem condições de cuidar de dois...

— Não preciso de ninguém cuidando de mim! Não me considero doente!

— Os médicos disseram... que você não teria condições de ficar sozinho. Pelo menos por enquanto, é claro!

— Leve-me para o meu apartamento, Jake. Agora!

— Eu...

— Não ficarei na casa de Maureen. Nós estamos divorciados... ou esqueceu-se deste fato?

— Tenha calma, Guy! Ela concordou com tudo, não faz a menor objeção a cuidar de você. Na verdade, a idéia partiu dela.

— Não vou ficar aqui!

— E se houver algum problema? Esqueceu-se de que vai fazer uma outra operação? Os médicos avisaram que você não poderá andar por mais de vinte dias.

— Quero ir para o meu apartamento, Jake!

Elevando o tom da voz, Guy demonstrava uma fúria contida que Jake jamais vira antes. De convivência agradável,

o amigo raras vezes deixava seu temperamento forte levar a melhor!

— Sinto muito, mas... seu apartamento está alugado.

— Como? Você ficou louco?

— Foi sublocado por quatro meses.

Guy tinha a aparência de quem levara um soco no estômago e seu olhar revelava um ódio violento.

— Não entendo como puderam pensar que eu aceitaria ficar na casa dela!

— Maureen ainda... bem, ela jamais quis o divórcio, Guy.

— Pois eu quis e não mudei de idéia! — explicou Guy. — Não tenho o menor desejo de conviver com Maureen como se estivéssemos casados.

— Serão apenas alguns meses, pois agora você precisa de alguém. Por que não deixar Maureen ajudá-lo? É temporário e ela quer cuidar de você.

— Não seja inocente, Jake! Nós dois sabemos muito bem o que Maureen quer!

— Seria um sacrifício muito grande tentar salvar seu casamento? Talvez ela esteja certa: o divórcio pode ter sido um grande erro.

— Droga! Você sempre esteve favorável a Maureen desde que nossos problemas começaram, não é?

Desacostumado com tanta agressividade em Guy, Jake ficou ressentido e confuso.

— Sempre a achei simpática e agradável de conviver. Ela nunca agiu mal ou...

— Não quero saber sua opinião, Jake. Se você não me tirar daqui neste minuto, eu vou a pé!

Infelizmente para Guy, era tarde demais! A enorme porta de carvalho estava aberta e Maureen os esperava com um sorriso de boas-vindas.

Jake virou-se para convencer o amigo a reconsiderar sua decisão e ficou chocado: a raiva de Guy se dissipara, deixando no lugar um desânimo profundo, uma apatia assustadora. Com a cabeça abaixada, ele massageava as têmporas e sua postura era a de um homem vencido.

Mesmo ressentido com a raiva do amigo, Jake preferia mil vezes vê-lo enfurecido a agüentar aquela expressão de derrota!

Chegar às portas da morte e ser trazido de volta à vida não foi uma experiência fácil para Guy. Havia obstáculos inesperados e penosos a vencer.

Guy fora avisado pelos médicos de que sua recuperação seria lenta e difícil, pois a pneumonia agravara os danos causados pela má alimentação. Mesmo contando com todo tipo de problemas, ele se surpreendeu ao perceber que demoraria muito para voltar a ser um homem saudável!

Havia períodos de insônia que duravam dias e, logo em seguida, um sono pesado que o impedia de manter os olhos abertos. Crise de apatia e desânimo se alternavam com fases de irritabilidade e raiva contra si e contra o mundo. E, acima de tudo, ele não havia contado com a sensação deprimente de fraqueza física, às vezes tão intensa que seu coração batia com uma lentidão apavorante, como se estivesse prestes a parar.

Afinal era uma sorte ter Maureen ao seu lado, cercando-o de atenções e carinho. Estar fraco e dependente o aborrecia demais, mas, acima de tudo, sua frustração vinha do fato de estar sob os cuidados da ex-esposa!

Maureen fazia o possível para mantê-lo alegre e bem-disposto, passando horas ao lado dele, trazendo refeições saborosas e livros, distraindo-o com sua conversa vivaz e entusiasmada.

Guy, confinado à cama, não disfarçava sua irritação por ter perdido a mobilidade. Além disso, a atenção contínua de Maureen o exasperava! Ora falando muito, ora ajeitando-lhe as cobertas, ela parecia à vontade no papel de esposa dedicada, mas Guy odiava ser tratado como marido!

Como fora esquecer-se da sensação de sufocamento causada pela possessividade de Maureen? Ele precisava de uma companheira repousante, que não tivesse a necessidade angustiante de preencher o silêncio com sua própria voz. Queria alguém com mãos gentis, cujo toque fosse um bálsamo para todas as dores. E só existia uma pessoa com essas qualidades... só havia uma mulher de olhos azuis como o céu do Ártico!

Via Rebeca diante dele todas as vezes em que fechava os olhos. Na sonolência leve das tardes ou no sono profundo da noite, ela tocava-lhe a testa e o rosto com gestos carinhosos.

Os sonhos não eram eróticos. Na verdade, Guy jamais conseguia tocá-la. Cenas confusas do período em que haviam vivido na floresta misturavam-se a visões tão estranhas que ele acordava banhado de suor e com o coração disparado.

Então Guy se perguntava mais uma vez por que ela deixara o hospital sem procurá-lo!

Durante aquele período, Guy perdera a noção do tempo e, só depois de uma semana, percebera que Rebeca ainda não o

havia visitado. Preocupado, pedira notícias à enfermeira e levava um choque brutal ao saber do seu desaparecimento.

O hospital estava ainda em polvorosa e todos se perguntavam por que motivo a jovem teria fugido sem deixar rastros. Ninguém percebera qualquer modificação no comportamento gentil de Rebeca, mas da noite para o dia ela sumira como se tivesse evaporado! O único sinal concreto dessa fuga fora a falta de um uniforme branco, tirado do armário das enfermeiras.

Se no início Guy ficara abalado, logo o choque dera lugar à infelicidade. Nos momentos em que se sentia mais forte, uma raiva violenta tomava conta dele. Seria capaz de bater em Rebeca caso ela surgisse durante um desses períodos de fúria!

Como havia partido sem ao menos falar com ele? Não tinham significado os momentos partilhados no isolamento da floresta? Será que Rebeca não sentia a menor afeição por ele, ou não percebera a intensidade dos sentimentos que nutria por ela?

Essas perguntas se entrecruzavam em sua mente, dia após dia, sem que Guy encontrasse uma resposta. Se ele estivesse em perfeita saúde, correria na pista até que o cansaço o impedisse de pensar. Infelizmente, continuava prisioneiro de uma fraqueza infinita, que limitava seus movimentos, permitindo-lhe apenas andar do quarto até a cozinha de Maureen!

Foi justamente quando pôde dar esses poucos passos que ele usou a liberdade de movimentação para fazer ligo que desejava há muitas semanas! Maureen era decoradora de interiores e todas as tardes trabalhava num antiquário. Guy esperou que ela saísse para dar um telefonema importante.

— Por favor, posso falar com Rebeca?

A voz que respondia pertencia à uma adolescente tímida.

— Quem quer falar com ela?

— Meu nome é Guy McLaren. Rebeca e eu... sofremos o acidente aéreo...

— Oh! Acho melhor o senhor falar com a minha mãe. Espere um momento, por favor.

Após alguns instantes, a voz fria e formal de Martine Clark fez-se ouvir.

— Senhor McLaren? Que gentileza a sua em nos telefonar! Está em Fairfax?

— Não, senhora Clark. Estou telefonando de Calgary e gostaria...

— Oh! Deve estar muito frio aí, não? Calgary fica tão ao norte!

— Não... bem... Ouça, senhora Clark, preciso falar com Rebeca!

— Sinto muito mas não será possível.

— Ela está em sua casa?

— Infelizmente não. Rebeca viajou.

— Para onde? Pode me dar o número do telefone dela?

— Minha filha mudou de cidade e seu novo número não está na lista.

— Sei que ela gostará de conversar comigo, por isso...

— Rebeca falava pouco em seu nome Sr. McLaren.

— A senhora poderia me ajudar a entrar em contato com ela? — Guy tentava manter a calma diante do tom polido mas inflexível de Martine. — Tenho certeza de que me atenderá!

— Lógico, Sr. McLaren. Não poderia recusar um pedido tão delicado. Vou contar-lhe que o senhor a procurou e ela o procurará sem dúvida, assim que receber o recado! Deixe-me o número de seu telefone.

— A 'senhora não pode mesmo me dizer para onde ela se mudou?

— Oh! Eu jamais faria isso! Tenho certeza de que Rebeca gostaria de dar-lhe essa notícia pessoalmente, não acha? Adeus, Sr. McLaren.

Guy fitou o fone silencioso e pela primeira vez acreditou na descrição que Rebeca fazia da mãe. Aquela mulher fria usava a polidez para disfarçar uma vontade férrea! Ele tinha inúmeras perguntas a fazer mas o tom distante de Martine o impedira de formulá-las.

O desejo de saber se Rebeca estava bem, se falava nele ou sobre os dias passados no Ártico, morreu ao perceber que a terrível imagem pintada pela moça era mesmo verdadeira!

Guy só esperava que Rebeca lhe telefonasse ao receber o recado da mãe!

Pela primeira vez na vida, Guy encontrava-se inseguro. A tendência masculina de tomar a iniciativa não podia confirmar-se naquela situação e só lhe restava aguardar passivamente. Nunca tinha ficado à espera do telefone tocar, rezando para que fosse a pessoa desejada, e jamais sentira acelerar o pulso cada vez que Maureen atendia.

Ansioso agora, fazia a pergunta inevitável:

— Quem ligou?

— Foi Jake, para avisar que, como sempre, passará aqui no final da tarde. Por que essa curiosidade? Está esperando algum telefonema especial?

Impecavelmente vestida e maquiada, Maureen entregou a Guy a bandeja com o almoço. Meticulosa, colocou o prato e os talheres numa disposição quase matemática sobre a toalha de renda, servindo um sanduíche como se fosse a refeição mais cara de um restaurante requintado.

Guy observou aquela mulher bonita, mas artificial. Em todos os anos de casamento, jamais a vira sem maquiagem, com cabelos despenteados ou vestida com roupas descontraídas. Parecia sempre à espera da aprovação dele ou de um elogio a sua aparência! Irritava-o muito a presença constante de alguém tão pouco natural. Todavia, sentia pena dessa mulher que, embora atraente, não lhe despertava mais nenhuma emoção! Ah! Como gostaria de ter a seu lado agora a bela e ruiva rosa do Ártico, de cabelos revoltos pelo vento!

Ele estava tão distraído que mal percebeu Maureen aproximar-se e sobressaltou-se quando ela sentou-se na cama, bem perto.

— Preciso muito falar com você, Guy. Gostaria que reconsiderasse sua decisão absurda de evitar qualquer contato com a imprensa! Você se transformou num homem famoso e todos querem ouvir suas experiências. Não estou falando apenas dos jornais de Calgary ou do Canadá, sabe? A televisão norte-americana ficou fascinada com sua aventura e... — Maureen interrompeu-se para dar maior efeito às suas palavras — ...Mary Griffin telefonou para convidá-lo a participar de um programa!

— Não! — declarou Guy, enfaticamente.

— Tenho passado a maior parte do tempo evitando a imprensa sob o pretexto de que você está doente, mas já não é mais verdade.

— A doença nunca foi obstáculo, Maureen. Eu não estou interessado em me transformar numa atração ridícula nesses programas idiotas!

— Por favor, Guy! Seja sensato! Pense nas oportunidades que está desprezando. Você é uma celebridade!

— Deus do céu! Célebre por que motivo? O que fiz para merecer a fama?

— Você é um sobrevivente!

— Não considero suficiente este motivo e já lhe disse antes... não estou interessado!

— Aquela enfermeira desapareceu e o público continua morrendo de curiosidade. Eles querem vê-lo, ouvir sobre experiências tão fantásticas. O telefone não pára de tocar e...

— Chega, Maureen.

— Está cometendo um grande erro, Guy! — a voz de Maureen perdera o tom gentil e persuasivo para dar lugar à irritação. — Com o sucesso e a fama ao alcance das mãos, você continua obstinadamente a recusar qualquer entrevista.

- — É uma decisão pessoal que só diz respeito a mim. Maureen levantou-se da cama, ajeitou mecanicamente as cobertas até ficarem impecáveis e depois afastou-se dele com uma expressão de raiva contida.

— Você me parece cansado demais, Guy... voltaremos a falar numa outra ocasião, está bem?

— Maureen, eu...

As palavras de Guy ecoaram no quarto já vazio e ele suspirou desanimado. Aquela conversa não era nova e Maureen já insistira inúmeras vezes no mesmo assunto. Desde sua chegada, a ex-esposa vinha agindo como se fosse uma relações-públicas, que devia marcar horas para entrevistas ou tomar providências para apresentá-lo diante das câmeras de televisão.

Guy concordara em participar de algumas numa tentativa de aplacar a insistência de Maureen. A curiosidade maliciosa dos repórteres e perguntas indiscretas o haviam convencido a interromper aquele processo desagradável de ser colocado como um animal raro diante de milhares de desconhecidos, ávidos por desvendar sua intimidade.

Por outro lado, a satisfação de Maureen ao se ver numa posição de destaque era enorme! Ante a euforia da ex-esposa, Guy desconfiou que ela começara a dar entrevistas antes de seu salvamento. Provavelmente declarara que eles ainda estavam casados para justificar seu desejo de aparecer na televisão, chorando o "marido" desaparecido!

Ser o centro das atenções aumentara a artificialidade dela, tornando-a mais agressiva! Guy não tinha muitas dúvidas quanto à identidade da pessoa que avisara a imprensa da chegada deles ao hospital de Edmonton: Maureen.

A equipe médica e as enfermeiras haviam se certificado de que ninguém fosse avisado, a não ser a família, a fim de dar-lhes a serenidade necessária para uma recuperação mais rápida. O segredo porém, fora revelado e os repórteres ávidos por divulgar uma notícia sensacional invadiram o hospital

como um enxame de abelhas, e não houvera mais um minuto de paz!

Mais uma vez, Guy desconfiou que o desejo de Maureen em apagar os dois anos de separação não vinha de um amor inextinguível e sim volúpia de se tornar famosa! Ela demonstrara uma tal satisfação quando uma revista feminina lhe pedira permissão para fotografar a casa, que se tornara difícil ignorar aquela sede de ser o centro de todas as atenções!

Era só pensar na casa que Guy sentia uma saudade enorme de seu apartamento aconchegante, cheio de livros e móveis descontraídos!

Nos primeiros anos de casamento, ele cederia à insistência de Maureen em comprar uma casa maior. Ela queria algo grandioso, onde pudesse dar rédeas livres a seu talento de decoradora. Em silêncio, ele acompanhara a transformação de um lar num monumento odioso! Detestava a decoração formal e cheia de enfeites, de paredes escuras e espelhos rebuscados, onde não havia lugar para seres humanos!

Graças a Deus suas forças voltavam dia a dia e logo poderia sentar-se em seu sofá de couro macio diante da lareira e colocar o pé sobre a mesinha da frente, sem sentir-se culpado de estar estragando uma obra de arte!

Ir ao escritório no período da tarde foi o primeiro passo para voltar à vida normal. Depois de ter retirado o gesso, Jake vinha buscá-lo após o almoço, entusiasmado por poder discutir novos projetos e planos futuros!

O inquilino já se preparava para sair do seu apartamento e Guy começava a tomar providências para reformá-lo. Estava telefonando ao pintor quando Maureen entrou na cozinha com uma expressão de desânimo, muito diferente da euforia demonstrada durante todo o tempo em que ele estivera ali.

— Então chegou a hora de voltar para casa?

— Sim, e não sei como agradecer tudo que você me fez, Maureen.

— Tenho impressão de que será um desperdício de tempo tentar convencê-lo, não? — Ela não o olhava, ocupando-se em arrumar o saleiro bem no centro da mesa. — Não vai mesmo mudar de idéia e ficar aqui, certo?

— Maureen, eu...

— Não diga nada, por favor! Só mencionei esse assunto para me certificar, mas no fundo eu já sabia a sua resposta. Se ainda houvesse algo entre nós, teríamos percebido durante

todos esses dias. Infelizmente, você deixou bem claro que sente por mim apenas uma afeição fraternal.

— Sinto muito, Maureen. Se eu sentisse que ainda poderíamos construir um futuro para nós, faria de tudo para ficarmos juntos mas...

Há muito tempo, Guy acreditara que amava Maureen e a desejava loucamente. Quando tudo acabara, culpava-se por não ter lutado contra a monotonia que destruíra seu casamento. Fora esse o motivo de aceitar hospedar-se na casa dela durante sua convalescência. Quem sabe descobriria que ainda amava...

Agora, pela primeira vez, Guy via com clareza por que o divórcio tinha sido a única solução. Entre eles já não havia amor e os momentos felizes partilhados ficaram num passado distante. Nenhum dos dois era culpado da morte daquela paixão que apenas não resistira ao desgaste dos anos.

— Pelo menos, você não mentiu para mim, Guy... nunca!

— Você é uma mulher muito bonita, Maureen. — Guy segurou-lhe a mão, num gesto carinhoso. — Tenho certeza de que logo encontrará um novo amor e reconstruirá sua vida.

— Só me resta esperar, não é?

Naquela despedida não havia amargura nem rancor, apenas uma tristeza muito grande. Sem grandes brigas ou desentendimentos penosos, o amor terminara...

De volta a seu apartamento, Guy fez o firme propósito de esquecer-se de Rebeca. Passara momentos de sofrimento, desespero e ódio, mas evitara que Maureen e Jake percebessem seus sentimentos. Ninguém chegara a saber de suas emoções, portanto não lhe fariam perguntas embaraçosas. Se conseguira controlar reações tão fortes, por certo chegaria ao ponto almejado: a completa indiferença.

Rebeca não lhe telefonara e, se não o fizera por vontade própria, já não importava mais. Sua vaidade estava ferida do mesmo modo, pois desconfiava que ela não fugia do mundo, e sim dele!

Não era difícil compreender por que Rebeca queria esquecer a terrível experiência na floresta. Ele sentia o mesmo desejo de não pensar em nada que se relacionasse ao acidente. Eram lembranças intensas de medo e incerteza e só o tempo apagaria o sofrimento.

Apesar de tudo, Guy hesitava em procurar Rebeca. Por um lado, queria ardentemente revê-la, tocar-lhe o corpo que continuava a atormentá-lo em noites cheias de desejo. Mas, por outro, temia emoções fortes. Continuava ainda muito

frágil para resistir a qualquer decepção e não tinha certeza de que os sentimentos partilhados com ela num mundo distante sobreviveriam ali. Na floresta, acreditara que amava Rebeca e era amado por ela. Talvez a paixão fosse nascida do desespero...

Mesmo em dúvida, ansiava por Rebeca e curti uma sensação de perda tão grande como se tivesse perdido parte de si mesmo! Com quem partilhar os terrores noturnos, as crises de apatia? Só ela entenderia a euforia de sentir-se vivo, pois ambos haviam chegado muito perto da morte!

No entanto, a muralha de proteção erguida pela família dela em torno de seu paradeiro despertava-lhe suspeitas inquietantes. Ou ela amava outro homem ou... tinha voltado a engordar!

Pensar que um outro teria agora nos braços o corpo escultural de Rebeca, trazia-lhe uma onda de ciúmes sufocante. Nunca se sentira assim com nenhuma outra mulher! Nas noites de insônia, lutava contra visões torturantes de mãos masculinas que talvez a acariciassem naquele momento.

No entanto, a outra possibilidade, a de que ela tivesse engordado, deixava-o ainda mais desesperado. Lutar contra outro homem era possível, mas não havia como enfrentar a batalha contra a neurose!

O comportamento compulsivo de comer originara-se na infância de Rebeca e crescera naqueles anos. Se ela tivesse recuperado os quilos perdidos, já não era mais a mesma mulher que o atraía! A mulher sensual que o fizera vibrar de paixão estaria agora aprisionada dentro de um corpo pesado. A alegria de se sentir feminina e amada teria desaparecido entre caixas de chocolates, bolos e montanhas de sorvete! Por algum tempo, existira um companheirismo fácil com a Rebeca insegura, descrente de sua feminilidade, como se ambos fossem do mesmo sexo, já que ela ignorava deliberadamente o fato de ser mulher.

Seria impossível voltar à fase da amizade entre eles: Guy desejava o corpo que o consumira de paixão.

Esses conflitos todos impediam-no de sair à procura de Rebeca. Nunca mais telefonara para a mãe dela nem tentara se comunicar com Tâmara. Estava disposto a retomar a própria vida no ponto em que a deixara ao embarcar para o Ártico e, se para isso era preciso esquecê-la, ele o faria!

Ocupou-se com as reformas do seu apartamento, refez o guarda-roupa, comprou agasalhos novos e mergulhou no

trabalho. Projetos novos o distraíram a ponto de quase sentir-se feliz.

Quando a novidade perdeu o brilho, Guy decidiu procurar uma mulher que o ajudasse a esquecer.

Dando o último passo para a recuperação total, aceitou a sugestão de Jake e marcou um encontro com uma amiga da sensual Sofia! Iludiu-se, pensando que qualquer companhia feminina fosse capaz de descontraí-lo;

Capítulo VIII

Sarah Downes tinha motivos de sobra para agradecer a seu médico. Inicialmente, recusara-se a aceitar a sugestão do Dr. Simpson para que ela contratasse uma enfermeira, insistindo em cuidar-se sozinha. Quando ele a forçou a fazer repouso absoluto, a decisão a esse respeito foi-lhe tirada das mãos. No oitavo mês de gravidez, Sarah mal podia mover-se e as costas doíam-lhe como jamais imaginara possível. Se não fosse a massagem eficiente da enfermeira, não teria condições de superar a dificuldade de estar grávida de quadrigêmeos!

— Você é ótima, enfermeira, Rebeca! Por que parou?

— Está na hora do seu almoço.

— Ai! Não vou nem perguntar o que posso comer. Deve ser alguma coisa bem sem gosto!

— Atum, salada de alface e um copo de leite desnatado... que tal?

— Ugh! Quando eu não precisar mais contar as calorias, vou comer todos os doces possíveis, sanduíches cheios de molho e quilos de bombons!

— Quando isso acontecer... você não terá tempo nem de pensar em comida.

— Não me obrigue a lembrar! Como vou lidar com quatro bebês?

Com um sorriso nos lábios, Rebeca foi até a cozinha, preparar o almoço. Ser enfermeira nunca a atraía no passado, mas hoje estava extremamente satisfeita por ter aceitado essa colocação. Era a terceira casa em que trabalhava e já descobrira uma sensação de gostosa liberdade por não estar presa às regras rígidas de um hospital.

Havia prometido ajudar a jovem mãe quando os bebês nascessem, portanto teria vários meses de trabalho garantido, sem preocupações com dinheiro. Enfim, a vida começava a

ficar mais tranqüila! As semanas de instabilidade com dias de euforia intensa ou de profunda depressão, tinham terminado. Passara um longo tempo escondida no apartamento de Tâmara, tentando recuperar-se do pânico desesperador que a levava à fugir de Edmonton como se a morte estivesse em seu encalço!

A imprensa fora a gota d'água que fizera transbordar o desespero de Rebeca, provocando uma crise de histeria incontrolável! Se não fosse pela presença desagradável de uma repórter curiosa, teria permanecido no hospital a fim de saber se era o verdadeiro lugar de Maureen na vida de Guy?!

Como sempre, o acaso interferira em seus planos. Ao fugir da pessoa carinhosa que conversava com Guy, defrontou-se com uma mulher que mudaria sua vida.

Mal entrara no quarto quando uma enfermeira de cabelos quase prateados e longas unhas pintadas de vermelho a recebera com um sorriso. Depois de explicar que entrara pela porta de serviço com um uniforme alugado numa loja de fantasias, a mulher insistira em entrevistá-la.

Desacostumada a lidar com a imprensa, Rebeca concordara a contragosto, pois não tinha idéia de como se livrar naquela criatura, já que ela ignorava seus débeis protestos.

No início, as perguntas foram polidas, girando em torno dos terríveis problemas de sobrevivência, mas em questão de segundos a conversa agradável tornou-se um interrogatório penoso. Insinuações maldosas a respeito do relacionamento íntimo entre os dois sobreviventes de sexos diferentes fizeram Rebeca entrar em pânico e fugir.

Com uma audácia da qual jamais se acreditar capaz, logo que se livrou da repórter, foi até o armário das enfermeiras e roubou um uniforme. Escondeu suas próprias roupas atrás de um arquivo e procurou mostrar-se o mais tranqüila possível enquanto caminhava pelos corredores.

Saiu pela porta dos fundos e atravessou o estacionamento do hospital, sem saber o que faria numa cidade estranha. Não conhecia ninguém, estava sem dinheiro e um vento frio começava a soprar. O uniforme roubado, de mangas curtas, não permitia enfrentar uma noite ao relento.

Subitamente, a coragem que a sustentara no início daquela fuga alucinada desapareceu por completo. Não pensara nas dificuldades de chegar ao aeroporto, ou de como faria para tomar um táxi sem um tostão no bolso. Só

imaginava que logoalaria com Tâmara, sua irmã, que a colocaria num avião.

Rebeca estivera por muito tempo longe da civilização e nem pensava na importância do dinheiro. Sequer cogitara em abrir a bolsa da enfermeira, de quem roubara o uniforme, para pegar uma quantia que a ajudasse a sair da cidade!

À sua volta, as pessoas caminhavam apressadas em busca do calor e aconchego de seus lares. Preocupados demais com suas próprias vidas, não olhavam duas vezes para a jovem parada na calçada com uma expressão de desespero.

Ela teria sido obrigada a voltar para a segurança do hospital, não fosse por uma velhinha magra e estranha a quem chamam Mag Maluca!

Desorientada, incapaz de raciocinar, sentiu que alguém batia em seu braço. Com o coração agitado, viu uma figura estranha, fitando-a com olhos muito azuis.

— Conheço você! É a moça que foi salva pelos médicos, não é?

— Oh! Eu... não sou, não!

— Ora! Eu nunca me esqueço de um rosto! Tenho uma memória de elefante. Não esqueço mesmo!

Uma velhinha muito magra, com olhos brilhantes na fisionomia enrugada, examinava Rebeca com atenção. Carregava uma enorme bolsa de crochê, contendo embrulhos de pão e salame e se apoiava numa bengala, de onde pendia uma echarpe também feita de crochê. Positivamente Rebeca nunca tinha visto antes alguém tão singular!

— Já sei! Você fugiu no hospital, não foi?

— Não, imagine, que absurdo! — Rebeca olhava à sua volta, sem saber se devia ou não pedir auxílio. Aquela velhota não parecia muito boa de cabeça! — Eu jamais fugiria... isto é, se estivesse num hospital.

— Eu também detesto médicos! São um bando de malandros que nem sabem curar! Dão remédios e é aí que a gente fica doente mesmo! Aposto que não tem um centavo, moça! — A velhinha deu uma gargalhada, mostrando os poucos dentes que ainda lhe restavam: — Pois bem! Mag Maluca vai ajudá-la! Sei de alguns truques bons para enganar os médicos.

— Por favor! Eu não sou quem a senhora pensa. É melhor...

— ...ficar dormindo aqui neste estacionamento frio? Venha comigo, eu dou um jeito na sua vida.

Como não havia alternativa, a não ser esperar que descobrissem sua fuga, Rebeca seguiu a velhota até um prédio decrepito, onde a mulher tinha um minúsculo quarto. No único cômodo, havia dois gatos e um papagaio, além de uma cama e uma cadeira. Atrás de uma cortina rasgada, viu um aparelho de televisão, dos maiores e mais modernos, e um fogareiro com duas bocas.

— ...Não suporto a velha Rosie. Ela vive me espionando. Percebo muito bem seus olhos me acompanhando, mesmo quando estou de costas, sabia?

— Mag...? Gostaria de telefonar para minha irmã. Você tem telefone?

— Detesto quando uma pessoa fica me olhando! Começo a sentir uma raiva que...

— Mag! — Rebeca falou mais alto, certa de que a velhinha devia ser surda. — Você tem um telefone?

— Quem? Eu? — Mag Maluca deu uma gargalhada divertida. — E para quem eu iria telefonar? Onde meus amigos estão não existe telefone algum... eles estão todos mortos!

— Então de onde eu poderia ligar para minha irmã?

— Há um na portaria do prédio, moça... mas eu não me arriscaria! Não confio nesses aparelhos estranhos...

— É um telefone público?

— Um devorador de fichas, moça!

— Poderia me emprestar uma? Eu lhe devolverei assim que minha irmã...

— Não se preocupe, filha. Confiei em você no minuto em que a vi.

Poucos segundos depois, Rebeca ouviu a voz de Tâmara. Seu alívio foi tão grande que quase chorou. Após explicar a situação complicada em que se encontrava, deu o número do telefone à irmã que, em muito pouco tempo, resolveu todos os problemas. Tâmara comprou uma passagem em Nova Iorque que estaria à disposição de Rebeca no aeroporto de Edmonton para o vôo das dez horas da manhã!

— Como irá até lá, Becky?

— Dou um jeito, Tam. Se for preciso ir a pé, saio mais cedo daqui!

— É longe demais! Você ainda está fraca.

— Não se preocupe, encontro-a em Nova Iorque, às sete da noite.

Rebeca não contara com a generosidade e com os 'truques' da Mag Maluca! A velhota desconfiava da maior parte das pessoas e odiava o restante do mundo, em especial

qualquer criatura ligada a hospitais. Por esse motivo, sentia-se aliada de quem desafiasse as regras estabelecidas, como Rebeca, a jovem que enfrentara os médicos!

Enquanto Mag Maluca servia ovos mexidos com salame feitos num velho fogareiro, as duas assistiam ao noticiário vespertino para saber se a fuga já fora comunicada à Imprensa. Maureen surgiu na tela, confiante, e explicou que o marido estava debilitado demais para dar entrevistas, mas já saíra da fase crítica. Ela e a família estavam rezando por Guy...

— Essa mulher é uma hipócrita. Conheço muito bem esse tipo... veja que olhos falsos!

Rebeca mal prestou atenção, pois agora era ela quem surgia na tela. O filme havia sido feito na chegada deles ao hospital. O mundo a vira, à beira do colapso, com os cabelos desgrenhados, o rosto sujo e magro. Aquela mulher não podia ser Rebeca Clark! A voz clara do comentarista rompeu sua concentração: “A casa de Saúde acaba de nos comunicar que a outra sobrevivente da catástrofe do Twin Otter, acidentado no Ártico, desapareceu misteriosamente do hospital”. Rebeca Clark sumiu logo após ter conversado com nossa repórter... Nesse momento, Cynthia Mallory deu um sorriso de triunfo: aquele era seu momento de glória! Após fazer as conjeturas maliciosas sobre um tórrido relacionamento sexual entre Guy e Rebeca, ela insinuou maldosamente que a presença da esposa no hospital teria formado o clássico triângulo amoroso!

Como se tudo fosse um sonho, Rebeca ouviu as notícias. Não reagiu quando Mag Maluca obrigou-a a deitar-se na única cama existente nem quando foi acordada para comer ovos mexidos com salame como café da manhã!

— Você não pode viajar de estômago vazio. Ah! E vai precisar de dinheiro, não é?

A velhota retirou um rolo de dinheiro do colchão, separou alguns dólares e entregou-os a Rebeca.

— Aqui tem quarenta dólares. Acha que vai precisar de mais?

— É suficiente... Não sei como agradecer-lhe, Mag. Prometo enviar-lhe o dinheiro assim que chegar em casa.

— Você não vai para um outro hospital, não é? — A velhota segurou as notas até ouvir a resposta de Rebeca.

— Nunca mais! Juro que nunca mais chegarei perto de um hospital!

Conforme diziam os noticiários, a polícia fora colocada em prontidão para encontrar a jovem fugitiva. Mesmo assim, Rebeca conseguiu atravessar os Estados Unidos sem ser

abordada por ninguém até encontrar Tâmara, que a esperava ansiosa.

Ela cumpriu as duas promessas feitas a Mag Maluca: enviou-lhe uma soma muito maior do que a emprestada e não voltou a trabalhar em hospitais!

Rebeca tinha medo de ser reconhecida e ainda não se julgava capaz de enfrentar as complicações de sua volta ao mundo civilizado. O choque de retornar fora grande e crises de depressão e perplexidade se sucediam, tornando-a indecisa a respeito de tudo. Decidir sobre detalhes como roupas ou alimentação a desorientavam por completo. Era como se tivessem esgotado quase todas as energias no Ártico e as restantes depois, ao fugir de Edmonton.

As semanas que passou no apartamento de Tâmara foram extremamente difíceis. Às vezes perdia o sono por completo, ou então não conseguia manter-se acordada! A todo instante, cenas confusas do período terrível na floresta voltavam a sua mente. A imagem de Guy a perseguia sem tréguas.

Tâmara demonstrou uma ternura profunda para com Rebeca. Ajudou-a a refazer seu guarda-roupa, sem pressioná-la ou influenciá-la sobre o rumo que deveria tomar na vida. Sua única intromissão foi arranjar-lhe um emprego, mas o fez com tanta cautela que não criou problema algum.

O médico de Tâmara estava à procura de uma enfermeira de confiança para cuidar de um garotinho que sofrera uma operação. Rebeca aceitou e logo os pais do menino a recomendaram a um amigo. Através da indicação de ex-pacientes, ela iniciou uma carreira nova e muito mais satisfatória do que a antiga.

Esse tipo de trabalho garantia seu anonimato e não apresentava as tensões desgastantes de um hospital. Havia muito mais horas para dedicar ao lazer e, pela primeira vez, Rebeca sentiu-se independente e dona de sua própria vida! Havia conseguido dar o primeiro passo no longo caminho de volta à normalidade.

E o segundo passo... foi correr!

Um médico lhe dissera que não a deixaria sair do hospital a não ser quando estivesse em condições de participar de uma maratona. Consciente da necessidade de manter o peso, Rebeca resolveu aderir ao cooper.

No início, detestou a atividade pois os pés lhe doíam, a cabeça parecia a ponto de explodir e o coração quase lhe saltava pela boca. Mas sua vontade de conservar a nova silhueta a fez continuar e logo começou a sentir-se bem-

disposta. A fome diminuía nos dias em que ia correr e agora parecia-lhe absurdo comer uma caixa de bombons após ter corrido oito quilômetros!

Um dos grandes temores de Rebeca havia sido o de não resistir à tentação quando se defrontasse com petiscos gostosos. Felizmente, aquela fome compulsiva que lhe deformava o corpo muito raramente voltou a ameaçá-la. A terrível experiência no Ártico, ou talvez a distância que agora havia entre ela e Martine, tinham interrompido o processo autodestrutivo. E o prazer do exercício fora uma segurança a mais!

Aos poucos, Rebeca reencontrou o prazer de estar viva. A proximidade obrigatória com seus pacientes substituíra e superava a convivência num hospital. Passava horas ao lado de pessoas cheias de experiências diferentes das suas e, com isso, enriquecia a mente.

Sarah Downes era, sem dúvida, sua paciente mais comunicativa e, como tinham quase a mesma idade, travavam longas conversas intermináveis. Ambas estavam fascinadas com o milagre da gravidez, e esse assunto parecia inesgotável.

Só havia um tema no qual Rebeca jamais tocava e nem mesmo a curiosidade bem-intencionada de Sarah era capaz de transpor suas barreiras: sua vida amorosa permanecia um mistério indecifrável para todos!

Quatro meses depois de chegar a Nova Iorque, Rebeca mudou-se para um apartamento próprio. Sentia-se mais forte e capaz de viver sem a presença confortadora de Tâmara. Os pesadelos já se tornavam menos freqüentes e a agitação frenética daquela cidade já deixara de apavorá-la.

Os sobreviventes do desastre no Ártico não eram mais uma notícia recente ou de grande interesse. A última aparição de Guy foi uma entrevista de televisão; ele se recusou a responder perguntas maliciosas, frustrando a curiosidade do público.

Guy, sem dúvida, não aceitara dar mais entrevistas, pois, após o programa a que Rebeca e Tâmara haviam assistido, nunca mais apareceu no jornal ou na tela. O assédio dos repórteres aos poucos se reduziu a uns poucos telefonemas até que cessou por completo, deixando-os viver em paz!

Com a aventura que vivera, ele devia ter recebido propostas absurdas. Milhões de dólares eram-lhe oferecidos por agentes inescrupulosos em troca da história detalhada da aventura. Baseados nela escreveriam livros, fariam filmes e até mesmo um seriado no horário nobre da televisão.

Pela primeira vez, Rebeca sentia-se grata ao temperamento autoritário de sua mãe. Martine recusara várias propostas e mantivera a filha a salvo de toda aquela curiosidade mórbida. Conhecendo muito bem a mãe, Rebeca duvidava que até o mais insistente dos repórteres persistisse em entrar em contato com a Sra. Clark após duas recusas frias e categóricas!

Só quando Rebeca viu-se livre da apatia e da insegurança, pôde tentar uma análise mais racional com relação a Guy e sobre sua fuga do hospital.

O tempo ajudou a tornar mais claros seus motivos e o que lhe pareceu pânico, a princípio, revelou-se uma cadeia de emoções profundas.

Rebeca nunca tivera razões para confiar nos homens. O pai, sempre ausente, só lhe deixara recordações amargas, pois sua mãe fizera questão de exaltar os terríveis defeitos dele.

A obesidade a fizera conhecer uma faceta da personalidade masculina que a maioria das mulheres não viam.

Como nunca fora alvo das atenções do sexo oposto, Rebeca observara que muitos homens conquistavam para se sentirem mais viris. Viviam à procura de mulheres disponíveis e não se propunham à fidelidade.

Mas com Guy, ela descobrira que havia homens dignos de respeito. Que terrível perder o mais charmoso deles.

Embora sentisse em demasia a ausência dele e seu coração disparasse, diante de cada homem alto de cabelos negros, Rebeca não tinha coragem de dar o primeiro passo e tentar comunicar-se com Guy.

Tâmara acreditava na possibilidade de uma reconciliação entre ele e a ex-esposa. Mesmo que fosse engano dela, Rebeca hesitava! Fora uma insensatez fugir por causa de Maureen. Devia ter ficado para descobrir a verdade de Guy.

Agora não se decidia sequer a escrever uma carta para saber da saúde dele, pois temia ser rejeitada!

Só de pensar em Guy podia não ter interesse em saber dela, sentia a fome compulsiva retornar. Então numa reação instintiva de autodefesa, afastava-o de seus pensamentos, apoiando-se no fato de que ele não a procurara!

No entanto, passou-se muito tempo até que suas mãos parassem de tremer quando abria qualquer carta, ou seu coração não disparasse mais quando o telefone tocasse. Só à medida que os dias se transformavam em semanas e meses, ela foi admitindo que Guy desaparecera de sua vida, deixando

uma dor muito grande no lugar! Se o tempo não conseguia cicatrizar aquela ferida, tinha o dom de tornar as imagens mais pálidas e as certezas menos nítidas. Rebeca já não sabia se seus sentimentos eram reais ou apenas uma fantasia criada para evitar o medo da morte. No ambiente de completo isolamento, a paixão crescera como uma flor de estufa, incapaz de se manter bela e viçosa quando colocada em outro local. Teria mesmo amado Guy ou apenas se encantado com as sensações maravilhosas da paixão? A terrível experiência no Ártico havia perdido a nitidez, oculta num recanto misterioso de sua mente onde também ficavam as vivências muito intensas de seu amor, capazes de provocar sofrimento. As lembranças dolorosas tornavam-se difusas e irreais, como se deixassem de existir para que ela pudesse recuperar a sanidade mental. Ainda que seu amor por Guy fosse verdadeiro, teria condições de realizá-lo agora, rodeada por todo tipo de problemas urbanos?

Aquele relacionamento fora um episódio único, desligado da realidade, e não havia como comparar os dias vividos ao lado de Guy num paraíso selvagem com qualquer tipo de relação que envolvesse coisas práticas, como compras em supermercados, consultas médicas e dívidas!

Para conseguir uma estabilidade maior na organização precária de sua nova vida, Rebeca criou hábitos: correr a distância certa, trabalhar em horas marcadas, alimentar-se corretamente eram as receitas exatas para evitar depressões ou crises de fome compulsiva que não pudesse controlar.

Um medo terrível de que qualquer problema destruísse o equilíbrio frágil e tão cuidadosamente construído por ela obrigou-a a policiar cada minuto de seus dias. Tentava não pensar em Guy, raramente telefonava para sua mãe e só aceitava trabalhos que fossem agradáveis. Não queria que nenhuma contrariedade viesse perturbar a serenidade que lutara tanto para alcançar.

Houve, porém, um aspecto em que Rebeca fracassou completamente! Guy despertara nela a consciência de sua sensualidade e, por mais que tentasse, não podia voltar atrás. Seu corpo passara a ter vida própria, com desejos, necessidades e caprichos. No passado, conseguira ignorar sua feminilidade por longos períodos, mas agora tinha consciência plena dela.

Sentir-se desejada por um homem era uma experiência impossível de se apagar. Sem perceber, Rebeca agia de modo

diferente em relação aos homens: estava atraente, seus gestos haviam se modificado e provocavam os desejos masculinos.

O sol daquela manhã fria de dezembro começava a banhar as ruas quando Rebeca encontrou Brian Ross. Havia uma estranha intimidade fluando no ar. Nas sombras prateadas das árvores sobre o asfalto, desconhecidos se aproximavam, criando uma corrente de simpatia e comunicação inexistente em qualquer outra hora do dia. Rebeca estava esperando o farol abrir para correr quando um rapaz louro e de fisionomia simpática parou ao seu lado.

— Corremos sempre na mesma hora, não é? Rebeca deu-lhe um sorriso sensual e olhou-o da cabeça aos pés antes de reiniciar a corrida.

— É, eu já reparei...

— Verdade? — Ele agora acompanhava-a pela rua quase deserta. — Devo considerar suas palavras como um elogio?

— Seria difícil não vê-lo. Você é uma visão inesquecível com essas calças roxas e um blusão rosa!

— Oh! Foi minha sobrinha quem escolheu minha fantasia de corredor! Está vendo o tênis? Acha que eu compraria esses cordões listadinhos?

Brian Ross trabalhava numa companhia de seguros e morava num prédio antigo, mas luxuoso, a poucas quadras do apartamento de Rebeca. Ele estava treinando para participar de uma maratona de amadores e logo a convenceu a preparar-se também.

Os dois começaram encontrando-se duas vezes por semana na entrada do parque e, em poucas semanas, passaram a ver-se diariamente. Todas as manhãs, quando Rebeca saía do prédio, o encontrava à sua espera, sorridente e bem-humorado.

Nas poucas vezes em que ele não apareceu, Rebeca reparou que correr sozinha não era tão agradável como quando havia companhia. Sentiu muita falta do companheiro matinal, que aos poucos começava a conhecer melhor.

Descobriram gostos em comum, como ver filmes sem muita violência e ler apenas bons autores. Também tinham experiências semelhantes, pois vinham de lares desfeitos e detestavam autoritarismos.

Passaram a encontrar-se quando não estavam treinando, apenas para trocar os livros que se haviam emprestado. Do cafezinho rápido no bar da esquina, passaram a almoçar nos sábados, a irem juntos ao teatro quando entrava em cartaz alguma peça que ambos queriam ver. Talvez por medo,

nenhum dos dois apressou nada, deixando que o tempo e a convivência mostrassem se havia sentimento verdadeiro entre eles.

A vida de Brian havia sofrido um abalo quando uma jovem que vivia com ele há quase cinco anos resolvera deixá-lo. Ele mencionou uma série de problemas como sendo a causa do final do relacionamento, problemas que pareciam idênticos aos do casamento de Guy: desinteresse, falta de amor, tédio.

A grande diferença porém era que, no caso de Brian, fora o homem a se surpreender diante da transformação emocional da mulher amada!

— Fiquei arrasado! Ela estava calada demais e nossa vida sexual já não era tão intensa... no entanto, nunca imaginei... Oh, desculpe-me, Rebeca. Você não tem o menor interesse em saber de meus dramas amorosos!

— Não se preocupe comigo. Pode desabafar, eu escuto!

— Você é uma garota excepcional! Com certeza, tem uma porção de antigos namorados, todos querendo reconquistá-la.

— Não há ninguém...

— Não acredito! Afinal, de onde você veio? Nunca me disse...

— Ora! O que importa o nome de uma cidade?

Rebeca recuava instintivamente toda vez que Brian fazia perguntas sobre seu passado. Essa reação incontrolável resultava do desejo de ser amada do jeito que era agora. Não queria que ele soubesse de sua obesidade, da carência amorosa que vivera. Mas, acima de tudo, não gostaria de ser reconhecida como a sobrevivente de um acidente que fora notícia nos jornais.

Evitando assuntos perigosos e mentindo quando necessário, Rebeca criou, aos olhos dele, uma personalidade misteriosa e atraente, o que aumentou seu complexo de culpa. Estava enganando aquele homem sincero e bem-intencionado. Não desejava que sua convivência com Brian fosse um ensaio amoroso, mas como nunca tivera namorado vivia ainda uma experiência nova.

Pela primeira vez na vida um homem a convidava para sair porque a achava atraente e não por sentir pena dela. Brian não tinha motivos para olhá-la com piedade só porque no passado ela havia sido gorda demais e carente de amor!

Um relacionamento com Guy talvez fracassasse ante o espectro de sua obesidade. Ele a conhecera gorda e sabia que poderia vê-la de novo deformada!

Brian não receava nada, nem sequer imaginava que existisse uma neurose tão grave no íntimo daquela mulher que ele pouco conhecia. Atraente, sem ser uma beldade, ela era uma pessoa equilibrada e não alguém sempre à espera de cair numa crise incontrollável!

Rebeca evitava intimidades, hesitando ainda em se envolver num relacionamento sexual. Não se sentia bastante segura. Afinal, Brian era seu primeiro namorado de verdade!

No entanto, muito em breve ela seria obrigada a tomar uma decisão a respeito dele. A idéia de um relacionamento íntimo não a repugnava, mas também não a excitava. Sem dúvida, logo chegariam a um entendimento agradável e o sexo seria o complemento de uma amizade sólida e gostosa.

Mesmo sem despertar grandes desejos nela, Brian era uma pessoa simpática, com princípios morais sólidos, alguém em quem poderia confiar durante qualquer crise. Não o amava e sabia que dificilmente chegaria a sentir a mesma paixão que tivera por Guy, mas esse fato não a preocupava.

Na verdade, Rebeca continuava a desconfiar do amor, um fogo incontrollável que podia levá-la à loucura. Ao lado de Brian Ross, não precisaria temer nada, teriam uma vida tranqüila, sem grandes emoções, mas também livre de grandes sofrimentos. Queria evitar, a qualquer custo, o descontrole emocional causado por Guy McLaren!

A tarde começava a cair quando Rebeca deixou o apartamento de Sarah, satisfeita com seu trabalho. Apesar da relutância da jovem, ela até a penteava para esperar o marido com uma aparência bem cuidada.

David Downes era um rapaz atraente e em seu olhar se lia uma adoração completa pela esposa. O rosto simpático iluminava-se quando via Sarah a sua espera. Após beijá-la, ia à procura de Rebeca para saber se tudo corria bem com a mulher que tanto amava.

Ambos necessitavam muito dela durante o período crítico daquela gravidez difícil. Rebeca lhes dera segurança e o casal lhes eram gratos, sem saber que ela também se sentia feliz ao lado da futura mãe.

No ônibus que a levava para casa todas as tardes, Rebeca lembrou-se de como sempre tinha adorado trabalhar no berçário dos hospitais. Tomar nos braços aquelas criaturinhas delicadas a enchia de prazer!

Será que algum dia realizaria a fantasia até há pouco tempo inatingível de ser mãe? Não tinha sido apenas a obesidade o obstáculo à realização desse sonho. Nunca se

acreditara capaz de ser uma boa mãe. Martine não era um exemplo a ser seguido e ela nem sabia como cercar de amor uma criança.

No entanto, no Ártico se vira dona de muitas qualidades das quais jamais se acreditara possuidora. Se sua mãe sempre fora fria e implacável... qual era o problema? Ela era Rebeca Clark, e não uma cópia da mãe! Seria capaz de criar um mundo acolhedor e afetuoso para seu filho! Quem sabe ainda teria nos braços um bebê de cabelos escuros e olhos verdes... como os de Guy McLaren?

A lembrança inesperada e inoportuna de Guy provocava uma irritação pouco habitual em Rebeca. Ela ouviu o telefone antes de abrir a porta de seu apartamento. Na pressa de atender, derrubou o abajur do lado do sofá. Resmungando baixinho, ergueu o fone e ouviu a voz de Tâmara, como sempre, com entonação teatral e dramática.

— Más notícias, mana!

— Tam, querida, eu acabo de entrar em casa e ainda nem tirei o casaco. Será que as "más notícias" podem esperar um pouquinho?

— Acho melhor aproveitar bem seus últimos momentos de paz e sentar-se. Você vai precisar de uma cadeira...

Rebeca já estava acostumada às encenações de Tâmara. Qualquer detalhe insignificante da vida da irmã atingia proporções desmesuradas, fosse uma briga com o mais recente namorado ou apenas uma nova idéia.

— Nada pode ser tão trágico assim, Tam. O que aconteceu? Rob não lhe telefonou hoje e você está tendo um ataque de ciúmes?

— Não é Rob e eu não estou brincando!

— Então soube que vão fechar todos os teatros da Broadway e você nunca mais poderá alcançar a fama?

— Becky... o problema é sério.

Algo na voz de Tâmara preocupou Rebeca. Pensou nas atitudes pouco ajuizadas da irmã. Será que, desta vez, aquela maluquinha passara dos limites?

— Fale logo, Tâmara. Conte tudo antes que eu desmaie!

— Mamãe vai morar em Nova Iorque.

Subitamente, Rebeca sentiu uma pressão violenta no peito que parecia a ponto de sufocá-la.

— Nossa adorada mãezinha já colocou a casa de Fairfax à venda. Tem planos... e quando Martine planeja até os deuses dizem amém... Ela estará aqui antes do fim de março.

— Oh! Não! Não pode ser verdade!

— Eu também não acreditei quando ela me contou. E ela disse que, como suas duas filhas deixaram Fairfax, não tem mais motivos para continuar lá. Seu grande sonho sempre foi morar em Nova Iorque, sabia?

Num silêncio tenso, ambas compartilharam o mesmo temor: ter Martine por perto era perigoso demais!

— Não sei como agir — murmurou Rebeca, com a voz tremula. — Não creio que eu tenha condições de agüentar.

— Ah! Mana. Só nos resta uma alternativa... enfrentar a realidade.

— Tam... como vou sobreviver?

— Sendo mais forte ainda, Becky querida. Você enfrentou uma batalha dura e saiu vencedora. Agora já sabe que tem condições de lutar com unhas e dentes para não ser derrotada, não é?

A voz de Tâmara perdera a jovialidade da artista à espera do sucesso. A mesma determinação que a levava a deixar Fairfax e sua vida tranqüila de cidade pequena para enfrentar o mundo hostil e desconhecido se revelava agora no tom firme e decidido de suas palavras.

— É muito diferente, Tam. Não vou conseguir...

— Não abandone as esperanças antes de a guerra começar, Rebeca Clark. Você vai ter forças, eu sei, mais forças do que já teve em toda a sua vida, mana.

Capítulo IX

Jake planejava aquela noite com todo o cuidado, disposto a ajudar Guy. Queria ver o amigo voltar a ser o homem alegre e descontraído de antes do acidente. E, pela alegria reinante na mesa, seu plano estava sendo um sucesso. Sofia emanava uma sensualidade provocante, Guy novamente tornava a noite numa festa e Anya...

A amiga de Sofia era exatamente a mulher ideal para Guy! O corpo escultural, moldado por um vestido de seda preta, formava um dueto perfeito com o rosto atraente, onde os olhos verdes brilhavam provocantes.

Há muito tempo Jake vinha insistindo para que saíssem uma noite com essa amiga de sua namorada, deixando bem claro que todos os problemas de Guy se resolveriam através do sexo. Anya, a garota que ele lhe apresentara, tinha mais de vinte e um anos, era solteira, livre de compromissos e, embora

não fosse uma mulher de vida fácil, podia ser considerada bastante acessível.

Durante o jantar, no restaurante escolhido por Jake, Guy examinava com atenção a garota atraente, cujo comportamento recatado só ocasionalmente permitia entrever a sua disponibilidade. Educada, mas provocante, Anya parecia ser o remédio certo para acabar com sua depressão.

Enquanto dirigia, Guy escutava, sem prestar muita atenção, a conversa da jovem a seu lado. Pelo menos ela não era do tipo intelectual, que esperava respostas brilhantes as suas perguntas profundas. Não teria condições de agüentar uma companheira de personalidade complexa logo na primeira vez que saía com uma mulher depois de sua volta a Calgary.

A jovem loira de nariz perfeito e olhos verdes amendoados representava sua volta à vida sexual. Durante os quatro meses de convalescença, nem sequer sentira vontade de aproximar-se de uma mulher. Anya seria a ponte para alcançar novamente o sentido pleno de sua masculinidade. Afinal... alguém assim não precisava ter uma conversa interessante!

Guy parou o carro diante da casa de Anya e acompanhou-a até a porta. Sob a luz do terraço, os cabelos pareciam fios de ouro e os olhos brilhavam como esmeraldas. Ele sem dúvida encontrara a mulher que todos os homens sonhavam em ter nos braços pelo menos por uma noite.

— Foi uma noite deliciosa. O jantar estava ótimo e adorei o show da boate.

— Eu também gostei muito... Anya...

Ela ergueu os olhos, fitando-o com uma intensidade que o deixou esperançoso. Tinha suposto que seria convidado a entrar, mas...

— Está gelado aqui fora. Gostaria de tomar algo para esquentar antes de enfrentar o longo caminho de volta?

Guy nem chegou a responder pois Anya abriu a porta e convidou-o a entrar.

O apartamento que ela ocupava era no primeiro andar da casa. Pequeno, mas luxuosamente decorado, mostrava claramente que a moradora tinha bom gosto e muita feminilidade. Tons de rosa e lilás se repetiam nas almofadas macias e nos babados das cortinas.

Guy não conseguia lembrar-se em que Anya trabalhava, mas pelo enfeites caros era evidente que ganhava muito bem. Sem dúvida, ele teria de mandar-lhe um presente fino, talvez uma jóia, na manhã seguinte!

— Quer um conhaque ou prefere um licor?

Anya se movimentava pela sala com uma habilidade incrível para colocar em evidência seus encantos. O corte lateral da saia revelava pernas longas e, ao oferecer o copo a Guy, o decote proporcionou a ele a visão da curva dos seios, no ponto exato para despertar-lhe o desejo.

— Você parece cansado, Guy.

— Deve ser efeito das luzes. Talvez fosse melhor apagá-las.

— Tem razão! São fortes demais.

Na penumbra, foi mais fácil para Guy esquecer-se de onde estava e deixar se envolver pelos encantos de Anya. Ele a beijou, sentindo o gosto de conhaque nos lábios ávidos que se entreabriram para recebê-lo. Deslizando a mão pelo colo macio, tocou o seio recoberto pela seda, sentindo o mamilo enrijecer-se sob seus dedos.

Os beijos de Guy foram se tornando mais ardentes e Anya acompanhou-o na escalada crescente de prazer, tocando-o com ousadia. Ele sentiu a euforia nascida de um desejo incontrolável que iria culminar num momento de mágico triunfo. Queria ter a sensação inigualável de perder-se na calidez de um corpo feminino até atingir o auge do prazer.

— Este sofá é pequeno demais para mim.

— Eu tenho uma cama, sabia?

Anya levantou-se e, fazendo um gesto para que ele a esperasse, começou a despir-se lentamente no centro da sala. Iluminada apenas pela luz suave de um abajur, as curvas perfeitas foram se revelando aos olhos de Guy, que seguia cada gesto sensual, sentindo crescer o desejo.

Quando restava apenas um triângulo de rendas impedindo a nudez completa, Anya aproximou-se de Guy e ofereceu-lhe os seios rijos. Depois de um longo tempo em que o silêncio da sala foi rompido apenas por gemidos de prazer, ela afastou-se um pouco.

— Agora é sua vez, querido. Quer que eu o ajude a despir-se?

Os dois entraram no quarto, onde Anya acompanhou os movimentos de Guy para despir-se com um olhar de apreciação. Quando ele finalmente ficou nu, ela sorriu, satisfeita.

— Seu corpo é perfeito, Guy.

— Você está me tratando como se eu fosse um "homem objeto"? Não costuma ser o contrário?

— Neste jogo, não há vencidos nem vencedores, querido. A vitória deve sempre ser mútua ou ambos terão perdido. Venha logo — murmurou Anya, abrindo os braços para ele.

Quando o corpo cálido colou-se ao seu, Guy sentiu uma curiosidade intensa a respeito dessa mulher. Nunca fora do tipo de Jake, que desejava apenas uma noite de prazer sem qualquer ligação mais séria ou compromissos envolventes.

Por que motivo Anya escolhera essa vida solitária, entregando-se a homens desconhecidos? Num encontro anônimo, ela partilhava sua intimidade maior e, na manhã seguinte, não restariam nem lembranças de um momento fugaz. Por quê?

Suas perguntas jamais foram formuladas e a curiosidade desapareceu, enfraquecida diante da onda de desejo que crescia com as carícias de Anya. Envolto no delírio da volúpia, Guy virou-se na cama; quando ia puxá-la para perto, viu o espelho no teto, refletindo seus corpos enlaçados.

Subitamente, todo o desejo de Guy desapareceu, deixando-o frio diante da sedução de Anya e terrivelmente frustrado. O espelho tivera o efeito oposto pois, em vez de excitá-lo, destruía o prazer daquela noite.

— Sinto muito, Anya.

— Guy? Nós não temos pressa... há muito tempo para recomeçar.

— Sinto muito, é impossível. Eu não devia nem ter...

— Mas Jake disse que você é livre e disposto a...

Só então Guy descobriu por que Anya se mostrara tão sedutora. Sofia havia aprisionado Jake nas malhas da sensualidade e instruíra a amiga para que, do mesmo modo, conseguisse presentes e boa companhia.

Guy praguejava baixinho enquanto se vestia apressadamente.

— Fiz algo que o desagradasse, Guy? — murmurou Anya, puxando o lençol até o queixo.

Parecia tão desolada que Guy não teve coragem de contar-lhe a verdade. Na certa, ela achava que o espelho era um atrativo a mais em seu quarto!

— Você foi maravilhosa, Anya. O problema é meu... — Tirando a carteira do bolso, Guy ainda hesitou. — Posso lhe dar algum dinheiro ou...

— Dinheiro?

Anya fez uma expressão de espanto e incredulidade e então Guy lembrou-se, finalmente, de que ela não tinha um bom emprego. Assim sendo, os objetos caros que possuía não

havam sido comprados com um salário reduzido. Só o casaco de vison que usara esta noite valia muito mais do que Anya ganharia em dez anos!

— Ia mandar-lhe um presente amanhã mas talvez eu viaje e...

— Bem... se ia mesmo comprar... eu aceito.

— Compre um vestido bem bonito, está bem?

Guy retirou da carteira uma quantia bastante generosa e entregou-a a Anya. Então, sem despedir-se, saiu apressadamente do quarto, ansioso por se ver longe dali.

Quando saiu da casa, respirou o ar gelado da noite como se estivesse a ponto de morrer sufocado. As estrelas brilhavam como nunca e o vento típico dos invernos de Calgary soprava impiedosamente. Sem vestir o casaco, Guy deixou que o frio o envolvesse, como se ele merecesse uma punição.

Tinha falhado! Seu corpo se recusara a reagir a encantos do sexo oposto. Nunca havia sofrido uma humilhação tão grande nem tivera essas dúvidas torturantes a respeito de sua masculinidade.

Erguendo o rosto para as estrelas, frias e indiferentes ao sofrimento humano, Guy soltou um brado de ressentimento e protesto.

Contra quem ele se insurgia? Contra o corpo que falhara no momento de sua realização como homem, contra o amigo que, em sua ansiedade de ajudar, se intrometiera num detalhe íntimo ou contra a mulher que, embora sensual, não conseguira manter viva a chama do desejo?

O protesto de Guy se dirigia a uma criatura em especial, a uma mulher distante, ausente e desejada.

Rebeca! Sua imagem se interpusera entre os dois corpos que se procuravam com volúpia e lhe transformara em gelo as energias vitais... talvez ele jamais as recuperasse!

Seus pensamentos estiveram muito longe de Rebeca naquela cama cheia de babados e fitas. Ele se perdera nas carícias experientes de Anya, flutuando para o universo dos sentidos, onde só existia prazer. Mas, ao olhar no espelho, a imagem da jovem inocente que ele vira banhando-se no lago se sobrepusera à de Anya.

Por que não a vira vibrando de desejo em seus braços, como uma mulher sensual e provocante? Vinda de um mundo distante e perdido no tempo, uma figura cheia de encanto e inocência se revelara diante dele. A pele muito branca, refletida nas águas frias do lago, tinha reflexos de madrepérola. A linda visão o forcara a lembrar-se de que

apenas ele conhecera os mistérios daquele corpo e os segredos daquela alma.

Até quando a lembrança de Rebeca continuaria a torturá-lo?

Guy olhou para a senhora de cabelos grisalhos e olhos azuis que o fitava com severidade e deu um sorriso carinhoso. Aquela era a única mulher do mundo capaz de forçá-lo a admitir seus erros sem aborrecê-lo.

— Você não está comendo direito, nem dormindo bem, Guy. Sua aparência é horrível!

— Pois você me parece ótima! Acho que quer me alimentar como se eu fosse um garotinho doente, não é?

— Guy McLaren! Se você fosse um garotinho, eu lhe daria umas boas palmadas!

Guy seguiu Cordélia McLaren até a cozinha outrora sempre impecável e levou um susto ao ver a desordem completa, tão fora dos padrões perfeitos de sua mãe.

— Deus do céu! O que aconteceu aqui!

— Estou tentando alimentar seu pai, e a dieta se restringe apenas a alimentos que coelhos gostam. O problema é que seu pai é humano e venho tentando descobrir um jeito de fazer os vegetais ficarem com gosto de carne.

— Como vai ele?

— Dormindo, depois de ter reclamado por mais de uma hora dizendo que não estava cansado. Enquanto ele descansa, vou servir seu almoço.

— Se pretende me servir vegetais com gosto de carne... prefiro um sanduíche de queijo!

— Preparei costeletas de carneiro pois você está precisando de um pouco de cor nesse rosto pálido.

Guy sentou-se sem protestar e observou-a preparando seu almoço. Magra e baixinha, Cordélia era dona de uma personalidade marcante e sempre enfrentara o filho com autoridade, sem perder o dom de comunicar-se bem com ele. Mantinha os dois homens da casa num ritmo agitado, onde sorrisos e reprimendas se alternavam com rapidez.

Depois de adulto, Guy descobrira que, além de amar a mãe, a via como amiga indispensável. Sempre que possível, partilhava seus problemas com aquela mulher brilhante e compreensiva.

— Como vai o seu grupo de bridge, Cordélia?

— Péssimo! Essie, a minha parceira, não sabe sequer distinguir as cartas. É uma idiota completa.

— O que ela aprontou desta vez?

— É uma história longa demais e não quero falar sobre meus problemas. Convidei-o para almoço porque precisamos conversar.

— Ai! Seu tom me parece ameaçador.

— Você está magro demais, tem olheiras e uma expressão que mais parece a de um defunto!

— Mamãe! Admiro sua capacidade de elogiar as pessoas!

— O problema é Maureen?

Embora jamais tivesse dito uma única palavra ao filho quando ele lhe comunicara o casamento com Maureen e fosse uma sogra discreta, Cordélia nunca aprovara sua escolha. Guy percebera isso, mas nunca se arriscara a perguntar o motivo.

— Não há mais nada entre nós. O divórcio já foi homologado. Sou um homem livre.

— E os negócios? Vão bem?

— Ótimos! Meu escritório nunca esteve numa fase tão boa.

— Então qual é o problema?

— Não há nenhum problema, mãe.

Guy sabia muito bem o quanto Cordélia era obstinada quando se decidia a esclarecer alguma situação e logo procurou uma desculpa para sua aparência péssima.

— Deve ser uma depressão comum em pessoas que sofrem experiências traumatizantes. Costumam...

— Não me faça de boba, Guy McLaren! Eu o conheço bem demais para aceitar esse tipo de explicação. Tenho quase certeza de que houve algo entre você e aquela jovem, enquanto estiveram no Ártico. Nunca me disse nada mas eu percebi...

— Ora, mamãe! É melhor não continuar!

— Vai me fuzilar por ser intrometida? Sei que não devia tocar nesse assunto mas... houve algum problema entre você dois, não é?

O ar preocupado de Cordélia era tão evidente que Guy não pôde ficar bravo. As perguntas dela não refletiam mera curiosidade!

— Eu nunca recebi notícias dela.

— Como podia esperar alguma? O desaparecimento da jovem foi bastante misterioso, não acha?

— Ela sumiu sem deixar sequer um bilhete, mas... Não sei bem por que, continuei esperando um telefonema, uma carta. Tentei encontrá-la...

— Não conseguiu?

— Deixei um recado com a mãe de Rebeca. Se ela avisou a filha ou não... eu ignoro!

- Procurou outra pessoa da família?
- Não.
- Não o entendo, Guy! Não me parece que você tenha se esforçado muito para localizá-la!
- Rebeca agiu de modo a deixar bem claro que não quer me ver.
- Ora! E por quê?
- Descobri que estou morrendo de fome! — Sem responder, Guy olhou intencionalmente para as costeletas quase prontas. — Será que minha comida não vai passar do ponto, mamãe?
- Já entendi! Acertei em cheio, não é? Só servirei seu almoço se você enfrentar seu orgulho e tentar resolver esse enigma. Por que essa jovem não quer mais vê-lo?
- Não tenho a menor idéia, são apenas suspeitas sem fundamento. Pensa que já não fiz essa pergunta mais de mil vezes, sem encontrar nenhuma resposta?
- Ela foi sua amante?
- Deus do céu, mamãe! Não seja melodramática!
- Mães não são animais pré-históricos, sabia? Por mero acaso, fui informada sobre sexo!
- Está bem! Houve um relacionamento especial entre nós.
- E então?
- Eu a quero de volta, mas obviamente ela não me quer.
- E vai ficar parado pelo resto da vida, esperando receber uma carta como se fosse um presente caído dos céus?
- Não me ocorre nenhuma outra saída! Você tem alguma idéia milagrosa?
- Pelo amor de Deus, Guy! Desde quando desiste tão facilmente do que quer? Você não tem certeza de nada, não sabe onde ela está... Essa jovem também pode estar sofrendo, não acha?
- Por que estaria?
- Ela não recebeu nenhuma carta sua e talvez sofra o mesmo tipo de depressão que você. Não é impossível, sabia?
- Rebeca pode ter encontrado um outro homem.
- Você pretende lutar contra sombras?
- Talvez ela esteja obesa e...
- Ah! Agora me lembro! A garota era bem gorda e a imprensa explorou muito esse fato. No entanto, é apenas uma suposição. E se ela estiver magra? Você não é assim, Guy!
- Assim como? Pode me dizer como eu sou?

— Parecido comigo... um lutador que não desiste até se esgotarem todas as soluções possíveis. Alguém disposto a sair pelo mundo para conseguir o que quer...

Guy ficou em silêncio por alguns minutos até que uma luz súbita clareou sua mente.

— Será que eu entendi bem a sua mensagem, mãe? Você quer que eu a encontre?

— Exatamente! Acha que não estou morrendo de curiosidade de conhecer a única mulher que conseguiu capturar o coração do meu filho?

O apartamento de Tâmara Clark era no último andar de uma construção típica da cidade de Nova Iorque. Os mesmos tijolos vermelhos e as janelas com balcões de ferro batido se repetiam com regularidade do começo ao fim da rua. E, como em todos os prédios desse tipo, era preciso subir três andares pela escada pois não havia elevadores!

Quando Guy parou diante da porta do apartamento três, sentiu um cheiro estranho que parecia incenso. Antes de tocar a campainha, pensou na mulher que morava ali e conhecia apenas pelas descrições de Rebeca.

Diferente, excêntrica e singular? Pelo telefone, ele não percebera nenhuma característica especial na voz da jovem que o atendeu. Tinha seguido o conselho de sua mãe, e, recusando-se a aceitar um não por resposta, insistira até quebrar a resistência de Tâmara. Ela não o informara sobre o paradeiro de Rebeca mas ao menos aceitara recebê-lo para conversarem sobre a moça. Quando a porta se abriu, Guy achou que Rebeca usara palavras fracas para descrever Tâmara Clark. Uma massa de cachos revoltos de um tom muito raro de ruivo — quase alaranjado — caía sobre os ombros e se mantinha longe do rosto, amarradas com uma fita de veludo roxo! Um bolero coberto de moedas e calças muito justas de couro preto eram o pano de fundo ideal para uma quantidade inacreditável de pulseiras, anéis e colares. Só os olhos azuis a identificavam como irmã de Rebeca, o que fez Guy sentir o impulso insensato de fugir daquela jovem miúda e de queixo voluntarioso.

— Ei, amigo! Você deve ser Guy, não é? Entre, toda visita é bem-vinda!

Ainda hesitante, Guy deu um passo e parou atônito diante da decoração exótica do apartamento.

Entre móveis velhos e esparsos, havia almofadas de todas as cores e estampas jogadas no chão. Todos os abajures tinham lenços coloridos e transparentes, dando tons diferentes

de luz às espirais de fumaça que subiam dos inúmeros queimadores de incenso em metal dourado.

Guy espirrou, provocando uma gargalhada sonora de Tâmara.

— Você é alérgico, amigo? Nem imagina quantas pessoas têm alergia por incenso! É uma pena... Essa fumaça perfumada cria um ambiente suave, ideal para deixar a mente solta, entende? Eu gosto de meditar com esse cheiro...

— Espero não ter interrompido sua meditação, srta. Clark.

— Ei! Fique frio, amigo, eu levo a vida numa boa, sem grilos, entende?

Para provar sua disposição amigável, a jovem apagou todas as varetas de incenso e abriu uma janela. Enquanto ela andava pela sala, ouvia-se o tinir das pulseiras de prata e das contas de marfim dos colares. Não era um som desagradável, mas aliado à penumbra colorida e às almofadas de todas as cores do arco-íris o ambiente se tornava decididamente misteriosos.

— Acomode-se, amigo.

Guy já havia procurado um lugar onde sentar-se, mas entre os móveis decrépitos não havia nenhuma cadeira. Ele estava com um terno cinzento, formal e severo demais para jogar-se sobre almofadas de cor laranja com flores vermelhas!

— Prefiro ficar em pé.

— Por mim,..fique como quiser. — Tâmara sentou-se no chão, de pernas cruzadas numa posição de ioga, e fitou-o: — Peixes?

— Como? — Guy custou a entender a pergunta. — Não... sou de Leão.

— Mentira! Eu juraria que você é...

— Olhe, moça. Vim até aqui para...

— Sou de Gemini... gêmeos, entende? Dizem que é ótimo para uma atriz ser deste signo, porque ela precisa fazer sempre dois papéis, o próprio e o da peça. Mas muitos se esquecem do lado guerreiro e militante. Houve gêmeos como Castor e Polux, os romanos Rômulo e Remo e...

Se Tâmara Clark não tivesse um brilho de inteligência nos belos olhos azuis, Guy acreditaria estar diante de um caso de loucura completa ou de uma débil mental fantasiada de cigana!

— Você não me parece... guerreira.

— Ah! Ninguém seria capaz de imaginar, não é? Espere até me ver brava eu fico feroz! — Ela curvou os dedos e aproximou as unhas longas e pintadas de roxo do rosto de Guy,

gargalhando ao vê-lo recuar instintivamente. — Não se assuste, eu luto pela paz. Lembra-se da música... "quando Júpiter alinhar-se com Marte, a paz cobrirá o mundo". E da peça Hair e eu...

— Gostaria de falar sobre sua irmã. — Guy já estava quase certo de que Tâmara era completamente louca mas resolveu insistir: — Pode me dar notícias de Rebeca?

— Rebeca... a mulher inesquecível! — Tâmara fechou os olhos e ergueu os braços numa postura de adoração. Cabelos negros como a noite e olhos verdes onde brilhava a dissimulação. — Esta noite eu sonhei com Manderley... Rebeca destruiu Manderley, não foi?

Guy tentou recordar de alguma palavra de Rebeca que desse a perceber a insanidade total da irmã, mas não conseguiu lembrar-se de nada, a não ser de que Tâmara queria ser atriz de teatro. Ou aquela moça era absolutamente maluca ou reunia todas as qualidades de uma grande artista.

O cenário tinha sido montado por mão de mestre, recriando a década de sessenta, a personagem central parecia uma hippie que se perdera nas ruas frias de uma época à qual não pertencia. Subitamente, Guy resolveu forçá-la para ver até que ponto tudo aquilo fazia parte de um encenação criada para confundi-lo.

— Onde está ela?

Talvez a característica mais marcante da personalidade de Tâmara fosse a de reagir aos fatos de modo inesperado! Fechando os olhos, ela cantarolou baixinho por alguns minutos, ignorando a expressão irada de Guy.

— Omitir não é mentir, amigo.

— Com os diabos! O que está querendo dizer?

— Todo ser humano tem direitos iguais à liberdade e eu não sou... "guardião do meu irmão"!

— O que é tudo isto? Uma brincadeira?

— Brincadeiras foram feitas para pessoas tensas, que precisam buscar ilusões. Eu respiro liberdade, fluindo ao sabor do vento e das marés.

— Chega de perder tempo, está bem? Pode me dar ao menos uma resposta direta!

— Direção, tinham retas... são apenas conceitos abstratos, entende? Decisões são tomadas em curvas, círculos, labirintos...

— Estou começando a perder a paciência, moça! Acabe com esses enigmas e...

— Não são enigmas, amigo. A decisão de Rebeca não foi fácil de ser tomada. Decidiu ocultar-se do mundo por razões pessoais e bastante difíceis de serem admitidas.

— Onde ela está escondida? Usa outro nome? Como posso encontrá-la?

— Sua impaciência ofende o universo, que escolhe seus próprios ritmos. Não apresse o rio, amigo, ele corre sozinho.

A raiva de Guy chegou a um ponto que foi preciso muito controle para não agarrar Tâmara pelo pescoço e sacudi-la até ouvir uma única palavra com sentido. Sua expressão devia revelar toda a fúria prestes a explodir pois a jovem retomou um tom de voz normal e finalmente fitou-o nos olhos.

— Rebeca está ótima.

— Continua trabalhando como enfermeira?

— Sim.

— Onde?

— A doença está em toda parte... — E a voz de Tâmara alterou-se novamente, voltando ao tom cantante e misterioso.

— A doença invade o universo com garras de...

— Chega de asneiras! Onde está Rebeca?

— Não posso dizer-lhe onde ela se esconde nem onde trabalha.

— Mas é aqui em Nova Iorque, certo?

— Já lhe disse uma vez! Rebeca não quer...

— Estive em todos os hospitais da cidade e não encontrei nenhuma Rebeca Clark, por isso deduzi que ela mudou de nome.

— Você tem direito a fazer suas suposições.

— Que tal me dar uma ajudazinha, srta. Clark? Estou quente, frio ou morno?

A brincadeira de Guy teve um efeito inesperado. Tâmara enfureceu-se e deixou de lado toda a fantasia hippie, levantando-se do chão num salto.

— Isto não é uma brincadeira, Sr. McLaren! A vida da minha irmã está envolvida!

— Ah! Viu como "brincadeirinhas" fazem até as melhores pessoas perderem a paciência? Agora comecemos a nos entender melhor! Quero ver Rebeca!

— Falarei com ela.

— Como posso ter certeza de que realmente vai falar?

— Eu disse que o faria.

Percebendo que a pressionara até o limite, Guy procurou usar uma outra tática, menos agressiva, a fim de obter mais informações.

— Fale-me sobre Rebeca, sim?

— Minha irmã finalmente está feliz. Gosta de seu trabalho e...

— Por que ela fugiu do hospital como se estivesse sendo perseguida por demônios?

— Rebeca precisava ficar sozinha e ter tempo para tentar uma readaptação ao mundo.

— Por que nunca se comunicou comigo?

— Isto não é um interrogatório policial nem a Sagrada Inquisição, Sr. McLaren.

— Está bem. Tentarei ser mais gentil. Por acaso, Rebeca lhe contou que nós fomos amantes?

— Não creio que eu...

— Contou-lhe ou não?

— Seu relacionamento com Rebeca não é da minha conta.

— Sem dúvida, você a convenceu de que não devia confiar em mim, estou certo? Rebeca me contou tudo sobre seu pai e falou da sua teoria a respeito dos homens. Deu-lhe muitos conselhos, Tâmara? É por isso que ela não quer me ver? Seja sincera uma única vez em toda a sua vida!

Tâmara enrubesceu e seus olhos brilharam de raiva dando a Guy a certeza de que atingira o cerne do problema.

— Então eu tinha razão desde o começo, Rebeca foi mesmo influenciada.

— Acho melhor sair da minha casa, Sr. McLaren.

— Eu? O que aconteceu com o espírito livre, fluindo ao sabor dos ventos e das marés?

— Avisarei Rebeca de sua visita. — A voz de Tâmara tinha um tom sibilante, carregado de ódio. — Se ela realmente quiser vê-lo...

— Estou no Hilton Hotel, quarto 1228.

— Ainda não me disse por que quer vê-la.

Havia tantos motivos que Guy levaria uma tarde inteira para enumerá-los! O mais importante era, sem dúvida, o amor, mas ele não conseguia abrir o coração diante daquela jovem desmiolada. Tâmara era bem capaz de torcer suas palavras!

— Rebeca sabe por quê... — disse ele e partiu.

Guy decidiu esperar dois dias pelo telefonema de Rebeca. Precisava dar-lhe tempo de pensar e avaliar o que havia acontecido entre eles e então tomar a resolução de vê-lo ou não. Nem por um minuto ele duvidou que a encontraria em muito pouco tempo!

Guy passou a manhã inteira no quarto, à espera de uma ligação, porém, quando percebeu que já andara centenas de

vezes da porta até a janela, resolveu sair. Se Rebeca realmente quisesse falar com ele, deixaria um recado com a telefonista do hotel!

Sem destino, caminhou quilômetros pelas ruas movimentadas, conhecendo bairros de Nova Iorque que nem imaginara existirem. Pela primeira vez, desde a adolescência, entrou num cinema durante o dia e à noite foi assistir a um musical na Broadway. Não seria capaz de lembrar o nome dos atores, qual era o filme nem se a peça tinha sido boa mas chegara a uma tal inquietação que não suportava cismar sobre as suposições mais absurdas a respeito de Rebeca.

Imaginava Tâmara descrevendo o encontro deles para a irmã e as duas dando gargalhadas por sua estupidez. À medida que o tempo passava, esses risos iam se tornando mais altos e mais zombeteiros! Seu desespero chegou a tal ponto que, no final de uma longa tarde de silêncio no quarto, ele ouviu gargalhadas femininas bem ao lado de sua cama!

Agarrando o objeto mais próximo, Guy voltou a si com um abajur nas mãos. Se não tivesse prendido o fio ao pé da cama, teria atirado a peça de metal pela janela, num ato de violência irracional. Com muito custo, recuperou a calma e forçou-se a controlar sua imaginação fértil!

O ódio se alternava com crises de desespero e períodos de apreensão. Ele não se decidia a partir e os dois dias se transformaram em três, quatro...

Guy passou o sábado andando pelas ruas, com a esperança insensata de ver uma jovem de cabelos ruivos. Depois de muitas frustrações, resolveu evitar a multidão que faziam suas compras de fim de semana pois se sentia ainda mais solitário entre pessoas que pareciam tão alegres.

Cansado de caminhar sem destino, Guy entrou no Museu de História Natural, talvez para colocar seu problema dentro de uma perspectiva histórica. A certeza de que ele não passava de um mísero grão de areia perdido na imensidão do universo e de que seu sofrimento era tão insignificante quanto uma formiga não conseguiu diminuir sua angústia. Na verdade, só aumentou o desespero!

Quando saiu do Museu, Guy encontrou uma tarde quente e centenas de namorados aproveitando a temperatura amena, rara em abril. Para onde quer que olhasse havia casais de mãos dadas, trocando beijos e sorrisos apaixonados. O mundo inteiro parecia feliz... com exceção de Guy McLaren!

Embora lhe custasse admitir, Guy estava recebendo uma lição severa através do comportamento de Rebeca. Vivera toda

uma vida num clima de vitória e sucesso. Adorado pelos pais e pelos colegas, enfrentara o mundo com um sorriso nos lábios, recebendo as atenções femininas como algo que lhe era devido. Quase todas as suas mulheres haviam sido fáceis de conquistar e difíceis de abandonar!

O casamento fora um compromisso sério, mas Maureen sempre o amara mais do que ele a amava. Mesmo na hora da separação, fora sua a decisão e ele apenas comunicara a ela que já não havia mais nada! Nunca soubera qual a sensação de ser rejeitado, de saber que não era amado ou de ver ignoradas suas atenções!

Agora, pela primeira vez na vida, podia imaginar o quanto Rebeca havia sofrido durante a adolescência! O desespero não o impelia a comer, mas o forçava a andar sem direção até não poder mais dar um passo. No reflexo dos vidros, ele via um homem alto, uma figura solitária, de cabeça baixa e mãos no bolso, caminhando contra o vento frio de abril.

A noite começava a cair quando Guy voltou ao hotel, decidido a desistir de tudo. Rebeca tivera quatro dias para procurá-lo e seu silêncio prolongado servia como resposta. Tivera a prova definitiva de que ela não mais queria vê-lo... estava tudo terminado, antes mesmo de recomeçar!

Guy teve uma tentação muito forte de procurar Tâmara, mais uma vez contudo o orgulho o impediu de agir. Tinha rastejado demais, se humilhado demais!

Depois de telefonar, reservando sua passagem de volta, ele arrumou a mala. Enquanto esperava a hora de partir, ligou a televisão. As palavras do apresentador ecoavam pelo quarto mas Guy não as ouvia, ruminando, mais uma vez, as mesmas perguntas sem resposta.

Rebeca encontrara um novo amor ou engordara novamente? Em qualquer das hipóteses, por que não tivera coragem ou vontade de dizer umas míseras palavras ao telefone? O que a impelia a se esconder atrás da mãe e da irmã? Será que ele a ferira tanto a ponto de não...

"Corredoras de todos os cantos dos Estados Unidos vieram até o Central Park, no sábado passado, para participar da corrida da Primavera, a primeira maratona feminina. Os vinte quilômetros do percurso..."

Guy não saberia explicar por que motivo começou a acompanhar o desenrolar da maratona. Rostos femininos desconhecidos, surgiam numa sequência rápida, e apenas fisionomias mais atraentes ou menos exaustas apareciam por mais tempo!

Subitamente, um sorriso o fez lembrar de alguém. Guy sentou-se na cama, alerta. Os mesmos olhos azuis, a mesma boca?

Uma corredora de uniforme branco aproximava-se da câmara, com os cabelos escapando do severo rabo-de-cavalo e formando um desenho assimétrico em torno do rosto delicado.

Rebeca... número 112... Rebeca Clark...

Guy examinou cada detalhe do corpo escultural com um sorriso nos lábios. Pernas longas, ombros eretos, seios rijos moldados pela camiseta molhada de suor... Ela continuava a ser a deusa da floresta de pinheiros, ainda era a rosa do Ártico...

Capítulo X

O quarto das crianças, decorado em tons de azul e rosa, cheirava a talco. Dos quatro bercinhos brancos, apenas dois estavam ocupados por bebês gorduchos de cabelos escuros e olhos azuis. O terceiro estava no colo de Sarah, e a única menina entre eles mamava tranquilamente nos braços de Rebeca.

Havia mamadeiras, calças plásticas e minúsculas camisetas espalhadas- entre os bichos de pelúcia, formando a típica confusão de um quarto de recém-nascidos.

— Mesmo me deixando quase louca... são as crianças mais lindas do mundo, não acha? — E Sarah fitava o bebê em seus braços com um olhar deliciado.

— Sem dúvida alguma! Mas você já não lembra mais no meio da noite para alimentá-los, não é?

— Graças a Deus, não! Eles já não necessitam mais da mamadeira das duas horas da manhã... só começam a chorar às cinco! Vivo morrendo de sono, Rebeca!

— Que tal tentar atrasar um pouco o horário?

As duas passavam praticamente o dia todo alimentando, trocando ou apenas falando dos quatros bebês. Rebeca chegava às nove da manhã e tomava conta de tudo para que Sarah pudesse fazer compras, dormir mais um pouco ou apenas descansar. Só após o almoço a mãe voltava ao quarto das crianças, com as energias refeitas.

Quando os bebês chegaram da maternidade, Dave contratara uma enfermeira para ficar durante a noite e ajudar Sarah. Logo já não houve mais necessidade de acordar

de madrugada e os pais puderam cuidar de tudo, cheios de encantamento.

— Tenho andado tão ocupada com os gêmeos que nem perguntei como vai a sua vida, Rebeca. E sua mãe?

— Até agora não tive problemas. Minha mãe vai receber os amigos amanhã para festejar sua vinda para Nova Iorque.

— Já?

— Muitos amigos de nossa família moram aqui e ela está louca para mostrar o apartamento novo.

— Puxa, mas ela se mudou há menos de três semanas! A decoração não pode estar terminada.

— Bem... Martine entregou tudo às mãos de uma decoradora competente.

— Céus! Deve ter gasto uma fortuna.

— A família de minha mãe é muito rica. Quando meu avô morreu, há dois anos, deixou tudo para ela, que era sua única filha mulher. Além disso, vendeu a casa de Fairfax por um preço absurdamente alto. A última coisa em que mamãe pensa é em poupar!

— Por que será que ela não se casou novamente?

— Casar-se? Martine?

— Não entendo o seu espanto. Ela é humana...

— Depois de tudo que meu pai fez?

Durante os meses em que convivera com Sarah, Rebeca se afeiçoara à moça e passara a considerá-la uma verdadeira amiga. Embora jamais falasse nos dias passados no Ártico nem em sua perdida obesidade, todos os outros aspectos de sua vida eram discutidos. A chegada inesperada e pouco desejada de Martine a Nova Iorque, a vida amorosa de Tâmara e seu próprio relacionamento com Brian Ross eram problemas que a preocupavam, mas se tornavam menos complexos depois das conversas com Sarah.

— Quer me convencer de que Martine nunca teve sequer um namorado?

— Não teve mesmo.

— Talvez ela tenha escondido o caso das filhas. Não é possível?

— Duvido muito, Sarah.

— Sabia que a maioria dos filhos não consegue admitir a sexualidade dos pais, Rebeca?

— Já ouvi falar nisso, Doutoral

— Está bem! Não vou tocar mais neste assunto, não quero aborrecê-la. E Brian?

— Bem... ele...

- Oh! Você enrubesceu! Isso é um bom sinal!
- Fui ao teatro com Brian na semana passada, depois da maratona.
- Até que enfim!
- E hoje vamos sair outra vez.
- Oh, meu Deus! Eu não sabia que você tinha um programa esta noite! Que estupidez de minha parte não lembrar que hoje é sábado!
- Não se preocupe. Sei como é difícil tomar conta de tudo quando Dave precisa viajar. Além disso, terei tempo suficiente para me arrumar depois que sair daqui. Brian e eu não planejamos nenhum programa especial!
- Ele vai com você à recepção de Martine?
- Não...
- Ora! Posso saber por que não o convidou?
- Não mencionei a existência de Brian a mamãe. Embora você e Tâmara saibam de tudo, ainda não estou pronta para apresentá-lo a ela.
- Tenho certeza de que Brian tem todas as qualidades de um bom futuro genro.
- Era muito difícil para Rebeca explicar por que ainda evitava essa apresentação. Não havia nenhum motivo concreto para a sua relutância, apenas uma sensação vaga de que o resultado desse encontro poderia ser muito perigoso para ela.
- Acha que sua mãe não vai gostar dele?
- É... talvez seja esse o problema... não sei qual será a reação de Martine.
- Está colocando o problema como se fosse relativo a sua mãe. Por acaso, parou para pensar se você já se decidiu a respeito dele? Não consigo saber o que sente a respeito desse seu namorado.
- Brian... é muito simpático.
- Pelo amor de Deus, Rebeca! Isso é tudo que tem a dizer? Vocês têm saído juntos há quatro meses! Que tal... passional, intenso, romântico?
- Brian não é esse tipo de homem.
- Então o que há de errado com ele?
- Nada! Simplesmente está saindo de um relacionamento que durou cinco anos e terminou abruptamente. Brian não tem pressa nenhuma em se envolver de novo... E, para falar a verdade, eu também prefiro ir com calma.
- Aceite o conselho de uma mulher casada, Rebeca. Aproveite para se divertir enquanto é tempo!
- Não acredito que você pense assim!

— Penso sim! Enquanto está livre, tenha o maior número de experiências possível, conheça homens diferentes pois só então saberá exatamente o que quer. Assim você não se arrependerá depois de casada.

— Você sentiu algum arrependimento por ter se casado com Dave?

— Ah, eu não! Eu amo Dave e ele foi meu terceiro namorado. Talvez por isso, no instante em que o vi, soube que era o homem da minha vida. Mesmo assim, vivemos juntos por mais de um ano antes de assumirmos um compromisso tão sério.

— Como pode ter certeza de que não se apaixonaria se ele fosse o primeiro? Amar não é uma atitude racional, Sarah.

— Talvez eu não tivesse percebido que ele seria o verdadeiro amor. Estou tentando lhe dizer que é muito fácil cometer um engano e penoso demais desfazer um compromisso. Você e Brian me parecem tão... é difícil explicar o que sinto.

— As pessoas são diferentes, Sarah. Provavelmente, por problemas relacionados à crise do casamento dos meus pais, eu tenha me tornado muito prudente, com medo de me arriscar ou de sair ferida caso tome uma atitude impulsiva.

— Pode ser... mas continuo achando que vocês dois são sóbrios demais, como se já estivessem casados há mais de vinte anos. Tenho medo de vê-la num relacionamento morno, sem o ardor da paixão. Você ainda não viveu a vida, Rebeca!

Ah! Que ironia do destino, Rebeca transmitia a todos uma impressão de inexperiência e ingenuidade. Se soubessem que ela tivera em dois meses muito mais paixão e ardor do que a maioria das mulheres têm em toda uma vida!

— Ainda não falamos em casamento, Sarah. É muito cedo para pensar num laço tão sério!

— Logo irão discutir esse assunto, querida. Pense muito antes de se decidir! — Sarah fitou o bebê em seu colo com um olhar amoroso. — Depois do casamento... é isso que acontece, enfermeira Clark. Bebês e mais bebês!

Rebeca chegou em casa com tempo suficiente para arrumar-se e ainda esperar por Brian. Não havia necessidade de muitos preparativos pois iriam ao cinema e depois jantaram num restaurante popular.

Desde que haviam começado a sair juntos, os programas geralmente seguiam um mesmo padrão: lugares tranquilos, sem luxo e... previsíveis!

Na verdade, Rebeca não se ressentia nem um pouco com essa rotina. Com toda certeza a noite ao lado de Brian seria sossegada e agradável. Surpresas a deixavam ansiosa e era bom saber que não haveria a possibilidade de algum acontecimento imprevisível.

Talvez Sarah tivesse razão em considerá-los sóbrios demais, presos à rotina plácida de um casal com vinte anos de convivência. No entanto, era essa tranqüilidade que poderia transformar seu relacionamento com Brian numa ligação duradoura. Como basear um compromisso sólido e permanente em emoções apenas?

Sarah a aconselhava a procurar o lado passional do amor, mas Rebeca já havia acompanhado alguns relacionamentos desse tipo de Tâmara e vira quanto a instabilidade deles afetava sua irmã rebelde!

Tâmara levava uma vida de altos e baixos, alternando períodos gloriosos e outros de mais completo desespero. O intervalo entre a paixão desenfreada e o ódio se tornava cada vez mais curto, e as frustrações que se seguiam eram progressivamente mais destrutivas.

Já havia uma longa lista de homens na vida de Tâmara. Mas cada novo amor provocava menos expectativas e causava mais depressão ao terminar. Temperamentais, extremamente sensuais, atraentes imprevisíveis, os namorados se sucediam. Os efeitos nocivos da paixão aumentavam e estavam transformando sua irmã numa mulher dura, sem esperanças, amarga demais para alguém tão jovem.

Sarah sugerira experiências novas mas Rebeca preferia a tranqüilidade de Brian Ross e não o trocava por nenhum dos jovens sedutores com quem sua irmã saía.

Nem mesmo a ausência de intimidade sexual no seu relacionamento a preocupava. Ele sem dúvida fizera inúmeras tentativas nesse sentido, mas Rebeca lhe pedira mais tempo.

Brian tinha uma percepção mais aguçada do que a maioria dos homens. O fracasso de seu envolvimento anterior ainda era recente e ele passara a respeitar mais a sensibilidade feminina, sendo menos agressivo do que fora no passado. Agora conhecia melhor os caprichos do sexo oposto.

Mesmo sem ter recebido qualquer proposta, Rebeca tinha certeza de que ele pensava em casamento e sentia-se feliz por se saber amada.

Dave e Sarah nunca poderiam imaginar a mudança que haviam provocado na sua vida e em relação a seus planos para o futuro! Sempre achava que jamais se casaria, e não só

por causa de seu excesso de peso. O divórcio dos pais a fizera acreditar que o amor dificilmente era duradouro. Além disso, não tinha vivências felizes, não conhecera estabilidade familiar nem sabia o que era necessário fazer para um casamento dar certo.

As horas passadas com Sarah, Dave e os bebês alteraram por completo sua percepção de unidade familiar. Testemunhara o amor e a compreensão, além das renúncias inconscientes que provinham da compatibilidade entre o casal.

Os momentos vividos no quarto das crianças tinham uma aura mágica. Ali, o ritmo frenético do mundo cedia lugar à doçura da infância.

Não ignorava que bebês cresciam e se tornavam adolescentes, trazendo elementos discordantes para dentro do lar. Mesmo assim, era impossível esquecer que aqueles pequenos seres representavam a essência mais pura do amor.

Rebeca tinha finalmente percebido que nascera para dar carinho e amor. A escolha da profissão de enfermeira já demonstrara o quanto ela se interessava pelos seres humanos, cercando-os de cuidados e atenções, mesmo sendo desconhecidos. Estava convencida de que poderia ser completamente feliz em passar o resto da vida cuidando de um único homem e filhos que teriam.

Sua irmã buscava a fama e o sucesso, lutando com todas as armas para fazer uma carreira brilhante. Sua mãe também devia ter objetivos ambiciosos na vida, pois mostrara que não nascera para ser esposa e mãe. Diferentemente delas Rebeca só desejava um lar, uma família!

Brian Ross tinha as qualidades necessárias para criar com ela um ambiente de compreensão e carinho. Traria a estabilidade e uma delicadeza de sentimentos que eram parte integrante da personalidade dele.

E qual o problema se não era um homem excitante, sedutor e passionai? Rebeca podia imaginar-se envelhecendo ao lado dele, criando filhos numa casa cheia de alegria e aconchego. Não queria acabar como Martine, que, sozinha e amarga, se ressentia com a vida que levava! A situação de Tâmara também não lhe agradava, pois não tinha o menor desejo de viver numa procura insensata de homens de grande competência sexual... mas sem caráter.

O fato de ter conhecido Guy ajudava Rebeca a se certificar de que em Brian encontrara o homem ideal para conviver até o fim da vida, o que não acontecia com Guy.

Dinâmico, viril, atraente, Guy McLaren era também um homem misterioso. Não se podia prever sua próxima atitude nem saber o que estava pensando. Casar-se com ele seria o mesmo que construir os alicerces de uma casa num solo arenoso e perigosamente móvel!

A evocação da imagem viril de Guy ainda a fazia arder em desejo e, à simples lembrança de suas carícias, disparava-lhe o coração.

No entanto Rebeca não temia mais as lembranças. O período passado no Ártico se perdia nas brumas do esquecimento, como velhas roupas guardadas num baú e trancadas no porão. Aprendera a afastar lembranças penosas, forçando-se a pensar nos interesses atuais e concentrando-se em gastar energias correndo ou trabalhando. Conseguira preencher seus dias com atividades agradáveis... mas também com algumas desagradáveis!

Rebeca sentira-se obrigada a ajudar sua mãe e Célia durante a mudança para Nova Iorque. Apesar dos temores que alimentara, a vinda da mãe não lhe causara os problemas previstos. A decoração do novo apartamento ocupava todos os minutos da vida daquela mulher temperamental, não lhe deixando tempo de sobra para preocupar-se com as filhas mais velhas!

As duas irmãs sabiam que aquela paz era temporária e aproveitavam o período de calma para se comunicar com a mãe só por telefone, pretextando trabalho excessivo. Rebeca não teria escapado facilmente do domínio dela, pois trabalhava em horários convencionais. Tâmara, porém, vivia num mundo diferente! Tinha conseguido uma ponta num musical da Broadway e passava horas ensaiando, tomando aulas de dança e de arte dramática, além de trabalhar como garçonne numa boate!

Rebeca não a via há muito tempo e ficou extremamente surpresa ao atender a porta e encontrá-la ali.

— Tam! O que faz aqui? Não deveria estar trabalhando?

— Devia mesmo! Mas eu telefonei para avisar que não estou me sentindo bem.

A jovem tirou a boina amarela, que contrastava gritantemente com seus cabelos ruivos, e jogou-se no sofá, num gesto dramático. Apesar de miúda, Tâmara tinha uma presença dominadora e tudo parecia empalidecer e perder a força ao lado dela. Sempre vestida de modo a chocar as pessoas, tinha o dom intuitivo de misturar as peças mais destoantes e as cores menos combinadas e parecer elegante!

- *E é verdade? Está mesmo doente?*
- *Perturbada e angustiada, mas... perfeitamente saudável!*
- *Pensei que seu caso com Rob já tivesse terminado.*
- *Rob pertence ao passado.*
- *Então surgiu alguém novo em sua vida?*
- *Não se trata de nenhum problema amoroso. Eu fiz... algo que jamais deveria ter feito!*

Rebeca conteu um sorriso e sentou-se diante da irmã. Estava tão acostumada aos atos impulsivos de Tâmara que nada mais a surpreendia.

- *Conte tudo, Tam. Só não demore muito, porque tenho um encontro hoje.*
 - *Um... encontro? — Pálida, Tâmara cravou as unhas no braço do sofá. — Com quem?*
 - *Ora! Com Brian, é claro.*
 - *Oh... que bom — murmurou a moça, aliviada.*
 - *Vamos jantar no Celino.*
 - *Eles servem um ótimo antipasto. O macarrão...*
 - *Vamos logo! Diga qual foi a sua loucura desta vez. Não pode ser tão grave assim.*
 - *Talvez seja gravíssimo... no seu ponto de vista.*
 - *Já a perdoei por tantas loucuras, mana. Lembra-se quando roubou minha blusa de seda para vestir o espantalho? E quando...*
 - *Eu me encontrei com Guy McLaren, Rebeca.*
- O mundo cessou de se mover, o relógio deixou de contar os minutos, a terra se imobilizou e, por uma fração de segundo, o coração de Rebeca parou de bater.*
- *Como... como aconteceu?*
 - *Guy me telefonou e eu concordei em ir a seu encontro.*
 - *Ele está aqui? Em Nova Iorque?*
 - *Pelo menos estava, há dois dias atrás.*
 - *E você não me disse nada?*
 - *Pelo amor de Deus, Becky! Passei duas noites em claro para decidir o que fazer... Não queria perturbá-la.*
 - *Oh, meu Deus! — murmurou Rebeca, apertando as mãos convulsivamente.*
 - *Entende agora o meu dilema? Eu sabia exatamente como você reagiria!*
 - *Guy sabe onde eu moro?*
 - *Eu não disse... só prometi que daria a você o número do telefone dele.*
 - *Ele ainda está aqui?*

— Não sei, não tenho a menor idéia.

O impacto daquele choque havia passado e Rebeca já respirava com menos dificuldade. Mas seu coração batia forte e os músculos do estômago doíam como se ela tivesse levado um soco!

— O que ele disse? Como você...

Tâmara contou toda a história, enriquecendo os fatos com detalhes muito vívidos. Rebeca podia visualizar com nitidez a sala cheia de fumaça perfumada e a irmã com trajes bizarros enfrentando um homem perplexo e cheio de suspeitas.

— Ele ficou tão furioso! Pensei que fosse me estrangular! Consegui distraí-lo durante algum tempo, mas depois...

— Como pôde agir assim, Tam? Que brincadeira mais sem graça!

— Está bem, eu me envergonho... um pouquinho. Mas foi tão divertido! Passei horas nos porões do teatro, escolhendo roupas e móveis e o incenso... Ah! O incenso foi um toque de gênio! Ele não parava de espirrar!

— Continuo não achando graça. — Rebeca respirou fundo.
— Como você acha que eu devo agir, Tam?

— A próxima jogada é sua, Becky. O meu... visitante espera notícias suas.

— Pelo jeito... ele não está vivendo com Maureen.

— É você quem o conhece, não eu — comentou Tâmara, com uma expressão de dúvida.

Desde que se mudara para perto da irmã, Rebeca percebera que a desconfiança dela englobava todos os homens do mundo. A garota rebelde que abandonara o lar para tentar uma carreira de sucesso em Nova Iorque se tornara cínica e desesperançosa. Oito anos de vida naquela cidade dura tinham intensificado uma descrença generalizada no gênero humano.

Muitas vezes Rebeca se perguntava se existia ainda alguma semelhança entre essa mulher fria e a adolescente que ela conhecera. Sempre muito independente, a irmã escondia atrás de agressividade uma enorme doçura. Usava a aparência combativa como proteção contra o mundo e já não era possível entrever nela a meiguice de outrora. Experiências penosas, desapontamentos e frustrações tinham destruído o lado amoroso de Tâmara!

— Sei que você não acredita, Tam... mas eu tenho certeza de que Guy não está mais casado.

— E daí? Mesmo se ele estiver livre... demorou muito tempo para vir à sua procura, não acha? Quantos meses, Rebeca? Faça a conta!

Nove meses haviam se passado desde o dia da volta à civilização. Trinta e seis longas semanas, duzentos e setenta dias de depressão, angústia e incerteza!

Quando Rebeca se lembrava de sua chegada a Nova Iorque, parecia-lhe ter entrado num túnel sombrio através do qual se arrastara penosamente. A saída fora muito semelhante a um parto e, hoje ela se sentia como um recém-nascido, já que abandonara todos os hábitos e problemas do passado e vivia uma nova existência.

Como uma criança titubeante aprendendo a dar os primeiros passos, Rebeca reconhecia que ainda não passara por nenhum teste. A presença de Guy vinha ameaçar um equilíbrio precário, tão arduamente conquistado. Uma troca de poucas palavras poderia atirá-la de volta ao mundo sombrio e sem sentido, do qual lutara tanto para escapar.

— Então? Vai telefonar para ele ou não, Becky?

— Não sei, não consigo nem...

— Guy é um homem muito atraente.

— Isso eu sei. Só tenho dúvidas quanto aos motivos de sua vinda. O que ele quer de mim?

— Também fiz essa pergunta. Guy disse que você sabia o motivo.

— Não é bem verdade... — murmurou Rebeca, tentando sufocar uma esperança insensata. E se Guy tivesse vindo porque a amava? No entanto, se mencionasse a palavra amor, Tâmara cairia na gargalhada. Ela se tornara descrente demais para acreditar que os homens fossem capazes de ter esse sentimento.

— Eu consigo imaginar muito motivos, Becky!

— Talvez esteja com vontade de conversar sobre a aventura no Ártico e resolveu me procurar.

— Ele quer levá-la para a cama.

— Tâmara! Guy não faria uma viagem dessas só por isso.

— Você ficaria abismada se soubesse do que os homens são capazes! Lembra-se de Charles?

— Aquele que você teve antes de Simon?

— Antes de Simon, que veio antes de David, que veio antes de Rob!

— Deus do céu! Você mantém um arquivo? Tâmara ignorou o comentário sarcástico da irmã, fitando-a com um olhar malicioso.

— O pobre Charles precisava de alguns... "estímulos" para intensificar o prazer. Ele disfarçou seus desvios sexuais durante algum tempo mas um dia me pediu para tratá-lo de

um modo tão estranho! Resultado: nunca mais me viu. O miserável tinha necessidade de um pouco de sofrimento para se excitar.

— Deus do céu! Ele quis bater em você?

— Muito pelo contrário. Queria que eu batesse nele!

— Que horror! E... você... concordou?

— Está brincando? Minha idéia de sexo é bem diferente da dele. Pus aquele depravado para fora da minha casa e nunca mais o vi.

— Não entendo por que me contou este fato. Guy não é... Ele não seria capaz...

— Seja mais realista, querida. E se Guy não conseguiu... E se por acaso a doença o tornou impotente e ele não conseguiu desempenhar-se muito bem na área sexual? Talvez tenha pensando que com você a situação seria diferente. Não acha possível?

— Recuso-me a continuar ouvindo essas barbaridades, Tâmará. Só porque você já namorou os tipos mais estranhos e depravados de Nova Iorque, não quer dizer que todos os homens sejam assim. Guy não é um... tarado!

— Eu estava apenas tentando ajudá-la a descobrir um motivo, Becky.

— E a julgar pela comparação que fez com esse tal de Charles, posso perceber muito bem qual é a sua opinião. Acha que eu não devo entrar em contato com Guy, certo?

A fisionomia de Tâmará perdeu a expressão maliciosa. Muito séria, fitava a irmã com um olhar carinhoso.

— Becky, querida! Acompanhei cada passo de sua luta. Não foi fácil, reconheço, mas nunca a vi tão feliz e serena como agora. Você gosta do seu trabalho, das suas novas atividades e sente uma alegria imensa por ser magra, com um corpo tão bem-feito. Talvez Guy aumente o seu prazer sexual, mas... e se não for assim? Pode estar querendo usar você para resolver os próprios problemas ou simplesmente ter sentido uma curiosidade incontrolável de saber se ainda tem à disposição uma mulher capaz de dar a vida por ele.

Rebeca olhava para a irmã como se estivesse hipnotizada. Aquelas palavras pareciam tão verdadeiras! Como saber até que ponto a realidade estava sendo deformada pela visão distorcida de Tâmará que aprendera tão cedo a desconfiar dos homens?

— Por favor, me entenda, Becky. Não estou afirmando categoricamente que Guy a fará sofrer, compreende? Peço-lhe apenas para pensar nessa possibilidade bastante provável. Se

ele a magoar... o que vai acontecer? Você sabe muito bem o que acontecerá, não é verdade?

Rebeca percebeu que a única intenção de Tâmara era poupar-lhe mais sofrimentos. Por alguns minutos tinha de volta a irmã meiga que se escondera atrás da máscara de cinismo. Sentiu um desejo intenso de pedir-lhe para continuar a ser de novo dócil. Mas a vida mudava todas as criaturas e ela própria também se transformara, e para melhor. Não podia se arriscar...

— Sim, eu sei — sussurrou Rebeca, tão baixinho que a irmã inclinou-se para ouvi-la... — Eu sei muito bem o que acontecerá comigo, Tâmara.

Depois que Tâmara se foi, Rebeca arrumou-se para sair. Seus pensamentos voavam para muito longe do quarto, de Brian e de Nova Iorque. Lembranças dos dias vividos no Ártico, cenas rápidas e confusas dos momentos de paixão nos braços de Guy se entrecruzavam em sua mente. Ele estava muito perto dali! A poucas quadras, sentado ao lado do telefone, à espera de uma ligação... Guy queria falar com ela!

Não havia nada que a impedisse de ir ao telefone e, em poucos segundos, ouvir a voz do homem que se tornara sua obsessão!

Rebeca não se moveu. Diante do espelho, mudou o penteado, decidiu trocar o vestido. Era incapaz de dar o passo que faria desmoronar como um castelo de cartas a vida rotineira que construía depois do acidente.

Uma indecisão angustiante acompanhou-a durante toda a noite. Apesar de ter recebido Brian com um sorriso, conversado com ele durante o jantar e encostado a cabeça em seu ombro no cinema, não se lembrava bem de um único detalhe acontecido naquelas quatro horas. A imagem do seu companheiro parecia indistinta, a comida não tivera gosto e o filme... resumia-se num amontoado de luzes em movimento.

O passado voltara com tanta nitidez que conseguira apagar o presente!

A cortina de sombra deixava de cobrir as lembranças do Ártico e Rebeca era capaz de reviver aqueles momentos como se tivessem acontecido há poucas horas. O ruído melancólico das gotas de chuva substituiu os sons urbanos, o colorido da natureza sobrepôs-se aos tons cinzentos de Nova Iorque e a imagem de Guy trouxe de volta um descontrole emocional.

Como é que ele tinha coragem de voltar depois de tanto tempo, intrometendo-se em sua vida como se nunca tivesse saído dela? Enfureceu-se com a arrogância daquele homem

que se julgava no direito de procurá-la porque sem dúvida imaginava que ela estaria à espera?

Rebeca odiava-o com tal intensidade que chegava a sufocá-la. Mas também o amava...

Se pudesse vê-lo mais uma vez, nem que fosse apenas por um minuto! Bastaria um rápido instante para rever a face que permanecera gravada em seu coração pelo resto da vida. Mas, traiçoeiro, o desejo se ampliava e Rebeca agora ia apenas tocá-lo mais uma vez, sentir a boca sensual apoderar-se da sua, entregar-se à paixão devastadora que os arrastava ao delírio. Apenas por um momento... mergulhar nas sensações deliciosas que as mãos de Guy despertavam nela!

Rebeca nunca imaginara que pudesse representar tão bem. Enquanto sorria e falava com Brian, sua mente viajava numa rapidez estonteante por caminhos tortuosos. O ódio parecia crescer junto com um desejo incontrollável, mas a verdade era que ela sentia muito medo de encontrar-se com Guy!

Não tinha certeza se o amava ou não, porém sabia que continuava vulnerável e indefesa diante do encanto magnético daquele homem. Ele levava muito tempo para decidir-se a vir procurá-la e talvez tivesse vindo por curiosidade ou, como Tâmara sugerira, por uma necessidade de ordem sexual. No entanto, qualquer que fosse o motivo, Rebeca se encontraria de novo numa situação que queria evitar a todo custo!

Havia conseguido livrar-se das antigas neuroses que tanto a afligiam durante a adolescência. Procurava não falar na mãe e afastava lembranças penosas daquela época. Seria capaz de fugir também de uma decepção amorosa?

Um amor não retribuído talvez fosse a emoção mais forte e destrutiva que ela poderia sentir. Se percebesse em Guy o menor sinal de mudança, qualquer indício de que ele a via com olhos diferentes, sem a mesma emoção revelada no Ártico, estaria completamente perdida. Uma rejeição tão dolorosa a jogaria de volta ao desespero e, para esquecer o sofrimento, sabia qual seria a sua reação. Uma fome incontrollável tomaria conta dela e só se acalmaria com uma quantidade ilimitada de comida. Chocolates, montanhas de sorvete, bolos cremosos acalmariam com sua doçura fatal a ferida que Guy conseguira provocar!

Aquela noite, Rebeca não se arriscaria a ficar sozinha. Com muito medo de não resistir a tentações perigosas, de sucumbir a desejos proibidos, convidou Brian para entrar em seu apartamento pela primeira vez em quatro meses.

— Você é grande demais para esta sala, Brian — brincou ela, ao vê-lo mal acomodado no sofá. — Vou fazer um café, aceita?

— Nunca imaginei que morasse num lugar tão pequenino!

Rebeca tentara dar um efeito de maior espaço no cômodo do apartamento que lhe servia de sala e quarto. Mesmo assim, os poucos móveis davam uma impressão de estar próximos demais!

— Foi o único que cabia dentro do meu salário.

— Onde dorme? No chão?

— O sofá se desdobra.

— Deus do Céu! Deve ser incômodo, não? E onde faz as refeições? Não há nenhuma mesa!

— Numa bandeja. Apesar das dificuldades, adoro meu apartamento, Brian.

— Desculpe-me, querida. Não tive intenção de criticar, só... acho pequeno para dois.

Com um sorriso, Brian puxou Rebeca para si e beijou-a com ternura. Já se haviam beijado antes e ela se sentia bem nos braços daquele homem que respeitava seus desejos.

Quando ela pedia, Brian sempre se afastava e seus carinhos nunca haviam passado de beijos tímidos: Rebeca se inquietava quando ele tentava, tocá-la mais intimamente. Esta noite, porém, talvez fosse melhor ela não fazer pedido algum!

Uma urgência desesperada de afastar a imagem de Guy, a poucas quadras dali, impeliu-a esquecer seus temores. E Brian lhe oferecia o único remédio para não pensar: o insuperável esquecimento do prazer!

Pela primavera vez em quatro meses, Rebeca deixou de fugir. O ardor com que Brian correspondeu a sua tímida iniciativa de entreabrir os lábios mostrou-lhe o quanto ele vinha controlando o desejo.

Todos os desejos, conscientes, que haviam levado Rebeca a aceitar as atenções de Brian vieram à tona naquele momento, impelindo-a a transformar o relacionamento platônico numa ligação mais íntima. Entregar-se a Brian seria iniciar o caminho em direção ao casamento, à constituição de um lar, de uma família. Assim ela estaria garantindo uma vida tranqüila, sem problemas emocionais, como planejava.

Mas, acima de tudo, vinha a necessidade de dar-se a um homem para esquecer o outro, que ousava voltar para destruir sua segurança! Já não tinha dúvidas, Guy viera à sua procura movido pela paixão sexual, como se ela fosse capaz de entregar-se apenas pelo prazer.

O ódio pelo outro a fez abraçar o namorado com mais força o que ele confundiu com a paixão. Abrindo os botões da blusa de seda, Brian fitou, fascinado, os seios amplos que se ofereciam ao seu olhar.

— Rebeca... — sussurrou com voz rouca de desejo. — Não vou conseguir me afastar de você...

— Não se afaste, Brian... — E deixou que Brian a despisse.

Deitaram-se nas almofadas espalhadas pelo tapete. A luz de milhares de arranha-céus iluminava os corpos entrelaçados, mas não revelava o esforço desesperado de Rebeca em sentir prazer. Seus gestos pareciam mecânicos, frios e, no instante em que ele a penetrou, sentiu um ódio profundo de si mesma.

— Rebeca? Você está bem?

Como explicar-lhe que tudo estava errado e sua garganta doía, no esforço de conter as lágrimas? Como dizer a Brian que ela cometera um engano terrível?

— Está tudo ótimo, Brian, mas... preciso ficar sozinha. Você me entende?

— Lógico, querida. A primeira vez nem sempre é tão agradável. Nós só precisamos nos acostumar um com o outro e...

— Por favor, Brian. Vá para a sua casa. Conversaremos amanhã.

Quando Rebeca sentou-se, a luz bateu no rosto de Brian e ela pôde ver-lhe a perplexidade no olhar.

— Então eu não estava imaginando nada. Houve algum problema! Por acaso agi errado? Sinto muito se...

— Quem deve pedir desculpas sou eu, Brian. Você não fez nada errado.

Rebeca levantou-se e começou a se vestir, com dedos trêmulos e frios.

— Mas... então não é a primeira vez? Eu não fui...

— Não, Brian. Há alguém e...

— Há? Você tem se encontrado com outro homem durante esses quatro meses?

— Ele não mora em Nova Iorque e não o vejo há mais de nove meses.

— Mas gostaria de vê-lo, não é?

— Pensei que ele já não significasse mais nada para mim. Eu realmente sinto muito!

Rebeca deixou que as lágrimas corressem, envergonhada por ter usado Brian com tanto egoísmo.

— Ora! Amanhã você vai pensar de modo diferente, querida. — Toda a raiva dele se dissipou ao ver o desespero de Rebeca. — Sabe o número do meu telefone, não é?

— Por favor, Brian. Não me trate tão bem assim! Sei que não mereço. Não há desculpas para o que fiz.

— Tem razão, querida. Mas eu sou compreensivo... e espero seu telefonema amanhã... bem cedo! — Brian sorriu, enquanto se vestia apressadamente.

Em poucos segundos, Rebeca ficou sozinha diante de sua culpa!

Apesar da exaustão, tanto física quanto mental, Rebeca não conseguiu dormir um só minuto naquela noite. A luz da madrugada atravessou as cortinas e ela continuou imóvel, olhando, sem ver, a silhueta cinzenta dos arranha-céus desenhando-se na claridade cinzenta da manhã.

As lágrimas que haviam corrido por tantas horas secaram, mas no íntimo ela ainda chorava por ter cometido um ato do qual se envergonhava. Fora uma desonestidade imperdoável. .

Havia se entregado a Brian, na ânsia de ferir Guy, apesar de que ele talvez não viesse a saber. Em sua insensatez tinha magoado um homem inocente, alguém que só a tratava com honestidade e afeto!

Rebeca não amava Brian mas tentara encobrir essa verdade, afirmando para si mesma que ele seria gentil, um bom marido, e que com o tempo aumentariam os laços de afeto entre os dois. Mas nem por um breve instante se perguntara se seria uma boa esposa para ele!

Como pudera ser tão egoísta? Nunca lhe passara pela cabeça a extensão de sua deslealdade: deixar-se amar por um homem quando havia outro em seu coração... Cada vez que ela se entregasse a Brian desejaria ter os braços de Guy a prendê-la num círculo de paixão.

Guy... Por que não conseguia livrar-se dele? Até quando seria torturada por lembranças? Por quanto tempo sentiria o toque das mãos masculinas em sua pele e ouviria o som daquela voz preenchendo os silêncios de sua vida?

Durante nove longos meses Guy ignorara sua existência. Voltava agora certo de encontrar uma fiel Penélope, à espera de seu amor perdido. Imaginava que ela continuasse a viver, de lembranças... A verdade iria surpreendê-lo e muito!

Rebeca bloqueara as recordações do passado para viver o presente. Encontrara um novo emprego e um novo namorado e sobrevivera da única maneira que conhecia. Mantendo-se

sob um controle férreo, evitava qualquer perturbação no seu universo pequeno e estável.

No entanto, todos os esforços haviam se mostrado inúteis e sem validade!

O passado era forte e jamais a deixaria livre. Não podia amar outro homem nem entregar-se a ele enquanto não desfizesse os laços que a prendiam a Guy. Se não enfrentasse os fatos com a coragem até de sair ferida, nunca alcançaria a liberdade!

Eram quase seis horas quando Rebeca, sentando-se na cama, admitiu que não tinha mais forças para lutar. Não havia mais refúgio onde se esconder ou esquecer os fatos. A chegada de Guy e a trágica tentativa de viver o amor com Brian tinham sido a última gota, obrigando-a a enfrentar a realidade. Durante nove meses evitara o momento crucial de admitir a verdade! Amava Guy hoje como há quase um ano e continuaria amando-o!

Seus atos, seus anseios, não passavam de tentativas vãs de sufocar um sentimento poderoso. Encontrara uma família na casa dos Downes e um namorado em Brian, mas nem um nem outro deixavam de ser cópias pálidas do que ela realmente desejava.

O terror pelas antigas neuroses a impedira de ser honesta consigo mesma. Agora só lhe restava uma saída: saber por que Guy viera! Teria forças para superar o sofrimento de uma rejeição, se ele não a quisesse mais?

Rebeca saiu à janela e respirou fundo, preparando-se para abrir as portas ao passado. Quando discou o número deixado por Tâmara, sua mão estava surpreendentemente firme, embora o coração batesse descontrolado.

— Quarto 1228, por favor.

O telefone tocou por um longo tempo, cada minuto uma eternidade, até que a voz da telefonista se fez ouvir.

— Ninguém responde, senhorita. Sinto muito. Guy devia estar tomando o café da manhã, sem imaginar que ela ligaria tão cedo!

— Posso deixar um recado!

— Pois não?

— É para o Sr. Guy McLaren, do quarto 1228.

— Um momento, por favor. Vou passar a ligação para a portaria.

Uma outra voz soou ao telefone, e pelo tom, Rebeca sentiu um enorme desespero invadi-la.

— O Sr. McLaren já deixou o hotel.

- Tem certeza?
- Saiu ontem à noite, senhorita.
- E não deixou nenhum recado?
- Não, não há mensagem alguma do Sr. McLaren.

Capítulo XI

A recepção de Martine — no domingo de manhã — era um exemplo perfeito de como a moda transformava os hábitos das pessoas. Chamada brunch, a nata da sociedade nova-iorquiana adorava essa combinação de almoço e café da manhã que costumava iniciar-se às onze horas, prolongando-se até as três da tarde. Bebidas de todo o tipo, principalmente champanhe, enormes jarras de suco e bules de café acompanhavam salgadinhos finos, torradas com canela, ovos mexidos e pãezinhos de milho caseiros. Como não podia deixar de ser, Martine Clark inaugurara seu novo apartamento, recebendo os amigos para uma festa requintada e que estava na última moda!

Os convidados chegaram quase todos na mesma hora: um grupo alegre cumprimentou a anfitriã, que os esperava à porta. Ela havia contratado um garçom para servir as bebidas mas a comida estava sendo preparada por Rebeca e Célia, que, desde cedo, trabalhavam na cozinha. As duas terminavam de encher as enormes bandejas de prata com presunto cru e rosbife e esquentavam os pãezinhos quando a campainha começou a tocar.

— Estou me sentindo uma verdadeira Cinderela! — declarou Rebeca, vendo o quanto ainda faltava para que terminassem tudo e pudessem participar da festa. — Isso não é justo, porque se eu sou Cinderela você é uma das irmãs feias e malvadas, o que está bem longe da verdade, não é?

O comentário de Rebeca provocou apenas uma sombra de sorriso na caçula. Célia era a mais bonita das três irmãs, mas sua beleza só se tornou evidente quando ela entrou na adolescência. Esguia e de ossos delicados, tinha um rosto lindo, com imensos olhos azuis — uma herança paterna que se fazia presente nas três filhas. Os cabelos longos e muito lisos eram os mais belos da família, de um ruivo quase dourado. Só destoava nela uma palidez excessiva.

Por ter se afastado de Fairfax, Rebeca deixara de ver a irmã por muitos meses, ao reencontrá-la, preocupou-se com as

mudanças ocorridas na garota. Embora sempre tivesse sido muito calada, Célia costumava se comunicar ao menos com as irmãs. Mas agora seu rosto era uma permanente máscara de distanciamento. Nada lhe interessava e seus pensamentos e emoções jamais eram demonstrados diante de ninguém.

Rebeca tentou de todos os modos aproximar-se de Célia, mas a irmã recusou todos os convites que lhe fez. Não estava interessada em conhecer o Central Park nem o Lincoln Center, não queria ir ao cinema nem aos museus. A garota apenas ia e voltava da escola, fechando-se no quarto pelo resto do dia, uma atitude que não era normal para uma adolescente!

Martine já desistira de tornar Célia sociável. Considerava-a de uma timidez doentia, mais interessada em livros do que em seres humanos e egoísta a ponto de só pensar em si própria! Esses julgamentos eram expressos em alto e bom som diante de quem quer que fosse!

Tâmara estava convencida de que Martine conseguira destruir a personalidade de mais uma filha, porém Rebeca não concordava com essa visão dos fatos. Mais sensível e intuitiva, percebia que o silêncio de Célia era a única defesa contra as imperdoáveis interferências da mãe. A garota fechava-se no seu universo silencioso para evitar ser manipulada, mas não se tornara uma concha vazia. Atrás da máscara inexpressiva, havia uma mente adulta com uma visão crítica do mundo. Por muitas vezes, Rebeca notara nela olhares e atitudes inesperadas para numa adolescente.

— Bem... terminamos... — suspirou Rebeca, tirando o avental. — Depois deste treinamento intensivo, podemos até encontrar trabalho num bufe!

— Penso que nós somos as irmãs feias... é mamãe quem, quer sempre ser a Cinderela.

Atônita, Rebeca ouviu essas palavras sem compreender o sentido. Célia falava pouco, mas quando o fazia seus comentários pareciam verdadeiros enigmas! Era impossível acreditar que Martine quisesse bancar a Cinderela! Afinal, não era mais jovem, não se interessava por homens nem acreditava em príncipes encantados!

Desistindo de entender, Rebeca foi até um espelho para verificar se seus esforços de ocultar os efeitos daquela noite terrível tinham tido sucesso. Exaustão, infelicidade, uma noite toda sem dormir e vestígios de lágrimas tinham sido atenuados com uma maquiagem caprichada. Deixara os cabelos soltos e vestira-se com o maior esmero possível para enfrentar sua mãe.

Rebeca saíra muito cedo de casa, disposta a andar vinte quadras até o apartamento da mãe. Tinha esperanças de que assim se descontraísse e não mais pensasse em coisas desagradáveis. Todavia seu esforço não deu resultado e ela mal notou o sol tingindo os prédios de dourado ou os pardais em revoada.

Rebeca se culpava de muitos erros! Iludira Brian, atraindo-o, e o usara sem a menor consideração. Além disso, por covardia, esperara tempo demais para entrar em contato com Guy. A falsa ilusão de que finalmente estava controlando sua vida a jogara num caminho destrutivo, onde infelizmente não fora ela a única vítima! No olhar desolado de Brian, era evidente até que ponto o ferira. E provavelmente também magoara Guy! Ambos haviam sofrido o mesmo medo as mesmas tensões, portanto, suas reações agora deviam ser idênticas. Pensando apenas em si própria, ela ignorara o apelo de seu companheiro na experiência terrível do Artico.

— Rebeca! Venha cumprimentar Regina McMullen. Ela não a vê há anos!

Rebeca observou a mãe, sorridente, recebendo a amiga de mais de trinta anos e se surpreendeu por não ter percebido antes como ela era muito mais bonita do que as filhas! Que estranho aquela mulher ainda jovem, bela e cheia de vida jamais ter se casado de novo! E pela primeira vez, Rebeca se perguntou se teria algum homem na vida da mãe!

— ...precisa experimentar os cogumelos, Regina.

— Estou fazendo uma dieta terrível, Martine.

— Ora, desde que éramos colegas de ginásio você vive fazendo regime.

As duas senhoras afastaram-se em direção do aparador onde estavam os pratos. Antes que Rebeca encontrasse um rosto conhecido com quem conversar, Martine voltou.

— Onde está Tâmara?

— Não sei, mamãe.

— Atrasada como sempre!

— Talvez ela esteja ensaiando.

— Rebeca! Ensaios num domingo de manhã?

— Não se preocupe, Tâmara virá.

— Virá sim! Com uma roupa ridícula e chocante e um rapaz repugnante a seu lado! Onde ela os acha? Na sarjeta?

— Mamãe! Tâmara tem bom gosto, é só...

— Sua irmã levou um namorado a Fairfax e eu fiquei chocada! Ele se apresentou como... "Simplesmente um artista"!

— Talvez ele fosse mesmo.

— Não seja tão teimosa, Rebeca. Você fica menos atraente ainda quando insiste em desculpar Tâmara.

Vindos de surpresa e de onde menos se esperava, os ataques de Martine eram de uma crueldade surpreendente. Rebeca nunca conseguiria acostumar-se com a malícia maldosa da mãe nem prever quando as palavras gentis iam se transformar em golpes ferinos.

Martine voltou a circular entre os convidados, sorridente e alegre, mas sua euforia não iludia a quem a conhecesse bem. Havia nela uma onda de raiva contida que à primeira oportunidade seria descarregada em uma das filhas. Irritada com o atraso de Tâmara, esperava apenas o momento certo de iniciar a batalha.

Rebeca não queria pensar mais no problema. O desentendimento entre Martine e Tâmara atingira um ponto tal que nada poderia apagar tantos anos de amarguras!

Tâmara enfrentara muito cedo uma guerra sem tréguas com Martine a propósito de roupas, da escolha de namorados e até mesmo do estilo de penteado que a moça usava!

Diante das acusações de Martine, que a chamava de desobediente, sem modos e tola, Tâmara reagia agressivamente, e a desafiava, com um comportamento ultrajante. A hostilidade entre as duas crescia assustadoramente a cada ano, e chegara ao ponto máximo quando a garota completou dezessete anos. O motivo da ruptura final entre mãe e filha jamais chegou a ser conhecido, mas o resultado foi a partida de Tâmara.

Rebeca tinha gravada na mente a figura magra e frágil da irmã que saía de casa para enfrentar um mundo cruel. Tâmara não tinha um tostão no bolso além do necessário para a passagem que a levaria em direção a seus sonhos, quase impossíveis de ser alcançados. Só em pensar nas dificuldades que a irmã estaria passando, Rebeca chorava, mas a mãe não demonstrara nem preocupação nem remorsos!

— Lavo as minhas mãos — proclamava Martine, com um sorriso irado de satisfação. — Tâmara escolheu o próprio caminho... agora tem que agüentar os dissabores!

Essas lembranças perturbaram Rebeca a ponto de a festa tornar-se um tormento. Sensível demais, procurou evitar a mãe. Afastava-se das pessoas com quem conversava assim que Martine se aproximava, fugindo de um encontro a sós. Nos olhos de Célia havia o mesmo temor, pois ambas haviam reconhecido os sinais da tormenta iminente e só não sabiam sobre quem, ou quando, se abateria o primeiro raio.

— Precisamos de mais gelo, Rebeca — disse Martine que se aproximara para repreendê-la por não estar cuidando dos detalhes. Notou que havia alguém à porta — Ah, Enfim!

— Tâmara chegou?

— Atrasada, com um vestido impróprio para usar de manhã, e acompanhada. Ela não me avisou que traria alguém, mas pelo menos, este é decente! Preciso cumprimentá-la pelo bom gosto... extremamente raro!

Tâmara permanecia imóvel, dando a todos a oportunidade de apreciar sua chegada teatral. Sua presença reduzira uma multidão barulhenta ao silêncio e os convidados a fitavam, incapazes de tirar os olhos daquela figura exótica. Espanto, admiração e curiosidade eram as reações mais comuns, mas havia alguns que estavam boquiabertos.

Não havia dúvidas sobre quem seria aquela jovem! Antes de ser vista como a filha de Martine, Tâmara era uma estrela no palco mais badalado do mundo, Nova Iorque!

O casaco de pele branco, jogado displicentemente às costas, como se fosse um agasalho sem valor, combinava com um chapéu de feltro, com abas largas dobradas no ângulo certo para dar uma visão perfeita do rosto fascinante. Uma maquiagem extremamente clara dava a sua pele uma palidez proposital e os olhos, circundados por lápis preto, pareciam ainda maiores.

Se o intuito de Tâmara fora chocar a mãe, ela conseguira seu intento! Cerrando os dentes de raiva, Martine tinha ímpetos de agredir a filha pela ousadia de usar um vestido tão indecente!

Curto como uma camisa, o minúsculo vestido de seda preta tinha um decote profundo, deixando à mostra a pele clara de Tâmara; as pernas longas estavam em meias de renda negra!

Rebeca, porém, não notara os trajes da irmã. Seus olhos se fixavam no homem alto, de terno cinza, que também permanecia imóvel. Reconhecia cada linha daquele rosto másculo, cada centímetro da pele bronzeada e podia até sentir o calor que aquele corpo emanava. Num único segundo, os nove meses de separação se desfizeram como se nunca tivessem existido e a barreira do tempo se dissolveu como uma sombra.

— Onde está ela, Tâmara? — indagou Guy.

— Pelo amor de Deus! Será que você não pode me dar um minuto de sossego? Ela está aqui, tenho certeza!

Guy percorreu com o olhar a sala imensa, acarpetada de branco, onde uma parede de vidro dava vista para o Central Park. Grupos de homens e mulheres, muito bem vestidos, segurando taças de cristal que um garçom enchia constantemente de champagne, enchiam o ambiente com sua animação. À entrada deles, todos os olhos se dirigiram para a jovem exótica em pé a seu lado. Ele chegara no apartamento de Tâmara antes das sete horas da manhã e sentara-se sobre sua mala até vê-la chegar com toda a aparência de estar com uma terrível ressaca.

— Ei! O que está fazendo aqui?

— Quero falar com Rebeca. — Guy segurou-a pelo braço, com uma força que a fez dar um gritinho. — Não aceito desculpas...

— Ai! Precisa falar tão alto? Estou estourando de dor de cabeça. Passei a noite na casa de...

— Sua cabeça vai piorar muito se eu não entrar em contato com sua irmã... agora!

— Está bem... eu faço qualquer coisa mas pare de gritar! Infelizmente, para Tâmara, o telefone tocou durante alguns minutos e ninguém atendeu.

— Onde está Rebeca?

— Como posso saber? — Ela se deitou no sofá, fechando os olhos com a esperança de que aquele louco furioso em seu apartamento fosse apenas uma alucinação. — Não tenho a menor idéia!

— Está com outro homem?

— Duvido.

— Ah! Então existe alguém na vida de Rebeca?

— Deus do céu! Eu quero morrer... é mais fácil do que agüentar os seus gritos. Pois bem, amigo! Rebeca tem um namorado.

— São amantes?

— Você não tem o direito de...

— Droga! Diga logo a verdade! — Guy tornou a agarrar Tâmara e sacudiu-a violentamente. — Vamos, moça!

— Acho que vou morrer mesmo e por sua causa!

— Se não me responder logo, é bem possível!

— Não acredito que Rebeca tenha chegado a esse ponto.

— Então vou esperá-la na porta do apartamento até ela voltar!

— Não vai adiantar nada. Hoje minha mãe vai receber amigos em seu novo apartamento e Rebeca deve ter ido para lá ajudá-la.

— Vamos para lá!

— Eu não, amigo! Já decidi há dias que não vou comparecer à festinha de Martine mas posso dar-lhe o endereço.

— Nada disso! Você vai comigo... como se fosse uma refém, entende?... amiga?

Nem por um segundo Guy permitiu que Tâmara escapasse de seu olhar vigilante. Até no banheiro ela foi obrigada a deixar a porta aberta e, para vestir-se, entrou no armário embutido enquanto ele a vigiava, sentado na cama!

Quando chegaram ao prédio de Martine, Tâmara estava a ponto de cair de exaustão. Mal controlava a náusea e sua cabeça parecia a ponto de explodir.

— Se ela não veio...

— Ali! — Tâmara soltou um suspiro de alívio ao finalmente enxergar a irmã entre tanta gente. — Ela está ao lado do piano!

Uma mulher esguia, de cabelos brilhantes que formavam uma moldura perfeita para os traços delicados, estava em pé, perto da janela. Ele conhecia aquela pele sedosa, as curvas sinuosas, ocultas pelo vestido severo de Rebeca. Apesar da distância, uma corrente magnética formou-se entre eles quando seus olhos se encontraram...

Instintivamente, deram um passo à frente. Guy não prosseguiu, pois uma mulher elegante e bem cuidada bloqueou a sua passagem. Brilhantes magníficos adornavam-lhe o colo e dois brincos igualmente perfeitos pendiam como gotas. Com um sorriso, ela estendeu-lhe a mão, obrigando-o a afastar os olhos de Rebeca e cumprimentá-la.

— Quem é ele, Tâmara?

— Guy McLaren. Esta é Martine, minha mãe.

— E você, o Sr. Guy McLaren, de Calgary, estou certa? Está passeando nessa fantástica cidade?

— Na verdade, não... Vim apenas para ver sua filha.

— Então veio ao lugar certo.

— Por que não deu o meu recado a Rebeca?

Se Guy tinha intenções de fazer Martine perder a pose, foi vencido pelo sangue-frio de sua adversária, que sorriu, sem largar da mão dele.

— Lembro-me do seu telefonema, senhor... Posso chamá-lo de Guy, não é? Rebeca havia me dado as mais severas ordens de não contar a ninguém sobre seu paradeiro. Como eu faço absoluta questão de respeitar os desejos de minhas filhas,

apenas ajo de acordo com a vontade delas. — Martine virou-se para Rebeca, que se aproximava. — Não é verdade, querida?

Rebeca nem ouviu a pergunta da mãe, tal o seu choque ao ficar sabendo que Guy a procurara!

— Você me telefonou?

— Em outubro.

— Eu... gostaria de ter sabido.

Guy acompanhou as mudanças de expressão daquele rosto que ele conhecia tão bem. Perplexidade e mágoa se alternaram até que Rebeca recuperasse o autocontrole.

— Mas não soube! — Martine segurou Guy pelo cotovelo e, com um sorriso, começou a levá-lo para longe da filha. — Ela não estava em condições de saber nada, Guy. Rebeca atravessou uma crise extremamente difícil. Aliás, seu sofrimento afetou toda a família e, como é inevitável, eu sofri cada segundo com ela! Graças a Deus, ultrapassou essa fase negra! Orgulho-me de vê-la de novo saudável e normal.

Com um toque seguro e firme, Martine conduziu Guy para o centro do salão, e se pôs a apresentá-lo a um grupo alegre que estava no extremo oposto de Rebeca. Ele se virou para trás e a viu, sozinha diante da porta, com as mãos crispadas de nervosismo. Faria o impossível para atravessar aquela multidão e conversar com Rebeca para desfazer os mal-entendidos, mas como livrar-se das garras de Martine?

Infelizmente, havia sido educado dentro de padrões rígidos que o impediam de tratar com descortesia uma mulher de idade, mesmo quando se mostrava possessiva demais!

— Beck?

— O que ela está fazendo?

— Martine? Ora! Manipulando todos, como sempre!

Guy foi apresentado aos convidados por uma anfitriã sorridente e encantadora. Apaixonada, Rebeca só lhe via os ombros largos e os cabelos negros. Como pudera acreditar que não o amava mais? No momento em que o vira, o mundo criara uma dimensão mais intensa e um calor irradiara-se por todo o seu corpo, fazendo o sangue correr-lhe mais rápido nas veias.

— Beck! Pelo amor de Deus! Quer prestar um pouco de atenção em mim?

— Oh! Desculpe-me, Tâmara. — Rebeca forçou-se a desviar o olhar de Guy, que sorria de algum comentário jocoso feito por Martine. — Há algum problema?

— Lógico! Será que você é cega? Guy McLaren é o problema.

— Mas... por quê?

— Deus do Céu! Fiz o possível para despistá-lo mas não consegui livrar-me desse maluco. Ele já estava à minha espera quando voltei de meu programa de sábado.

— Não faz mal, Tam. Na verdade, eu já havia decidido que seria melhor vê-lo logo e...

— Graças a Deus! Nem um exército deteria esse louco furioso! Não saiu do meu lado nem por um segundo. Sem dúvida estava com medo de que eu a avisasse pelo telefone e você desaparecesse. Precisei deixar a porta do banheiro entreaberta e vestir-me no armário! — Tâmará usou seu tom mais dramático: — Tornou-me uma prisioneira dentro do meu próprio apartamento!

Nada porém conseguia atrair a atenção de Rebeca além de duas pessoas, vagando entre a multidão reunida naquela sala.

— O que Martine pretende fazer?

Tâmará seguiu o olhar da irmã e sua expressão perdeu o ar dramático para se tornar dura e desdenhosa.

— Ah! A querida Martine! Nunca reparou como nossa mãezinha tem olhos cobiçosos? Ela sente um desejo incontrolável diante da beleza.

— Beleza? Não entendo.

— Jóias, móveis, pinturas... e homens, minha inocente irmã!

— Não é possível! Ela nunca teve um namorado e...

— Homens sensuais e fascinantes como o seu amiguinho, Guy McLaren, atraem Martine como moscas são atraídas pelo mel. Ela precisa de atenção masculina para respirar. Estranho você nunca ter percebido isso.

— Realmente... eu... acho que estou começando a abrir os olhos agora.

A atitude de Martine para com Guy já não podia mais ser encarada como sendo apenas a de uma anfitriã gentil. Sem o véu que sempre encobria sua visão, Rebeca percebeu o ar possessivo de sua mãe, que absorvia completamente o convidado, prendendo-o com olhos, mãos e sorrisos de proprietária!

— Martine passou toda a vida procurando espelhos. Precisa ver o reflexo de sua beleza brilhar nos olhos cheios de desejos dos homens.

— Mas papai nunca...

— Ele não tomava conhecimento dos encantos dela, traiu-a com uma extensa lista de mulheres e jamais aceitou seus

termos. Não tenho a menor dúvida de que ela é uma mulher frígida! Não faça essa cara de espanto, maninha. Imagino até quais sejam os motivos, mas nem por isso sou obrigada a gostar dela. — Tâmara empalideceu e seus traços se tornaram mais duros ao ouvir o riso de Martine ecoar pela sala. — Na verdade, eu a odeio!

Uma mulher sorria diante de Guy para demonstrar seu interesse, mas ele já não sabia mais sobre o que tinham falado. Durante a conversa, seus olhos se desviavam continuamente para a jovem imóvel à luz do sol, que lhe tornava os cabelos brilhantes como cobre polido.

— Você precisa conhecer os Davidson. Eles têm um interesse profundo na arte canadense. Não é verdade, Marc?

Com Martine segurando seu cotovelo, Guy sentia-se no meio de um pesadelo irreal, onde obstáculos se sucediam a cada passo, impedindo-o de alcançar o objetivo sempre mais distante. Bocas se abriam, lábios se moviam, mecanicamente e aos poucos sua concentração, já escassa, chegava ao fim. Não agüentaria por muito tempo aquela tortura!

Então, um movimento do outro lado da sala chamou sua atenção: Guy viu Rebeca desaparecendo por uma porta quase oculta em meio a uma verdadeira floresta de samambaias.

— Com licença.

— ..o acervo do Museu de Arte de Ottawa adquiriu várias telas excepcionais e...

— Com licença — insistiu Guy, começando a afastar-se do grupo.

Martine puxou-o pelo braço.

— Já o apresentei a Roger Mel...

— Sinto muito, Martine. — A voz de Guy não permitia argumentos que o convencessem a mudar sua decisão. — Com licença, senhores...

Com passos rápidos, ele atravessou a sala e encontrou Rebeca na cozinha, reabastecendo os baldes de gelo. O perfil da moça mantinha-se oculto por uma cortina de cabelos ruivos que lhe cobriam o rosto inclinado.

— Rebeca!

— Como vai, Guy? — Sua expressão era distante, e não havia emoção alguma em seus olhos azuis.

— Estou ótimo, Rebeca.

— Sua perna me pareceu bastante normal. Não o vi mancar.

— Foi preciso fazer outra cirurgia, porém o resultado valeu.

— Tive esperanças de que essa operação não fosse necessária.

— Eu também.

— E seu escritório?

— Jake tomou conta de tudo na minha ausência e os contratos continuam chegando.

— Seus pais devem ter se sentido muito felizes com a notícia do salvamento, não é?

— Meu pai ainda está se recuperando de um enfarte que sofreu ao saber do acidente com o Twin Otter.

— Oh! Sinto muito... agora ele... já melhorou?

— Bastante.

Por que agiam com tanta formalidade, como se fossem dois estranhos? Não tinham nada a falar a não ser sobre as amenidades, tão sem significado? Que força os mantinha afastados quando o maior desejo de Guy era tomar Rebeca nos braços, mergulhar o rosto no manto sedoso dos cabelos?

Rebeca estava ainda mais bonita do que a imagem viva em sua memória. E por que não? A última vez que a vira, tinha a pele curtida pelo sol e ainda não cortara os cabelos, nem pudera tratá-los para se tornarem tão brilhantes.

— E... Maureen? Como vai?

— Maureen? — A expressão de Guy demonstrou espanto.

— Deve ir bem, não sei!

— Eu a vi no hospital. Ela parecia muito... afetuosa.

— Você foi até a sala de terapia? Rebeca! Por acaso foi esse o motivo de sua fuga.

Guy deu um passo na direção dela para diminuir a distância, mas a jovem recuou imediatamente.

— Esteve com ela... depois?

— Maureen me ajudou durante a convalescença. — Guy escolhia as palavras com cuidado, sabendo que sua situação com a ex-esposa podia ser mal interpretada. — Eu não tinha condições de me cuidar sozinho.

— Ah! Compreendo.

— Não compreende nada, Rebeca. Maureen não passa de uma amiga.

— Só amiga? Você me disse que ela não queria aceitar o divórcio... ou estou enganada?

— É verdade mas eu não pretendia aceitar um não como resposta. O período que passei na casa dela foi a prova definitiva de que já não havia nada a ser salvo no nosso relacionamento. E Maureen não é cega, percebeu bem que estava tudo terminado.

Rebeca continuava cheia de suspeitas e Guy forçou-se a levar sua explicação até os detalhes mais íntimos.

— Você está querendo saber mesmo é se Maureen e eu... fomos para a cama juntos, não?

— Não lhe fiz essa pergunta! — Ela enrubesceu ao perceber o quanto fora óbvia a sua curiosidade. — Não precisa me dar explicações.

— Mas você queria saber, certo?

— Eu...

— Rebeca! Desde quando recebemos visitas na cozinha? — Martine entrou no ambiente, acompanhada de mais um convidado. — Não pode monopolizá-lo. Há outras pessoas querendo conversar com ele, sabia? Este é Stephan Steel, analista político encarregado das Relações entre o Canadá e nosso país, e estava me perguntando sobre Guy!

Mais uma vez a educação de Guy impediu-o de agir com descortesia e ignorar as manobras da anfitriã. E, enquanto ouvia os comentários de Stephan sobre o resultado das eleições, não ouviu as palavras de Martine.

— Sempre achei que você fica péssimo de branco, Rebeca. Sua pele perde o viço... como se estivesse com uma doença tropical!

Uma fome incontrolável e torturante apoderou-se de Rebeca. Segurou-se à beira da pia para evitar que a dor a obrigasse a se curvar. Visões tentadoras de doces forçaram-na a fechar os olhos. E então outras imagens vieram perturbá-la.

— ..."Péssima de branco, péssima..."

As palavras de Martine ecoavam em seus ouvidos, trazendo de volta outras frases venenosas, outros comentários ferinos. A mãe, sempre esguia e exuberante criticava impiedosamente a filha desajeitada a caminho da obesidade.

— "Deus do céu! Um vestido de listas? Você fica um verdadeiro elefante! De quem puxou esses ossos enormes? Deve ser da família do seu pai. Eles eram verdadeiros paquidermes. Que pena, uma criança tão bonitinha ter tanto apetite a ponto de se transformar..."

Rebeca perdera completamente o controle, sentindo-se frágil e indefesa entre tantos temperamentos fortes. Tâmara, Martine, Guy eram todos vencedores, mas ela...

Como atores passeando no palco de sua vida, eles ignoravam os obstáculos e pisavam sem piedade na sua estrutura vulnerável. As emoções, desejos e paixões dos mais fortes a venciam. Cinismo, ciúme e raiva a reduziam pouco a pouco a uma concha vazia!

Rebeca nem percebeu as lágrimas que escorriam de seus olhos; ignorou até mesmo onde estava ou quem era. Havia uma única força e motivá-la a fome incrível e incontrolável.

Precisava sair logo dali, fugir de tudo e de todos, pois a dor aumentava, criando um vazio imenso dentro dela. Voltaria a se sentir viva se atendesse as exigências do monstro que rugia em seu corpo, alimentando-o.

Martine já não existia mais, Guy desaparecera de sua mente. Rebeca caminhava com movimentos duros de um robô, sem olhar para ninguém. Enxugou as lágrimas com as mãos e, ignorando os ruídos festivos vindos da sala, saiu pela porta dos fundos.

À sua espera estava uma infinidade de prateleiras, todas cintilando com os papéis brilhantes dos chocolates! Um mundo doce e sem mesquinharias humanas a acolheria de braços abertos para curar suas feridas como um bálsamo.

Toda a disciplina férrea exercida nos nove meses após o acidente recuou diante de um impulso irrefreável de comer e, como um viciado à procura da droga que o faria voltar à vida, Rebeca cedeu!

— Onde está ela?

— Só sabe fazer esta pergunta, Guy McLaren? — Tâmara ergueu a taça de champanhe para brindá-lo — Eis o melhor remédio para ressacas... Saúde!

— Onde está Rebeca?

— Ainda não a encontrou?

— Sim, mas ela desapareceu.

— Ora, ora... perdê-la já está se tornando um hábito, não? Costuma ser tão distraído assim com todas as mulheres?

Desistindo de conseguir qualquer informação daquela garota exasperante, Guy deixou de lado os escrúpulos de sua boa educação e entrou pelo corredor do apartamento, abrindo todas as portas. Não havia percebido quando Rebeca desaparecera pois não a vira sair. Mesmo enquanto conversava com o cansativo analista político, não tirara os olhos da porta da cozinha, preocupado com uma possível fuga de Rebeca para a sala!

Ele quase fechou a porta da luxuosa biblioteca, certo de que não havia ninguém ali. Mas então notou um brilho dourado entre as pesadas cortinas verdes. Imóvel e silenciosa como uma estátua, a adolescente que o fitava não precisava ser apresentada como uma das irmãs Clark!

— Sabe onde está...

— Venha logo até a janela.

Guy aproximou-se e viu uma figura vestida de branco entrando num táxi.

— Droga! — explodiu ele, exasperado — Por onde Rebeca saiu? Eu não tirei os olhos da porta...

— Evidentemente foi por outra porta... a dos fundos!

O táxi perdeu-se no meio do trânsito e Guy soltou a cortina, praguejando, sem se lembrar da garota a seu lado.

— Ela não está fugindo de você — explodiu Célia, com um olhar adulto demais para sua idade.

— Como adivinhou os meus pensamentos? Pensei que alguma palavra minha a tivesse ofendido ou... Afinal, quem é o culpado dessa fuga?

— Minha mãe.

A pressão da mão em seu braço, os sorrisos possessivos, finalmente toda a atitude de Martine fez sentido para Guy. Estivera tão preocupado em se livrar dos convidados para ir ao encontro de Rebeca que considerara a excessiva amabilidade da anfitriã como sendo mais um obstáculo à sua frente. Não percebera nenhuma intenção maliciosa ou motivos ocultos.

No entanto, Martine fora a culpada de não dar seu recado a Rebeca, meses atrás, e hoje conseguira separá-los até que realmente não mais pudessem se falar. Já não era possível ignorar que aquela mulher quisera afastá-los! O ódio e a frustração cresceram como labaredas ativadas pelo vento e Guy sentiu ímpetos de esmurrar a vidraça para descarregar sua fúria.

— Rebeca deve ter voltado para seu apartamento, posso dar-lhe o endereço e, se quiser, a minha chave.

— Pode mesmo? A chave também?

Guy surpreendeu-se com a calma da jovem e com sua capacidade de prever as dificuldades que poderiam surgir no seu caminho. . — Onde a conseguiu? Foi Rebeca quem lhe deu?

— Não. Eu a encontrei quando fui conhecer o apartamento dela. É a chave de reserva.

— E vai me emprestar?

— Lógico.

— Então sabe quem sou eu?

— Ah! Sim. Sei perfeitamente bem quem é você.

O sorriso de Célia era enigmático e dava a seu rosto uma expressão muito semelhante à da famosa Mona Lisa. Guy não queria perder nem um minuto e contava com os deveres de anfitriã de Martine prendendo-a na sala, para que pudesse

sair sem ser percebido. Mas sua fuga foi bloqueada por ela no vestibulo, onde se despedia de um convidado.

— Finalmente vou poder conversar à vontade com você, Guy. A maioria das pessoas já foi embora e...

— Sinto muito, Martine. Eu preciso ir.

— Oh! É muito cedo! — Deu um sorriso artificial e forçado.

— Ainda não tivemos tempo para nos conhecer melhor.

Guy olhou para a mão que pousava em seu braço para impedi-lo de sair e subitamente, tudo ficou muito claro em sua mente, a aparência sofisticada, o ar possessivo, os olhares provocantes! Sua ingenuidade em relação à Martine se devia ao fato de tê-la comparado com Cordélia, por terem a mesma idade e serem mães. Esperara encontrar candura, honestidade, o dom de envelhecer com graça e um profundo instinto maternal. As histórias que Rebeca havia contado sobre a mãe o impressionaram mas julgara haver um exagero, uma certa parcialidade. Eram fantásticas demais! No entanto, o horror era real, ainda que inacreditável!

Os dois se fitaram e Guy leu nos olhos de Martine uma malícia zombeteira e um desafio. Não aceitaria aquela convite claro, compadecendo-se dessa mulher de cinquenta anos que queria competir com a filha de vinte e seis por causa de um homem muito mais jovem! Os brilhantes, as roupas sofisticadas serviam apenas para disfarçar um ser vazio, infeliz e sem objetivos. Seu ódio diminuiu diante da piedade que aquela mulher inspirava.

— Sinto muito.... Quero estar junto de Rebeca e não ao lado de mais ninguém no mundo.

A mão afastou-se do seu braço e por uma fração de segundo ele vislumbrou a mágoa intensa da mulher rejeitada. Logo a máscara de sofisticação e euforia voltou ao lugar e Martine deu uma gargalhada maldosa.

— Boa sorte, Sr. McLaren. Vai precisar de muita, pois Rebeca deve estar no meio de uma das suas intermináveis crises de apetite... devorador!

— Farei de tudo para que isso não aconteça e tenho certeza de que...

— É mesmo Sr. McLaren? Então o senhor deve ter poderes divinos pois ninguém conseguiu impedi-la de comer com tanto desespero!

— Eu conseguirei.... — sussurrou Guy, tentando mostrar-se confiante. E, compreendeu finalmente o terror que Rebeca sentia diante das palavras cruéis de Martine.

Bolo, biscoitos, chocolates, balas, sorvetes... pacotes tentadores abriam-se com um aroma doce e rico que envolveu Rebeca.

A fome a movia, impelindo-a a encher o carrinho do supermercado com uma verdadeira montanha de gulodices. Os olhos já estavam secos, mas a boca se enchia de água, forçando-a a engolir com dificuldade. Outros fregueses a olhavam com curiosidade e a jovem na caixa não escondeu todo o seu espanto.

— Vai dar uma festa?

— Sim.

— Deve ter convidado muitas crianças, não? Mentir era tão fácil! Aliás a desonestidade fazia parte do seu processo autodestrutivo...

— Cem crianças.

— Cem? Puxa! Vai ser uma festa de arromba!

Guy demorou muito tempo para conseguir um táxi e, por azar, o motorista tomou um caminho que os colocou em pleno congestionamento de trânsito.

— Está havendo uma feira por aqui. Nunca é difícil o trânsito aos domingos, mas...

Ele mal conteve a impaciência durante os intermináveis quarenta minutos que levou para chegar ao prédio de Rebeca. Disposto a ganhar tempo, subiu correndo os cinco andares e, ao chegar diante da porta do apartamento dela, parou para recuperar o fôlego.

Bateu à porta várias vezes mas o silêncio completo foi a única resposta. Então uma desconfiança terrível tomou conta dele. Rebeca não tinha voltado para casa; sem dúvida, estava no apartamento do homem que Tâmara mencionara.

A garota demorara muito para ceder à suas pressões e só confessara porque não lhe restava outra saída. Rebeca costumava correr na companhia do mesmo homem que a levava a jantar!

Lembrando-se das palavras de Cor delia, Guy decidiu não lutar contra sombras. Célia tinha lhe dado uma chave e iria usá-la mesmo que a realidade fosse ainda mais terrível do que a imaginação concebera!

Rebeca podia estar nos braços de um amante e ele só teria a mais profunda humilhação. Por outro lado, talvez estivesse prestes a se autodestruir e, se não a impedisse...

Quando Guy abriu a porta, viu uma mulher ajoelhada sobre o tapete e, à volta dela, caixas e papéis amassados. Um banquete trágico chegava ao fim e Rebeca tinha nas mãos a

última caixa de bombons. Lágrimas escorriam dos olhos desolados ao ver as testemunhas mudas de seus descontrole: os invólucros vazios...

O ruído da chave girando na fechadura alertou Rebeca e, quando ela ergueu os olhos, viu a bela figura de Guy invadir seu apartamento. Assustada com a expressão severa daquele rosto contraído pelo choque, ela enfiou apressadamente dois bombons na boca. Estava a ponto de vomitar mas não conseguia evitar o gesto mecânico de esvaziar as caixas até a última migalha.

— Vá embora. Saia daqui.

Para ajoelhar-se ao lado dela, Guy precisou afastar papéis e migalhas. Então, ele tentou arrancar-lhe das mãos a caixa, ainda cheia de chocolates, mas Rebeca puxou-a de volta.

— Por favor, Rebeca. Você está se autodestruindo.

— A vida é minha, faço dela o que quiser.

— Não pode querer ficar obesa de novo!

Rebeca tentou encher a mão de bombons, mas Guy segurou seu pulso.

— Me deixe em paz. Vá embora!

— Não vou, Rebeca.

Desesperada por não se livrar dos dedos que prendiam seu pulso, ela tentou atingir o rosto de Guy com a outra mão.

— Solte-me! Não quero você aqui!

— Não faz mal. Eu fico mesmo assim!

Ajoelhados frente a frente, os dois se fitavam numa luta desesperadora, como se fossem oponentes num combate cruel. Disposta a morder as mãos que a impediam de apaziguar sua fome irracional, Rebeca baixou a cabeça, mas Guy foi mais rápido. Soltando-lhe os pulsos segurou-a firmemente pelos ombros.

— Você precisa de mim, Rebeca.

— Não! Eu odeio você!

Quem era aquele homem que a impedia de comer? Já não distinguia os traços amados, vendo apenas um inimigo cruel.

— Vou matá-lo se não for embora daqui!

— Desista, Rebeca.

Uma vez ela conseguira derrubá-lo, mas agora havia uma desigualdade insuperável e todos os seus esforços não chegavam sequer a intimidá-lo.

— Odeio você!

— Não é verdade, Rebeca.

— Não? Depois de nove meses de ausência, você aparece em minha vida disposto a controlá-la? Não tem o direito...

— Tenho sim. Eu te amo, Rebeca.

As palavras levaram algum tempo até serem compreendidas, como se para o entendimento fosse preciso atravessar uma densa muralha de fumaça. Imagens de Sarah e Dave abraçados, pouco antes do parto, a fizeram lembrar de sua nova visão do amor: Uma emoção tão poderosa que carregava em seu bojo a aceitação das fraquezas humanas.

— Se você realmente me amasse, seria capaz de me aceitar gorda! Obesa!

— Rebeca! Por favor, pare!

— Quer que eu aceite os seus termos, não é? Nunca pensou que talvez meu destino seja diferente? E se eu nasci para ser gorda?

Guy soltou-a, fitando o rosto que amava exatamente como era, apesar das lágrimas e dos cabelos revoltos. Perturbava-o saber que não continuaria a sentir a mesma emoção se Rebeca voltasse a ser obesa. Durante nove meses, tentara superar essa incapacidade de aceitação, julgando que fosse uma prova de que seu amor era pouco profundo.

— Você tem razão, Rebeca.

— Ah! Então eu tenho razão! — O sorriso de vitória durou poucos segundos, apagou-se ante o gosto amargo de um triunfo sem glória.

— Eu poderia amar sua voz melodiosa, a ternura infinita de seu toque e o brilho acobreado de seus cabelos sob a luz do sol. Continuaría amando o azul dos olhos, que são um reflexo do céu de primavera, e o som cristalino de seu riso. Teríamos sempre lembranças antigas para partilhar, recordações de amor... Mas amá-la por completo seria impossível. Apaixonei-me por uma jovem que iria desaparecer diante da amargura, com ódio dos homens e detestando seu próprio corpo.

Guy sentou-se no chão, desalentado diante da situação.

E então Rebeca viu o rosto que ele mostrara centenas de vezes no Ártico! A mesma expressão de desespero quando os aviões passavam e não os viam, de dor quando a perna ferida se recusava a obedecê-lo e de angústia quando ele lhe fizera o pedido mais difícil...

Um raio de luz, frágil, iluminou a densa escuridão permitindo que Rebeca vislumbasse o caminho de volta à sanidade. Seus olhos se abriram para a realidade. Viu o apartamento em desordem, Guy sentado diante dela no tapete... deixou cair a caixa de bombons.

— As pessoas mudam, Guy...

— Sim, nós dois envelheceremos. Virão as rugas, os cabelos brancos, mas o amor resistirá a essas mudanças. O casamento de meus pais é uma prova concreta desse elo que não se rompe. O que eu mencionei é diferente e você sabe disso.

Havia tantas perguntas se entrecruzando na mente de Rebeca, esperando para ser respondidas!

— Se me ama, por que demorou tanto?

— Tive medo... de você e de mim mesmo. Não sabia bem se as minhas recordações do Ártico eram verdade ou fantasias que eu criei em sonhos. Receei encontrá-la com um outro homem, ou pior, novamente gorda.

— O que mudou? Por que decidiu me procurar?

— Levei uma mulher para a cama e não pude possuí-la porque ela não era você.

Rebeca sentiu-se como se tivesse levado um tapa. Aquelas palavras a atingiam com a brutalidade de uma agressão física, apesar de não lhe causarem surpresa. Achava que Guy devia ter conhecido outras mulheres depois de voltar para casa, mas não calculara o impacto que essa confissão lhe provocaria.

— Oh, Meu Deus... como eu gostaria...

— Está me censurando, Rebeca? Você ficou sozinha estes nove meses?

— Não. Encontrei alguém... saímos algumas vezes.

— E então? Apenas saíram?

Rebeca exigira honestidade completa da parte de Guy. Como agir de modo diferente?

— Eu... deixei que ele me possuísse. — Ao ver a mágoa no rosto de Guy, apressou-se a completar sua penosa confissão: — Foi apenas uma vez e... infelizmente, ele não era você. Sinto muito, Guy. Sinto por ter fugido do hospital sem avisá-lo, por não ter entrado em contato depois, por tudo enfim. Eu tinha um pavor terrível de ser rejeitada. E se você não me quisesse mais?

— Eu te amo, Rebeca. Todo esse tempo perdido, esses nove meses vazios, serviram ao menos para me dar a certeza de que nunca ameie ninguém antes de você.

Ela olhou para as próprias mãos, agora firmes, e em seu rosto surgiu uma expressão de assombro.

— Eu não estou mais sentindo aquela fome. Há uma paz...

— Quero me casar com você, Rebeca. Foi por esse motivo que vim a Nova Iorque.

— Depois de tudo que aconteceu?

— Apesar de tudo, querida.

Rebeca deixou-se envolver pelos braços de Guy sabendo que finalmente encontrara segurança. Jamais renunciaria à satisfação de se sentir amada.

— Não vou deixar você passar por uma situação tão difícil quanto esta... nunca mais, querida.

— Há alguma falha terrível na minha personalidade. Certas situações me perturbam...

— Não é nada disso. O problema... é Martine.

— Bem... ela aumenta o meu descontrole emocional.

— Não, Rebeca. Ela é a causal Não compreende o que sua mãe tem feito durante toda a sua vida? Com sua agressividade, Martine a manteve obesa.

— Você está louco! Ela sempre teve ódio da minha gordura.

— Essa era a atitude que Martine assumia exteriormente. No fundo, evitava que você se tornasse atraente para não se tornar uma rival, competindo com ela pelas atenções masculinas.

— Eu só tinha treze anos!

— E estava se tornando uma mulher. Na mente pervertida de "Martine" você significava competição. O casamento dela chegava ao fim, o marido a traía com outras mulheres, portanto qualquer presença feminina a ameaçava. Talvez seja possível desculpá-la se pensarmos que foi um comportamento involuntário. Provavelmente, o desejo de mantê-la gorda existia apenas no subconsciente.

— Essa explicação me parece um pouco fantástica demais, Guy. Eu sou filha dela!

— Sua mãe sentiu que envelhecia quando a viu tornar-se mulher. Ela é muito competitiva, não se resigna a deixar de atrair todas as atenções. Ela não nos queria ver juntos, fez o possível para evitar.

Aos poucos as palavras de Guy começaram a fazer sentido para Rebeca. Jamais conseguira agradar a mãe, por mais que tentasse, e cada fracasso a levava a comer. As duas viam perfeitamente bem a ligação dos dois fatos porém Martine jamais deixara de agredi-la com críticas violentas. Era verdade! Tornava-se bem mais fácil para sua mãe sentir-se jovem se ela fosse obesa!

— Rebeca... nada disso é importante agora. Trata-se de um passado enterrado porque... quero levá-la para longe daqui. Case-se comigo e vamos para Calgary. Minha mãe está louca para conhecê-la. Na verdade, acho .que ela quer netos.

— Você... não se incomoda de... Quer mesmo ter filhos...
Na gravidez eu vou engordar...

— Não importa querida. A situação será muito diferente.
Você não estará jogando seus traumas na alimentação. E eu te
amarei em dobro por estar gerando nossos filhos.

— Eu também te amarei muito!

— Deus do céu! Quero filhos, contas para pagar, uma casa
acolhedora e uma esposa ao meu lado quando os bebês
chorarem de madrugada. Quero tudo que há de bom e até o
que não for tão bom num casamento. Só há uma coisa...

— Sim?

— Por favor, nunca mais faça peixe.

Rebeca sorriu entre lágrimas de felicidade, como se o
mundo tivesse se transformado num lugar encantado onde só
existiam alegria e ternura.

— Oh, querido. Eu também não suporto peixe!

— Nem frito, nem assado, nem...

— Chega, por favor! Prometo que não vou servir peixe em
nossa casa. Que pena termos perdido tanto tempo!

— Talvez fosse preciso, meu amor. Eu e você tínhamos que
superar nossos problemas pessoais antes. Pensei que
sobreviveria sem você e não consegui.

— E eu acreditei que pudesse amar outro homem e foi
impossível. Meu coração pertence a você, Guy, para sempre!

*****Fim*****